

Adentre-me

– O ALMANAQUE DO SUSPENSE –

Érica de Oliveira & João Paulo Hergesel

(organizadores)

Adentre-me

– O ALMANAQUE DO SUSPENSE –

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras
• Alumínio, SP •
2019

Copyright © Editora Jogo de Palavras, 2019

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Ilustração de capa:

CC0 License

Design de capa:

Karol Póss

A232 Adentre-me: o almanaque do suspense. / Vários autores ; organizado por Érica de Oliveira e João Paulo Hergesel. – Alumínio, SP : Jogo de Palavras, 2019.

316 p. ; 18 x 25 cm

ISBN: 978-65-80097-30-2

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Contos. 4. Poemas. 5. Suspense. I. Oliveira, Érica de. II. Hergesel, João Paulo. III. Título.

CDD 869.8992
CDU 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2019
www.jogodepalavras.com

Sumário

Segredo inconfesso	
<i>Adrielle Sena Branco</i>	11
O Anjo da Morte	
<i>Alberto Arecchi</i>	15
Não procure	
<i>Alice Castro</i>	17
Fedor	
<i>Álvaro Palha Pinto Júnior</i>	21
O Jardim	
<i>Ana Leticia Brunelli de Moraes</i>	23
Noite de núpcias	
<i>Ana Maria Carneiro</i>	25
Balada da Bala	
<i>André Foltran</i>	28
Cinderela vai à praia	
<i>Angelina Diniz Pereira</i>	31
Binário Composto	
<i>Antonio Deodato Marques Leão</i>	32
Janela indiscreta	
<i>Bárbara Leal Pippa</i>	34
Gêmeos	
<i>Bella M. Moon</i>	37
Reflexo	
<i>Bianca Fernandes de Aguiar</i>	42
Último encontro	
<i>Carlos Anacleto Viana</i>	47
Noite de embriagar	
<i>Carolina Schubert</i>	52
Medo	
<i>Carolini Assmann</i>	53
Um caso de morte literária	
<i>Cesar Luis Theis</i>	54

Lobos	
<i>Cicero Vasconcellos Crosariol</i>	58
O pérfido reflexo	
<i>Cleuza Silva de Almeida</i>	62
Gostoso demais	
<i>Cleidirene Rosa Machado</i>	65
Causando para o peregrino	
<i>Cláudio D'Amorim</i>	68
Hora marcada	
<i>Cris Dakinis</i>	73
Três dias	
<i>Cristiano José Pinto</i>	75
Brilho do Metal	
<i>Cristina Pezel</i>	80
Espírito da Coisa	
<i>Darlan Veit</i>	82
O lápis e o guarda-roupa	
<i>Darlex Machado de Souza</i>	85
Vermelho sobre branco	
<i>David Leite</i>	90
Cores da vingança	
<i>Denivaldo Piaia</i>	94
Suspiros	
<i>Diemerson Ribeiro</i>	95
O duelo	
<i>Diogo Rossi Ambiel Facini</i>	96
Um salto no escuro	
<i>Edih Longo</i>	101
Carlinhos	
<i>Edson Amaro de Souza</i>	106
Góticos	
<i>Edweine Loureiro da Silva</i>	111
Vamos brincar?	
<i>Emily Abreu dos Santos</i>	113

Não bata palmas	
<i>Evalderiany Honorata</i>	116
Zeca	
<i>Evandro Valentim de Melo</i>	121
A torta envenenada	
<i>Fabiane Rodrigues da Silva</i>	125
A morte em mim	
<i>Fernanda A. Rodrigues Laranjeira</i>	130
A porta para o além	
<i>Francielle Consoni</i>	133
O bicho mau	
<i>Francisco Hélio de Sousa</i>	137
A maça reluzente	
<i>Géssica Maria Menino</i>	142
O supermercado	
<i>Giordano Benites Tronco</i>	148
A alguns passos do paraíso	
<i>Glaucia Brum Carlos</i>	154
Cordeiro Indócil	
<i>Gisele Martins Ferreira</i>	157
Patriarcado	
<i>Guilherme de Macêdo Feitosa</i>	163
O intruso	
<i>Gustavo de Lima Masoni</i>	164
Caminhada Noturna	
<i>João Eduardo C. W. Cruz</i>	167
Malditas palavras	
<i>Jéssica Borges</i>	171
Se você fosse sincera	
<i>Jhonatan Mata</i>	176
Fulgor	
<i>Nome de Campos</i>	178
Minha vida não ordinária	
<i>Italo Rodrigues</i>	181

Ele e ela	
<i>João Pedro Marques Morgado Ferreira de Oliveira</i>	187
Obsessão	
<i>Joaquim Bispo</i>	192
A Máscara da Morte	
<i>Jon O'Brien</i>	195
O homem da maleta amarela	
<i>Juliana Karol de Oliveira Falcão</i>	200
Amnésia	
<i>Larissa Priscila Motta</i>	202
Paranoia	
<i>Léo Ottesen</i>	203
O enigma de um dia	
<i>Leandro Serpa</i>	205
O mistério de Serenata	
<i>Lua Fernandes</i>	208
Pense	
<i>Luan Claro de Lima Mendonça</i>	213
Hora morta	
<i>Luís Amorim</i>	214
Uma visita misteriosa	
<i>Luís Fernando Amâncio</i>	216
-	
<i>Luiz Augusto Ribeiro Andrade</i>	219
A maldição do vampiro	
<i>Luiz Felipe Amorim Macedo</i>	224
O mistério do Ana-Maria	
<i>Marcelo Oliveira</i>	226
OLHOS URBANOS – Alguém está sempre te olhando...	
<i>Marcelo Stoenescu</i>	229
A viagem	
<i>Nanci Otoni Oliveira de Faria</i>	232
Encontrei um bilhete de morte?	
<i>Natália Ribeiro de Oliveira</i>	233

Dúvida	
<i>Pablo Merlo Medeiros</i>	235
Festa de Santa Luzia: Crônica de uma Tragédia Anunciada	
<i>Paulo Luís Ferreira</i>	237
Um lobisomem juvenil	
<i>Paulo Soares da Silva</i>	242
Lenda da carroça	
<i>Pedro Galuchi</i>	248
Você está realmente vivo?	
<i>Rangel Paiva</i>	253
Sonho Fátuo	
<i>Rapha Weyne</i>	255
Castelo de Areia	
<i>Rennan Teixeira de Araújo</i>	258
Olho para o gato	
<i>Rita de Cássia Zuim Lavoyer</i>	263
Eu sei coisas...	
<i>Roberto Fiori</i>	264
Nada como ser especial	
<i>Roberto Minadeo</i>	268
Navalha	
<i>Rodrigo Duhau</i>	273
Não vá para longe	
<i>Rosana Arruda de Souza</i>	274
O observador	
<i>Rúbi Renck Pires</i>	276
A Casa da Colina	
<i>Sergio Dias de Oliveira</i>	280
Eu me perdi de mim	
<i>Silvano Messias dos Santos</i>	284
A louca	
<i>Simone Possas</i>	289
Quem matou Amélia?	
<i>Stefany Pinto Rogério</i>	292

Durma bem!	
<i>Tauã Lima Verdan Rangel</i>	295
A cura	
<i>Thais Nascimento Oliveira</i>	298
Vermelho Maya	
<i>Vinicius Suris</i>	299
Drive-in	
<i>Vitor Miranda</i>	303
A escolha	
<i>Wagner Azevedo Pereira</i>	306
Happy Hours	
<i>Ygor Siqueira Fortunato</i>	311
Contato dos autores	313

Segredo inconfesso
Adrielle Sena Branco

Após longos anos de celibato e intensas orações buscando reconciliação para as minhas fiéis ovelhas, senti que minha alma precisava mais do que novenas, missas e longos sermões, era necessário uma nova ocupação para os momentos de solidão, em que a igreja não estava cheia de melancólicos devotos à procura de consolo para o espírito.

Em busca de um novo passatempo, comecei a revirar velhas lembranças do meu racional passado, em que não tinha necessidade de acreditar que nossas vidas eram regidas por seres superiores, tampouco que carecia deles para seguir meu destino. Em uma velha caixa, coberta por grosseiras camadas de pó, entre fotos que relembravam minha primeira namorada até as que registraram o momento em que confiante aceitei esta condição, encontrei diversos livros que adquiri em minha vida pagã, eram contos macabros... coisas que estranhamente ainda me davam prazer.

Tive que os manter escondidos, a salvo dos olhos questionadores dos superiores que frequentemente visitavam minha pequena paróquia, pois não era permitido guardar lembranças do nosso passado de escuridão. Éramos novas criaturas! Folheando-os, senti o que menos esperava, e o inevitável aconteceu, pressenti um irremediável desejo de escrever. Sem inspiração para tanto, busquei sem êxito pelas redondezas daquele povoado afastado de qualquer indício de modernidade, fatos, estórias ou acontecimentos.

Até que, em certa noite, eu que tinha sido a única testemunha que ainda permanecia viva, decidi descrever o que presenciei naquele nefasto dia sangrento...

Ao ler estas sóbrias palavras, confesso que tentei imaginar que histórias ele tinha conseguido escrever, de onde buscou inspiração para os seus relatos, e que dia nefasto foi aquele, o que teria realmente acontecido, mas para meu infortúnio diversas páginas haviam sido arrancadas com tanta fúria daquele diário pessoal, que só restaram pequenos pedaços desgastados pelo tempo, e no final uma lista com treze nomes marcados com tinta rubro de um tom que exageradamente comparei ao de sangue, sob o título: 'treze almas'. Eu, a essas horas já estava absolutamente enfeitiçado por aquele mistério.

Havia passado cinco anos desde que cheguei a este lugar, assombrado pela hedionda incógnita do antigo pároco que sumiu misteriosamente por sete dias e do qual foi encontrado somente uma parte de seu corpo. A princípio, minha missão fora substituir o lugar deste velho senhor e conhecer as maravilhas de servir a um ser maior, mas instigado pelos

medonhos relatos, decidi entre as missas e confissões investigar aquilo que para mim, foi o prenúncio de noites mal dormidas.

Em certa ocasião, durante meu descanso noturno, comecei a ouvir fortes gritos que vinham de um lugar ainda desconhecido da paróquia, minha sorrateira curiosidade conduziu meu corpo para perto das vozes, o caminho iluminado pela chama de uma fina vela configurava ao cenário um aspecto mórbido, típico daqueles de histórias de terror que irremediavelmente terminam com um trágico fim. Quanto mais me aproximava daquele quarto, mais os clamores iam se intensificando, e aquela racionalidade que me levava até ali, tinha se convertido em uma infeliz covardia. Entretanto, minhas gélidas mãos entenderam-se em um movimento involuntário, buscando a maçaneta da porta, que sem êxito constataram que ela estava fechada.

Em um longo movimento fechei os olhos com tanta força que ao abrir, de súbito estava em meu quarto, sem explicações tentei recuperar o resto de noite que me sobrava, infelizmente, vi os primeiros raios de sol invadirem meu quadrado quarto. Apesar do cansaço, retomei minha obstinada investigação, com aquela lista em mãos, descobri que as trezes pessoas haviam também sumido misteriosamente, indaguei-me se o antigo pároco havia dedicado seu tempo, como eu, buscando escavar os vestígios daquele segredo.

Na noite seguinte, as vozes intensificadas ensurdeceram a paróquia, a incerteza me fez lembrar que aquele quarto estava fechado por vários anos, nem as senhoras do povoado que gentilmente limpavam os cômodos deste lugar, jamais ousaram abri-lo, pois relatavam que estranhos barulhos soavam daquele aposento. Com as chaves em punho persegui aquelas vozes novamente, que cessaram conforme meus pés se aproximavam como se soubessem que eu iria entrar e descobrir o oculto motivo de tanto temor.

Silenciosamente torci aquele enferrujado pedaço de ferro na antiga fechadura, e em uma fugaz distração, observei lentamente que a chave possuía indecifráveis símbolos e uma sequências de números que somados coincidiam com o número total de desaparecidos, acompanhei cada volta buscando adiar o tempo de minha entrada. Sem controle sobre meus movimentos, esmoreci ao ver que a porta havia destrancado tão rapidamente. Ao abrir, observei que o cômodo era uma espécie de câmara escura com uma longa escadaria, de súbito em um repentino deslocamento, fui lançado para frente, enfraquecido percebi que a porta se fechava sem que eu pudesse impedir, meus passos precisavam seguir o escuro caminho que aqueles degraus levavam.

Minhas frouxas pernas e o acelerado coração eram iluminados por uma ardente tocha que os leigos usavam nos dias de festa durante as longas peregrinações antes do início da santa missa, em um tamanho descomunal, parecia que eu segurava um imenso farol que iluminou uma pequena passagem que levava ao subterrâneo da igreja, pelo extenso caminho notei

que as paredes estavam marcadas com satânicos símbolos, parecidos com os que eu havia encontrado junto aos livros que o padre mencionava em seu soturno texto, desenhados com a insistente coloração avermelhada. Ou seria com sangue?!

Meus sentidos não respondiam como outrora, meu corpo era conduzido por uma inexplicável atmosfera, ao atravessar a diminuta passagem, meus cintilantes e imóveis olhos encontraram uma sombria catacumba, suas paredes também manchadas continham trezes letras que minha memória espetacularmente associou aos nomes dos estranhos desaparecidos, além de trezes crânios pendurados como troféus de uma longa caçada, uma desproporcional força tomou conta dos meus membros e desesperadamente sai daquele lugar.

Aquela perturbadora imagem acompanhou-me durante dias, buscando esquecer aquela investigação dediquei-me a rezar desmedidas orações do terço, que como um amuleto carregava em meu bolso. Sete dias depois do ocorrido, aquela cena tinha se perdido junto com as memórias que eu fazia questão de não relembrar, um fugitivo pensamento levou-me a admirar as delicadas peças que compunham a parte mais elevada do altar, estranhamente notei que uma delas não obtinha a simetria que as demais possuíam, então conduzi as pesadas pernas de uma cadeira até o lugar, pois precisava do seu auxílio para alcançá-la, porém toda a ajuda foi em vão, com um grosseiro toque derrubei o sacrário que vagorosamente tocou o chão, despedaçando-se.

Antes de descer, percebi que a parte de traz do sacrário, a única que permanecia inteira, tinha os mesmos símbolos da chave que na noite passada destrancara o tenebroso quarto, e com uma pequena abertura que de um modo bizarro abrigou este enferrujado material, sem distrações abri rapidamente a caixa descobrindo que as páginas arrancadas estavam lá, assustadoramente conservadas, nem as traças foram capazes de corroê-las.

Guardando inconfessos segredos, descobri que o pároco relatava de modo extravagante, em um modo crescente, como cada nome foi acrescentado naquelas amareladas páginas: em um ritual macabro as cabeças eram arrancadas e os corpos eram enterrados de pé nas frias paredes da tenebrosa catacumba, como quem espera irremediável perdão pelos pecados e busca ser conduzido por um caminho de luz, e o grosso sangue que escorriam das massacradas cabeças eram usadas para dar vida aos satânicos símbolos.

Senti a louca necessidade de registrar aqueles horrores, ao terminar e sem ter a chance de gravar naquele trêmulo papel a sequência de letras que incriminaria o assassino das treze almas, observei que sobre minhas costas uma longa sombra cobria meu esguio corpo, de relance percebi que se tratava de um homem vestindo uma longa batina com vorazes marcas rubras, semelhante às manchas daquele inconfesso diário, contudo meu pálido olhar deslocado pelo pavor alcançou o início daquela vestimenta,

notei que minhas pupilas descolaram-se dos meus olhos, pois aquele horripilante ser não tinha cabeça, supostamente a única parte do corpo que foi encontrada.

De repente, após o último gole de saliva que me restava, recebi um golpe fatal que atribuiu àquelas páginas amarelas, cobertas de palavras apesadas e de um angustiante medo, uma pigmentação avermelhada, em seguida senti que meu corpo era arrastado pelos sombrios cômodos da paróquia que agora guardavam este intrigante mistério, deixando tão somente um longo rastro de sangue, e as interrogantes perguntas. Quem teria motivos para calar tão atemorizada voz? E por que aquele segredo devia permanecer inconfesso? Anos depois, meu corpo foi encontrado, em uma cimentada parede da fúnebre paróquia.

O Anjo da Morte

Alberto Arcchi

Rosana e Estevão chegaram à aldeia abandonada, na encosta rochosa árida. Ao longo dos séculos, os terremotos arruinaram os edifícios. O último habitante havia emigrado em busca de fortuna. As pessoas evitavam a aldeia fantasma e faziam o sinal da cruz apenas para citá-la.

Subiram em rochas friáveis, entre vassouras e peras espinhosas, sob o sol velado por raras nuvens de calma. No pôr do sol flamejante, um arrepio sacudiu os ombros de Rosana. Fantasmas pareciam espreitar naquele lugar, a partir do nome misterioso, uma lembrança da época em que os piratas sarracenos se enfureciam ao longo das costas. Estudiosos argumentaram que significava "A alma dos mortos", enquanto outros interpretavam o nome: "O anjo da morte".

A noite chegou. Os dois jovens tinham mochilas, comida e lanternas com eles. Do campanário ainda em pé ressoavam sinos, ecos quase distantes. Talvez tivesse sido o movimento de um pássaro, ou a brisa da noite, produzindo os poucos pedágios lúgubres, lembranças de tempos antigos. O prédio em frente à igreja parecia intacto. A fachada era de pedra, com manchas de gesso. Uma sacada abaulada acima da entrada. As portas desdobradas das janelas, sem vidro, revelavam uma negligência secular. A porta cedeu facilmente quando Estevão tentou empurrá-la. O corredor escuro e empoeirado parecia ser a antecâmara do covil do mistério, mas a curiosidade os impelia a ousar.

No andar térreo, descobriram um quarto mobiliado, com a cama em ordem, que parecia ter acabado de ser preparada. Nem uma partícula de poeira, mas um aroma quente de cera e flores. Escolheram passar a noite no quarto, mas não se atreveram a entrar na cama que ficava orgulhosamente no meio da sala. Como precaução, trancaram a maçaneta da porta com uma cadeira. Logo a escuridão da noite foi iluminada pelo disco luminoso da lua cheia. Frondes agitadas pela brisa. Os ratos rangiam, chamamentos noturnos de pássaros. Ao menor sussurro, Rosana saltava. Não conseguia dormir. Ela sonhava com desembarques e ataques de piratas mouros, armados com cimitarras, contra os pescadores e camponeses pobres. Cabeças e mãos cortadas, pingando sangue... mulheres, velhos e crianças massacrados. Fugitivos seguidos, até os montes. Escondidos nos desfiladeiros, eles se defenderam com foices e anzóis, montados em longos mastros, como alabardas. No sonho, um jovem guerreiro loiro apareceu, com a cabeça descoberta, a espada reta erguida contra o céu azul. Um reflexo de dardo e a lâmina girou, para colher membros, cabeças, vidas de infieis. Era um jovem ousado com o rosto de Estevão. Eles o pegaram. Dois tiros de cimitarra. As mãos caíram, enquanto correntes de sangue jorravam dos tocos.

O grito de Rosana perfurou o silêncio e acordou Estevão, que se levantou de um pulo, agarrou uma cadeira, a primeira coisa que veio à mão, e se jogou contra a janela entreaberta. Em vão: não havia ameaça, nem presença estrangeira. O eco do grito da menina ecoou repetidamente sobre as rochas ao redor. Então a noite ficou silenciosa, quente e pacífica, como se esperasse por um evento. A lua brilhava contra o mar iluminado, atraindo olhares prateados, delineando sombras profundas, nas quais mil fantasmas podiam aninhar-se. Aos dois jovens pareceu verem uma sombra furtiva, que corria para se esconder no abrigo da torre do sino, na escuridão mais espessa.

Eles não conseguiam mais dormir, mas continuaram contando os voos dos morcegos, até as primeiras luzes clarearem as sombras da noite. Um amanhecer frio, ligeiramente tingido de rosa. Os raios do sol se esforçaram para encontrar o caminho para iluminar a praça. Os dois saíram na varanda e descobriram que a porta da igreja estava aberta... No entanto, lembravam-se de que estava bem fechada na noite anterior. Desceram para a praça. Os edifícios que se acendiam, no calor do sol, davam a sensação de que o país estivesse prestes a se recuperar de um longo sono. No chão, gotas de sangue fresco e pegadas pesadas levavam à igreja.

As altas abóbadas de pedra haviam caído há muito tempo, derrubadas por um terremoto. O chão estava coberto de montes de ruínas. Escombros e arbustos secos desarrumavam o passo. Bem no meio da nave, traços de sangue e pegadas iam perder-se em um afundamento. Percebiam a boca de um túnel. Qual melhor convite para a aventura? Os dois jovens não tiveram incerteza nenhuma. Estevão ligou a tocha elétrica, desceu e entrou no buraco, seguido por Rosana. Uma fileira de degraus íngremes, desgastada pelo tempo, descia escorregadia e estreita na densa escuridão. A passagem subterrânea levou-os a um mosteiro nas proximidades, agora quase completamente desmoronado. Os dois venceram a vontade de se virar e desistir da exploração. Chegaram a uma grande sala subterrânea, parcialmente sobrecarregada com terra. No final do corredor, o cofre desmoronara. Os olhos estavam se acostumando com a escuridão. Eles conseguiram distinguir sete nichos, cobertos por estranhos símbolos: uma coruja, uma sereia bicaudada, uma figura barbada com duas faces, nem homem nem mulher, outros personagens, instrumentos misteriosos. Sete múmias em pé, nos nichos. Deviam ter sido personalidades importantes, talvez os sete reis míticos ou os sábios das origens, mencionados em antigas lendas.

Um farfalhar atrás deles. Um rato, talvez um morcego? Tinha que ser algo - ou alguém - de tamanho muito maior, porque no túnel da entrada se ouviu um barulho de pedras, acompanhado de ruídos sombrios. O túnel ficou desmoronado. Toda possibilidade de retorno estava barrada.

Foi só nessa altura que os dois notaram a existência de um oitavo nicho, ligeiramente maior do que os outros, ainda vazio, que trazia no alto as figuras esculpidas de dois jovens amantes abraçados, em baixo-relevo.

Não procure

Alice Castro

Dizem que quem procura, acha. E que a curiosidade, mata...

A manhã havia sido divertida, na companhia de amigos em uma cachoeira afastada. Era hora de voltar, e decidimos pegar uma estrada de terra ainda mais erma do que a que tínhamos utilizado para ir até à queda d'água.

De repente nos atentamos que algo estava errado com o carro, e ele parou. Descobrimos que, na pressa e sem ideia do quanto iríamos rodar, a gasolina tinha sido insuficiente. O nosso problema era uma pane seca.

Descemos do Jipe, e enquanto olhava para o que havia de fato a nossa volta, observei o que parecia ser uma única e distante construção branca. Poderia ser a nossa sorte e naquela direção caminhamos.

Após uma trilha difícil, chegamos ao que parecia uma escola abandonada, cercada por altas grades enferrujadas onde se liam avisos apagados de “mantenha distância”. O mato crescia até a cerca, mas depois desta não havia nada, nem grama, nem árvores, nem pedra. A construção parecia morta.

Contornamos até encontrar um portão fechado com grandes e velhos cadeados. Uma placa negra alertava “PERIGO”, escrito em grandes letras vermelhas que pareciam gritar. Na tentativa de assustar intrusos, havia uma caveira com ossos cruzados à frente, como nos avisos de alta voltagem.

Senti que aquilo não era algo bom. Mas ao invés de nos afastar, as placas tiveram o efeito de nos atrair para dentro da escola.

A mais aventureira subiu a grade alta, descendo facilmente pelo outro lado. Um a um, todos a seguiram, e eu fui a última. Nunca havia sido boa com escaladas, e ao descer fui me cortando nas pontas dos arames até chegar ao chão. Agora, além de cansada e faminta, estava suja de sangue.

Já do outro lado, vi que os rapazes forçavam a porta da escola. Riam, na percepção da aventura. Na visão deles, não estavam roubando ninguém, apenas procurando ajuda. Tonta por todo o esforço do dia, observei a tudo sem participar. Foi quando comecei a pensar que devíamos sair dali. De repente, o lugar me parecia assustador, e tive uma sensação ruim. Lembrei-me imediatamente da minha infância.

Sempre me assustava à toa, e uma das brincadeiras mais apavorantes para uma menina medrosa como eu era brincar de esconde-esconde. Chorava copiosamente quando, ao entrar em algum lugar, era surpreendida por alguém que saía de trás da porta. Brincava sabendo que algo ruim ia acontecer. O susto sempre vinha depois.

Era o que eu sentia agora. Fosse qual fosse a sensação de estar vulnerável, eu não gostava. Alguma coisa nos observava, mesmo sabendo

não ser possível, pois por quilômetros não encontramos ninguém. Olhando através dos vidros sujos das janelas, na escola não havia nada...

Ou será que havia?

Sem querer, entrei. E um longo arrepio me subiu pela espinha, arrepiando minha nuca. Devia ser o frio, justifiquei a mim mesma, pois a escola estava fechada a muito tempo. Ou o ar pesado, difícil de respirar, sinal de que o tempo ali estava há muito parado.

Na recepção vazia, nenhuma lembrança de quem ali esteve. Ou se esteve alguém. Os móveis eram de outra década. No longo corredor central, nenhuma luz senão as sombras que saiam das salas laterais, cujas janelas embaçadas ainda deixavam entrar um pouco do sol da tarde.

Seguimos pelo corredor, passando de sala em sala e olhando curiosamente para o que um dia poderia ter sido um almoxarifado, sala de reunião e salas de aulas. A solidão de cada ambiente me oprimia. A baixa luminosidade, os móveis antigos e a qualquer falta de vida, ou mesmo um pequeno sinal de que um dia tudo aquilo foi habitado, me assombrou.

O último cômodo era um ambulatório. Estava no final do corredor, no lugar mais deserto, como se fosse o castigo. Devia ter sido o purgatório para qualquer estudante, de onde não seria ouvido um grito jamais. Porque tão longe me pareceu um mau agouro. Neste, e logo neste, eu me detive depois que todos saíram.

Sem saber o motivo, e como se fosse atraída por algo invisível, fiquei ali com a certeza que era a sala mais fria de toda a escola. Suas paredes e teto de azulejos brancos davam uma impressão claustrofóbica. Caminhei pelas macas, reparando nos leitos antigos de metal branco e cujos colchões forrados de azul pareciam novos. No fundo da sala, uma grande pia de ferro, tão grande que eu mesma caberia dentro dela.

Com uma impressão ruim, eu me afastei. Entre os dois últimos leitos, uma mesinha de apoio me chamou a atenção. Abri sua gaveta e me deparei com um livro de capa de couro. Era um Novo Testamento, inusitadamente sem marcas de uso ou pó, divergindo enormemente de tudo o que havia visto em toda a escola.

Minha mãe dizia que quando mais precisarmos, o Senhor nos envia um Anjo para nos salvar. Que bastaria vermos o sinal. Lembrei de suas palavras com a respiração presa.

Algo me fez virar em direção à porta. Minhas amigas me olham estranhamente, paradas à entrada da sala. Seus rostos na sombra não se pareciam com anjos de luz, e eu gritei assustada.

Os rapazes haviam decidido caminhar até a Vila em busca de ajuda, disseram. Como estávamos cansadas, concordei por termos ficado. Eu mesma me sentia esgotada, e minhas pernas ainda ardiam pelos cortes na cerca.

Rindo alto, as duas se retiraram abruptamente, e pude ouvi-las se distanciando pelo corredor. Fiquei onde estava, imóvel. De repente, já não

sabia se estava assim pelo esforço do dia ou se algo havia me sugado toda a energia.

Procurei me sentar no móvel mais perto, e olhei para a gaveta ainda aberta. Como se obedecesse a uma ordem imperativa, peguei o Novo Testamento e o abri, lendo a primeira frase que me apareceu.

“Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar...”.

Com um arrepio ainda mais forte que antes, parei, olhando ao redor. Estava sozinha, lógico, mas a sensação era que não. Continuei a leitura.

“Resisti-lhe firme na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo”. Livro de Pedro, capítulo 5.

Já não mais as ouvia, nenhum som. E as sombras do dia pareciam maiores e mais baixas no piso da sala. Virei-me para a janela e vi que o sol ia se por. O tempo havia passado e não havia sentido. Imersa no tempo imóvel daquela construção, não me dei conta pela completa ausência de qualquer tipo de som. Nem um pássaro parecia habitar próximo à construção, e nem o vento movia as folhas das poucas árvores ainda vivas depois da cerca.

Com cautela, chamei por minhas amigas. Não houve resposta. Olhei pelo vão da porta e não soube dizer se foram sombras que passaram rápido pelo corredor escuro.

Uma vez me disseram que não devemos acordar quem no escuro dorme, se não sabemos como irá despertar. Se eu elevasse a voz, o que eu acordaria naquele lugar?

Chamei novamente por elas. Nada. O som da minha própria voz me parecia algo irreal, deslocada no silêncio opressivo no que agora me parecia uma cela. Como se fosse uma intrusa, sabia que não deveria estar ali, nem naquela hora. Meu medo aumentou.

Foi quando ouvi um gemido. Sentada ainda no leito e com a bíblia em mãos, senti a cama estremecer. Havia algo embaixo. Algo preso, pesado, movendo levemente o leito de lugar.

Levantei-me com um pulo, encostando-me à parede. O quarto pareceu se reduzir, fechando ao meu redor. A sensação de claustrofobia me encheu, apertando-me contra a parede fria de azulejo. Eu só conseguia olhar para o leito.

Há um minuto estava sozinha, no seguinte não estava mais. E um pavor me dominou. Meu coração acelerou até quase explodir. Cada batida uma dor, como se pressionasse os ossos do peito. O ar, ainda mais pesado que antes, mostrou-me como seria não mais respirar de repente.

Olhado fixamente para onde a pouco eu estava, vi o leito se mexer novamente. Havia com certeza algo na negritude do espaço entre o chão e a velha cama de metal. O colchão, antes azul, com a pouca luz agora se mostrava preto, como a tampa de um esquite.

Olhei para o teto e já sabia, antes de ver, que não havia lâmpada. Não haveria outra luz depois que o sol se fosse.

Ouvi um sussurro quase inaudível. Depois um pouco mais alto, em sofrimento. Com puro terror, eu me vi andando até a cama, sentindo que o quarto ficava mais gelado. Eu queria fugir, mas não conseguia. Se aquilo era uma brincadeira de esconde-esconde, eu tinha que olhar. E me ajoelhei.

Nenhum filme de terror nos prepara para uma realidade de pavor. Nunca um livro descreverá o choque que se sente ao olhar para algo realmente assustador. E ninguém jamais conseguirá com palavras descrever o medo de quem sente a morte bem próxima...

E foi tudo isso que eu senti ao olhar para aquela mulher.

Esquelética, amarrada com arame farpado à grade da cama. As farpas entrando e saindo na pele necrosada. Os cabelos emaranhados nas molas, mantendo seu coro cabeludo esticado, como se fosse um escalpo prestes a se soltar. A roupa em trapos, suja de sangue e excrementos secos.

O cheiro de decomposição me impactou de uma só vez. Um odor podre a circundava, e me senti enojada. Ela me olhou, e em seus olhos pude ver o pavor que ela sentia. Todo o medo do mundo estava neles. Fiquei petrificada.

Ela abriu o que pareciam lábios, e como uma cobra sua língua negra atravessou o que um dia foram dentes. “Vá embora”, disse como se fossem as suas últimas palavras, e eu tive certeza disso.

As outras camas rangeram, e nesse instante eu soube. O lugar não era um ambulatório, e eu não estava sozinha. Já era noite e eles estavam chegando...

Fedor

Álvaro Palha Pinto Júnior

Arrastamos o sofá, a estante, fogão. Olhei embaixo da geladeira, mesa da cozinha, dentro do armário debaixo da pia, do armário ao lado. Dona Sandra tirou as panelas para saber se realmente ele não estava lá. Nada. Ninguém descobriu de onde vinha aquele cheiro que a cada minuto atacava com mais violência nossos dias.

Natália achou por bem mudarmos de quarto. Considerando que o fedor fazia dele uma fossa insuportável. Eu concordei. Ela tratou de levar nossa cama para o quarto ao lado, do Tales. E lá passamos a dormir com uma porrada de carapanãs que fizeram questão de mostrar o incômodo da presença. Picavam e zuniam a noite toda.

No terceiro dia já estava uma situação foda demais para se sustentar. O cheiro avançava pela casa interferindo até na convivência entre nós.

Começou a me assombrar a lembrança do meu pai. Há anos, após um feriado de páscoa, achamos ele morto em casa, no banheiro, possivelmente três dias após o óbito, com o chuveiro ligado sobre o corpo, tratando de apodrecê-lo com mais agilidade. Na verdade, verdade mesmo, não achamos. O vizinho que morava ao lado, muito incomodado com o fedor que invadia sua casa, somado à falta de entradas e saídas do velho nos últimos dias, avaliou que a morte era uma possibilidade e chamou a polícia. Um Cabo arrombou a janela de trás e confirmou o cadáver podre do corpo que um dia foi meu pai.

Fui o primeiro e único da família a entrar na casa e lá permanecer até outra polícia ou perícia, levar o motivo do mau cheiro. O único a entrar na casa e agora o único assombrado com a perna morta e podre que se mostrava para além do box que escondia o resto do corpo, que não vi. Acho que por medo.

Para o cheiro dos dias presentes, chegamos à conclusão de que mesmo sendo dois de novembro, dia de finados, chamaríamos o Sr. Osvaldo para olhar se o dito fedor não vinha do forro.

Carregamos juntos uma escada emprestada pelo Rubens e colocamos no quintal de casa. Tirava telhas, olhava, aqui não, mais uma telha e nada. E assim percorremos a extensão da casa. Sem encontrar o motivo.

Essa procura sem sucesso aumentou a agonia e nossos olhares confessavam uma verdade macabra. O morto desse dia de finados que apodrecia a casa, sobretudo nosso quarto, era eu. Morrera há uns dias atrás. Ou seriam semanas, meses? Anos acho que não. Já teria passado o cheiro ou acostumado nossos corpos vivos e mortos. O fato era que tendo morrido, vivia a ilusão de um corpo não mais existente e que apodrecia a casa. Não lembrava bem o momento em que morri, mas era preciso. Ficar livre de uma ilusão prolongada indevidamente, apodrecendo o lugar, as pessoas e as relações entre os vivos. Também entre os não vivos, representados

por mim na ocasião. Será que meu pai também demorou a perceber que estava morto?

Aos poucos fui aparecendo em partes, um pé perdido pelo forro, mais ali um braço eu acho. Difícil identificar, passado um tempo que não saberia dizer quanto. Osvaldo disse que o resto do corpo poderia já ter se desfeito, comido pelos ratos e agarrado na madeira do forro com humidade de coisa morta. Disse que mais à frente parecia uma cabeça, arriscou até dizer que foi das últimas a morrer, dado o estado menos avançado de putrefação. Cada parte encontrada me desamarrava um pouco. Me sentia leve, com fôlego novo, parece que pronto para alguma coisa que nem imaginava o quê. Só sabemos não ver direito depois de pôr os óculos. Né, mano?

Eu, que fedia pela morte precoce e arrependimento tardio, tive a sensação de precisar ir a algum lugar. Até pensei se não seria o caminho que os espíritos fazem para sei lá onde. Vai-se a algum lugar, andando mesmo, pegando ônibus, avião, barco. E lá no 'não-sei', acontece. O quê?

Bem, quando começava a me convencer, o seu Osvaldo avisou o Amintas que avisou a Sandra que me avisou e à Natália sobre terem achado o motivo do fedor.

Um rato que morrera no quintal, dentro do armário, coladinho ali na janela do nosso quarto. Um rato. Isso mesmo, um rato. Nada de corpo no forro ou não viventes. Apenas um rato, que morto é mais podre do que vivo. Trouxe meu pai para casa em dia de finados e me mostrou que morrer nem é tão fácil assim, também nem tão difícil. Mistério que usa mesmo a matéria bruta da vida pra te mostrar novos caminhos.

Do rato encontrado podre, pulou ali, quase que do lado, outro vivo, enorme, que ligeiro se escondeu entre a velharia amontoada na barraca do quintal. Novamente mistério caçado por nós com ratoeiras velozes e firmes.

Do meu corpo apodrecendo no submundo de um forro, restei eu. Cuspido de volta à vida para resolver sei lá o quê, antes do direito a me tornar livre, morto. Alimento pro mundo.

O Jardim

Ana Leticia Brunelli de Moraes

Eles moravam em um casarão grande e antigo. Com a morte do pai, escassearam-se os recursos da família, e a mãe, com as três crianças, tivera que se mudar para o único imóvel que seu salário de merendeira era capaz de arcar. Uma casa há muito tempo vazia, para a qual o proprietário vinha enfrentando dificuldades em encontrar moradores. Todos que nela entravam não se agradavam. Talvez o motivo fosse o longo corredor, escuro e estreito, que levava para seus cinco aposentos. O piso de taco apodrecido, o teto alto e sem forro, a pintura das paredes descascando, as luzes amarelas e o cheiro de mofo e pó. Ou senão, a culpa era do jardim que ficava nos fundos. Um pedaço de terreno abandonado, com alguns pés de fruta e muito mato. A mãe não se agradou com nada disso, mas ela não tinha outra escolha.

Os quatro já estavam há seis meses naquela casa, e por mais que a mãe se dedicasse a limpá-la com todo o esmero possível, insetos brotavam por toda parte e seu cheiro rançoso jamais sumia. Até então ela não tivera coragem de mexer no jardim. Sabia que teria que ser ela mesma a fazer o serviço, pois não teria condições de pagar alguém. Provavelmente era daquele mato que vinham tantos bichos e por isso não adiantava remover a sujeira apenas por dentro. Ela precisava limpar o jardim.

Vestiu uma calça, blusa de manga comprida e as galochas deixadas por seu falecido marido. Passou pelo corredor, atravessou a cozinha e chegou à porta que dava para o jardim. O dia estava quente, úmido e abafado. O mato chegava à altura de suas coxas.

Com a enxada velha, conseguida emprestada de um vizinho, a mãe golpeava as raízes do mato. Era necessário colocar força no gesto, e o cansaço logo começou a aparecer. Suas mãos e pernas tremiam. Suor escorria por todo o seu corpo, lhe dando calafrios. O silêncio lhe parecia anormal. Mesmo as crianças estando na escola, não era possível que nenhum som viesse da rua. Ela ouvia apenas sua respiração e os golpes da enxada. Pensamentos estranhos começaram a lhe ocorrer. Instintivamente imaginava o que poderia se esconder entre aquele mato. Insetos, cobras, ratos, lixo, animais mortos. Percebeu que um cheiro azedo pairava no ar. Seu estômago embrulhou e sentiu ânsia de vomitar.

Jamais questionara a morte do marido. Sabia que isso fazia parte da vida. Mas naquele momento sentiu vontade de se revoltar. Por que a vida a havia deixado naquelas condições? Sentia-se pequena, desamparada, perdida e sem forças para seguir com um trabalho do qual não daria conta. Respirou fundo, engoliu o nó da garganta e deu um golpe com a enxada. Acertou algo duro que fez a pancada reverberar de volta por seus braços, e soar um zumbido fino que machucava seus ouvidos. Após longos segundos aquele som pareceu se encerrar em um grito de pavor. Ela largou a enxada e correu em direção à porta da cozinha. Estava fechada. Trancada. Como

aquilo teria acontecido? A ideia de ficar presa naquele jardim por sabe-se lá quantas horas começou a deixá-la tonta. O cheiro azedo se intensificou, e o grito continuava ecoando em sua mente. Sentia pontadas, calafrios, tremores. Olhou para o mato e começou a ver animais se rastejando para fora dele e em sua direção. Suas pernas formigavam, como se eles já estivessem a subir por elas. Seus sons e movimentos se intensificavam. Mais animais saíam dele agora, como se toda aquela podridão ganhasse vida com a intenção de lhe perseguir. Ela se voltou para a porta, mas essa continuava trancada. O desespero fez seu coração acelerar. Sua pulsação lhe comprimia o peito. O ar lhe faltava. Seus músculos se retesaram e ela não conseguia mais se mover. De costas para o jardim, ela sentiu a presença de alguém respirando próximo ao seu ouvido. Com o susto, ela se virou de supetão para o jardim e o viu. Um vulto negro sem forma, com manchas vermelhas que se assemelhavam a olhos e boca. Ele veio em sua direção, lhe estendeu os braços como se quisesse tocar seu rosto, emitiu um som lúgubre na tentativa de lhe dizer algo e de repente, sumiu. As vistas da mãe se escureceram e suas forças se foram de vez. Ela caiu no chão e ficou estendida entre o mato e a porta da cozinha. O ar parado, a tarde quente, os pés de frutas, alguns pássaros e o silêncio.

Noite de núpcias

Ana Maria Carneiro

A entrada na igreja foi triunfal.

Apoiada nos braços do pai amoroso – a música imponente, a igreja iluminada e cheia de sorrisos e elegâncias –, seguia esbelta, na passagem floral do tapete vermelho. Puxava um véu tão longo que este se agarrava ao tapete, de forma a pensar que o aplique na cabeça fosse separá-la do pescoço. Tudo isso com o olhar fixo no noivo, sorriso nos lábios e esperança no amor.

No altar, padrinhos, padre e o futuro marido a aguardavam. Passo a passo, alguns olhares lacrimosos e outros curiosos a acompanhavam. O padre, ciente de sua tarefa, mantinha-se representante de Deus em unir na Terra o que homem algum separaria... jamais.

Dia mágico para alguém que aspira a esse momento como um final feliz e um começo de sonhos. Cerimônia longa para a ansiedade da noiva.

À saída, pelo mesmo tapete, sob chuva de arroz, os recém-casados, tal como nos filmes antigos, correram até o carro que, ao partir, arrastou latas vazias, barulhentas, amarradas ao para-choque. Próxima parada: o local da festa.

Festa linda, repleta de convidados, amigos, conhecidos e vizinhos curiosos; música, brindes e doces para agradar os severos paladares dos críticos de festas.

Após cumprimentos e cochichos perfilados, a noiva desapareceu, para voltar com outro modelito, adequado ao segundo momento da cerimônia. Extasiada.

O noivo também substituiu o fraque por um traje mais despojado, e ambos escaparam em direção à noite de núpcias.

No hotel, a recepcionista sorriu matreira para a noiva e entregou ao noivo a chave do quarto, para dar ao casal toda a privacidade desejada.

Ao chegar, a noiva, encantada ainda, guardava a inocência da virgindade e esperava do esposo... conselhos. Ele, nervoso, indeciso, refugiou-se no banheiro a vomitar.

A noiva, agora, vestindo a camisola do dia, ouviu à porta a oferta do hotel para a comemoração. Cobriu-se com o robe à moda anos cinquenta, quando o modelo de mulher perfeita era o encomendado. Sem saber como agir, bateu à porta do banheiro, pedindo socorro ao esposo. Este saiu pálido e nervoso; dispensou o champanhe, pedindo ao rapaz para trazer um café com leite – tudo aos olhos incrédulos da noiva acuada em um canto –; depois, voltou e novamente se trancou, enquanto, surpresa, não sabia o que fazer.

Minutos passaram, e, novamente, bateram à porta. Com receio, a noiva decidiu abrir. O rapaz voltou com a bandeja: duas xícaras de porcelana com bordas filetadas de dourado, talheres de prata e dois bules pequenos – leite

e café –; ainda: açucareiro, um cestinho com biscoitos, geleia e uma flor .O rapaz se dirigiu à mesinha, onde depositou a bandeja.

A noiva fixou os olhos na bandeja, sem saber o que fazer. O rapaz, de pé, próximo à mesa, aguardava. Ela continuou com o olhar fixo no chão, enquanto o “valete” permanecia imóvel, diante dela, até que, em um determinado momento, estendeu a mão em sua direção. A noiva, então, o cumprimentou sem saber o significado daquele gesto; ao que o rapaz se virou e saiu, fechando a porta. Com certeza, uma situação insólita.

A porta do banheiro se abriu e o noivo saiu como se estivesse sozinho. Sentou-se à mesa para comer.

A noiva, atônita, refugiou-se na cama, e observou o quadro inesperado. Resolveu deitar-se e se despiu lentamente, de modo a ser o mais invisível, sumindo nos lençóis.

No meio da madrugada, acordada, agarrada pelos ombros, girada num gesto rude, teve os cabelos puxados como crina por mãos raivosas; sentindo sobre seu corpo um peso bem maior do que suas forças podiam suportar. Levantada, colocada de pé, confusa, sentiu uma mão escorregando pela cintura em direção aos seios, e, lá, se detendo. Uma mão que se agarrava e se aconchegava, como se fosse arrancar seu peito, enquanto outra explorava seu sexo com violência de quem tem raiva e, ao mesmo tempo, excitação.

Jogada na cama, procurando defender-se de todas as formas, teve a boca tapada por um beijo mamado; olhos molhados por língua ardente; e ouvidos cobertos por sons de desejos que, no pescoço, arranhavam juntamente com a barba. Todas as sensações misturadas: dor, medo, descobertas e prazer.

Novamente dominada, teve suas pernas jogadas para o lado, enquanto tinha sua região anal explorada. Impedida de gritar, cravou as unhas no braço de seu marido, que lhe pareceu apreciar a resistência. Ela aprofunda as garras a fim de mostrar quem manda. Sentindo-se debelada, percebeu que seria melhor relaxar e, assim agindo, sentiu o prazer de gozar.

Percebido o gozo dela, o esposo sentiu-se traído, pois queria aproveitar-se do ato e deixar para depois a forma natural de a possuir. Irritado, rebelde, virou-a de bruços para, em um só coito, deflorá-la. Sentindo a dor da penetração grotesca, seguida de um uivo rouco como lamento, manteve-se petrificada.

Quando acordou de todo o seu tormento, ele já se virara e dormira.

Ela perdeu o sono. Atordoada e machucada, foi até a janela; correu as cortinas, na esperança de respirar ar fresco e ver a paisagem, mas deu de cara com um paredão... nada! uma parede cinza, e só.

Voltou e ficou a observar aquela figura que em nada se parecia com o homem que conhecera e com quem se encantara. Virou-se novamente para a parede cinza e, de repente, sentiu-se invadida por um sentimento estranho, sombrio, mas terrivelmente sedutor...

Fechou as cortinas, sentou-se junto à mesinha e percebeu a camisola manchada. Fascinada, ofegante, admirava o horror a que ela, a partir daquele dia, se subjugaria. A menina do interior, acostumada à simplicidade, aflorou em uma mulher transgressora... obscena.

De repente, veio-lhe à mente a imagem do tapete vermelho que a prendera, quase impedindo o seu caminhar. O tapete vermelho sabia.

Balada da Bala

André Foltran

Fomos convidados pra Balada da Bala. Na porta da balada estava escrito:

AQUI NÃO SE BAILA, SE CALA
ASSINADO: O MITO

Fomos convidados, viemos porque quisemos. Estava tudo no panfleto. Viemos porque não o lemos.

A batida era marcada pelo pelotão de fuzilaria:

– Ninguém sai desta balada sem uma bala na bacia!

O pelotão era formado por homens pequeninos, um clube tosco composto SÓ DE MENINOS. (Na Balada da Bala homens pequenos se tornavam homens pequenos com armas.)

E na balada a gente ia virando história – história de terror que não assusta —, nossos cadáveres tombando em memória do Coronel Brilhante Ustra. Primeiro iam ficando obsoletos todos os tons de preto. Depois era a vez dos invertidos entrarem nos caixões, armários de onde não deviam ter saído. Dizia no panfleto que gente branca não pagava, mas no paredão até eles conseguiam uma vaga. Na hora do show os crentes botavam a bíblia no peito – mas morriam do mesmo jeito...

Tinha a senhora, coitada, que berrava:

– Eu ajudei a organizar a balada!

Mas ali a sua palavra também não valia nada, já que ela não servia nem para ser estuprada como faziam com as pretas, com as sapatas ajeitadas, e em casa, com suas esposas belas e recatadas, e foi gritando, gritando, até tombar, enfim, calada.

Também tombavam, abatidos, aqueles que tinham asas – e que, por isso, contrariavam 64 leis da casa.

E tinha os que sussurraram na balada, sorridentes:

– O anfitrião é um canalha.

E pelo ato inconsequente não só eram metralhados como perdiam alguns dentes.

– Há um engano, meus preclaros, eu também sou emergente!

Mas era tênue a linha entre ser e não ser gente.

– Sim, eu moro na favela, mas juro sou diferente!

Mas as regras eram claras: primeiro atira, depois prende.

– E vão me matar, por quê? Se também fui conivente...

Ficou por último pra ver morrerem amigos e parentes.

– Eu juro que não peguei, Dona Cláudia, eu sou decente!

Mas não tinha o que dizer. Pela cor, era evidente...

– Aceito a música se ela é pro bem da nossa gente.

De todos eram os que tombavam mais facilmente.

– O meu pai é militar!

– Fomos sempre obedientes!

Mas morriam, que ainda não haviam corpos suficientes...

E a cada hora chegavam mais homenzinhos de terno que uns chamavam de governo, outros, karma, vinham pra nos assistir. E a cada hora entravam mais sapatas transviados pra serem todos passados pelas armas. E o governo ou karma a rir...

E era um banho de sangue... e era um sangue tão lindo... era melhor que bang-bang... era melhor que vinho tinto... era a gente acabando... eram eles sorrindo...

E, no entanto, éramos tantos, mortos matados, mortos em bando, éramos corpos retorcidos, abraçados, comprimidos, corpos sumariamente adormecidos, corpos precocemente anoitecidos, corpos que assim unidos já não eram corpos, mas um imenso Corpo, mas um estranho corpus de uma pesquisa trágica e sem escopo conhecido.

Os seguranças da noite não estavam preparados pra lidar com nosso ser. Com aquele imenso morto que foi levantando, contrariando a métrica e as leis dos corvos, forjando um novo acontecer.

Éramos um corpo estranho, um corpo assim, nem menina nem menino, de Marias, Anas, Joãos, Triolés e Alexandrinos, de sacros e afros, de safados, sáficos, um corpo que era eu e era você, um corpo feio um corpo lindo. Éramos muitos corpos, éramos um só corpo, uma estrutura armada de blocos livres, sonetos, sonetetos, sonetinhos, espartanos e espartilhos...

Resumindo: os homenzinhos vieram com tanques, aeroplanos e tudo quanto era bomba H. Miravam em todas as partes do Corpo, mas por mais que atirassem não conseguiam matar o que já estava morto. Morto, sim, mas ao vivo, pois trouxeram a tv, e as escadas magirus pra chegar até nós, mas por mais que subissem só conseguiam alcançar o nosso imenso umbigo – o nosso umbigo atroz! Vencidos, humilhados, só restou-lhes orar ao seu deus de araque. Não sabiam, coitados, da missa a metade...

Sentados, ficaram a ver aquela coisa nova que ninguém sabia se prosa ou poesia. Aquela coisa tremenda que cedo ou tarde os pisaria. Aquela coisa éramos nós. Em nós já não havia esperança, mas havia a vontade de criar um universo em que pudéssemos viver ou nos matar. Não havia um poema, mas um verso que pelo menos nos cabia, uma balada em que podíamos dançar sem motivo, qual um balé de desgraçados, como fazem os versos livres, como fazem os versos de pés quebrados. Como fazem os vivos. Mesmo já paráliticos, dançar num duro e engessado ritmo. Não havia esperança, mas havia a vontade de forjar um coração que apesar deles bateria. Uma vontade de falar – sobretudo nos gogos e nos mudos – que bala alguma calaria. Uma vontade enorme de gozar e inundar tudo. Já não havia esperança, mas azia. Vontade de vomitar sobre essa gente pequena e vazia. E de sair sem pagar a consumação...

Arrombamos, então, as portas da balada, e encaramos, heroicos, a alvorada do novo dia.

São José do Rio Preto, 11 de novembro de 2018

Cinderela vai à praia

Angelina Diniz Pereira

Depois de almoçar, resolveu aproveitar o sol e o calor que transbordavam no ambiente. Calçou seus chinelos de dedo e partiu em direção à praia, que ficava a uma rua de distância de sua casa.

– Não vou levar a chave comigo, mãe. Tome cuidado aí!

– Tudo bem. Não demore, pois planejo ir à sorveteria contigo mais tarde.

A menina segue tranquila e, uma vez na praia, senta na areia para observar o mar. Perde-se em divagações diante de sua grandiosidade. Quão pequenos parecemos perto da imensidão do mar? Quantos nuances de verde e azul foram misturados para obter-se tal combinação? E a linha do horizonte, como consegue ser tão reta, como uma estrada no meio do deserto? De repente, uma forma em meio ao horizonte chama sua atenção.

Um homem alto, vestindo bermuda e um sorriso iluminado, a observa de pé, alguns metros à frente.

– Algum problema? – Ela pergunta.

– Meu nome é Daniel. Desculpe se te assustei – sorri – Acho que fiquei perdido com o teu olhar no mar.

Ela ruboriza e sente as orelhas esquentarem ao perceber que estava sendo observada, ainda mais em um momento como aquele. Sentiu-se violada, mas resolveu dar uma chance ao estranho. Assentiu e ele se aproximou, sentando-se ao seu lado.

– Essa seria uma boa hora para você me dizer como se chama, não acha?

– Essa seria uma boa hora para você me explicar por que estava olhando pra mim como um psicopata – ela diz, e ele ri.

A conversa flui entre os dois como o sangue o faz nas veias: rapidamente e sem esforço. Falam sobre tudo e sobre nada ao mesmo tempo, sobre a teoria do caos e sobre qual marca de papel higiênico preferem. O tempo fica em segundo plano, e eles só voltam a se importar com ele quando o sol começa a descer pelo céu.

– Caramba, minha mãe vai me matar. Desculpe, Daniel, mas tenho que ir.

– Posso te levar em casa, se você quiser – ele oferece.

– Não precisa, moro aqui perto. Obrigada – ela agradece e começa a correr para encontrar sua mãe. Com sorte chegaria a tempo de ir à sorveteria com ela.

– Espera! Você não me disse o seu nome! – A menina ouve ao fundo e sorri, imaginando se um dia o veria novamente.

tá, Tá, tá, tá... – Enlouquecedor. Ardoroso. Instigante. – Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá... – Wagner. Strauss. Schubert. – Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá... – Seu coração acompanhava a pulsação de cada tempo: um forte, dois fracos multiplicados por três, ecoando no infinito. Do seu lado direito a faca olhava para ele, suplicante. Sua velha companheira de jornada. De vez em quando ficava um pouco cega devido ao constante uso. Na penumbra, o brilho da lâmina era soberano.

O ritmo mortal ganhou vivacidade. Prestíssimo! Não há como retardar a locomotiva sinistra. – Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá... – O cabo da faca em sua mão produz um calafrio magnífico e prazeroso. – Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá... – Nu, banhado em suor, ele caminha. – Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá... – Para! – Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá... – De pé diante dela. – Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá... – Ele a desamarra. – Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá... – Ela continua imóvel. Olhos sem sol ou lua. – Tá, tá, tá, Tá, tá, tá, Tá, tá, tá... – Ele tira a mordaca e a encara. Seus olhos, de perto, são duas bolas negras. Ele ficou perplexo. Triste. Aturdido. O ternário composto se transformou num simples larguíssimo. – Tá... tá... tá... Apenas uma nota soava monocórdica. O mesmo sol sustenido menor. – Va... zi... o... Va... zi... o... Va... zi... o... – A voz dela soou monofônica: Por que você está demorando tanto? Liberte-me desta vida, por favor.

Ele viu o brilho dos seus olhos negros e a silhueta do seu corpo nu refletindo na faca. Nesse instante, a música parou e os olhos dele adquiriram uma nova simetria. Sem ritmo a faca atravessou-lhe o coração. Um Grand Finale magnífico e inesperado. Ele dobrou os joelhos com um sorriso no rosto enquanto contemplava o espanto e o vazio infinito daqueles olhos opacos. Só havia prazer em matar os vivos!

Janela indiscreta

Bárbara Leal Pippa

Detesto pombas.

São aves que despertam meu nojo mais profundo, que espalham doenças com o simples bater das asas, que são sujas e repletas de podridão. Há quem me recrimine, mas não sou hipócrita de negar que gostaria de poder chutar alguma quando entram na minha frente durante o caminho que estou percorrendo. É desagradável ter este pensamento, mas não compadeço de pena ou amor por sua espécie, e não consigo pensar em causar mal a um ser vivo sequer – com exceção das pombas.

Moro em um edifício de três andares, residindo no último. Em frente a minha janela do quarto, vejo a rua, construções e o telhado do prédio à frente, que está com um buraco aberto, aparentemente uma falha de construção, gerando um espaço agradável para as pombas utilizarem de recanto. Não sei se sou a única a escutar o pio incessante das mesmas, que me causa arrepio. Para piorar, há um ninho com, aparentemente, um recém-nascido e que pia mais do que tudo. O filhote tem fome o tempo todo, pois não se cala, e é um vai e vem de alimentos trazidos que só pode ser para calar o bico do que não se cala. Apenas à noite.

Mas à noite todos dormem. Na rua, no bairro, na cidade, e na casa das pombas também. Fica o silêncio e, assim, tenho paz. Não consigo sair de casa momentaneamente. Acidentei-me nas calçadas quebradas dessa província jogada às traças e quebrei o pé, de tal forma estando impossibilitada de descer escadas e movimentar para além dos quatro cômodos disponíveis que me são necessários. Coincidentemente, saí de férias de emprego e estudos, então, estando à mercê do à toa, sem obrigações a cumprir. Fico só grande parte do dia e sofro com os bichos insones que tanto me perturbam, sem ter capacidade de concentração em outras coisas. Cheguei ao ponto de escutar seus pios até mesmo quando não o estão fazendo e transtornei-me em tentar parar com essa insanidade, antes que a insanidade me pare. Contudo, já era tarde.

Poucos dias antes de imobilizar-me com o gesso e precisar de muletas para caminhar, em uma loja de artigos esportivos, deparei-me com uma balestra pequena, que, a princípio, serviria para enfeite do que para utilização de fato, e, movida pelo consumismo exacerbado de nosso cotidiano (pregado por toda uma sociedade de consumo) e pelo preço bem em consideração, a adquirir, com um pacote de flechas. Destaquei-a em minha estante, apenas para endeusá-la, sem objetivos. Todavia, ela se fez útil ao pensar em calar os animais.

Esperei a madrugada, propositalmente em mais um dia de solidão em casa. Adequei a abertura da janela o suficiente para que avistasse o buraco da telha e que não me avistassem, mesmo estando totalmente vazia a rua – prevenção não era demais. Assentei-me em um banco para melhor enxergar

sem desequilibrar, mirei o suficiente e esperei a sorte ajudar, afinal, com a escuridão da noite e do buraco, seria difícil saber o que e quanto acertaria da distância em que me encontrava.

Atirei a primeira flecha. Houve um pio forte e sofrido, demonstrando que atingi o alvo com tudo. Ouvi barulho de asas batendo em conjunto e agitação.

Atirei a segunda flecha. Houve outro pio forte e sofrido, demonstrando que atingi outro alvo. Ouvi um único pio restando, mais fraco e contínuo.

Atirei a terceira flecha e seguido do último pio, o silêncio.

Pelos dias seguintes não aconteceu nada. Sem movimentação dos bichos. Dizimei a família. E, o pior, não senti remorso por ter feito.

Analisei que tipo de ser humano me tornaria depois de sacrificar em nome de minha vontade, por puro capricho, bichos que não possuíam meios de se defender. Mas, honestamente, não importei com esta versão que aflorou. Ao contrário, senti-me renovada, tão extasiada que nem consegui pregar os olhos. E me modifiquei para algo pior.

Na mesma posição da noite anterior, observava o buraco, lembrando o grande desenvolvimento, percebendo que, ao lado, na janela do edifício próximo ao tal, conseguia ver a intimidade total através das cortinas abertas do vizinho e minha discrição escondida por entre os panos da minha.

Era um casal jovem, discutindo. A moça estava assentada em uma cama, chorando, enquanto o homem, de pé, gesticulava e parecia gritar. Brigavam? Com certeza. Somente ele falava e apontava o dedo em direção a ela, como se a ofendesse e esperasse respostas.

Ele andava de um lado para o outro, às vezes sumindo de vista. Ao retornar para o ponto, abaixou-se para a altura em que ela estava, levou sua mão na garganta e a sufocou. Logo a soltou, e ela chorou mais ainda.

Enojei-me daquele homem, tamanha as atitudes atuais que acompanhava em noticiários sobre casos assim. Não importa o que ela tenha feito, ele estava completamente errado em tocá-la com a intenção de ferir, sabendo ter mais força. E se ele resolvesse levar adiante o estrangulamento? E se ele fizesse algo pior? Peguei a balestra. Meu coração acelerava, e minhas mãos suavam um suor frio. A distância seria a mesma do ninho de pombas, apenas movendo um pouco a mira para o lado. Segurei a flecha de aço, com uma ponta pintada de preto e senti seu peso – antes não havia prestado tanta atenção. Não sabia se seria capaz de matar um homem grande, mas, com certeza, feri-lo-ia.

Respirei. Atirei. Acertei.

Ele estava em pé, novamente parado de frente a moça, com as mãos na cintura e peito estufado, em minha visão, lateralmente parado. Ajustei para acertar no tronco, em qualquer parte, o que causaria um machucado, mas, não pensei duas vezes ao mudar de ideia, disparando e acertando com muita sorte sua cabeça, pegando perto de seu ouvido.

A flecha entrou e ele caiu. Ela olhou assustada, levantou-se depressa, colocou a mão sobre os lábios e segurou um grito. Abaixou-se, talvez para verificar se ele estava morto e, ao levantar, chegou à janela rapidamente, procurando alguma pista do que aconteceu. Ela estava confusa. Surpreendi-me com a minha frieza, nem mesmo evitando ser percebida. Não movi um músculo. Seus olhos me encontraram por entre a escuridão, sem ter total certeza do que viam. Saiu correndo, sumindo da janela, e voltou com um celular em mãos, discando algo e colocando-o no ouvido. Ela chamaria a polícia.

Não me desesperei, não me assustei e não me movimentei. Vagarosamente, acrescentei outra flecha no arco, puxei e pronto. Pegou em seu peito, exatamente entre seus seios e com total pressão. O telefone caiu de sua mão, bateu no parapeito e foi três andares até o solo, espatifando-se lá mesmo – bateria, teclado, vidros, capa, tudo espalhado. Ela caiu para trás, as mãos ainda segurando na beira da janela, escorregando e desaparecendo.

Matei os dois. E os equiparei aos pombos. Nada senti. Regoziquei-me, abrindo um sorriso sinistro para o vazio. Afastei-me, manquei até o quarto de bagunças e localizei uma caixa de ferramentas velha. Desmontei peça por peça da balestra, cada pequeno parafuso e os guardei, juntamente com as flechas, em um saco, dentro de meu armário, por entre os lençóis e cobertores limpos.

Escovei os dentes, limpei as mãos, ajeitei a cama e preparei-me para dormir. Será que ela tinha conseguido completar a ligação? O amanhã revelaria, mas, que suspeitas teriam os policiais, além de investigar todos os apartamentos à procura de alguma pista? Conte nos dedos que ainda restavam dez flechas guardadas intactas e que, dentro de mim, uma vontade crescia para usá-las – muitas janelas, com certeza, não se fecham ao anoitecer – e gargalhei.

Além de balestra, um nome comumente usado para a arma que usufrui é besta. Coitado de quem não saberia o que esperar de uma janela indiscreta sob o luar, porque amanhã e depois é dia da besta atacar.

Fechei os olhos, virei para o lado e ajeitei o edredom. Dormi com os anjos e me entreguei à escuridão.

Gêmeos

Bella M. Moon

Começou com o desaparecimento dos gêmeos Leon. Eu era a detetive designada aos casos de desaparecimento. Os gêmeos de 17 anos eram prioridade. Eu e meu parceiro, Jim, fomos à casa deles. Minhas suspeitas começaram quando os pais pareceram evasivos sobre eles, principalmente sobre como se relacionavam. Com os amigos e vizinhos descobrimos que havia rumores de que os gêmeos tinham um relacionamento incestuoso, o melhor amigo de Tom acreditava que eles não tinham fugido pois no ano seguinte iriam para a faculdade e estariam livres. Mandeí verificar os cartões de crédito dos pais e descobrimos que roupas para os gêmeos havia sido comprada após o desaparecimento deles. O pai admitiu, havia comprado tudo novo para substituir o que haviam levado, não queria denunciar uma fuga e envergonhar a família, preferiria que tivessem sido sequestrados.

– E se ele os matou? – Jim era jovem e totalmente viciado em teorias e mitos.

– Meu Deus, Jim!

– Admita, você pensou a mesma coisa.

Eu havia pensado a mesma coisa. Mas agora tínhamos um possível caso de fuga não de sequestro.

Numa manhã os corpos de um casal foram encontrados. Havia falhado. Subestimado a situação. Mas foram identificados como Cassy e Ken Limeros, gêmeos desaparecidos a dois estados do nosso. Eles haviam sido mortos com Ambrosia Artemísia combinada com alguma substância que causou a morte deles. Apesar de não ser meu departamento, eu ouvi que por algum motivo suspeitavam de uma facção de terroristas chamada Tohorah que caçavam e puniam os que eles consideravam “impuros”. O que significava que Kim e Tom poderiam estar correndo um perigo real. Um arrepio percorreu minha espinha.

Por volta das 6h alguém informou que avistara os gêmeos do cartaz em um armazém abandonado, seguimos para o endereço, o temor estampado tanto em meu rosto quanto do meu parceiro conforme chegávamos. Adentramos o armazém, arma apontada, preparados para atirar. Dois galpões vazios. Nos direcionamos ao terceiro, engoli em seco, desejei que só encontrasse os gêmeos ali, vivos, longe dos Tohorah. Abrimos a porta com força adentrando o local com agilidade, não havia nada, nem ninguém, a não ser uma grande cruz no centro, nos entreolhamos, meu coração gelou com a ideia de que aquela cruz poderia significar que a facção morava – ou punia – ali.

A porta foi aberta e *eles* entraram. Usavam máscaras e chapéus pontudos todos de preto como se tivessem saído de um filme de terror, era como *eu* me lembrava. Havia seis deles, três na frente e três atrás, e no

meio deles, assustados amordaçados, com as mãos amarradas, estava os gêmeos, nos olharam surpresos. Entendia por que não pareciam aliviados, eu não parecia uma salvadora, minha arma estava apontada para o chão, eu tremia da cabeça aos pés, pela lembrança do medo e da dor. Meu coração pulsava disparado. Jim agiu primeiro.

– Polícia! Afastem-se deles agora! – ele gritou.

Engoli em seco, respirei fundo e ergui a arma. Eles nos olharam, e assim ficaram por longos segundos, mandamos os jovens correrem e correremos atrás deles, eu dizia a mim que não podia, nem deveria rende-los, não até que os reféns tivessem a salvos, mas a verdade era que eu não queria, nem conseguiria enfrentá-los. Paramos para soltá-los.

– Vocês estão bem? – perguntei recuperando o folego.

– Desculpa ter fugido! – Tom falou tremulo.

Um dos Tohorah virou no corredor. Mandei Jim levar os dois para fora. A cada passo que ele dava, eu sentia mais e mais o impulso de correr, meu coração se debatia no meu peito, implorando para eu fugir, apontei a arma para ele tremendo, com um movimento ele a derrubou da minha mão, eu gelei um segundo antes de sentir o ar escapar quando ele me segurou pela garganta, jogando minha cabeça contra a parede. Então, eu tinha 16 anos novamente. Uma garota assustada sem saber o que estava fazendo, desesperada para salvar o irmão e amado, eu havia estado na pele dos Leon, fugimos de casa e encontramos com os Tohorah, e vi parte de mim mesma morrer diante de meus olhos. “Sua punição – um deles havia dito – é viver.” Por muito tempo eu quis morrer, mas então minha filha, Cléo, nasceu. Não conseguia respirar, ele apertou minha garganta com mais força antes de me deixar. Cai no chão desesperada por ar, tremia e chorava de forma que nenhum detetive jamais deveria. Me recuperei e me concentrei no fato de que havia resolvido um caso, os Leon estavam em segurança. Corri para fora, mas não havia sinal deles, Jim devia já os ter levado para delegacia.

Mas não estavam na delegacia. Jim não atendia o telefone. Segui até onde o rastreador do carro indicou que estaria, mas sabia o que encontraria, um carro abandonado, o celular dele estava lá dentro. Fui tomada novamente pelo pânico e pela raiva. Ainda não havia acabado, haviam conseguido pegar Jim e os gêmeos novamente. Fui até a casa de Jim, mesmo sendo pouco provável que os tivessem levado para lá. Estava trancada, abri com a chave extra, um cheiro forte me fez espirrar, por isso ele vivia com alergia, procurei a origem do cheiro e meu estomago afundou, tirei uma foto e mandei para nosso especialista confirmar, era Ambrosia Artemísia. E então, meu parceiro, o homem que eu havia confiado por três anos era suspeito de assassinato e sequestro.

Por quê? Jim não tinha o perfil. Mas ele poderia ser insano. Gêmeos. Ele vivia contando mitos sobre gêmeos. Não era coincidência. Vasculhei suas gavetas e seu apartamento, tentei lembrar das histórias que ele me contava e que eu ouvia sem interesse. Lembrei de uma história. Sobre a

deusa Diana que tivera uma filha com o irmão gêmeo. A história me gelou. Jim sabia meu segredo. Corri para casa com um medo ainda maior do que senti quando enfrentei os Tohorah. Gritei por Cléo como se minha vida dependesse disso. “*Mãe, Jim me convidou para uma festa...*” Ela confiava nele, porque eu confiava. Meu coração parou de bater, o grito preso na garganta escapou, a raiva tomou conta de mim, ainda que o medo quase me paralisava. Rastreei o celular dela até uma festa. Quando uma garota me contou que um casal a ajudou quando ela pareceu passar mal – ou fora drogada – eu tive a certeza de que eles haviam passado ali apenas para despachar seu celular. E os gêmeos estavam o ajudando.

Fui afastada do caso por envolvimento pessoal. Sentei na minha mesa e fiz a lista dos lugares que ele gostava, bem como os lugares que tinha algo haver com alguma mitologia, e passei a eles. Respirei fundo, eu iria encontrá-la. Sinos de igreja tocaram ao longe. Igreja. Templo da antiga religião. Antiga religião italiana, que cultuava Diana e sua filha. O templo no bairro italiano. De alguma forma eu sabia que ela estaria lá. Pedi para mandarem reforços, mas eu não esperaria. Dirigi quase às cegas até lá. Arrombei as portas e ele me esperava.

– Você me encontrou – ele sorriu.

– Onde está minha filha? – eu espumava de ódio enquanto o medo me corroía.

– Abaixei essa arma, Ann! Ou você nunca saberá.

Me rendi jogando a arma a seus pés. Repeti a pergunta. Ele saiu andando e eu o segui. Após vários corredores ele me levou até uma sala, com uma grande mesa no centro. Minha filha inconsciente, acorrentada em um canto, com os gêmeos a vigiando. Meu coração saltou, corri até ela, ela parecia ilesa, apesar de dopada. Os gêmeos me acorrentaram junto dela.

– Por que o estão ajudando? Ele contou o que fez com os outros gêmeos?

– Na verdade contei. Eu não os matei. Foi acidente. Eu me enganei. Achei que fossem os certos – ele falou calmamente.

– Do que está falando?

– Havia vários sinais. Mas ignorei o mais importante. Não se amavam da mesma forma. Um havia induzido o outro. Kim e Tom se amam de verdade. Tomaram a decisão juntos. Estão em perfeita harmonia. Perfeitos para balancear o mundo.

Ele pareceu achar que eu havia entendido algo. Não me importava. Ele era louco, mas eu precisava ganhar tempo até o reforço chegar.

– Se beberem do mesmo veneno vão morrer do mesmo jeito.

Jim começou a arrumar o recinto, gelei.

– Onde minha filha entra nessa sua insanidade?

– Ela é filha de gêmeos, nascida sob um eclipse. Ela é a escolhida. Escolhida pelos deuses.

– Se tocar...

– Não se preocupe – ele me interrompeu. – A hora dela não é agora, hoje ela só testemunhará... Está quase na hora... – ele olhou pela janela. – se preparem – olhou para os gêmeos.

Kim e Tom se sentaram na mesa horizontalmente em opostos um do outro, Jim acendeu velas, apagou a luz e esperou.

– Você ainda não me disse para que tudo isso! O que exatamente os *deuses* pediram a você?

– Esses dois jovens foram escolhidos para se tornar um com *Os Gêmeos*. – ele sorriu enigmático. Se virou e pegou um bule, eu sabia que ele não iria servir chá.

Tentei pensar rápido, medo me comprimindo, eu estava prestes a ver dois jovens se matarem, precisava acordá-los daquela loucura.

– Kim, Tom! Me escuta, eu sei que vocês querem ficar juntos e sentem que não há outro jeito, mas essa não é a solução. Jim não pode ajudá-los.

Ele despejou um líquido de forte cheiro em duas taças.

– Eu não entendo. Como vieram parar aqui?

– Tem um grupo online – Tom falou, seu rosto apagado na escuridão – Conhecemos Jim lá, quando fugimos nos encontramos com ele. Ele nos contou a verdade sobre nós. Mas ficamos assustados e fugimos.

– Então aqueles seres nos pegaram. – Kim completou.

– Pediram desculpas por fugir para Jim. – constatei.

– E eu os perdoei – meu ex-parceiro entregou as taças a eles – Agora, fique em silêncio ou terei de amordaçá-la.

Ele começou a sussurrar algum tipo de cântico em uma língua que eu não conhecia, que por si só era suficiente para me dar arrepios, as luzes das velas tremeram e um frio cortou minha espinha. Os primeiros raios de sol provavelmente se espalhavam no horizonte, dividindo o céu com a última luz da lua. Não havia mais tempo, não havia nada que eu podia fazer para impedi-los de se matarem, acreditando que seriam possuídos por deuses. Jimmy entregou a eles uma faca. Eles cortaram as mãos e encostaram corte com corte, enquanto meu parceiro psicótico continuava em seu cântico sinistro. Sua voz aumentou como um chamado, meu coração saltou. As taças foram entregues. “Não bebam!” eu queria gritar, mas minha voz não saía, algo me impedia, não só o medo racional dele, mas um medo ilógico que comia minhas entranhas. Eles beberam, deitaram lentamente como se fossem dormir. Então veio o silêncio. Desesperada esperei por eles começarem a convulsionar diante dos meus olhos, mas nada aconteceu. Meu coração parecia bater dentro de gelo, minha cabeça começou a zumbir, visão turva, um grito ecoo ao longe, minha respiração estava falha. Tentei enxergar a minha frente, os gêmeos convulsionavam, eu não conseguia encontrar Jim. Foi como se eu tivesse apagado por horas, eu pisquei e os gêmeos estavam se levantando lentamente, se abraçaram felizes, olharam ao redor reconhecendo o local, Jim se aproximou deles e disse algo, eles se

levantaram rapidamente e caminharam para a porta, Tom parou e virou para mim.

– Alex, manda um oi. Ele sente sua falta. Disse que se diverte com Pow. – sua voz soava como se tivesse água nos meus ouvidos, mas ouvi claramente, Pow nosso cachorro de infância. Eu não havia contado aquilo para Jim.

Kim se aproximou de mim sorrindo.

– Mulher de pouca fé – ela falou debochada.

Saíram porta afora, Jim abaixou a cabeça em reverência a eles e os seguiu.

Quando acordei o sol brilhava. Meu chefe estava na minha frente com minha filha acordada ao seu lado preocupada, a abracei aliviada. A sala, que estava repleta de policiais, fedia a algo forte, estavam com pressa de nos tirar da sala. Olhei para trás por um segundo, um último olhar no cômodo que me fizera sentir tanto medo, pareceria inofensivo a luz do dia se não fosse pelos corpos sobre a mesa. Gelei.

E no dia 13 de agosto, minha filha desapareceu.

Reflexo

Bianca Fernandes de Aguiar

O que me desperta toda manhã são os raios de sol e, às vezes, a vibração do despertador que fica ao meu lado na cama. É sempre violento o meu despertar. A luz forte da janela agride minha visão, mas não reclamo, é bom ainda ser capaz de enxergar os raios brilhantes.

Uma brisa morna adentrou o quarto bagunçado e amenizou aos poucos os efeitos da estrela dominante. Levantei sem muito ânimo. O despertador estava no travesseiro apontando silenciosamente que faltavam apenas 6 minutos para me acordar, mas a luz da manhã que entrou pela janela foi mais rápida dessa vez. Desativei o alarme antes que ele começasse sua dança vibrante. O espelho que havia em cima da escrivaninha me encarava, revelando meu rosto inchado e insatisfeito. Fiquei ali por um tempo, procurando em meu rosto qualquer coisa que pudesse suprir o vazio que o silêncio deixava.

Nunca fui capaz de ouvir e falar. Uma condição de nascença, os médicos disseram para meus pais. Bem, não me importava de não ouvir minha família. Sabia que, na maior parte do tempo, eles gritavam. Aprendi que, quando algumas pessoas gritam, elas ficam vermelhas, e suas veias saltam pela testa. Chega a ser engraçado como esses detalhes, tão ínfimos, se encaixam tão bem para as pessoas a minha volta. Eu aprendi a lê-los.

Sorri para o rosto do espelho, e ele me sorriu de volta. Que assustador este sorriso vazio! Mas, como é possível sentir a falta de algo que nunca tive? As maçãs de meu rosto doeram, denunciando que aquele sorriso não era real. Por fim, desisti dele. O vento que veio da janela ficou um pouco mais forte. Sem pestanejar, aproximei-me para aproveitar as maravilhas que meu tato poderia me proporcionar. De olhos fechados, o silêncio reinava absoluto. O vento suave tocou meu rosto, acariciando minha face como se tivesse pena. Abri os olhos. A primeira coisa que meus olhos alcançam é a janela da casa vizinha, vazia há alguns anos. Estranhei ao notar que a janela estava aberta e dentro da casa havia algumas caixas. Vizinhos? Não pode ser. A casa estava vazia há tanto tempo.

Então houve dor. Quase sem ar, percebi que algo agarrava meus cabelos curtos e me arrastava da janela.

Meu coração pulava no peito, e todo o sono se esvaiu, enquanto a adrenalina se espalhava. Um rosto furioso apareceu em meu campo de visão agora turvo. Minha mãe estava brava. O rosto perfeitamente redondo mostrava todos os sinais de fúria. Ela raramente vinha até meu quarto. A obesidade fez com que seu corpo se limitasse à poltrona ou à cama. Se ela veio até aqui, estava realmente furiosa.

Desesperadamente, usei minhas mãos para perguntar o que havia de errado.

Os lábios dela moviam-se inquietos e cuspiam palavras que eu nunca entenderia. Eles não se davam ao trabalho de me responder da forma como eu compreendo. Mais uma vez, desisti. Cambaleante, eu a segui pelo corredor até a escada. Ela andava devagar, como se a cada passo fosse ceder ao próprio peso. Minha mãe nunca foi uma mulher compreensiva, pouco importava se o filho era surdo e mudo, quando ela chama, alguém precisa atender; se o marido nunca estava em casa e o filho mais velho não fazia nada além de observar as meninas que passavam na calçada com um olhar faminto, sobrava apenas eu.

Sem saber qual era urgência dessa vez, apenas a segui. Descobri, logo em seguida, que ela só queria que alguém pegasse o pote de biscoitos que estava em cima do armário onde ela não o alcançava.

Eu terminei a escola ano passado, mas não entrei na universidade. Passo a maior parte do tempo na janela sentindo o vento suave da tarde. Agora, resolvi apenas observar a movimentação na casa ao lado. Apesar de haver tantas caixas, não vi ninguém por ali. Não sabia ao certo o que esperar dos vizinhos, mas deviam ser pessoas corajosas pra aceitarem aquela casa que estava caindo aos pedaços.

Continuei observando pela pequena fresta da cortina azul-marinho do meu quarto. O cômodo em frente ao meu estava com algumas caixas, mas não mostrava sinais de presença... até aquele momento.

Uma sombra se moveu dentro do cômodo e, com o coração disparado, tratei de me esconder, não quero que meus vizinhos achem que sou um pervertido como meu irmão. Depois do susto, devagar, voltei a espreitar pela cortina. Não havia nada, apenas as caixas. Por fim, desisti de saber mais sobre eles. Eu nunca fui muito insistente. Que diferença faria, afinal? Eu jamais falaria com eles. Subitamente desanimado, a única coisa que me resta é a cama, que me acolhe com gentileza. Agora não existe a brisa e nem a vista limitada da janela da casa vizinha, só o teto mofado e a lâmpada fraca. Há o silêncio também. Ele jamais se ausenta. Levo minhas mãos aos olhos, tampando-os suavemente. Meu coração dispara. Estou perdido no escuro. Meu tato se eleva a algo muito maior e sensível. Ofego. Deitado na cama é como se estivesse me afogando no vazio. A pressão que o colchão faz nas minhas costas parece cada vez mais intensa – Ou meu tato que se supera a cada instante?

Dizem que quando lhe falta um dos sentidos, outros são compensados. Não sei se acredito nisso. Sem minha audição, qual sentido se favoreceu? Até hoje não descobri, mas quando mergulho na escuridão, sinto meu tato borbulhar em êxtase enquanto o resto do meu ser se desespera.

Silêncio. Escuro. Vazio.

Com um grito que jamais sairia da minha garganta, girei pela cama e corri assim que senti o chão sob meus pés. Parei bruscamente, apavorado depois de trombar com meu próprio reflexo no espelho. Meu rosto estava contorcido em agonia. Banhado de suor, eu sofria pra respirar. O rosto no espelho se contorceu, dessa vez em um sorriso largo, que logo se transformou em uma risada sem som.

O medo é sublime. Não tem tática melhor pra me sentir vivo. Sentir o vazio daquela forma é desesperador, mas, ao mesmo tempo, me proporciona uma sensação de empatia com meu próprio corpo – Ou seria com o silêncio? Exausto, retorno pra cama, dessa vez pra descansar.

A última coisa que meus olhos alcançam antes de dormir é o despertador que repousa na escrivaninha. São 22h 54min.

Quanto tempo eu fiquei na cama?

Confuso, notei que acordei sentado na direção da janela fechada com cortinas. Olhei ao redor. Os raios de sol ainda não apareceram e o despertador marca 03h 41min da manhã. O que me acordou afinal? Suspirei. Estava quente. O calor se manifestava em forma de suor, que cobria meu corpo. Fui até a janela e abri as cortinas.

Que susto eu tomei!

Havia uma garota na janela da frente. Ela olhava pra mim – ou era pra minha janela? – e seus olhos escuros como o breu cintilaram ao me ver. Ela correu e sumiu do meu campo de visão.

Continuei ali, sem entender o que acontecia e com o coração palpitando. Quem era ela? A nova vizinha? Era jovem e pálida como um fantasma. Tinha cabelos longos e pretos. Ali, sem ela na janela, deu pra ver todas as caixas prostradas exatamente da mesma forma. Percebi que estava tenso. Que estranho acordar e dar de cara com alguém dessa forma!

No entanto, antes que pudesse relaxar, ela voltou. Estava com os olhos levemente arregalados e usava uma camisa branca. Em suas mãos, havia um caderno e um canetão. Ela rabiscou algo no caderno. Franzi as sobrancelhas. O que está acontecendo?

A menina levantou o caderno: OI, MUITO PRAZER. ESTAVA ESPERANDO.

Meus músculos enrijeceram tamanha era a tensão. O que, diabos, é isto? Ela me conhece? Mas, como? Estou confuso, mas ter a possibilidade de dialogar com alguém que não enxerga minhas limitações acendeu algo em meu âmago. Corri para a escrivaninha e peguei o maior caderno junto com uma caneta grossa. Escrevi, tremendo: OI, PRAZER! VOCÊ É A NOVA VIZINHA?

A menina sorriu. Uma fileira de dentes brancos e perfeitos. Levantou o caderno rapidamente: SE VOCÊ QUER ASSIM... SIM, SOU SUA VIZINHA.

O medo se esvaiu tão rápido quanto os raios de sol que entravam pela minha janela todos os dias. Sem pestanejar, respondi: BEM-VINDA. O sorriso dela não se desfez. Ela rabiscou no caderno, quase frenética. O curioso é que continuava olhando pra mim enquanto escrevia. Por fim, mostrou o caderno: SE EU GRITASSE, VOCÊ NÃO ME ESCUTARIA, NÉ?

Por alguns segundos, fiquei sem reação. Ela sabe que sou surdo? Minhas mãos tremeram quando fui responder. A letra carrancuda transpareceu minha insegurança: POR QUE ACHA ISSO? Ela continuou sorrindo. As maçãs do rosto dela pareciam cansadas como as minhas, o que tornava o sorriso um tanto macabro em meio à escuridão do quarto em que ela estava. Igual da última vez, ela manteve os olhos fixos em mim enquanto escrevia: POR QUE NÃO GRITA COM ELES? PUXA O CABELO DA SUA MÃE TAMBÉM. Ofeguei. Meu coração pulava dentro do peito. Fechei as cortinas rapidamente e joguei o caderno no chão. Inspirei e expirei, tentando me manter calmo. Espiei pela fresta da cortina.

Ela continuava lá, com o caderno levantado: VÁ ATÉ O QUARTO DELA. Arregalei os olhos e voltei a me esconder. Por que ela está dizendo essas coisas? Por que não para de sorrir?

Só tem um jeito de descobrir. Abri as cortinas e abaixei pra pegar o caderno. Quando levantei, ela estava com outra mensagem: SE VOCÊ NÃO FOR, EU VOU. Desesperado, escrevi o mais rápido que pude: VOCÊ NÃO PODE ENTRAR AQUI. Ela mantinha os olhos fixos nos meus, como se nem lesse os meus rabiscos. O sorriso estava tão forçado que me assustava. Ela levantou o caderno: EU JÁ ENTREI.

Meu coração dançava igual ao meu despertador de manhã. Rápido, vibrante e desesperado. Olhei para trás, buscando a porta do quarto. Estava fechada. Senti que se abrisse ela estaria lá. Sorridente e com as mãos brancas no cabelo da minha mãe. O suor gélido escorreu pela minha nuca e continuou pela minha coluna. Com as mãos trêmulas, escrevi: POR QUE ESTÁ FAZENDO ISSO? No entanto, ela não estava mais lá. Em desespero, corri até o quarto da minha mãe e, sem pensar duas vezes, abri a porta. No início, não vi nada além do breu, mas logo o ambiente se apresentou. Minha mãe dormia, ocupando a cama de casal toda. Meus pulmões falharam enquanto meus olhos se arregalavam. De repente, eu queria gritar, mas sair do silêncio não era uma opção.

Eu vi a mim mesmo, de camisa branca, ao lado da minha mãe, observando-a dormir... sorrindo. Meu próprio rosto me encarou. O sorriso forçado me fez pular de medo. O mesmo sorriso do espelho de manhã! Corri de volta para meu quarto. Ao passar pelo espelho da escrivaninha, eu gelei.

Ela estava lá. Dentro do espelho. Olhando-me, vazia. Meus olhos umedeceram, e as lágrimas escaparam. Um choro silencioso. Ela chorou

também, dentro do espelho. Meu coração batia tão rápido que me deixava sem ar. Em um ímpeto furioso, peguei o espelho e joguei-o no chão. Ele se quebrou silenciosamente sob meus pés. Mais lágrimas brotaram. Voltei para a janela. Lá estava ela. Dessa vez, sem expressão. Ela ameaçou a escrever, mas fui mais rápido: PARE COM ISSO. EU NEM SEI O QUE VOCÊ QUER.

Ela levantou a folha: EU QUERO O QUE VOCÊ QUER.

Eu sequer ouvia meu choro. O silêncio reina. Eterno e soberano. Baixei a cabeça. O que eu quero?

Ao encarar novamente a menina, vi que ela voltara a sorrir forçadamente. A face estava contorcida em um sorriso dolorido, e os olhos pareciam clamar por ajuda. Ela me encarava, quase desesperada. As lágrimas transbordaram sem pudor pelas minhas bochechas.

Respondi: EU ENTENDO AGORA. SÓ NO VAZIO PODEMOS VIVER DE VERDADE.

Ela desfez o sorriso, relaxando os músculos da face alva. Ela assentiu com a cabeça. As lágrimas rebeldes desceram pelo rosto dela também. Subitamente relaxado, fui até a escrivaninha e deixei lá o caderno. Escolhi cuidadosamente alguns cacos de vidro entre os que estavam sob meus pés.

Sem medo e decidido, optei por me sentir vivo. Com dois cacos de vidro digo adeus a minha visão e mergulho da escuridão total.

O vazio me acolhe. Ela me acolhe. Eu me acolho.

Meu tato se eleva. Há dor, mas não me importo.

Aqui, o silêncio reina absoluto e assim como na minha família, eu aprendo a lê-lo.

Sorri dessa vez sem vazio.

Estou bem agora.

Último encontro

Carlos Anacleto Viana

Encostada à janela de um ônibus, Alessandra observava as paisagens a chorar sutilmente, via as faixas brancas da pista, o quanto se movimentavam rápido, o mato parecia estar andando a uma velocidade surpreendente quando na verdade era apenas aquele motor que se fazia forte movimentando toda aquela estrutura e toda aquela gente. Estava ela usando uma blusinha regata preta, touca de lã cinza com seus cabelos para fora da touca, blusa de frio branca com as laterais das mangas cor de rosa com seu zíper todo aberto, bolsinha de alcinha pequena cor de rosa, calça social feminina preta e sapatinhos da mesma cor que a calça.

Alessandra era uma ruiva de olhos negros, cabelos ondulados, pele lisa sem marcas aparentes, de face toda aprazível e macia, vinte e seis anos de idade, um metro e sessenta e um de altura que gostava de deixar as unhas das mãos grandes, porém nunca as pitavam, apenas um suave corte para mantê-las lindas e uma base para fortalecê-las. Tinha uma pequena tatuagem de um anjo em seu ombro direito, uma voz doce e um jeitinho de garota sapeca que enlouquecia a maioria dos homens.

Lembrara ela das últimas palavras que lhe dissera Henrique seu amante no último dia em que se viram. “Não chore minha vida, isto não será um adeus ininterrupto, apenas vamos dar um tempo, sabemos que não estamos agindo corretamente e ambos poderão se prejudicar! Só quero seu bem e nosso caso está ficando complicado, Rose suspeita de nós, não há o que fazer a não ser afastarmos por um tempo, acredite, eu quero isto mais que tudo, mas... Temos que parar antes que alguém se prejudique”.

Olhava as pessoas dentro daquele ônibus conversando distraidamente, pareciam nem notar seu pranto, olhou mais à frente na esperança de ver se aproximava seu destino porém não viu nada, voltou-se para a janela e ficou a observar, desta vez as lágrimas caíram mais forte pois sabia que estava perto de deparar-se com sua mais cruel e triste realidade.

Limpou os olhos suavemente e por um instante lembrou-se de Lucas, seu mais novo e recente namorado. Ficou a preocupar-se pois ele não sabia de sua viagem, porém não seria nenhum segredo. Não tinha o que fazer, era mais forte que ela, apenas uma vez, uma última vez, está seria a última vez que se encontraria com Henrique.

Lucas era um rapaz revoltado com a vida que vivia a procura de encrencas. Aos seus dezenove anos foi preso por ser acusado de matar a cinco facadas, Danilo, seu primeiro namorado, um jovem que namorara por um ano e meio com a garota, ao fazê-lo pegou pena de quatro anos e cumpriu apenas três. Lucas de vinte e oito anos que desde a sua adolescência tentava namorar com Alessandra, dava sua vida por a dela, chegou a espancar garotos no bairro por sua causa, ficou contra seus parceiros de rua e família por falarem mal dela, ficava fazendo visitas

inusitadas a casa de seus pais e mesmo sem sua permissão buscava-a na escola, sempre se metia em seus relacionamentos alegando que teria que ser unicamente dele e de mais ninguém, porém seu coração se balançava por Henrique, sempre o desejou mas só conseguiram ficar juntos por um ano encontrando-se às escondidas. Henrique era casado com Rosemeire e já tinham uma filha de nove anos. Quando Alessandra o viu se apaixonou pelo seu jeito e sua postura de homem conservador.

Henrique era mecânico e havia iniciado sua carreira abrindo uma mecânica na pequena cidade em um galpão próximo à casa da moça. Ela já o conhecia antes e até chegou a presenciar seu casamento, o rapaz era como um da família. Três anos após seu casamento mudou-se para sua antiga cidade e só voltou cinco anos depois. Henrique um homem de trinta e dois anos de idade, rosto quadrado, pele clara, cabelos negros e lisos com uma franja de lado de olhos azuis, um metro e setenta de altura braços e peitoral fortes com alguns gominhos visíveis em seu abdômen, gostava de trabalhar sem camisa. As vezes ela levava suco gelado para ele por recomendações de sua mãe. Como começara com seu mais novo trabalho recentemente, não tinha ajudantes.

Henrique sentia grande carinho pela família de Alessandra e costumara a tomar café da tarde com sua família como era de costume, seu pai o tratava muito bem pois o conhecera e sabia que não tinha família por lá a não ser a esposa e a filha.

Alessandra cativava-se com o jeito brincalhão ao mesmo tempo com cara de sério que o homem tinha e a forma que a tratava. Acabaram se envolvendo e por mais que Henrique se julgasse fiel com a esposa, não resistiu aos encantos de Alessandra.

Oras e outras saía da sua zona de conforto e concertava algumas fiações na casa de seus pais sem lhes cobrar nada. De fato o vínculo com a família continuara cada vez maior e quando deu por si já estava envolvido aos beijos doce de Alessandra, a pobre moça por sua vez também não o resistia. Era o tipo de homem que mexia com ela, inteligente, forte, bonito, compreensivo e carismático. Sempre o amou e embora havia perdido as esperanças o inacreditável aconteceu. Começaram aos beijos de pois resolveram parar pois as coisas saíra de controle e quando acharam que tinham controle de seus corpos haviam se entregado ao prazer perdendo a noção do perigo, ele a pegou pela primeira vez em um automóvel que ficara de concertar na mecânica, nas outras oito vezes que ficaram foi no motel, apesar do conforto, a transa que mais marcou para eles foi aquela da oficina, ele havia fechado os portões e ali ficaram por quase uma hora, mais conversaram que fizeram sexo.

O ônibus em fim estacionou, seguiu a pé e ficou em um ponto de táxi a esperar, não demorara muito para chegar, entrou e ao chegar em seu destino avistou vários carros estacionados, pagou a corrida e seguiu, logo viu à sua frente uma multidão e aquele clima de tristeza no ar, os olharam

discretamente e seguiu para um casarão ao lado, foi andando e por onde passava mais pessoas, estas a olhavam com desdém, embora nunca haviam a visto. De uma certa maneira queria encontrar Henrique e sabia que ele se encontrara por lá e de uma forma ou outra iria vê-lo.

Era uma moça encantadora e por isso sempre teve pretendentes aos seus pés porém não tinha muito sucesso com os mesmos a pedra em seu sapato era Lucas, acabara por seus namorados desiludidos com ela.

Seu destino era cruel, vinha de três namoros mas todos tiveram fins trágicos pois todos acabaram em morte e de uma forma surpreendente não descobriam o autor dos assassinatos, quase sempre suspeitavam de Lucas mas sempre terminava por não ter provas e por este motivo não o prendiam.

Caminhou mais um pouco, olhou para a esquerda e logo avistou uma sala com pessoas de cabeça baixa e logo o viu. Lá estava Henrique deitado naquele caixão. Chegou e olhou-o incrédula, encostou um pouco mais e o analisou por alguns segundos, tocou em sua face e afastou-se novamente não contendo as lágrimas, repousou sua mão esquerda em sua boca e saiu em prantos, parou novamente e voltou a olhá-lo de longe, nem percebera que sua esposa o segurava pela mão de olhos lacrimejados e inchados. A família de Henrique havia exigido que o enterrassem na sua cidade natal.

Seu coração estava acelerado, em pensar que estivera com ele a dois dias atrás, parecia estar vivendo um pesadelo novamente, mas desta vez era diferente, o sepultado era seu grande amor aquele que esperou com tanto carinho para tê-lo, aquele que lhe propusera ótimos momentos de prazer, Henrique queria dar um fim em suas história e desta vez o fez, agora sim estava tudo acabado, agora o perdera de vez, a moça tremia descontroladamente, murmúrios relataram que seu corpo estava todo perfurado, poderia sentir suas dores. Agora Seu maior problema era Lucas, o rapaz havia descoberto seu caso com o falecido e por enquanto estava desaparecido mas não demorara para procura-la e sabia que sua reação não seria uma das melhores, ele era louco por ela mas será que suportaria está traição. Lucas era perigoso e tinha muita fúria em seu peito e estaria disposto a tudo.

– Vagabunda! Sua Vagabunda. Como se atreve? Eu sei que a culpa é sua. – Dizia Rosemeire vindo em sua direção apontando lhe o dedo.

– Você está louca! Não sei do que você está falando. Respondeu-lhe virando as costas. Alessandra sai evitando escândalos e vai para fora tomar um pouco de ar. Sentia-se confusa, pois exatamente a quatro dias atrás presenciara uma conversa de Lucas com Rosemeire e após isto tiveram uma terrível discussão onde o rapaz não a espancou por sorte, o curioso que o irmão de Rosemeire também estava desaparecido. Saíra ela dois anos de um relacionamento onde David seu último namorado havia terminado com ela, supostamente o rapaz não suportara as ameaças de Lucas mas este também não teve sorte e veio a falecer uma semana depois.

Alessandra saiu daquele clima tendo, com muita mágoa em seu peito pois pela última vez que veria seu grande amor não pode ficar junto dele, lembrara ela que Lucas após tê-la xingado bastante disse-lhe que desta vez se afastaria dela para não machucá-la. Pegou o ônibus e voltou para sua antiga realidade, aquela viagem lhe trazia tristes recordações, ainda tremia um pouco, ao descer foi caminhando pensando na viagem que fizera em vão, a felicidade era algo que pra ela não existia ainda mais agora com a perda de Henrique. Chamou um moto táxi que a levou até um bairro mais afastado, ao paga-lo saiu andando, um carro todo preto passa por ela lentamente logo a frente vira e volta novamente, parecia coincidência mas alguém a seguira. Pegou a touca da blusa e a colocou sobre sua outra touca, enfiou suas mãos no bolso da blusa e prosseguiu de cabeça baixa.

Aquele veículo não hesitava em segui-la e novamente passa lentamente e olhando-o de lado viu que era o irmão de Rosemeire, ignorou-o e continuou a caminhar de cabeça baixa, após adentrou em um beco estreito seguindo seu trecho, iria ver Lucas sabia onde exatamente ele estava e agora era hora de encara-lo. Pegou um declive e logo a sua frente uma cerca de arame farpado, passou por entre aqueles arames e seguiu em um pasto, novamente desceu em um terreno íngreme, atravessou um córrego, caminhou por uma trilha estreita e logo se deparou com uma casa velha abandonada, adentrou e lá estava Lucas todo furioso como se fosse estraçalha-la com os olhos, sua expressão era de susto e ódio ao mesmo tempo. O rapaz estava com suas mãos e pés presos a algumas correntes. Suas mãos estavam erguidas bem próximo ao caibo travadas por um pequeno cadeado que unia as correntes, seus pés presos a estacas de ferro com argolas e sua boca amarrada. Apenas lembrara que tomava uma bebida enquanto discutiam, depois despertou de um profundo sono e se viu naquele cenário horrendo com dores em sua cabeça e em todo seu corpo.

Alessandra puxa uma caixa de madeira que estava coberta por uma lona de caminhão e retira dela um punhal de quarenta centímetros e o leva rumo ao abdômen do rapaz, Lucas estava todo vermelho com sua boca amordaçada, tremia e suava frio, hora a olhava, hora olhava no punhal, se debatia rigidamente. Sentiu aquela ponta do punhal roçar-lhe o abdômen e ficou a observar aquela ação trêmulo. Tentou lhe dizer algo fazendo sinal com suas sobranceiras enquanto se contorcia.

– Não sou nenhuma descarga! Eu lhe disse que não gosto que me descartem e nem que terminem comigo. – Disse Alessandra em prantos enquanto lhe enfincava o punhal, sua voz soava ira e parecia exprimida.

Dois anos depois...

De sobretudo cinza com seus cabelos soltos jogados para a direita de pernas cruzadas, estava sentada em um banco de madeira em uma praça lendo seu livro... Alessandra, agora apreciara sua mais nova morada. Chega um jovem de roupa social com uma maleta preta ao seu lado...

– Olá señorita tudo bien yo estava por observar te y mí encantei con tu belleza, prazer soí el Pablo, puedo mí sentar a tu lado?

Alessandra deixou escapar um sutil sorriso de lado, o olhou e após voltou à sua leitura. Sem desviar-se de seu livro disse-lhe com aquele ar de garota sapeca.

– Não sei se sobreviveria por muito tempo ao meu lado.

Noite de embriagar

Carolina Schubert

Na saída de um lugar qualquer, avistei a dona daquele olhar. Distante do mundo, perdida no tempo. Imóvel, apenas agitava um cigarro num misto de impaciência e sedução. A noite abraçava a madrugada fria, e ela lá lindamente congelada. De paralisar!

Dentro de mim, desejos quentes a devoravam em silêncio. Cheguei mais perto, pedi fogo. Ela sorriu e rodopiou o isqueiro entre os dedos, levando a mão em minha direção. Unhas vermelhas, afiadas. Meus sórdidos pensamentos quase derrubaram o cigarro no chão. Chão onde eu queria mesmo desarmá-la. Já podia enxergá-la nua, despida de todos os pudores.

Além de fogo, aquela garota tinha poder em suas mãos. Poder sobre os meus sentidos. Poder sobre minhas cabeças que não mais conseguiam parar de me sugerir cenas pornográficas.

Ela acendeu outro cigarro como se pedisse: fica! E eu fiquei. Fiquei ali extasiado por ter a chance de admirar suas curvas reticentes, salivando desejo. Será que estava molhada como em minha imaginação?

Não me faltou vontade de pegá-la de jeito e deixá-la de quatro ali mesmo no meio da rua. Queria fazer da lua testemunha dessa paixão arrebatadora. Mas o taxi chegou e ela me lançou apenas um breve olhar de adeus.

Sem nem ao menos saber seu nome, me recolhi a passos largos em direção a casa. Da janela do quarto andar, admirei as poucas estrelas que ainda faziam companhia àquela noite de embriagar. Teria sido sonho?

De repente, a campainha!

Medo

Carolini Assmann

Abro os olhos, está tudo escuro, estou deitada num piso gelado, escuto gritos muito longe, sento devagar, minha cabeça dói, luzes acendem, olho em volta, uma sala vazia com uma porta que se abre, levanto devagar, me aproximo, saio, agora estou num corredor escuro, dou alguns passos, luzes se acendem, porta se fecha, dou um pulo, me aproximo da porta novamente tento abri-la está trancada, me viro, caminho no corredor, gritos ao fundo, choro, caminho mais, me deparo com uma enorme janela de viro, está tudo escuro, bato nela com força, luzes acendem, dou um passo para trás, sangue por tudo, mas nenhum corpo, barulho forte, olho para o lado, um homem entra usando um capuz preto, porta atrás dele se fecha, homem tira da cintura uma faca enorme, começa a dar passos largos em minha direção, corro, tento entrar na sala, porta não abre, viro, homem se aproxima e me corta com a faca. Acordo rapidamente e sento na cama, graças a Deus foi apenas um sonho.

Um caso de morte literária

Cesar Luis Theis

O despertador não parava de reclamar atenção, e eu não estava disposto a levantar, porém seus constantes protestos me impediam de pensar outra maneira de resolver o litígio, mais uma manhã cinza de um dia cotidiano, tomei um banho e depois um café, antes de sair escovei os dentes, a caminho do trabalho observava pela janela do carro, nada me parecia diferente, o trânsito de sempre, os mesmos sinais fechados e as músicas repetidas tocando no rádio, um pensamento fugaz, outro dia cotidiano se anuncia.

Cheguei ao trabalho no horário costumeiro, deixei o carro no estacionamento, desembarquei e caminhei em direção à entrada da delegacia, ao me aproximar como habitualmente fazia, investiguei o ambiente com um olhar, enquanto vinha em minha direção Mônica, nossa nova estagiária, estava agitada, passos apressados, seu intento era interceptar-me, parei e preparei o sorriso que acompanharia o bom-dia, enquanto imaginava o motivo do seu desassossego, mas, ainda era incapaz de desvendar o mistério que envolvia seus motivos, intimamente pressentia que não se tratavam de boas notícias... e em plena quarta-feira de cinzas.

Nem tive tempo de cumprimentá-la, Mônica me recebe com - vamos chefe, temos outro - talvez aquela frase até fizesse sentido, afinal estes são tempos bárbaros, e este parecia outro dia cotidiano de trabalho, seguimos ao centro da cidade, chegamos precisamente às 9h18min, alcei um olhar ao local, em frente a um sobrado no número 1006 da rua do Ouvidor, que contrastava com as outras construções arquitetônicas daquela rua.

A rua é era famosa, prostitutas, cafetões e traficantes, criaturas noturnas que se esgueiram sorrateiramente nas sombras do centro da cidade. Já havia investigado mais de uma dúzia de assassinatos naquela área, de certa forma que conhecia até alguns mendigos que perambulavam naquela vizinhança.

Mas, fui chamado à realidade, inicialmente mandar isolar a área, afastar os transeuntes curiosos, que sempre contaminavam a cena do crime, também jornalistas, sedentos por uma foto da cena para as famigeradas notícias do meio-dia, a presença da imprensa sempre complica a investigação de qualquer caso, e no caminho Mônica havia me informado, tratava-se de um escritor famoso.

Subimos pelas escadas de um sovino corredor, as paredes revelavam rachaduras dos açoites do tempo, pelo chão lascas de tinta, entrei e enquanto cruzava a sala avistei o corpo, estava sentado em uma cadeira de madeira sem pintura, bem em frente à máquina de escrever. O corpo estava debruçado sobre a máquina, onde não havia nenhum papel, o sangue que correu entre as teclas, manchou as folhas de papel sobre a mesa, e seguindo fez leito à procura de um destino, até formar uma poça ao lado da mesa... o cheiro era inconfundível, cheiro de sangue.

Quase como o prenúncio de um último insulto velado, o rosto estava coberto com uma máscara, me aproximei e enquanto me abaixava vi, era o coringa, especificamente o tradicional joker das cartas de baralho. Embora aquela fosse uma simples máscara, destas compradas em lojas de fantasias de carnaval, possuía um material de qualidade e acabamentos coloridos bem refinados, sem dúvida o material branco era porcelana, tinha adereços feitos de tecido e uma pintura colorida que guardava um estilo veneziano.

Continuei o escrutínio da cena, no centro o corpo mascarado debruçado sobre a máquina de escrever, os músculos rígidos, a pele pálida com tom amarelado-acinzentado, a cianose dos lábios e das unhas, o copo com uísque pela metade, a garrafa próxima à máquina de escrever ao alcance da mão direita, quase vazia, mostrando ser ele destro, não havia marca ao redor do copo, então bebia o uísque puro, pois se tivesse colocado gelo o suor das bordas do copo deixariam a marca circular na madeira da mesa.

Então, fui interrompido, o legista, vinha removê-lo, confirmou a identidade, registrou a temperatura do corpo, tirou várias fotos da cena e inclusive do revólver, preencheu o formulário padrão para depois fazer o relatório, então inesperadamente virou-se e fez uma inflexão acintosa carregada de ironia quase jocosa, - é doutor, aparentemente este foi suicídio, acho que foi o último carnaval do coringa - propositadamente ao mesmo tempo entregou-me a cópia carbonada do formulário com as primeiras informações pré-autopsia.

Era hora de recomeçar o trabalho de investigação, o perímetro da cena estava isolado, o corpo havia sido removido, as funções burocráticas cumpridas, geralmente preferia fazê-lo sozinho, afinal do que servem grilos falantes para quem quer resolver um enigma, Mônica também voltara para a delegacia.

Precisava interrogar a cena, idear ser o próprio suicida ou assassino, conjecturar os passos pela casa, dimensionar as ações, pressupor os movimentos, talvez presumir motivos e finalmente prognosticar a conclusão, afinal são os detalhes que respondem à pergunta - o que aconteceu? - e sabia que logo o caso seria notícia na mídia e a delegacia ficaria cheia de repórteres e suas intermináveis perguntas.

A sui generis a particularidade na dispersão da mobília pela casa, transmitia um sútil vazio melancólico ao visitante e o levava a examinar hipóteses sobre o inquilino, a indagação logo era elucidada pelas memórias que emanam dos singulares objetos acumulados, provenientes de uma reclusa vida literária, resumida em uma prateleira de troféus, todos empoeirados, porém, nenhuma foto de família, detentor de um espalmado saldo bancário e um pequeno sobrado no número 1006 da rua do Ouvidor... e é claro, antes que esqueça, aparentemente de um revólver.

Abri uma gaveta da escrivaninha, apenas com alguns extratos de uma conta bancária minguada, provavelmente não seria uma tentativa de sequestro que acabou dando errada, era um escritor famoso, mas

aparentemente não rico, nenhuma marca na poeira sobre os móveis que pudesse indicar a ausência de qualquer objeto, o dinheiro estava na carteira, estes excluía completamente a possibilidade de assalto, todos os objetos dispostos e ordenados testemunhavam que não havia ocorrido nenhuma briga recentemente naquele ambiente.

O copo de uísque era o único que não estava no lugar junto aos outros, a garrafa também tinha uma pequena camada de poeira, combinando como as outras junto aos copos do bar, que indicava que ele não havia saído para comprá-la, e que estava a um tempo considerável em casa, o que eliminava a possibilidade de alguém tê-lo visto pela vizinhança, também aparentava estar sozinho, pois não havia outro copo fora do lugar ou lavado.

Inicialmente, nada indicava alterações na cena, a linha do tempo dos acontecimentos estava coerente, mas, a perfeição realmente é que mais consome as certezas em uma investigação, afinal somos humanos, nossa natureza é para descuidos, pequenos desastres ou até eventualmente algum azar, qualquer que seja a ordem no caos sempre compõe um indício para suspeitas.

Novamente procurei entre as folhas grudadas pelo sangue seco, algum bilhete, pois os suicidas, deixam suas revelações na escrita derradeira, afinal todos fazemos algum alto juízo sobre nós mesmos, sobre um elementar altruísmo no acaso dos fatos do viver, inventamos um compósito existencial heroico que se sobressai às comezinhas e incongruências cotidianas da vida... e que assim, em caso de morte provocada, precisa do ponto final.

Mas, só encontrei páginas de um manuscrito manchadas de sangue, que estavam ao lado esquerdo da máquina de escrever, no título - A História de um Escritor Personagem - que naquele momento acabou por me causar considerável avocação investigativa. Peguei o manuscrito e procurei no canto da sala onde sentar, pressentia que deveria ler aquelas páginas.

Logo no primeiro capítulo fui surpreendido: Sim, suicidou-se, conto logo o final, pois não gosto de suspenses ou alimentar falsas expectativas, como estes tipos que ao escreverem escondem suas verdadeiras intenções entre subterfúgios literários, assim como faz a sorradeira morte com os mortais. E agora que sabes do final, que tu decidas, se te convém saber dos motivos, pois depois da morte nada a dizer, só existe o eterno inexequível silêncio, então só resta anteceder, afinal não foi assim sem mais nem menos ou por falta de coisa melhor a fazer que tirou a própria vida... e também não poderia fazê-lo sem um preparo cuidadoso, pois ninguém quer errar no último ato da vida.

Estava abarcado entre a realidade de um suicídio... ou talvez um assassinato... e a ficção de uma obra literária, que de forma perfeita se sobrepujam incessantemente, as cores das paredes, os objetos, a disposição dos móveis, o ângulo dos raios de sol matinais que cruzavam a janela de vidro incidindo sobre os objetos da mesa e produzindo uma

singular trama de sombras no chão da sala, gradativamente me percebia aprisionado em um universo incomensurável de sucessivos déjà vus, a ponto de não saber, se as frases atribuíam sentido à complexidade da realidade... ou se os objetos e fatos reais imanavam materialidade ao enredo ficcional do texto, permanecia alternando entre a condição de leitor, escritor e personagem.

Passadas cinco horas ainda examinava atenciosamente as páginas finais do manuscrito, a procura de uma pista ou prova contundente para a solução do caso, e entre as páginas encontrava detalhes: Posicionou displicente o revólver, o tambor estava completo, o dedo no gatinho, um último suspiro e o escarro fumegante da boca do revólver atravessou sua têmpora e até parar na parede, o corpo em um último movimento deitou-se sobre a velha máquina de escrever, que lhe ajudou a eternizar na literatura algumas alegrias e as mordazes tristezas, desafetos, saudades e decepções de uma vida de escritor.

Então concluí que o tiro deve ter produzido um estampido que ecoou entre as paredes para o estreito corredor e provavelmente chegou aos ouvidos de quem estivesse na calçada próxima ao sobrado, porém talvez ninguém transitasse por ali naquela hora da manhã.

Então analisei, não poderia ser a quarta-feira de cinzas data mais apropriada para pôr fim a uma vida, afinal realizará seu terminativo desejo de brincar o carnaval como se não houvesse amanhã, e para isso escolherá a mais apropriada das máscaras ao enredo da trama mortal: o coringa, que as multifaces tão bem simbolizam quem passou a vida inteira na gangorra entre realidade e ficção, escritor e personagem.

E dando prosseguimento, pois os fatos e o tempo na narrativa são absortos da vontade do narrador, no momento que saía do sobrado no número 1006 da rua do Ouvidor, estava convicto de que se tratava de um suicídio, porém, sai sem elucidar outra questão, se o manuscrito era um bilhete de suicídio ou se aquele suicídio era por si um plágio da história, afinal ainda ecoava na minha mente o título da obra: A História de um Escritor Personagem.

Lobos

Cicero Vasconcellos Crosariol

Nós estávamos seguindo norte pela direção que a estrada projetava à frente, talvez fosse a única via de asfalto em milhas, ia até o horizonte, este ansiado pelo carro que rodava em uma velocidade constante, cercado do pó da grande planície.

Eu, recostado no banco, dessa vez não dirigindo, fumava um cigarro com a mente longe em como seriam as próximas horas. Ainda que sentisse todo meu corpo dormente e desejasse mais do que tudo estar em casa, ajudando o velho, era possível sentir a avidez no ar que emanava dos outros que viajavam comigo. Agora com tempo para pensar, eu consigo imaginar que talvez eu tenha considerado a possibilidade de que algo poderia mudar dentro de mim nessa viagem ao entrar no carro, então cá estou. Graças a minha inabilidade de lidar com o clima a minha volta, recorria a manter o silêncio dos meus lábios e a atenção canalizada aos outros sentidos, imaginando em que momento seria necessário eu colocar o meu ponto na discussão que acontecia no banco de trás, entre os dois jovens que ajudamos durante a correria.

– Não, nós não vamos falar sobre isso, esquece que coisa!

– Você só pode estar assustada demais, é isso, é a única explicação pra tanta negação, a menos que seja imatura a ponto de não perceber o que acabou de acontecer.

– Imatura! Você não para de gritar sobre o que viu e o que não viu como se não estivéssemos fugindo da mesma coisa, continua pressionando a mesma tecla de que quer porque quer debater os porquês enquanto tudo que temos que fazer é continuar em frente.

– Independente, você não deve ter visto o que eu vi... Se tivesse visto, não estaria negando conversar sobre, e já que insiste em dizer que viu, eu só posso acreditar que você está fora de si, se for dessa forma eu preciso te pressionar ou vai ser pior mais tarde!

– Chega! Eu nem te conheço! Não quero falar sobre isso e fim de conversa, aconteceu o que aconteceu e vamos para o mais longe que pudermos.

– Esses são exatamente os problemas, não só aconteceu o que aconteceu, não se pode dizer isso de algo tão significativo... que rolou e é isso... Alguém que age dessa forma só pode estar enganado quanto aos fatos ou em negação para se proteger deles... E não é só, você acredita agora, mas não existe nenhum lugar distante disso, porque vai estar para sempre nas nossas cabeças.

– Ei, vocês dois, aí atrás, podem parar, tão discutindo há tempos já, tá tudo bem – Clarisse disse. Lhe passei o cigarro, ela trocou de marcha e ajeitou os óculos, carregava uma feição descontraída – Respirem por

enquanto, vamos chegar a algum lugar logo mais, confiem em mim. Vamos, falem seus nomes e calem-se, ordens da motorista.

– Ema.

– Tom.

E calaram-se, devem ter sido desarmados pelo bom humor, de qualquer forma não precisei dizer nada, ótimo, ajeitei meu cinto e fechei os olhos por um segundo. Ouvi uma voz me chamar de fora do carro, na estrada, e quando escutei eu reagi. Porém antes, durante esse um segundo, minha mente divagou em si mesma, levando minha atenção para suas raízes mais profundas. Divaguei sobre tudo e nada, vi diferentes formas de diferentes coisas, diversas faces se formavam e derreteram... Logo voltei, acordando para decifrar o que seria o significado de escutar alguém me chamando do lado de fora do carro. Ao olhar, nada, apenas a grande planície seca como sempre. Respirei e chequei os dois no banco de trás, Ema dormia, Tom encarava a estrada deixada para trás. Ao meu lado, Clarisse, percebeu a trajetória dos meus olhos terminar nela. Parecia que ia me repreender por dormir, por deixá-la dirigindo sem companhia.

– Que foi – Ela disse – Tá pensando em que?

Fui pego desprevenido pela vagueza da pergunta.

– Pergunta por algum motivo específico? – Eu respondi.

– Não, só achei estranho, agora a pouco você tinha apagado aí eu viro pro lado e você tá me encarando.

Deve estar só tentando puxar conversa, eu não a encarei, ao contrário, a olhei de relance, eu não possuía tempo para encará-la e manter a pergunta que estava tentando responder em minha cabeça sem solução.

– Entendo, está tentando puxar conversa - Afundei mais no banco de couro - Foi um sonho, tenho tido alguns diferentes há um tempo, são meio como um mergulho muito fundo no mar, mas não chego a passar pela experiência de respirar ou me afogar, pois em vez disso eu sou puxado de volta muito rápido.

– O que te puxou de volta dessa vez? – Estava mais séria, sempre achei que essas feições combinavam mais com ela do que comigo.

– Foi um lamento, algo como um chamado, não pude reconhecer de quem era, mas parecia vir de fora do carro, como se alguém precisasse muito da minha ajuda.

– É por isso que estava checando todo mundo? Pra ter certeza se mais alguém ouviu?

Assenti com a cabeça.

– A única questão que falta então é a de por que você queria puxar assunto, precisa falar sobre o que aconteceu lá atrás?

E desfez seu semblante preocupado para o clássico deboche saudável vindo do seu cabelo laranja, de seus óculos amarelos e de sua vestimenta preta brilhante.

– Não, eu tô bem, a única coisa que me preocupa é isso aqui – Deu dois toques com o dedo no medidor de combustível – Vamos ficar presos na estrada em breve, e isso é a primeira noite, cara... Não chegamos a sobreviver nem 24 horas por nossa conta.

De fato, em breve ficaríamos sem meio de locomoção. Não consegui retirar meus olhos do ponteiro, mesmo quando ele parou de se mexer durante a madrugada, eu ainda continuei hipnotizado pela situação que ele representava e pelo sentimento que me causava.

– Estamos sem? – Gritou Ema ao acordar – E agora?

– Exatamente, e agora? – Tom ainda observava a estrada.

Cada um dentro daquele carro reagiu de forma pessoal ao curto diálogo dos dois jovens: Clarisse já havia começado a diminuir o carro para encostar e foi motivada a fazê-lo por sentir que outra discussão iria começar; eu acordei da minha preocupação apenas para mergulhar em outra; Tom deu um riso sutil que não consegui interpretar o significado devido às inúmeras possibilidades; e Ema, esta avançou sobre Tom.

Aconteceu em um piscar de olhos, ninguém esperava por isso, disse eu tenho certeza, nem mesmo Ema deve ter considerado que chegaria a este ponto, mas lá estava ela, tentando enganar outro ser humano, no caso, Tom, que se debatia sem lutar.

– Parem! Parem! – Gritou Clarisse enquanto saía do carro na beira da estrada escura.

Eu também saí, achei que deveria. Ajudei a separar os dois, e ajudei a contar para eles que teríamos que andar o resto do caminho. Já era de manhã quando chegamos em um posto na estrada, nossos pés doíam. Observávamos Ema, a qual estava com os pulsos amarrados para que não fizesse nada do que se arrependesse depois e reprecendemos tanto Tom que este não falou mais uma palavra.

Não havia nada de especial nessa construção abandonada, nada além de corpos, então não tínhamos mais para onde ir, provavelmente em um raio de quilômetros. No momento que entendi o que tudo isso significava, senti o meu coração quase pular da garganta, olhei para os lados como se estivesse enxergando pela primeira vez. Pude ver tudo, as ondas de calor no horizonte, meus lábios secos e rasgados, a distância infinita que a estrada percorria para as duas direções, meu corpo e o concreto, todo quebradiço descascando até suas fundações.

Aqueles que estavam de pé sobre o posto quando Clarisse surtou, reagiram de suas formas únicas, uma última vez. Eu não pude fazer muito, ela estava do meu lado no momento em que perdeu a razão, infectada pelo discernimento de enxergar seu próprio destino. Então, depois quando ela se aproximou de Ema, esta estava incapacitada de fazer qualquer coisa que não gritar. Quem conseguiu escapar e, diga-se de passagem, por puro egoísmo, foi Tom, porque Clarisse permaneceu aonde estava até alcançar o destino que tinha visto para si e para nós, até falecer de sede.

Entretanto o jovem também não foi muito longe. Ele tinha visto muita coisa, mesmo antes do que aconteceu conosco, ele já era atormentado. Ainda que possuísse um apreço muito grande pela vida, suas armaduras foram pouco a pouco sendo destruídas durante a fuga, e no fim desistiu deixando-se para os lobos nativos da região.

O pérfido reflexo

Cleuza Silva de Almeida

Era uma manhã de sábado nublado na pequena cidade de Santa Madre, quando três amigas Julia, Rosa e Mariana resolvem ir a uma grande festa de jovens que iria ocorrer no dia seguinte, na cidade de Jordan, localizada a uma hora de viagem do pacato município onde moravam.

Ao se aproximarem da estrada que levava à cidade de destino das entusiasmadas jovens, surgiram densas nuvens que anunciavam a aproximação de uma forte chuva, e não demorou muito para que caíssem as primeiras gotas da dura tempestade, o que causou uma forte neblina na estrada. Por essa razão as amigas então decidiram procurar um lugar para se abrigarem para aguardar o temporal passar.

Em determinada parte da estrada, Mariana avista uma pousada e imediatamente comunica às outras garotas, em seguida Julia estaciona minuciosamente o carro, e em minutos as jovens encontram-se estabilizadas com a funesta pousada de estrutura antiga e ar sombrio, no entanto as jovens não tinham outra escolha, a não ser seguir para dentro do estabelecimento e fugir da chuva. Na recepção encontrava-se uma mulher um tanto misteriosa e de aparência assustadora, com a pele ligeiramente envelhecida e cabelos híspidos. Mesmo assustadas, as jovens solicitaram à velha senhora um quarto para que pudessem descansar um tempo enquanto a tempestade não passasse.

Uma das amigas percebeu que na recepção havia o número 97 fixo à parede, envolto a um círculo, o número era produzido de um material semelhante ao ferro e brilhava como ouro, tal objeto chamou excessivamente a atenção de Julia, que ficou intrigada em saber o significado do número, e de imediato perguntou:

– Senhora, o que esse número significa? – A menina fixou o olhar na recepcionista após indagar.

– Eles são nossos registros, garota, é uma longa história que você não vai querer saber. – A mulher respondeu grosseira e misteriosa sem dar muita atenção.

Julia assentiu, no entanto ficou ainda mais curiosa junto às suas amigas, mas não se encorajou a perguntar mais nada. Somente a velha senhora que por um momento olhou estarrecidamente para Julia e disse:

– Que cabelos lindos você tem jovem, e seu rosto é perfeito para mim, talvez ainda possa tê-los um dia. – Era perceptível um olhar malicioso da mulher enquanto pronunciava tais palavras.

Após tal manifestação da recepcionista da pousada, todas as garotas ficaram surpresas com o estranho elogio da mulher, Julia agradeceu arredia e se foram rapidamente para o quarto. A noite chegou e a tempestade permaneceu incessantemente, enquanto isso, as jovens já estavam relaxadas em suas camas, quando de repente começam a ouvir estranhos

ruídos e vozes que não sabiam de onde surgiam, se era da janela ou de qualquer outro lugar da pousada, o medo instaurou-se naquele momento, mas as meninas sem muitas possibilidades resolveram fingir que nada estava acontecendo e voltaram a tentar dormir, na ansiosa espera de que a noite acabasse logo e, juntamente com ela, a chuva que ainda despenhava-se no telhado do quarto. O ruído se fez presente novamente, mas agora o barulho vinha da porta, era alguém que estava batendo freneticamente. Até que uma das meninas se levantou da cama em direção à porta, e ao abri-la, surpreendeu-se com a velha senhora de aparência assustadora, oferecendo-lhes uma jarra cheia de água, e as jovens aceitam, no entanto estavam aterrorizadas com o clima sombrio que estavam vivendo, e resolveram não beber a água. Mas Julia encontrava-se com sede e falou para as suas amigas que elas eram medrosas e bobas, em seguida bebeu da água e se deitou para dormir.

No meio da noite Julia acorda ao ouvir uma voz chamando-a, é uma voz calma e serena, como um canto, a jovem segue aquele doce e encantador som até a área nos fundos da pousada, um quintal escuro e macabro. Já em meio à escuridão, Julia só consegue enxergar um círculo desenhado no chão, no qual ela se encontra dentro, sem entender o que estava acontecendo a jovem percebe alguém vindo em sua direção, uma mulher toda de preto, com as mãos ensanguentadas, a menina tenta gritar mas está muito fraca e atordoada para que consiga expressar um minucioso grito.

Houve-se ao longe lamúrias do que se representa ser um animal, do qual é impossível de se identificar a espécie, e em um curto período de suas imaginações, Julia, naquela fria noite, sente um transfixar leve e queimante em seu pescoço, um líquido quente e vermelho lhe invade, unido de uma dor passageira. A misteriosa mulher vestida de preto autora da cruel atrocidade é um ser envelhecido, que mesmo depois de seu ato cruel e frio, provoca outro ainda mais ediondo, pois desfigura o rosto da moça e arranca os seus belos cabelos, para que assim o ritual iniciasse e com ele obtivesse o retorno à juventude eterna.

No quarto as duas outras garotas estão a dormir, mas por um momento Mariana também começa a ouvir vozes na perturba e a provoca um desconforto que faz a menina gritar tão alto que Rosa desperta perguntando o que lhe aconteceu, até que ambas sentem a falta de Julia, e começam a procurá-la desesperadamente.

A longa noite acaba e a manhã chega e nada de informações de Julia, nesta ocasião, as jovens percebem a falta da senhora dona da pousada, e então continuam procurando por Julia, e pela mulher também, na esperança de informações. Durante as buscas as amigas encontram a velha senhora sentada atrás do balcão da recepção, mas agora de um jeito muito estranho, pois a mulher se olha incansavelmente em frente ao espelho, repetindo várias vezes:

– Agora falta pouco, muito pouco para ser bonita novamente, meu cabelo está pronto. – E então a senhora pergunta às jovens:

– O que acharam do meu cabelo, ele não está lindo?

As amigas ficam assustadas, sem saber o que fazer, pois a velha senhora está com o mesmo cabelo hípido e descuidado do dia anterior. Apavoradas as jovens chamam a polícia.

Quando a polícia chega para iniciar as buscas à procura de Julia, os mesmos começam a interrogar Rosa, Mariana e a velha atendente, que repete varias vezes:

– Não vi ninguém, não sei de nada, somente sei que me falta pouco.

Todos começam a suspeitar da estranha atitude da mulher, e a polícia a leva detida, porém ainda não há provas, e nem confissão, apenas suspeitas. Por isso o delegado resolve interrogar a mulher diante de seu encantamento com o espelho e começa com as perguntas:

– Senhora, você pode me falar como seu cabelo está bonito? Descreva-me. A mulher começa a descrever os seus cabelos parecidos com os de Julia. Todos que estavam no local ficam intrigados e continuam o interrogatório.

– E agora a senhora pode me descrever seu rosto como o está vendo no espelho?

– Meu rosto ainda não está pronto, mas estou quase lá! – E a mulher descreve o nariz e a boca com os mesmos traços do que os de Julia. E mais uma vez o delegado ainda questiona:

– Senhora, o que falta para o seu rosto ficar ainda mais belo?

– Eu só preciso de duas, apenas duas garotas, já possuo as 98, e somente com mais duas serei jovem novamente e com ainda mais vida.

O delegado percebe a loucura da mulher, e já tinha a plena certeza de sua culpa, entretanto, uma dúvida lhe perturbava, onde estaria Julia? E se estava morta, onde estaria o seu corpo? O delegado então pergunta à mulher sobre o paradeiro da jovem.

A mulher em sua plena loucura e encantamento afirma:

– Os meus tendeiros heróis famintos irão deliciar-se dessas partes que não me servem.

Gostoso demais

Cleidirene Rosa Machado

Era noite de São João e meu fiel enamorado Guilherme estava ali comigo. Dançávamos quadrilha ao som de marchinhas dedicadas aos santos juninos. Eu e ele rodopiávamos em meio aos passistas da noite e a multidão. Meu vestido xadrez rodado subia o saiote ao momento em que pediam para entrar no túnel rente ao chão.

Ao final da última dança não pude conter a vontade de provar mais um beijo da boca de meu Guilherme, aqueles lábios carnudos que se mostraram pra mim a noite toda e mesmo sem palavras, pareciam estar pedindo para que chegasse mais perto.

– Sonhei com esse beijo a noite toda, meu querido.

– Eu também senti vontade de ter minhas mãos mais perto de você, mas dançar quadrilha na noite de São João valeu a pena. Foi uma festa linda.

– Sim. Inesquecível. Pra terminar a noite eu agora só queria uma pipoca, um pé de moleque, uma pele pururuca, dois quentões, um frango assado....

– Calma, Juliana, de onde você tirou todo esse apetite? Vai passar mal.

– Estou com fome.

– Vamos então ver essas coisas...

O Guilherme comprou tudo o que eu pedi pra ele e fui matando a vontade de provar o sabor junino com aqueles sabores deliciosos. Após me sentir satisfeita eu e Guilherme fomos para a minha casa, quando chegamos lá, estava tudo tão silencioso que eu e meu namorado dormimos em pouco tempo depois de nos copular.

O meu sono foi leve, o de Guilherme nem tanto. Acordei no meio da noite e pude notar o corpo desnudo de Guilherme junto ao meu. Aquela noite realmente foi inteiramente gostosa.

Em meio a luz das estrelas que entravam pelas frestas da janela, eu continuava a notar todo o corpo delineado de meu namorado, aquele bumbum macio, aquelas pernas bem trabalhadas na academia de musculação. Naquele momento não pude olhar muito bem para o peito bonito e másculo que ele sempre teve, mas eu fechava meus olhos e podia ver também.

Em meu íntimo eu podia sentir o cheiro daquele homem, o toque das minhas mãos e foi quando em meio a tantas observações eu me lembrei da receita de pernil assado que eu vi no site de culinária. Aquela carne um pouco embranquecida que fora assando aos poucos e mesmo que eu não conseguisse sentir de perto eu imaginava tudo.

Olhei novamente para Guilherme, era um pernil tão bem feito e provavelmente muito saboroso. Eu queria somente um pedacinho, um pequeno bife para experimentar o sabor daquele homem misturado à salsa, cebola pimenta do reino e limão.

Guilherme sempre disse que me amava e quem ama aceita aquilo que o outro deseja e não faz objeção. Eu ia fazer as coisas da melhor forma, aquela noite seria memorável.

Olhei na minha caixinha de medicamentos e vi ali uma pomada anestésica muito potente. Meu querido Guilherme continuava dormindo e o seu lindo corpinho estava olhando pra mim. Pensei em retirar um pedaço de seu bumbum, mas notei que talvez a cicatriz não ficasse muito bem-feita, então me decidi por um pedaço das coxas dele.

Fiz um recorte muito bem feito nas duas zonas erógenas do meu namorado, os dois cortes com as mesmas proporções de tamanho e profundidade. Não saiu muito sangue, me certifiquei que estivesse tudo muito bem limpo e cirúrgico.

Guilherme continuava dormindo, ele não sentiu dor. Fiz compressas para fechar o ferimento, curativos bem feitos e guardei o pedaço de carne no meu freezer para que ele não desconfiasse de nada. Eu esperaria ele ir embora para começar a receita de um prato gourmet muito gostoso.

Já de manhã Guilherme lembra:

– Juliana, meu amor, eu não estou me sentindo bem.

– O que houve contigo? Você parece bem.

– Minhas pernas, eu estou sentindo muita dor.

– Onde?

– Aqui atrás.

– Talvez seja a academia.

– Eu vou embora pra casa.

– Tudo bem, sua mãe deve entender melhor das dores que você está sentindo. Me ligue.

Guilherme saiu pela porta e eu fui para a cozinha temperar minha carne, eu estava muito ansiosa para provar logo daquele sabor que só meu Guilherme tinha. Estive tão nervosa que antes mesmo de levar para assar eu experimentei a carne ainda crua, como se fosse uma porção de carpaccio temperado e delicioso.

Quando eu já notava a mistura de temperos em meio a carne de Guilherme, o meu amor entra novamente pela porta que eu havia deixado aberta. Guilherme olha pra mim e reconhece as cores bronzeadas da carne e a sequência em falta nas coxas dele próprio.

Meu amor estava furioso, me olhava com os olhos que eu nunca havia visto antes e então a única coisa que pude fazer foi esconder um punhal afiado junto a uma de minhas mãos. Aquele mesmo punhal que havia me ajudado a retirar o pedaço de carne que eu queria.

No momento em que Guilherme veio enfurecido tentar me golpear, eu fui mais esperta e apenas ergui o punhal frente ao coração dele. Meu amor caiu diante de mim, agonizante e logo perdeu todo o sopro de vida.

Eu olhei para Guilherme e por um momento me senti triste. Ele estava caído na minha frente, tão lindo como sempre e provavelmente, tão apetitoso como aquele pedaço de coxas que eu havia retirado dele.

Eu removi todas as roupas do meu amado, retirei todo o sangue e então passei a separar os ossos da carne. O procedimento foi lento, trabalhoso, mas com muita paciência consegui armazenar toda a carne no freezer e daí poder me alimentar dele o mês inteiro.

Ao final de tudo, olhei para o prato que estava em minha mesa e sabia que era o último pedaço dele junto a mim, o sabor parecia o melhor de todos. Eu quis comer a última refeição aos poucos e uma taça de vinho tinto me ajudava a finalizar aquele ritual dos deuses.

Continuei a tomar o meu vinho, uma música de fundo e tudo ao meu redor em plena sincronia, senti minha alma se aquecendo e quando olhei no espelho pude notar meus olhos com um brilho muito diferente.

Sentei-me no tapete do meu quarto e dali pude ver que me sentia confortável. Eu podia ver bem de perto a mesma caixinha de medicamentos que havia usado para fazer curativos em meu Guilherme.

Naquele momento, era como se eu tivesse comido algo estragado ou a sensação de que tivesse com algo na minha barriga, poderia até mesmo ser um bebê, estava se mexendo. Fazia reviravoltas constantes e eu mal conseguia respirar.

Olhei pra mim mesma, eu não me sentia nada bem, parecia que eu ia explodir com tanta estranheza. Quis pegar ali um medicamento para o estômago, mas tudo parecia muito longe do alcance de minhas mãos.

As sensações estavam aumentando e agora eu já sentia que outras partes do meu corpo também estavam enfurecidas. Eu não sabia o que era, o porquê de tudo aquilo, tudo foi muito rotineiro aquele mês.

Deitei-me no tapete do quarto e fiquei ali por horas e horas, sentindo a dor tomando conta de todo o meu corpo, me senti sufocada, não podia falar ou me mexer. Pouco a pouco pude notar a minha pele se desenhando em fendas e por ali, despendia-se o meu sangue ainda quente.

– Guilherme... Será que é você? Será que veio me levar para perto de ti? Está doendo muito. Será que mereço tudo isso? Uma anestesia...

Não houve nenhuma resposta, apenas o vazio do silêncio que pouco a pouco auxiliou o final de Juliana. A carne crua da moça de Guilherme foi se desprendendo dos próprios ossos e ao final de tudo foi como uma explosão de nervos, vísceras e dejetos que sujaram todo o quarto da casa daquela moça faminta.

Causando para o peregrino

Cláudio D'Amorim

“Oh, Mestre do universo dos sonhos! Absorva nossa gratidão por meio desse incenso e agrupe-nos sob teu arbítrio. Heil”. Em seguida o corpo é incinerado.

Gehim, deus núbio peregrino, associado às longínquas terras do Sul, é adorado em sua forma humana com cabeça felina. Após 400 anos o culto revive. Em 1999 a oferenda será especial: crianças.

--

No dia 28 de agosto de 1998, sexta-feira, 15h, a secretária chama no interfone avisando que uma pessoa busca informações sobre um paciente não identificado.

—Vou recebê-la, mande entrar. Uma jovem adentra o gabinete.

— Sim. Em que posso lhe ajudar?

— Sou Simone Lustosa, advogada. Por favor, leia essa carta, Senhor Diretor.

“... o mundo não me compreende, por isso não vale a pena viver. O asilo guardará meus quadros. É de vocês. Godô”. O Diretor cora e devolve:

— É de um ancestral da família que represento, desvanecido em 1966. Era inspetor da Light. Um ano antes estava com sua equipe e foi intimado por meliantes a reparar danos elétricos n'outra parte da comunidade. Ao se recusar recebeu violenta paulada na cabeça. Após a alta voltou ao trabalho. A pancada, porém, afetou o cérebro, quando chegava a casa sentia tonteiras e dizia palavras sem nexos, depois entrava em surto psicótico. Foi internado como débil mental. As informações me foram passadas pela única filha. Seria transferido daqui para um asilo, mas nunca chegou lá. Essa carta foi encontrada pela família há pouco tempo.

— Claro! Sente-se. - abre a gaveta EFGH do arquivo:

— Temos aqui, Godovino Parelha. Ocupação terapêutica... Pintor... É esse?

— Ele mesmo. Passou a pintar desvairadamente com o aumento da insanidade. Seus quadros devem valer algum dinheiro. Há bisnetos esperando recursos. Esse é o interesse da família.

Helmut do alto dos seus sessenta anos estava pasmo tal a desenvoltura daquela mulher à sua frente. Começa a achar graça não sabe de quê. Olha para o interfone, vê a luzinha suspeita e aciona o aparelho:

— Dona Constança, a senhora já pode ir. Eu me encarrego de fechar tudo.

A secretária, apesar das frequentes crises que lhe modificavam o ânimo - ressentia-se pela deficiência física que tinha em um dos pés - era competente na maneira peculiar de lidar com Helmut. Como também era aflita por confidências e indiscrições, já não era boa para guardar segredos.

--

De ascendência germânica, baixa estatura e óculos de grossas lentes, o Dr. Helmut era um misto de vaidade, superstição e nervosismo, estabelecendo em si uma brutal confusão de ideias e sentimentos. O que muito o afligia era andar com as pontas dos pés viradas para dentro. Psiquiatra, seu livro favorito: "Os gêmeos de Mengele" no original alemão. Assumiu a Fundação Anton Kiefer para Portadores de Transtornos Mentais em 1963.

--

O conjunto era composto de um prédio para abrigar as atividades terapêuticas e um pavilhão administrativo. Conservava uma oficina de artes visuais, salas sem claras destinações, escadas que davam a lugar nenhum e uma portaria com vigilância. A fonte do jardim trazia suavidade àquele inquieto ambiente. Entretanto, antes que a primavera abrisse flores, uma chuva feroz cai no Estado e alaga tudo.

--

Uma viatura policial, em 29 de setembro, 14h, chega ao Complexo. Procuravam o diretor para esclarecimentos. O médico não era visto com frequência na Entidade, entretanto sua secretária desconfiava de seu paradeiro e ardidamente o revela, insinuando que a Administração entendia bem de desaparecidos, pois dois internos viveram a mesma situação. Pediu sigilo pelas informações que prestava, porém estas acabaram vazando.

Dias depois uma intimação entregue no endereço obtido foi ignorada. Havia de parte da Polícia vivo interesse que fosse esclarecida a estranha desapareição da causídica.

O Departamento acabou revirando não só o caso do pintor, como também o caso de Filomena Pachis, uma desmemoriada sumida em 1978. A paciente teria passado desnorteada pelo portão da frente e foi vista quando perambulava numa esquina, a uma quadra do hospício. Os socorristas informaram que a interna sofria de amnesia e era epilética. Parentes envidaram esforços para encontrá-la, mas nunca voltou. Segundo a apuração ninguém podia ser incriminado. Um caso sem pistas. Agora vasculhavam informações sobre isso também.

A investida policial repercutiu negativamente junto à Instituição mantenedora. Por isso realizou-se em 02 de outubro a reunião do Núcleo de Medicina para discutir a nova perspectiva que envolvia a Fundação. No dia 13 o Doutor foi destituído.

--

O médico teria se deixado dominar pelo uso dos narcóticos que bem conhecia, o que indicava estar ele gradualmente perdendo o controle de seus nervos e reações. Seu estranho comportamento o levava a descontrolar-se, às vezes manifestando ruidosa euforia. Excedia-se no uso de morfina para viajar ao 'mundo dos sonhos'. Com isso se alongava perante os sectários da 'Confraria da Nona Ordem', que tem como dogma o alheamento do plano

material, venerando o entorpecimento da razão. Desse modo tentava a coesão, bem como, atingir a plenitude quimérica.

Uma personagem de alta eloquência angariava esteio na hierarquia cultista. Seu protagonismo norteava os prosélitos na busca do bem comum, todavia sua meta era o poder total, em oposição a Helmut. Considerava que a humanidade era incapaz de entregar-se voluntariamente a um universo onírico, daí a razão de ‘todos os males’. O ano dedicado a Gehim focaria essa premissa. A morte não era o fim, mas a redenção suprema para o mundo ideal: a Nona Dimensão, o símbolo das nove pontas. O ‘guru carismático’ sempre fora Helmut e o livro básico “Hipnomania: Vida Iluminada de Gehim” tinha como autor H. Klein.

A sacerdotisa grafava notas em colorante carmim e seu rosto nas cerimônias era coberto por uma máscara de couro, de modo que toda a face ficava oculta, exceto os olhos e a boca.

--

Por volta das 13 horas do dia 21 de outubro Constança, sobraçando prontuários, ganha a esquina em direção ao imóvel. Estava acompanhada de uma funcionária. Ambas são vistas por Helmut que se pôs a rondar pelas proximidades do imóvel, esperando uma oportunidade para tentar recuperar objetos das salas secretas. Na hora havia apenas um vigia. O inquieto doutor espera o guarda se distrair e entra sorrateiramente. Encontra a ajudante, que se perturba com a presença inesperada do antigo patrão.

O vigia ouve ‘*Socorro!*’ e vai conferir. Encontra a moça caída, com uma toalha passada no pescoço com a qual o ex-diretor tentou estrangulá-la. Engasgando, apesar da dificuldade de se fazer entender, consegue dizer que o doido fora ao enalço de sua chefe. O vigia pega o porrete e vai atrás.

Constança não ouviu o médico chegar e ao se voltar, se espanta. O médico de fisionomia sinistra resmunga algo. Seus olhos azuis piscam atrás das lentes, desordenadamente. Vem então com a conversa de sonhos, hipnose... Falava arrastado, se aproximando, e obviamente a mulher nada entendia. Teme, portanto, a presença do doutor. Sua atitude apavorante a exorta a sair da sala. Tenta fazê-lo.

Asas enegrecidas de despeito invadem, então, a alma maléfica do bruto. Traído, sem honra, sem glória e prescindido nos preparativos do culto a Gehim.

Preso da fúria insana puxa a seringa hipodérmica que trazia na cava do colete e avança, obviamente tentando atingir Constança. Esta joga em cima dele uma resma e lutando do jeito que pode se desvencilha, procurando uma rota de fuga, berrando por ajuda. Não pode correr, mas tenta chegar à porta que dá ao corredor, porém sua bota esbarra numa pesada cadeira e provoca a abdução do membro, o que a faz perder o equilíbrio. Sente dores. Procura apoio com as mãos e tenta se erguer, porém é alcançada por Helmut, que então lhe vibra um golpe que atinge a bolsa que ela levava a tiracolo, quase

acertando a cavidade do tórax. Eis que o vigia chega a tempo de ver o médico levantar o braço outra vez para desferir o próximo golpe, agora visando o pescoço de Constança. O guarda se atraca com ele impedindo a segunda tentativa. O velho, de constituição baixa, é dominado pelo guarda, que lhe aplica um mata-leão. Constança se restaura, consegue se levantar e busca ir para longe, encontrando a auxiliar que corria ao seu encontro. Os homens vão ao chão, o velho larga a seringa e enfia a mão no bolso da calça. Retira um aerossol e asperge no rosto do segurança, que o solta, então sai correndo em direção à saída, não sem antes esmagar a ampola com seu salto carrapeta. Desce a escadaria e desaparece. Agora é foragido. Com mandado expedido para captura.

O velho psiquiatra tornou-se uma perigosa incógnita. Com as diligências, retirou-se para sua propriedade em Itaocara. Desistiu da carreira e foi-se afundando num mar de entorpecentes. Com a casa suburbana vigiada refugiou-se no interior, de lá saindo no dia do atentado, e lá permaneceu até que cercaram o sítio. Na noite do dia 31 de outubro foi levado preso.

--

O diretor psiquiatra foi o responsável por acompanhar Godovino quando este saiu da Fundação em 04 de agosto de 1966 com destino ao asilo. A verdade ditada pelo médico é que o paciente sofria de esquizofrenia e era submetido regularmente a terapias por choque insulínico. Assim, em estado de torpor, deixou-se levar pelo médico até o carro, deitando no banco traseiro: *“Quando começou a recobrar os sentidos estava no local onde realizamos outros ritos. Tentou sair, mas seu estado mental não ajudava. Depois resolveu dar um basta e surtou, foi quando tentamos recursos de hipnose. Não podíamos fracassar. Então, não tendo a resignação suficiente para aguentar aquela rejeição, realizei a trepanação para liberar a pessoa dos demônios e espíritos ruins. Ele não resistiu”*.

Quanto ao caso de 1978, diz: *“Aconteceu em maio. Fui eu que facilitei a saída de Filomena. Ela tinha passado pelo procedimento de lobotomia. Isso provoca a debandada de parte das emoções e pessoas agitadas se acalmam como se tivessem tomado tranquilizantes. Depois a peguei na esquina e levei à Confraria. Já era noite, noite profundamente triste pra ela e excitante pra nós, quando, após beber a substância adicionada ao cálice, ela cambaleou em direção ao altar com as mãos comprimindo o ventre. O veneno encurtava sua vida. Nós testemunhávamos e aguardávamos a moribunda jazer em honra ao nosso Mestre. Quando a agonia parou, meus dedos apalparam a carótida. Estava completo o desfecho. Os irmãos se cumprimentaram e se dispersaram. Eu fui para casa”*.

O Delegado, diante da imperturbável confissão, concluiu que a mórbida insânia emocional de um homem desajustado motivou as duas tragédias. Sobre o desaparecimento de Simone ele se recusou a falar. Os investigadores não encontravam a ponta da linha.

No inquérito aberto o responsável o enquadrou no crime de tortura, com abusos de crueldade, o que dificultaria sua soltura por serem inafiançáveis e imprescritíveis os homicídios dolosos com essas características.

--

Em 17 de novembro uma segunda ligação ao Disque-Denúncia reforçou um pedido de urgência. É que emanava dos fundos do Complexo um fétido insuportável. Descobriu-se que vinha de uma sala de difícil acesso, com grossos cadeados, e que foi devidamente arrombada. Lá estavam um altar e um forno para incineração de animais e também os cadáveres de nove gatos, sem as respectivas cabeças. Na parede, um brasão e um arpão envolto por uma pata mumificada, apontavam para o escopo do local: a idolatria.

A autoridade acionou o Centro de Controle de Zoonoses e se retirou, levando um frasco com uma substância suspeita, que depois a Perícia identificou como cianeto de potássio, misturado com formicida, além de dois braceletes banhados a sangue. D. Constança alegou nunca ter tido acesso à Ala.

--

Na Detenção, sofrendo com a abstinência, o criminoso atenuava seus delitos, ora murmurando fatos da sua vida, ora dizendo ser assombrado pela voz que lhe dizia “coisas do além”, o que lhe dava desejo de morrer.

– Mestre, estás aí? Desculpe, não estarei no teu aniversário.

Em 27 de dezembro é encontrado morto. Enforcado.

Dia 30 de dezembro a Polícia é chamada em Itaocara. Um passarinho encontra um embrulho, mais ou menos volumoso, e não tem coragem de abri-lo. ‘Podia ser um ‘despacho’, pensou... Outras pessoas chegaram. As hipóteses em torno do que continha o embrulho, que por sinal estava tinto de sangue, variavam. Os adeptos de que aquilo era um feto igualavam-se com os que acreditavam tratar-se de gado morto. Cautelosos, enquanto curiosos espichavam o pescoço, dois policiais pegaram o embrulho. No momento culminante, foi aberto. Eram ossos. Humanos.

A Perícia conclui que a morte ocorreu há pelo menos três meses e que as pegadas encontradas na estrada barrenta, que levava à ossada, são de duas pessoas: uma, de pés virados para dentro e outra, que manca e usa bota ortopédica.

Hora marcada

Cris Dakinis

Eugênio apressava Luísa, que contrariada com a impaciência do marido, desistiu de trocar de bolsa novamente. Eles chegaram cedo ao consultório e subiram uma comprida escada até alcançarem uma larga porta de grades que separava os degraus da sala de espera. Podia-se divisar através das grades a porta do consultório fechada. Eugênio estranhou. *Confundira a data ou hora da consulta?* Ele consultou o bloco de notas: dados corretos. Precisavam aguardar... Cansados, sentaram-se na escada mesmo. Como não havia mais ninguém, puderam esticar as pernas ao longo dos degraus e relaxar. Foi então que Eugênio decidiu recostar-se à porta gradeada e ela se abriu.

– Ora, estava somente encostada! E nós aqui, feito dois bobos sentados do lado de fora.

Entraram. À recepção também não havia ninguém para lhes atender e a porta interna do consultório estava fechada. No entanto, ambos ouviram uma voz lá dentro, e parecia ser a do médico conversando com algum paciente. Ficaram aliviados... O doutor Rômulo já havia chegado então. Sentaram-se, e dessa vez, nas poltronas. Aguardaram. Luísa mostrava-se mal impressionada com a poeira acumulada: *Nenhuma faxineira? Então o doutor cobrava caro a consulta para aquele desleixo?* Eugênio ouvia as reclamações e cismava... *Não havia outros pacientes?* Sentiram um forte cheiro de remédio, desses usados para tratamento dentário, e decidiram continuar a aguardar... A espera era longa e monótona, até porque a ausência de sinal de internet não lhes permitia sequer uma distração com as notícias frescas pelo *smartphone*. Luísa precisou utilizar o lavabo, e Eugênio a acompanhou ao longo do corredor. Ficaram surpresos com o que viram ao abrirem a porta. Estava tudo imundo e abandonado. Olharam, quase ao mesmo tempo, para um filtro d'água feito de barro sobre um suporte a um canto. Eugênio destampou o recipiente. A água lodosa. Foi o suficiente para que decidissem, sem trocarem palavra, deixar o consultório o mais breve. Atravessaram a porta de grade e avistaram uma moça no alto do prédio ao lado, acenando-lhes vigorosamente para que se fossem. Deram asas aos passos e desceram os degraus com o vigor de um casal de adolescentes. Do lado de fora do sobrado, acharam certa graça do medo que sentiram e da aventura inusitada de correrem escada abaixo.

– Eu não volto mais lá! - Argumentou Luísa, decidida.

Eugênio recordou o barulho dentro do consultório, o cheiro de remédio, a voz lá dentro... Luísa avistou uma banca adiante com caquis, distraíndo-se do incidente. O fruteiro era simpático e falante, por isso Eugênio resolveu perguntar se ele já ouvira falar no doutor Rômulo.

– Claro!

– Conhece-o, então? Rapaz, nós estivemos no consultório dele, mas o doutor não apareceu.

– O senhor esteve lá, hoje?

– Sim. Hoje não é dia? Marquei a consulta pelo telefone.

– Olha, se estamos falando da mesma pessoa, e acho que estamos, ele não poderia mesmo estar lá, não. O doutor morreu há mais ou menos um ano. O consultório ficou fechado desde então. Quando foi que o senhor marcou esta consulta?

– Rapaz, eu falei com ele semana passada pelo telefone. Ele mesmo atendeu ao chamado e marcou o horário comigo. - Insistiu Eugênio.

– Ah! Na certa, o senhor ligou para o número errado ou levou uma *volta* de algum gozador! Não há ninguém trabalhando no sobrado.

– Amigo, falei com ele. Reconheci sua voz. E tem mais: ouvimos pessoas falando dentro da sala dele hoje, e estavam usando os medicamentos de lá..., sentimos o cheiro!

O vendedor ria a valer, mas reparando os rostos sombrios do casal, fez cara séria e entregou-lhes logo o pacote com as frutas, encerrando a conversa.

Após pagar o estacionamento, Eugênio decidiu, para contrariedade de Luísa, perguntar ao vigilante do pátio se ele conhecia o dentista.

– Sim, conheci. Faleceu há um ano. O senhor veio procurar por ele? Tem outro dentista também muito bom aqui pertinho. Nem precisa ir de carro até lá.

O casal preferiu seguir para casa. Enquanto abriam a porta da residência, o telefone fixo tocava direto.

– Que cara é essa? Quem era ao telefone? Alguém morreu? - Indagou Luísa.

– Pelo contrário. Era o doutor Rômulo para remarcar a consulta...

Três dias

Cristiano José Pinto

Como toda manhã, naquela também não abri os olhos assim que acordei, mas havia algo diferente, algo que me incomodava. Uma luz forte incidia contra minhas pálpebras preguiçosas, como se a luz do quarto tivesse ficado acesa a noite toda. Aquela sensação já me inquietava há algum tempo, mas por acreditar que era um sonho, ignorei o máximo que pude.

Quando finalmente abri os olhos percebi que não estava mais em minha cama, muito menos em meu quarto, acredito que nenhum lugar na Terra abrigaria aquele ecossistema.

Era um campo florido, muito agradável e belíssimo, porém, como tudo que é bom dura pouco, logo após eu finalmente levantar do chão quente, macio e aconchegante, enquanto ainda tentava me localizar, as flores murcharam, ao mesmo tempo em que a luz desapareceu. Da deslumbrante claridade diurna para o tenebroso crepúsculo num piscar de olhos, apesar de torcer para que a noite fosse tão singular quanto o dia, não tive tanta sorte.

Ao longe um miado ecoou, depois foi a vez de um uivo, finalizando a sequência nada agradável com um pio. A cada repetição, sempre nessa ordem sinistra, a tenebrosa sensação de morte se mostrou mais próxima de onde eu estava. A cada sequência horripilante, os pelos de minha espinha eriçavam com a sensação de que em breve seria pego por aquelas coisas, ou coisa, depois de passadas as sensações iniciais, já não tinha certeza de nada.

Expressei a única reação que cabia a uma pessoa sensata num campo desolado diante de uma situação como aquela: corri como um louco sem olhar para trás.

Mesmo em disparada, aproveitando-se do piso macio e limpo sob meus pés para ganhar mais e mais impulso, os sons persistiam, se aproximando a cada nova série. Então o meu pavor foi intensificado, como se um braço saísse da escuridão e puxasse meu pé. Tropecei e rolei, igual a uma bola de boliche, ao léu. Sobre mim, o bafo quente da criatura me acompanhou pelo chão.

Com o impulso da queda, levantei-me aos solavancos e continuei apavorado. Sentia como se corresse no ar, sem ter noção alguma de espaço, só sabia o que estava abaixo dos pés, mas não havia como saber se o que me sustentava no momento estaria ali após o próximo passo.

Por vários instantes pude sentir algo passar sobre meus ombros, sem contar os passos bípedes e largos atrás de mim. Os sons eram distintos a cada sucessão, mas sempre me pareciam com mandíbulas ou bicos afiados se fechando, à procura do meu crânio como lanchinho da meia-noite.

Naquele desespero, sem parar de correr um segundo, percorri boa parte do campo, ou seja lá o que fosse aquele lugar. Já estava ficando sem forças para fugir quando o dia irradiou novamente. Não num alvorecer normal,

lento e contínuo até tudo ficar claro, simplesmente a luz voltou, como a eletricidade de uma cidade após blecaute.

Olhei rapidamente para trás, queria ver os olhos da criatura que me perseguira por horas na escuridão, mas não havia nada. Deixei o corpo cair em exaustão e fiquei ali entre as flores milagrosamente ressuscitadas, com os olhos fechados, apenas sentindo a luz quente em minhas pálpebras.

Após me sentir um pouco melhor, na esperança de abrir os olhos e estar de volta em casa, permiti que as cortinas de minha visão liberassem o show que aquele mundo preparara para mim nesse novo dia.

Diante de mim estava uma enorme floresta, no entanto, como tudo naquele mundo, ou estava ali ou não. A floresta começava no mesmo ponto em que o campo florido terminava, nenhum centímetro a mais ou a menos. Não havia mistura das vegetações, os biomas eram literal e simetricamente individuais.

Caminhei paralelo ao paredão de árvores e cipós em busca de uma entrada, mas era denso demais. Foi então que a luz se fora mais uma vez e as folhas dissolveram completamente, assim como flores e grama aos meus pés. O que era uma densa floresta dera lugar a um parque sinistro de estranhas criaturas retorcidas, disformes, enormes.

Para completar meu infundável pesadelo, os sons recomeçaram, como se fizessem parte da escuridão.

Primeiro o miado, estridente, sombrio, depois o uivo, digno de um filme de terror, para, enfim, o pio, um som produzido pela própria senhora Morte.

Meu instinto de sobrevivência exigia, implorava para eu fugir, contudo minha consciência e fadiga me diziam que em nada correr novamente às cegas iria me ajudar. Fiquei ali, estático, até sentir a criatura às costas. Juntei toda a coragem e dignidade que ainda me restavam e virei-me.

Mesmo com os olhos abertos, nada via além do breu, mas podia sentir que algo se movia, disputava o ar enquanto respirávamos. Eu de maneira incontrolável, como se colocar mais vezes o oxigênio em meus pulmões fosse me ajudar a sobreviver. Já a coisa respirava pouco a pouco, cadenciando o ar que entrava e expelindo o dióxido de carbono contra meu rosto em baforadas nada agradáveis.

Ficamos ali, parados, um diante do outro, enquanto ele me analisava, eu me borrava de medo.

Minha coragem, aparente, dera tempo para o terceiro dia chegar, dissolvendo a criatura da noite e permitindo que as plantas do dia retornassem à vida.

Uma folha de videira, ou outra espécie muito parecida, flutuou e dançou no ar até bater contra meus pés. Havia algo escrito, um tipo de hieróglifo, mas que de alguma forma eu conseguia entender. Dizia para eu alcançar a borda do mundo e entrar no túnel antes do fim da terceira noite ou faria companhia àquelas criaturas da escuridão para sempre.

Pensei por breves instantes sobre qual direção deveria tomar, não tinha muito o que decidir, então comecei a correr às margens da floresta. Agora eu tinha um rumo a seguir, em algum momento aquela mata deveria ter fim.

Realmente acreditei que aquele mundo fosse feito apenas de campo e mata, mas me enganei. Por muito pouco não caí dentro do lago, ou seria um fosso, largo, infundável. O barranco não era alto, mas a água cristalina, assim como a floresta, começava onde o campo terminava, abruptamente.

Parecia apenas água, sem vestígio algum de que houvesse fundo ou qualquer forma de vida. Por sorte a lagoa também não invadia o espaço das árvores, não havia vestígio de igarapés.

A densidade dos cipós e folhas dificultava, e muito, minha entrada na floresta. Meu plano inicial era o de esperar pela noite, quando tudo deixasse de existir.

Contudo, quando finalmente a paisagem perdeu o foco, enegreceu, eu já estava embrenhado em meio aos cipós e galhos, preso, imóvel, enroscado nos ramos sem conseguir me livrar deles. Pela primeira vez em três dias agradei pela chegada da noite.

Com a vegetação morta, eu apenas precisava desviar dos troncos secos e correr sem rumo, sem parar ou olhar para trás, torcendo para a margem do lago ser em linha reta, como a floresta e o campo eram.

Logo eu teria um incentivo maior para não desistir, a criatura retornara, forçando-me a correr sempre mais e mais, caso quisesse voltar para meu próprio mundo. Imperfeito, sim, repleto das mais sinistras criaturas, os humanos, mas era preferível àquele, onde nem com muito esforço poderia conhecer o rosto de meu assassino.

Temia ainda que a coisa não fosse tão misericordiosa uma segunda vez, apesar de não pretender me matar, me manteria ali tempo suficiente, com muito sofrimento, se necessário. Não precisando deter-me por muito mais tempo, já que, ao raiar de um novo ciclo de luz, eu faria companhia, ou seria parte dela, não esperava ficar lá para descobrir.

Por infinitas horas eu corri sem uma trajetória predefinida, apenas me esforçando para continuar em linha reta, sem saber se cairia ou não nas águas escuras e desconhecidas. Foi então que eu a vi. No início não passava de um pequeno pontinho no horizonte, como uma minúscula estrela solitária, mas foi ficando maior à medida que me aproximava.

A coisa a minha cola devia ter percebido também, pois não apenas uivava, miava ou piava, mas tentava me agarrar. Senti suas garras, por várias vezes, retalhar minhas costas e ombros. A dor, no entanto, apesar de lancinante, servia-me de incentivo para correr mais forte, precisava alcançar a luz, agora do tamanho do Sol, antes de virar, literalmente, picadinho nas mãos de um monstro qualquer das trevas.

Apesar de estar do tamanho da estrela mais próxima do planeta Terra, não emitia luz, apenas o suficiente para ser notada na completa ausência de qualquer coisa.

Senti que me aproximava, já podia perceber a beirada daquele mundo maldito, contudo, a garra da criatura não só rasgou minhas costas como também me jogou contra um dos troncos secos.

Devo ter apagado por breves instantes, ao abrir os olhos, apavorado, deparei-me com a criatura sobre mim, nítida, visível na singela penumbra, causada pela luz frágil do portal.

Eram três cabeças horrendas, lobo, jaguar e falcão, não como aqueles do zoológico ou livros, desfiguradas, como se a presença da luz as destruísse.

Não parei para avaliar a belíssima figura de minha nova amiga, girei-me com rapidez enquanto ela levantava a garra para o golpe fatal.

A coisa ainda conseguiu me segurar com as presas da cabeça de jaguar. Por sorte a camisa barata e gasta salvou-me naquele momento. Pelo menos uma vez a falta de dinheiro me ajudou em uma situação de dificuldade.

Livre, disparei na direção da luz, não como uma alma ressabiada com o que haveria do outro lado. Não me importava, desde que me tirasse daquele estranho mundo de trevas e luz, morte e vida, de dualidades bastava minha existência no terceiro planeta de um dos milhares de sistemas estelares que formavam os braços da Via Láctea.

As árvores mortas também pareciam estar dispostas a não me deixarem alcançar o pórtico, como se minha presença fosse muito importante para elas, para aquele lugar. Eu desviava de uma e encontrava outra adiante. Naquela dança disputada pelas mais variadas parceiras eu procurava ser ágil o suficiente para chegar a tempo, antes de mais um dia raiar.

O monstro de três cabeças, por sua vez, nutria do mesmo desejo dos troncos secos, manter-me ali, ao seu lado, para sempre. Motivado por seu estranho desejo de conseguir companhia, com um rápido e certo movimento, cortou o tendão de meu pé direito.

Mesmo me arrastando consegui levantar e, cambaleante, continuei para a borda, joguei-me na incerteza se iria ou não dar certo, sem saber se tinha, ou não, saído da frigideira para o fogo.

Enquanto caía na direção do túnel de luz, que se expandia para me absorver, a criatura abalroou contra minhas costas e me envolveu com os braços peludos e garras afiadas.

Ainda me esforçava para se livrar da criatura quando fomos envolvidos pelo globo de luz.

Com muito esforço, consegui empurrá-la para longe usando o pé bom, mas tudo ficou confuso. Só me lembro do medo de abrir os olhos. Temia ainda estar naquele mundo esquisito, quando bati contra uma superfície macia e confortável.

Devo ter ficado cerca de dez minutos imóvel, então a mesma luz de dias atrás incidiu contra minhas pálpebras cerradas mais uma vez, forçando-me a abri-las.

Para minha sorte e alívio, estava deitado em minha cama, a lâmpada no teto piscando, antes de voltar a se acender completamente, após um blecaute.

Recordei-me, imediatamente, de ter deitado, com o celular para ver umas mensagens após a eletricidade acabar, e pegar no sono. Agora, todo o resto se tornava um mistério a cada minuto, restando apenas o medo, uma sensação de ter escapado da morte.

Brilho do Metal

Cristina Pezel

Esperava o ônibus passar na rua. Suas observações nos dias anteriores lhe evidenciaram: o pequeno portão de ferro rangia. Muito. Ela ouviria sua entrada. Mas o coletivo seria a solução para o primeiro passo casa adentro.

Vinha chegando veloz. Fazia um estardalhaço danado na curva, quando os pneus passavam por cima dos trilhos expostos. O metal brilhante emergia entre alguns paralelepípedos mal cobertos por asfalto ruim. Nesse exato instante, abriu o portão de ferro do muro sujo sem que ela escutasse. “Que ideia perfeita” – ele pensou. E cauteloso, entrou pelo corredor lateral, dirigindo-se aos fundos.

Ouviu a TV ligada no quarto. Passou pelo portal da área de serviço atrás da cozinha e imediatamente o cheiro do café o envolveu. Um gato mesclado olhou para o invasor e pulou o meio-muro ao lado do tanque, correndo para a rua. Ele ignorou. Respirou fundo e se deliciou com o aroma. “Já tomou seu último café, velha inútil” – pensava enquanto seus pés de pano adentravam pela cozinha.

Sua ex-namorada lhe dera o serviço todo: a velha sempre assistia TV no quarto, à tarde. A casa era pequena, e entrando pela cozinha ele logo veria a sala, onde ficava a cômoda antiga “feita de peroba do campo”, como a idosa gostava de dizer, elogiando o móvel. Os puxadores redondos de metal brilhante se destacavam. A madeira tinha ornamentos esculpidos nas gavetas, nas portas e nas laterais. “Que coisa de mau gosto”. Ele achou que aquilo lembrava um caixão.

Aproximou-se da cômoda concentrado e olhou para a gaveta mais importante, “a terceira da direita” – tinha dito a ex-namorada. “A gaveta é dura e faz barulho. Cuidado.”

Primeiro tirou o cadarço que tinha no bolso e em silêncio, alcançou o quarto. A pequena senhora estava sentada de costas para a porta, atenta ao programa na tela. Por dentro de seus curtos e volumosos cabelos cacheados passava o brilho da imagem da TV, mostrando a ele a silhueta frágil da moradora. Sobre a mesinha ao lado da cadeira, a xícara de café vazia, e um prato com farelos de pão.

Ele se achegou com cadarço esticado em mãos.

Quando encostou nela fez tudo muito rápido. A pobre anciã não tivera tempo para o grito, e sequer entendeu o que estava acontecendo. Foi somente um engasgo e um tremor suave. Quando ele terminou, jogou-a para o lado. O corpo esbarrou na mesinha, derrubando a xícara e o prato em fragmentos no chão.

– Velha barulhenta – disse, retorcendo a boca e chutando a batata murcha que era aquele corpo desfalecido.

Guardou o cadarço e voltou à sala. Esfregou as mãos e andou calmamente até a cômoda. Abriu a terceira gaveta, e teve que sacudi-la com

força para que ela deslizasse. Ela rangeu e era realmente difícil de abrir. “Móvel vagabundo” – pensou. Mas enfim, conseguiu.

No fundo da gaveta, a caixa de que lhe falaram. Era grande e funda. Pegou-a entre as mãos e abriu-a: o cheiro de mofo do veludo pontuou o momento sublime: o brilho do metal; o ouro reluzia ali sorrindo para ele em formatos distintos de anéis, pingentes, pulseiras, cordões. Sorrisos dourados de alegria.

Guardou tudo num saco de pano na mochila, e recolocou a caixa no lugar. Tentou fechar a gaveta, mas ela emperrou de lado, e agora nem se abria, nem fechava. “O que importa agora?” – pensou. Ao passar pela cozinha, pegou um copo americano e serviu-se de um pouco de café, que ainda estava quente.

– Fazia um bom café, ô velha. Bom café.

Quando saiu, o portão rangeu chorando. Ele o encostou indiferente, com um sorriso no rosto. “Pode ranger à vontade agora, portão velho”.

Sua alegria era suprema. Foi muito fácil. Já tinha até comprador, e já fazia seus planos. A mente viajava entre as possibilidades, antecipando toda a felicidade que começaria ali. Imerso nos felizes pensamentos, atravessou a rua.

Não atentou para o ônibus barulhento.

O impacto foi forte; seu corpo caído, uma massa retorcida. Sua cabeça restou imóvel, sangrando em cima do trilho que reluzia sob o sol do fim de tarde.

Espírito da Coisa

Darlan Veit

O aparelho no quarto do hospital faz um *bip-bip* cadenciado e a linha no monitor saltita ao ritmo da batida de um coração. O homem deitado, com cerca de 40 anos, está sozinho e adormecido. A meia-luz é a mesma por horas e não tem culpa alguma dos intermitentes espasmos, ele move os braços e as algemas agridem o silêncio dominante. Sim, por algum motivo, ele está algemado ao leito à direita e à esquerda. As mãos e os antebraços exibem marcas de arranhões e mordidas dignas de uma fera repleta de presas. Porém, as feridas já estão tratadas com suturas e muito antisséptico, a pele branca exibe uma camada castanha característica do iodo. Os pontos escondem parcialmente seu relevo na carne que inchou nas últimas horas. A coloração das extremidades dos membros superiores - que misturam o vermelho escuro, o castanho e o preto - contrastam com o lençol branco que lhe cobre as pernas, com o avental azul claro que lhe cobre o peito e com a bandagem alva que lhe cobre o olho direito.

O sujeito faz força, contrai as costas em um semiarco e as pernas sacolejam a camada fina que as esconde. O lençol resiste, mas tomba devido à teimosia dos joelhos. Ao invés de se sentir livre, o homem grita ao abrir o olho canhoto e constatar mais dois membros contidos por tornoeleiras metálicas. Mãos e pés são reféns da mesma cama que acolheu o sono tumultuado.

– *Maldição!!*

O paciente urra em mais uma rodada de esforço inútil. O metal das algemas tilinta no leito que parece de aço, o som ecoa nas paredes, as batidas do coração aceleram, mas a ajuda que adentra a porta usa roupas normais, o jeans e a camiseta preta são mais discretos do que o distintivo de policial. O preso aquieta e escancara a boca como se visse uma assombração.

– *Eu sou o delegado Peixoto* - Diz o homem branco, de porte mediano e com cerca de 40 anos, assim como o preso.

Se fisicamente os dois têm tudo em comum, as situações de ambos não poderiam ser mais contrastantes. O paciente recluso ignora o homem em pé e tenta se libertar com a força dos próprios músculos, ele geme, se contorce, contrai os lábios e uma linha de saliva explode de sua boca antes de lhe decorar o queixo com uma linha de baba. A bandagem no olho destro ganha primeiro uma pupila vermelha e, em seguida, o falso pirata exibe uma íris artificial de sangue. As veias no pescoço dele se desenham com a espessura dos dedos de uma criança, mas não há nada de infantil no demônio caolho com o fogo da fúria a brilhar diferentemente em cada globo ocular.

Com alguma demora, o preso desiste de tentar se libertar, encara o delegado com a vista que lhe resta e não acha estranho que o policial use óculos escuros em um recinto de luminosidade agradável para um

lobisomem. De fato, se o paciente achou estranhos os óculos escuros do recém-chegado, preferiu não os comentar. Talvez em retribuição à cortesia, o homem que escondia ambas as vistas não diz nada sobre o sangramento que colore, pouco a pouco, a bandagem no olho destro do internado.

– *O que eu estou fazendo aqui? Por que eu estou preso? Eu quero...*

– *Eu estou mais interessado em saber por que você fez o que fez.*

– *E o que foi que eu fiz?*

– *Muito conveniente...* - disse o delegado depois de se aproximar e parar com o ventre encostado ao leito... - *a memória gosta de falhar pra proteger os culpados...* - o policial desliza a chave das algemas pelas feridas dos antebraços e o paciente se arrepia... - *você foi a uma casa de tolerância. Certa vez, o senhor disse não entender por que um puteiro precisava de tantos sinônimos...* - o delegado coloca a boca no ouvido do detido e passa a falar em uma união mais íntima do que o coito sexual... - *nossa esposa era tolerante, ela aceitava tudo que você fazia desde que fosse eu quem chegasse em casa. Nós sempre nos demos muito bem até que o senhor surtou.*

– *Chegaaaa, eu quero morrer...*

– *E o que te faz pensar que eu estou aqui para atrapalhar isso?* - Pergunta o delegado enquanto abria a algaema que prendia a mão direita. - *Sempre considereei que matar uma fera fosse um crime pequeno se comparado a matar um homem. No entanto, no seu caso, fica difícil de separar o lado bestial do humano.*

O paciente enfia o dedo indicador no olho ferido, a bandagem afunda, muda de cor completamente e o sangue escorre das margens do curativo apesar do policial impedir que a autoflagelação continue. A força do delegado subjuga o ímpeto suicida com todo o esplendor da consciência.

– *Você bebeu como sempre e se drogou como nunca, deixou sua família em segundo plano, enquanto gastava o dinheiro sujo de delegado corrupto com prostitutas. Você pagou por três e agora se lembra de que sequer conseguiu curtir a primeira garota de programa.* - As duas metades do mesmo Peixoto lutavam, ele via a algaema aberta e o gancho formado pela metade solta o seduzia. - *O senhor se atrapalhou ainda mais pra enfiar a chave do carro na porta, dirigiu com a retidão das próprias bolas, chegou em casa e ficou enfurecido porque a esposa e as crianças já sabiam a melhor forma de recebe-lo, fazendo de conta que não acordaram. Eles sabiam que agir diferente aumentava as chances de apanhar sem motivo.*

O paciente chora lágrimas cristalinas no olho esquerdo e de sangue no direito. Ele ergue o gancho com ponta romba, o aproxima do pescoço, arranha a carne até que a pele rompa na superfície e afasta o próprio braço, chocando-o contra a haste da cama. Se a dor física o atinge, fica escondida sob as camadas de passado que a mente começa a enxergar.

– *O senhor andou até o quarto da mulher. Isso mesmo, da mulher porque aquilo deixara de ser o quarto do casal há muito tempo. Enfim, o senhor abriu a porta e acendeu a luz porque sabia que isso era a única coisa*

capaz de irritá-la de verdade. Ela sentou na cama e não disse nada. Ao vê-lo, ela enxergou o marido com a pistola na mão e o dedo indicador da mão livre colado no lábio a exigir silêncio. Ela fez silêncio e recebeu três disparos mesmo assim.

As duas metades do mesmo delegado Peixoto lutam na cama do hospital, a parte suicida tenta enfiar a ponta da algema aberta no olho, mas erra e acaba lacerando a narina canhota. A parte dele responsável pela consciência sorri antes de voltar a falar.

– Você não pode se despedir desta vida sem reexperimentar na plenitude o próprio passado. Os gritos dos filhos lhe levaram a tirar os olhos da mãe morta. “– Papai, papai, o que você tem?” - Conseguiu perguntar a mais velha, de 10 anos, antes que o soco a nocauteasse. A mais nova, de 6 anos, correrá para a porta dos fundos e a abrirá pro cão entrar. - O pit bull tinha nome de Pirata, pois a cor branca cedia ao negro em metade da cabeça. - Pirata não ficou apático como sua mulher ficara, ele saltou antes que o senhor apertasse o gatilho e vocês tombaram. O instinto do cão, combinado à inteligência da caçula, salvaram as suas filhas. O senhor não viu as meninas fugirem, o pit bull hesitou várias vezes e não quis destroçar os seus braços por completo. Nem assim você teve misericórdia, quando alcançou a pistola que perdera, atirou até esvaziar a munição do carregador. Então, o senhor andou até a cozinha, pegou uma faca, cravou no próprio olho, mas não foi até o fim. Os músculos das pernas fraquejaram e tudo se apagou quando o seu crânio estatelou no chão. Você acordou dentro da ambulância e preferiu acreditar que a amnésia seria suficiente para se passar por vítima do próprio destino. Com atraso, o senhor se dá conta de que deixou evidências por todos os lados, além de duas testemunhas.

A metade do Peixoto que entrou por último no quarto de hospital sai primeiro, ela paira e atravessa a porta sem se dar ao trabalho de abri-la. A outra metade enfia o gancho rombo da algema aberta dentro do olho canhoto até que o cérebro agonize em convulsões. Os braços e as pernas tremulam por alguns instantes e o assassino bestial completa seu suicídio. A carne inerte se torna incapaz de sofrer no instante em que jamais machucará outra pessoa de novo. O prontuário do Senhor Peixoto aguarda pelo atestado de óbito do médico. No entanto, psiquiatra ou psicólogo algum conseguirá explicar o espírito da coisa.

O lápis e o guarda-roupa

Darlex Machado de Souza

Já novo descobri a loucura em mim, e por tê-la de esconder, resolvi estudá-la. Aos vinte e quatro anos, após seis anos longe da casa onde me criei, formei-me médico, o primeiro da extensa família oriunda do campo. Os transtornos mentais em meus antepassados limitavam-se à depressão, e como descobri com a psiquiatria, os antecedentes familiares sempre deveriam ser investigados, devido a sua relevância epidemiológica. A presença de um ou mais familiares já elevariam as minhas chances em uma porcentagem qualquer. Mas nem sempre os genes precisam ser responsabilizados.

Após formado me encontrei em uma nova maratona de provas. A época dos vestibulares não tinha findado, afinal. A concorrência me diluía entre os inúmeros médicos, recém-formados ou não. As filas e as salas lotadas me acuaram. Tantos ali punham-se como entendedores, sábios de uma única vertente. As provas passaram, as provações apenas estavam por se iniciar. Em fevereiro, recebi a notícia de que havia sido convocado para um dos hospitais. Meu sonho se concretizava novamente, e desta vez a sensação de alívio se sobrepujou. Entrar na faculdade não se equiparava àquilo vivenciado. Uma nova mudança fez-se necessária, e para perto de meus pais retornei. Moraria com uma amiga da faculdade, o aluguel na capital beirava os quatro mil reais. Morar próximo ao serviço cobrava seu preço. Deixei de lado a ideia de me sustentar por conta, e continuei recorrendo a ajuda financeira de meus progenitores. Da bolsa de residência não teria como viver ali, naquele grande e inflacionado centro urbano.

A residência se iniciaria em primeiro de março, e uma pequena cruzada foi necessária para encontrar o apartamento ideal. Sozinho bati de porta em porta, digo, guarita em guarita. Os porteiros me recebiam pelo interfone, e muitas negativas tive de ouvir. Nem todos os prédios dispunham de apartamentos do tamanho ou orçamento planejados. E então, após visitar a casa de um velho senhor, que além de aposentado, era síndico de um antigo imóvel, atravessei a rua e por insistência do capricho adentrei neste prédio onde hoje resido. Um colosso de paredes ocas, mas vigas resistentes que alavancavam vinte e sete andares acima do nível do solo, e quatro abaixo. Foi fácil se encantar pela aparente modernidade, segurança e conforto. Moraria a duas quadras do hospital, em uma rua movimentada, onde restaurantes, farmácias e padarias se dispunham em cada quadra. Tudo parecia se desenrolar como em um sonho, e assim se manteve durante alguns meses.

Na primeira vez que cruzei o hall, já me deparei com o corretor de imóveis conversando com o porteiro. Ele, já de saída, não me pôde apresentar o apartamento disponível. Sua pressa me deixou esperançoso. Logo o contatei. Querer morar em um lugar tão equipado não estaria além

das nossas possibilidades? O capricho venceu o bom senso. E o pedido dengoso aos nossos pais trouxe eu e minha amiga para dentro daqui. Alugamos o apartamento às cegas, pois a antiga moradora ainda se encontrava, e não permitiu que visitássemos o imóvel enquanto ela lá estivesse. Nossa ansiedade por morar em um lugar com piscina, academia, sauna e jacuzzi nos fez fechar o contrato, e entregar ao destino a nossa sorte. No dia seguinte à saída dela, já estávamos nós com a chave em mãos. O apartamento não era tão novo quanto nas fotos, mas era nosso, finalmente.

Alguns ajustes deveriam ser feitos, e a decisão de quem ficaria com a suíte foi sorteada com nossos nomes em papéis picotados. Ganhei o direito, mas nunca cheguei a me instalar. Todos afirmavam que a suíte deveria pertencer à mulher, e assim concordei. Resignei-me com o quarto menor, de solteiro, com uma escrivaninha, um criado mudo, e um guarda-roupa embutido de quatro portas. Para minha surpresa, contudo, duas das portas não se abriam. A princípio, pensei estarem emperradas. Puxei com força e apenas rangeram. Por não ter feito a vistoria do imóvel ainda, decidi deixá-las assim, e acomodar meus pertences nas duas portas restantes. Tudo coube, não tão organizado como poderia, mas organização nunca fez parte de mim. Quando os pais de minha amiga primeiro nos visitaram, tentou ele abrir as portas com uma chave de fenda. A madeira ameaçou rachar, e decidimos abandonar a empreitada. O que quer que elas guardassem, permaneceria ali, enclausurado. O misticismo que, confesso, primeiro se instalou, foi substituído pela pura razão. A parede na qual o armário estava embutido, era a mesma que separava o quarto da sala. E na sala existia um vão onde ficava afixada a televisão e uma pequena estante. Pensamos, por mais que eu não acreditasse piamente, que o vão se projetava para dentro do guarda-roupa. E as portas pregadas, apenas serviam como decoração, escondendo o buraco na parede oca. Deu-se, assim, o mistério por encerrado.

A vida seguiu faceira. As amizades foram se formando com o decorrer das semanas. A relação em casa fluía sem grandes estresses. Eu, por ter tido uma experiência traumática durante a faculdade, na qual dividi um sobrado com dois amigos, e vi ruir dentro daquela casa a amizade de anos, trazia esta ansiedade travestida de medo. Não queria reproduzir o silêncio raivoso do antigo lar. Optamos pelas palavras, e o tempo diria se a nossa amizade seria forte o bastante. Tudo apontava para uma afirmativa, ainda que da última vez o mesmo tivesse acontecido. Erros tendem a se repetir, por mais que nos apeguemos a ideia de aprendizado. A vistoria da imobiliária nunca aconteceu. Falta nossa, descuido deles. E os pequenos ajustes foram feitos com o tempo ou, simplesmente, ignorados. Por que procurar falhas se estávamos bem acomodados?

Aos poucos fui aprendendo a me responsabilizar, por minha saúde, finanças, funções e pacientes. Até minha gengivite suavizei com a melhora da escovação. A residência transcorria durante a semana, em horário

comercial, e as noites permaneciam a minha disposição. O cansaço do início, pelas férias prolongadas que antecederam o começo do programa de residência, aos poucos diminuiu. Os pacientes se acumulavam, e tornavam-se mais meus. Quantos dias e quantas horas os tive abertos diante de mim? Nem um cirurgião os veria tão profundamente como passei a conhecê-los. O que faltaria, então, para que eu, neurótico obsessivo, como me tacharam em uma aula de psicanálise, encontrasse-me satisfeito? Implodir toda esta construção e amadurecimento, claro. A semente já havia sido plantada, eu que a tinha esquecido na penumbra. Com tal desatenção, fez ela somente a brotar. Quando me deparei com uma de suas folhas, as raízes já tomavam a espinha dorsal. E o que levou a isso? O segredo do guarda-roupa.

Em uma tarde, descobri com um dos porteiros que a antiga dona ainda residia no prédio. A história que me contaram era a seguinte: ela também dividia o local com uma amiga, mas algo entre elas aconteceu, e uma das mulheres preferiu sair. Ela, também residente, viu-se apurada, não conseguiria bancar o aluguel sozinha. Decidiu, então, mudar-se para um pequeno flat, em algum andar superior ao meu. Consegui com o porteiro o número do seu apartamento, e duas tentativas de encontrá-la fiz. Na segunda fui recebido. Ela morava no vigésimo quarto, e eu no décimo segundo andar. Para minha surpresa, a moça relatou que se lembrava do guarda-roupa completamente funcional, por mais que tivesse ficado com a suíte. Sua antiga amiga, que habitava o meu quarto, deveria de tê-lo pregado. O motivo ela não soube apontar. Saí encucado e peguei o elevador. As portas, no entanto, recusavam-se a fechar completamente. Desci um andar, e solicitei uma vez mais. Desta vez a máquina correspondeu com a sua função, e me levou ao destino. Cheguei e revirei a cozinha em busca de uma chave de fenda. De hoje não passaria, precisava descobrir o que havia por detrás das portas de madeira. Encontrei uma faca e me pus a alavancar uma das portas. O coração acelerado parecia alertar ao cérebro para que parasse. Nem tudo requer uma explicação, e nem sempre somos os destinatários ideais para as respostas que surgem. A porta rangeu, e a madeira lascou. Dali três anos, quando fosse entregar o apartamento, teria de desembolsar uma certa quantia para reparar aquele erro.

O que se revelou não era nada de outro mundo, um pequeno espaço que não correspondia ao das portas ao lado, em que ao centro encontrava-se esquecido um lápis de desenho, preto e já pela metade. Fiquei receoso em nele tocar, mas a curiosidade acabou me vencendo. Em uma das laterais triangulares, existiam quatro marcações na madeira, provavelmente feitas com a lâmina de alguma faca. Devolvi o lápis ao seu sepulcro e caía na cama, inconformado com o final daquela história. Agora eu tinha um guarda-roupa totalmente meu, ainda que danificado. Não demorou e peguei no sono. Nada de lápis ou espíritos malignos a me assombrar naquela noite. No entanto, no dia seguinte ao acordar, já atrasado, pois o despertador não havia tocado, encontrei o lápis dentro do meu nécessaire. Aquilo me

perturbou por um momento, peguei-o, então, e fui para a cozinha. Não queria jogá-lo no lixo, então deixei sobre a bancada, esperando que minha amiga se livrasse dele por mim. No banho, como de costume, bati o joelho ao entrar no minúsculo box, e antes que a água quente fosse interrompida, um hematoma arroxeadado já se formava sob a pele pálida.

Ganhei o corredor do décimo segundo andar e novamente me deparei com a falha nas portas do elevador, que iam e voltavam, como se estivessem sempre sendo solicitadas. Tive de recorrer ao elevador de serviço. No hospital, um dos pacientes, que até o dia anterior mostrava-se em evolução favorável, degingolou. Os absurdos que saiam de sua boca não seriam desditos nem com uma sessão de eletroconvulsoterapia. Enquanto o atendia, senti um gosto familiar na boca, minhas gengivas sangravam espontaneamente sobre os caninos. Corri para o banheiro e com a água gelada estanquei o sangramento. O que estaria acontecendo? Algum distúrbio da coagulação? Pensei em solicitar exames para mim mesmo, e usar o carimbo de outrem. O apuro da manhã, contudo, acabou vencendo esta ideia. Não seria o primeiro episódio, tampouco o último.

Chegando em casa, mais tarde, já com a cabeça pesada, joguei-me no sofá e tentei cochilar. Não consegui, a imagem do lápis me vinha à mente. Levantei e procurei sobre a bancada, e ele ali não se encontrava. Resolvi acreditar que minha amiga havia feito o que desejei. Deitei, para levantar em seguida. Fui ao armário e nada daquele bendito pedaço de madeira, passei os olhos por todo o guarda-roupa, e não o vi. Perguntei a minha amiga, e ela afirmou nunca o ter avistado. Onde havia se metido o maldito? Vasculhei o banheiro, a cozinha, até a suíte. Teria alguém entrado em nosso apartamento e roubado um simples lápis usado? Não, não! Isto já se tornava paranoico. Mas e se...

A dúvida me corroía, não conseguia deixar de lado e passar para um novo pensamento. Sempre fui obsessivo, mas não a este ponto. E se eu tivesse colocado o lápis na bolsa, e perdido no hospital? Poderia estar ocultando tal fato? Uma vez, no início da residência, um preceptor psicanalista me alertou que meu subconsciente tentava me destruir. Seria essa a explicação? Teria eu aberto brecha para que ele, o subconsciente, finalmente se esgueirasse para fora, se alimentando da minha lucidez? Só conseguia balançar a cabeça, incrédulo com o que se passava. Tentei aliviar todo esse estresse buscando um estímulo ao qual eu seria capaz de encerrar, concluir. Baixei um aplicativo de paquera, e entre perfis falsos me aventurei. Acabei na cama de um desconhecido, e para minha surpresa, não gozei. Saí desesperado. Deveria pedir ajuda aos colegas da residência, ou conversar com algum psiquiatra em particular? Não gostaria de me expor, mas como levar adiante os atendimentos se meus ouvidos não mais captavam o que os outros diziam? Deveria existir uma explicação lógica, racional. Talvez minha amiga tenha jogado o lápis no lixo, junto de alguma embalagem, e não se atentou. Fui, novamente, interrogá-la. Ela perdeu a

paciência, e eu as estribeiras, esmurrando as paredes ocas, e as falsas portas do guarda-roupa. Se eu conseguisse, ao menos, descobrir o motivo de terem o escondido ali. Subi os andares que me separavam da antiga moradora utilizando a escada de emergência. Os elevadores, aparentemente, haviam se cansado de mim. As batidas rápidas e fortes logo a fizeram surgir por entre o vão da porta.

Foi difícil convencê-la a passar o número de telefone da antiga companheira de casa. Pelo visto, minha exaltação era nítida, não mais confinada aos meus neurônios em curto-circuito. E se eles tivessem entrando em apoptose, perdendo-se a cada novo minuto? Esse novo pensamento rachou minha cabeça, desestruturando cada sulco e giro. Deixei a antiga moradora de lado, peguei as escadas, minha carteira, e corri para o pronto-socorro. Minha inteligência, tão estimada, perdia-se, escorrendo pelo ladrão da compulsão. As lamentações me tomavam. Um futuro brilhante e promissor cada vez mais obscuro. Agora, seria eu mais um código, um diagnóstico. Passaria a falar com outros pacientes dos efeitos das medicações, e comparar quais havia tomado. Dependeria delas para seguir adiante, ter um pouco de alívio. Como iriam reagir os demais residentes quando soubessem disso? Que vergonha! O número da minha senha surgiu no monitor, algum outro médico, também exaurido, aguardava-me em um dos inúmeros consultórios. Os corredores abarrotados, os tossidos e cochichos, me fizeram correr dali. E pela noite adentro eu corri, perdendo os sapatos, celular, carteira e a integridade das roupas. Um belo rapaz, com tanto potencial, visto pelas janelas dos carros que pelas avenidas cruzavam, não deixava de ser outro usuário marginal.

Vermelho sobre branco

David Leite

No inverno, o grande lago central do vilarejo alpino não resistia às intempéries do clima, e uma grossa camada de gelo se formava em sua superfície. Era ali, naquele reluzente espelho que a pequena Rosa adorava treinar sua patinação.

Com toda a indumentária contra o frio: gorro, cachecol, blusas de lã e seus patins forrados e de lâminas afiadas, a pequena passava horas a fio circulando com desenvoltura e graça no ringue natural, incrustado no meio da vila de casebres inspirados nos Alpes.

Nos primeiros invernos, teimava em cair e se machucar. Mas já neste, desenvolvia saltos e ao cair graciosamente no chão de gelo, se curvava a uma plateia invisível. O sonho de se tornar uma patinadora profissional, decerto, um dia se realizaria.

Uma das noites de frio, em que escapara de casa para treinar, após algumas piruetas e novo clamor da plateia, entre as palmas que só ela era capaz de ouvir, um ganido doloroso levantou-se da margem do lago.

Aprensiva, Rosa se aproximou da margem para tentar descobrir de onde vinha o som. Um fio vermelho e contínuo, sobre a brancura da neve, então, a colocou em choque. O ganido de dor, agora pouco mais longe, parecia vir do fim da trilha ensanguentada.

Rosa, preocupada com o que haveria acontecido, salta para a margem e caminha até tentar encontrar o animal ferido. Um cachorro, provavelmente. Ao chegar ao fim da trilha, a sua preocupação transformara-se em espanto. Um lobo, grande como quase um leão, arrastava-se com uma armadilha de urso presa a perna. O animal se contorcia de dor, e, embora temível pelo tamanho, a pequena Rosa vence seu medo e se aproxima. O animal rosna por um momento, mas a dor não o permitia avançar. Rosa, com cautela, acaricia o animal, tentando acalmá-lo, e com toda a força que seus magros braços podiam prover, consegue abrir a armadilha e libertá-lo. O temível lobo a fita por um momento. Os olhos amarelos brilhavam como gemas em sua face escura. Como se um agradecimento mudo tivesse sido dado, ele parte de volta à escuridão, sumindo entre o arborizado parque.

*

Um filete vermelho sobre a brancura do tecido. Eram essas as cores que escolheu para seu vestido de patinação.

Agora, dez anos de prática, uma jovem adulta, a emoção era grande em participar de seu primeiro torneio de patinação profissional. Ainda mais em Gramado. Ainda mais em um ringue montado sobre o lago congelado do vilarejo, tão próximo de onde cresceu alimentando o sonho.

Mesmo que tenha ficado tanto tempo fora da cidade, e feito outras coisas para ganhar a vida ao invés de ser patinadora, e mesmo que todas as outras competidoras fossem profissionais de fato, tarimbadas, ela ainda

acreditava que conseguiria levar o troféu e o prêmio. E começar ali, quem sabe, a sua carreira com sua vocação, arduamente treinada.

“Rosa Loureiro” – o alto-falante anuncia, convocando-a para o ringue e para sua apresentação.

Soberba. Era um adjetivo a ser utilizado. O desfilar garboso, os saltos e giros suaves. Repentinamente, ao pousar de alguns saltos, se curva com os braços e mãos como garras e um semblante feroz para a plateia, enquanto explode a música que escolheu representar: “*Cry Wolf*”, do *A-Ha*.

O balé no gelo foi perfeito. Certamente alcançaria notas altas. Possivelmente estaria entre as primeiras... Finalmente teria sua apoteose.

Mas não foi assim.

As notas para sua apresentação foram moderadas. As melhores notas ficaram para outras competidoras, embora fosse evidente o desempenho mais comedido e medíocre de algumas ali. Ninguém na plateia a ovacionou, nem a defenderia. Há tempos estava fora de sua cidade natal e era uma anônima no meio da patinação ali.

Foi injusto, tendencioso o julgamento. Mas ela já poderia esperar por aquilo.

Exausta, o sorriso no rosto que segurava enquanto as notas eram ditas desapareceu. Pegou sua toalha branca com filetes vermelhos, mesmo tema de seu vestido, colocou sobre o ombro e foi para o vestuário. Voltaria para o hotel, ficaria mais alguns dias na cidade até retornar para São Paulo, onde então residia.

Depois de um porre de algumas noites, com vinho e vodca, a campainha do quarto do modesto hotel soa como um carrilhão das maiores capelas. Saltando da cama, com dores pelo corpo inteiro, vence os dois metros de chão até a porta com esforço.

– Olá. Você é Rosa Loureiro? - Um homem na altura dos 40 anos, com um sobretudo amarrotado cinza, exhibe para ela uma carteira com um brasão que sua visão turva não pode distinguir.

– Sim... Eu sou...

– Meu nome é Wilson. Oficial Wilson. Eu tenho algumas perguntas para você.

– Oi? O que eu fiz?

– Nada. Mas fizeram uma bagunça e queria saber se você poderia me esclarecer algumas dúvidas.

– Claro. Entre.

O oficial entra e senta na cadeira mais próxima, enquanto Rose se senta na cama.

– Eu queria que você desse uma olhada em algumas fotos. Você conhece essas moças?

Três ou quatro mulheres, todas as suas rivais na competição de patinação dos dias anteriores.

– Bem... Eu não conheço nenhuma delas, na realidade, mas elas estavam competindo comigo no prêmio de patinação de Gramado há... que dia é hoje?

– Sim, foi há três dias. É por isso que quis te procurar. Acho que você corre risco.

– Oi? – Rosa se assusta.

– Você tem estômago forte? - Diz Wilson, enquanto empurra para ela uma pasta-arquivo.

Rosa não responde. Ao invés, abre a pasta. Fotos de cenas de crime. O ringue de patinação no vilarejo alpino e quartos que não reconhecia. Em cada uma, um corpo, ou o que restou deles. Torsos, pernas, braços divididos em fúria. E sangue. Muito sangue.

Rosa larga a pasta no chão, em desespero.

– Acho que entendeu, não? - Disse Wilson. - Estou investigando quem cometeu essa brutalidade. Foi na noite do prêmio, ainda. Três locais diferentes. É um alívio te encontrar ainda viva. Vou colocá-la em custódia.

– Não! – Rosa interrompe. – Eu já ia partir de volta para casa. Agora, farei isso o quanto antes.

– Entendo. Mas não temos ideia de quem fez isso às moças. Portanto eu acho mais seguro colocá-la sob vigilância.

– Quem... ou o que fez isso... Você quer dizer...

– Bem. Realmente. Parece o trabalho de uma fera. Concordo. Mas uma fera não faria alvos tão específicos, não?

Rosa se cala. Pensativa e horrorizada.

– Para dizer a verdade, temos o departamento de polícia e de controle de animais trabalhando em conjunto. Eu estou um pouco paralelo na investigação.

– Paralelo?

– Hahaha. - Wilson ri, um tanto forçado - Acho que você não entenderia. Mas a minha linha de investigação anda sendo uma lenda indígena sobre lobos.

Rosa não ri.

– Bem. Fique com meu cartão, por favor - Wilson continua. - Me comunique qualquer problema que tenha ou caso saiba de algo que nos ajude. Tem certeza de que não precisa de escolta?

– Eu vou embora ainda hoje. – Rosa responde, um tanto nervosa.

– Mesmo assim, tente manter o contato comigo no caso de qualquer eventualidade, ok? Estamos tentando pegar essa fera, acredito que a encontraremos nos próximos dias.

Wilson se vai. Rosa tranca a porta atrás dele, com nervosismo. As malas estavam quase terminadas, então ela se põe à tarefa de terminá-las. Trocaria seu bilhete para o próximo voo.

Era tarde da noite. Um táxi a apanha do hotel e a levaria direto ao aeroporto. No caminho, no entanto, ao passar pelo vilarejo, as luzes acesas

da estrutura montada para o festival de patinação chamam por sua atenção. Ela pede para o táxi parar e deixá-la ali. Chamaria outro mais tarde.

Algo a impelia àquele lugar. As fitas de advertência de “cena de crime” não causaram espanto a ela. Nenhuma vigilância. Os holofotes acesos na pista montada e um calar fúnebre.

Rosa trespassa as linhas e entra pela grande porta de metal semiaberta. As luzes dos holofotes apontavam para o centro do ringue, onde apenas um gigantesco borrão avermelhado manchava a superfície branca. Rosa se aproxima à luz do holofote, temerária, mas ainda assim como se fosse clamada para ali. A mancha vermelha, onde antes havia uma de suas rivais, causa terror.

Saindo do faixo de luz, Rosa retorna pé ante pé, de costas para a escuridão. Mais aterrorizada fica ao esbarrar em algo corpulento atrás de si. Se vira rapidamente para contemplar... Aqueles dois olhos amarelos brilhando como gemas no escuro, focinho pedindo, mudo, um agradecimento.

Fim.

Cores da vingança

Denivaldo Piaia

O branco do azulejo, o vermelho do sangue, o amarelo do sorriso, o roxo dos hematomas, o prata da faca, o verde da bÍlis, o rosa da vingança, o azul da paz.

Suspiros

Diemerson Ribeiro

Naquela noite fria e tenebrosa, de uma sexta-feira, o coração palpitava de forma incomum, algo parecia dar errado, meu pressentimento anunciava um cenário fúnebre, todos me olhavam atônitos com olhar petrificado, minha voz não saía, a lágrima manchava minha face angelical, alguém se aproxima e diz que os planos de Deus são maiores que os nossos, seres mortais e pecadores. Isso tudo não fazia sentido, eu era apenas uma adolescente que ainda acreditava em contos de fadas. De repente... Silêncio total. Gente de branco corria nos corredores, eu sabia que ali não era o céu, lugar celestial que tanto ouvi nas histórias contadas pela minha mãe. Enquanto suspirei fundo, algo passou ao meu lado numa velocidade assustadora, tudo aquilo me deixara confusa, a única certeza que eu tinha era de que algo não ia bem. Um clima de suspense toma conta daquele ambiente, alguém mascarado se aproxima de mim, pega na minha mão e dá o último suspiro e cai. Quem era, até então eu não sabia, mas ao tirar aquela máscara branca, tudo escureceu e quem dizia estar comigo para sempre me deixaria órfão.

O duelo

Diogo Rossi Ambiel Facini

Eles nem eram tão amigos assim. Mais como colegas, ou cúmplices de um crime não cometido. Como num acordo silencioso, assinado por seus olhos num encontro direto, realizavam o ritual. Não eram tão amigos, mas cumpriam os seus encontros como questão de vida ou morte, numa importância maior do que a hora de ganhar presentes no natal ou mesmo a hora de estreá-los. Evento sério.

E era feito todos os sábados, com regularidade e organização dignos de dois lordes ingleses na sua alta experiência e controle. Obviamente, não eram lordes, nem ingleses, nem tinham experiência. Tinham ambos os seus dez anos, vividos sem muito controle, ao sabor do vento e do algodão doce comprado no caminho de casa com o seu Antônio.

O evento era realizado alternadamente na casa de um e de outro menino. Isso, ao menos pensavam os garotos, garantiria uma maior segurança e legitimidade na execução do confronto, mais justiça também, além de cada um gostar bastante da comida da mãe do outro, servida após a árdua atividade, devorada como a última refeição de suas vidas. Eles não tinham marcado um horário específico, mas a tradição acabou levando às 11 horas da manhã, uma hora de duração, suor e sangue, ossos quebrados, uma vez, e eventuais destruições no território.

Nem se sabe como tudo começou. Apenas aconteceu de eles morarem perto, estudar na mesma escola, compartilharem um gosto parecido... E tudo estava feito. Logo se viram os dois, toda semana, em sua atividade, que eles não procuravam entender o porquê, apenas seguiam, vivendo-a vivamente.

Um era Rafael. Pequeno, magrinho, com uma já longa cabeleira preta a quase chegar no pescoço, ágil como ele só, e com algumas pintas em seu rosto que davam certo charme entre as garotas, ainda distantes. O outro era João, um pouco mais alto, a pele mais clara, o cabelo também, mais cheinho. Este era mais quieto que o outro, é até um mistério como ele se aproximou de Rafael pela primeira vez e o convidou a ir para sua casa. Os dois se entendiam, cada um pensando à sua maneira, mas encontrando soluções comuns para seus problemas. Uma desta é o encontro regular entre os dois, já um misto de diversão e dever.

– Oi, Rafael – saudava o amigo.

– Pode entrar, não precisa ficar com vergonha.

– Oi, João! Como estão as coisas, a família? - cumprimentava a mãe de Rafael.

– Tudo certinho, senhora.

– Não precisa me chamar de senhora. Fique à vontade.

– Vem comigo.

Os dois foram até o quintal da casa. Passaram por um pequeno jardim, como uma pitangueira e um gramado em volta; João cumprimentou o cachorrinho de nome Tito de Rafael, passou pelo skate já desgastado, ficou com vontade de andar mas não sabia; finalmente, chegam ao local desejado: uma área cimentada, de forma retangular, não tão grande, mas que permitia o seu movimento completo. Um local sem enfeites, sem frescura, como diziam os garotos, ótimo para os fins pretendidos.

– Ah sim. Espera um pouquinho só, vou pegar ela com o meu vizinho, emprestei pra ele ontem.

– Pode deixar. Tito! Tito!

O cachorro veio correndo, destrambelhado, ficou lambendo a mão de João, que não se importava e tentava acariciar a sua cabecinha, dizendo a ele:

– Quem sabe se hoje eu não consigo, imagina só.

O cachorrinho ficou vendo. Quando Rafael chegou, João levantou rapidamente, deixou o animal, que deitou, mas sem perder a atenção nos meninos, tão legais com ele. João olha com animação, entusiasmo se manifestando em seu corpo que já não se continha, fica balançando para a esquerda, pra direita.

– Ainda tá bonita ela.

– Pois é, sou bem cuidadoso.

– Deixa eu dar uma olhadinha antes da gente começar?

– Sim, mas não enrola muito, se não a gente fica sem tempo.

– Tudo bem. Olha só, tá muito boa mesmo. Quando você for lá em casa, na semana que vem, leva ela? A minha tá muito ruim, um estrago.

– Eu levo sim. Mas vê se compra uma nova, já é hora.

– Vou tentar convencer meu pai.

– Agora vamos começar?

João solta a bola, que quica algumas vezes antes de ser totalmente paralisada sob seus pés.

– E os gols?

– Tira seus chinelos. São seu gol,. Eu faço o meu com as minhas sandálias.

– Pronto.

Par ou ímpar. Ímpar, ganhei. Você começa. Começo. Sim, senhor.

E iam os dois cavaleiros, no campo de batalha, em direção à bola celeste, com duros passos decididos. Lorde João desvia da bola e vai, ininterruptamente, em direção ao outro lado. Faz com os chinelos o seu portal da vitória, também conhecido como gol. O mesmo faz o outro, que leva a bola consigo, em toques leves e descompromissados. Tudo certo. Eis que, num gesto súbito, Rafael, ao ver o amigo ainda distraído, olhando para não sei o que, resolve chutar a bola, a longa distância, um chutão, diga-se de passagem.

– Isso não vale! – João irritando-se.

Tinha tomado um gol, tão rápido.

– Não vale por quê? – Rafael pegou a bola novamente e esperou.

– Ah... não vale porque você... pegou... começou sem... Ah!!! Deixa eu sair com ela então!

Rafael, rindo, passa a bola ao amigo.

O pássaro mágico voava em todas as direções, batia, rebatia, flutuava no espaço, caía como um cometa rumo ao portal da vitória. No entanto, os guardiões do portal atuavam com verdadeira coragem, não temendo seus raios de fogo, faíscas que espalhavam um brilho divino por todo o campo, e protegiam sua área da entrada do pássaro no busca incessante ao seu ninho. Pá! Pum! Pá! Pum! Assim sucedia a disputa, os dois garotos já suados, o pé preto de pó, mas numa vontade que não se sabe de onde vinda.

“Todo dia que nós jogamos eu perco pro Rafael, nem lembro quando foi a última vez que venci. Ele deve ser melhor mesmo que eu, fazer o quê.”

Já haviam se passado 20 minutos de partida. Eles ainda tinham muita energia a ser consumida, seus músculos pediam movimento, suas mentes concentradas, firmes, num impulso de vitória.

João no ataque. O coração palpitante pedia uma ação inesperada, era necessário, antes que o cansaço viesse de vez e toda ação tivesse um custo desumano às suas forças. No ataque. Seus pés conduziam calmamente a bola, já chegavam ao meio do campo; Rafael na expectativa. João pensava: o que fazer? Será que isso... Isso não. Ou isso... Também não. Mas pode ser, quem sabe. Estou perdido mesmo, devo arriscar. Então tá bom. Lá vai.

A partir deste momento, ele vai mais devagar em sua condução da bola. Algo em mente. E que parece ter dado certo. Nesse instante, já sem muita paciência, Rafael sai de sua posição, e começa a avançar em direção a João. “Agora é a hora, menino, lá vou.” Ele prossegue. Quando a distância entre os dois já não era grande, ele acelera um pouco; vai mexendo os pés, rapidamente, a vários lados, não se contém, quase dança no campo. Os dois se encontravam praticamente frente a frente neste momento.

E, neste mesmo momento, João desloca seu pé, como se fosse chutar a bola. Rafael também, num reflexo, desloca os seus pés. Caiu na armadilha.

O outro, aproveitando o espaço surgido nesse instante mínimo mas grandioso, com um leve toque, leve como uma pena flutuando no céu, empurra a bola exatamente à frente, precisamente. Ela se desloca de forma constante, séria; passa exatamente no buraco deixado entre as pernas de Rafael, que na hora nem percebe o acontecido, tudo tão rápido. Quando percebe, fica atônito: João já tinha passado por ele, já caminhava em direção ao gol, já entrava com bola e tudo no gol. Já era gol.

Nem João, muito menos Rafael, entenderam muito bem o acontecido. Eu fiz mesmo isso? Ele fez mesmo isso? Os dois estavam tão acostumados cada um em sua posição, de vencedor ou perdedor, que ficaram surpresos. No entanto, cada um reagiu à sua maneira.

Rafael, dada a falta de experiência em situações desse tipo, se viu perdido, agora apenas um menininho dentro da batalha tão dura com o pássaro de plástico. “Como ele conseguiu? Ele!” Era o máximo que conseguia pensar. Já João, enjoado de tanto perder, viu nesse gol uma oportunidade mágica. Ele podia jogar bem! Podia até vencer! Naturalmente, o nervosismo tomava conta de si, suas pernas, já cansadas, não obedecendo tão bem, estava confuso sobre o que fazer. Tentar aquilo de novo? Não, uma vez já era demais, não devo abusar da sorte. Jogar. Continuar jogando. A única tarefa a restar. De imaginar a chance de um novo resultado, seus olhos brilhavam, e novas forças vinham ao seu socorro, o fazendo seguir em frente.

Quarenta minutos de jogo. Os dois cavaleiros, em sua bravura, persistiam firmemente, não desistindo, nem cedendo espaço para uma derrota. Como para representar a tensão do momento, o céu vai escurecendo, se acinzentando rapidamente. Numa atmosfera densa, espessa, profunda, iam, em direção ao portal da vitória, sempre, sempre. Sabiam que o tempo era curto, e se devorava numa velocidade assustadora. Correr, correr, correr.

Rafael estava correndo bastante. Mais como uma barata tonta, mas corria.

– Meninos, tratem de parar logo, o almoço está quase pronto – veio avisar a mãe de Rafael.

Vou aproveitar agora! - Pensou Rafael.

Como no seu primeiro gol, tentou aproveitar a distração do seu adversário, estratégia quase infalível. Desta vez, já sem muita força para chutar, o garoto decidiu avançar um pouco, para diminuir a distância. Tá pra mim, pensou ele. João ainda olhando para a mãe de Rafael entrando na casa. Quando não havia mais um vulto a ser visto, volta os olhos à partida, e quase cai para trás de susto ao ver o outro menino próximo, muito próximo, um risco tremendo.

Rafael vinha. Mas vinha nervoso, afobado. Seus passos eram inconstantes, cambaleantes. Ainda avançava. Mas chegara a hora. João em pânico. E na hora em que ele ia chutar, ainda correndo, mágica. Ao invés de chutar a bola, o pé direito do garoto encontra uma pequena irregularidade do concreto do campinho. Ele tropeça, vai num movimento brusco para frente, cai no chão. O cansaço o deixa onde está. E a bola também fica parada, esperando ser lançada, voar, deslizar pelo ar.

– É agora!

João dá uma corrida, já muito exaustiva para ele. Ao chegar na bola, ainda Rafael no chão, vê que não conseguiria correr mais, estava sem pique para isso. E faz o que lhe é possível: chuta. Chuta com toda a força que ainda restava em seus ossos, nervos, pele, músculos, a ainda o alimenta, com uma esperança que era nova para ele. Se concentra, tenta atingir o máximo de precisão, era a jogada mais importante do dia. A bola vai, se

desloca, anda solitária por quase todo o campo, numa jornada que não suportava outro destino que não o gol. Passa por todos os buracos e irregularidades com obstinação, segue em frente. Nada mais a conteria, era já apenas uma luz voando, em direção à sua explosão e barulho e último silêncio, num fim já certo.

Ela chegava. Ela chegava. Ela chegou.

– Isso! Eu fiz! Eu fiz!

João não se continha de alegria. Era como se um mundo novo se abrisse, onde suas expectativas pudessem ser realizadas. Rafael, já de pé, voltava ao seu gol, resignado, talvez tentando entender o que se passou.

O tempo de jogo se prolongou mais um pouco. Porém, as nuvens, já antes escuras, se precipitaram de vez, numa chuva forte, que lavava o campo e acalmava o clima, e impossibilitava qualquer continuação do confronto.

– Meninos, entrem já! E venham para a cozinha, que o almoço já está pronto!

– Eu ganhei? Ganhei? Eu ganhei! Eu ganhei! - Não se aguentava de felicidade.

– Pois é, mas não comemore muito. Semana que vem você vai perder de levada, vai ver só – brincava Rafael.

– Será?

O mesmo João. Mas um novo João.

E vão ao banquete no grande salão, os cavaleiros e a rainha.

Um salto no escuro

Edih Longo

Foi assim:

Jandaia Maracajá, mulher bonita, alta e gorda, sorriso franco, mas olhar enviesado se chegou à janela do seu casarão e ficou olhando a revoada dos pássaros. O céu já botava um escuro cinza e as estrelinhas sorriam felizes por nos mostrar suas performances. O gerador estava quebrado e a Prefeitura ainda estava a quilômetros de distância, colocando novas fiações de eletricidade. A escuridão era interdita por luzes de lamparinas. A última chuva derrubara tudo, barrancos invadiram sem licença os barracos, os monturos se entulharam com todo o tipo de lixo, os animais pequenos se escondiam nas árvores que continuaram em pé e os grandes foram engolidos pela fúria da tempestade. Buracos profundos rasgavam a pele outrora seca da terra e a água ia levando tudo. Mas, àquela hora de um entardecer que sempre fora tão lindo, agora quedava-se numa quietude sinistra.

Jandaia chorou lágrimas amargas da sina de sertaneja nordestina. Veio para o sul do país para fugir da brasa de sua Terra que nunca se extingue, sem dar a ela a mínima chance de ser uma Fênix, pois nem as cinzas ficavam. Em sua vida, não havia uma medida lógica: ou tudo morria de seca ou de excesso de água. Chovia a cântaros fazia dez dias. Lá fora, nem uma luz no fim de um túnel. Fechou-se em orações e no gingado de suas danças africanas, implorou justiça aos céus:

“OGUM! Rogai por nós. Nunca ficará sem resposta aquele que nele crer, Ogunhe meu Pai! Nós andaremos vestidos e armados com as armas de Ogum para que nossos inimigos, tendo pés não nos alcancem, tendo mãos não nos peguem, tendo olhos não nos vejam, e nem em pensamentos eles possam nos fazer mal. Mandai uma revoada de anjos ou quaisquer alternativas, mas precisamos de ajuda. Precisamos acreditar que ainda vale a pena viver. Precisamos acreditar que tudo ficará bem. Precisamos...”

Assustou-se com uma batida forte na porta. Joca entrou desembestado. O fôlego na manga da camisa e atrás dele três meninos com os olhos aboticados e tremendo. Molhados e sujos. Jandaia berrou assustada. “O que é isso, menino?”, “Psssiuuu, fala baixo, vovó, que os homens estão atrás de nós.” Joca falava e olhava pela fresta da janela. “Deixa a gente se esconder no porão do paiol? Precisamos de duas lamparinas e alguma coisa para comer.”, “Você não deveria estar na Clínica? O que houve? Quem são os homens? E desde quando você fala, menino?”, sussurrava com dificuldade a velha macumbeira, cuja voz parecia se confundir com os trovões lá de fora.

“Vim só lhe dar um beijo. Estava com saudades. Vamos com a gente que conto tudo o que aconteceu, ou melhor, vou ler esse depoimento que fiz.

Foi assim:

“Saí da saia de mamãe sem a mínima condição física. Adiantei meu relógio biológico e apareci aos cinco meses. Fiquei os meses que faltavam para minha maturidade fetal em encubação. Vim como folha de outono que o vento faz de ioiô. Quando meu cordão umbilical foi cortado, perdi a minha comunicação com a nave-mãe e com a Terra. Senti-me uma árvore-pássaro sem raízes e sem asas. Nunca darei bons frutos, nem lindos voos. Aos seis anos, comecei os aprendizados escolares. Peguei gosto pelas letrinhas que contavam histórias que eu colocava de pé, criando o cenário em minha imaginação. Contracenava com as personagens. Toda vez que Pinóquio mentia, eu cortava o seu nariz para deixar o Gepeto orgulhoso por ter um filho obediente e saudável. E ia sem perceber, perpetuando num papel, nossas falas e pensamentos. Virei um escritor. Vivia pegando qualquer papel que visse pela casa e escrevendo tudo o que meu pensamento afoito ia me atropelando como um carro de corrida com o motor superturbinado.

Por pensar tanto e tão rápido, não conseguia verbalizar a fala. Quando fiz oito anos, ganhei de presente da minha avó uma coleção de livros de histórias. Então, afundi-me nelas. A primeira história que escrevi foi: *o ausente presente*. Deixei que os adultos idiotas que me cercavam acreditassem nisso também, assim teria paz ao meu redor e poderia confabular com meus fantasmas. Minha mãe era a única que parecia me entender. Não queria me levar a nenhum médico, pois me achava normal. E eu, para não a ver triste, sorria quando me falava e mexia a cabeça acompanhando a sua fala, demonstrando que a entendia. Mas, não falava.

Papai me levou a um fonoaudiólogo e gargalhei internamente, quando o idiota disse que devia ser um autista. Bem, eu me achava um artista! Só uma simples questão gramatical: a troca de uma vogal por uma consoante e um modo especial de se levar a vida. “Mas, como! Veja como ele escreve bem. E ele não é surdo, pois nos entende. Não é débil mental, pois pensa com mais lógica do que um adulto. Tira boas notas na escola. É aplicado. Sabe se vestir, sabe se...” “Senhor, sei que nenhum pai quer admitir que o seu produto de fabricação tenha defeito, mas o seu tem. Não vejo qualquer sintoma de surdez, qualquer distúrbio mental, mas o seu produto é defeituoso: ele é mudo.” “Ora, vá para o inferno. Vamos embora, filho. Nunca mais vou expô-lo. Só falta o senhor dizer que ele precisa trocar a bateria. Que ele não fala eu sei. Só não sei e quero saber, o porquê? Por que, entendeu?”

Saí do consultório exultante. Afinal, sou um produto com defeito que não veio com a respectiva nota fiscal de validade, por isso nem posso ser devolvido. E aquela de trocar a bateria foi genial. É só esconder a bateria e ninguém me pergunta mais nada. É como a vovó que tira o aparelho de surdez quando não quer escutar bobagens. Como eu, ela é seletiva. Meu ídolo maior! Além de meus pais e minha avó, minhas melhores amigas eram duas árvores frondosas que temos no quintal de casa. O pé de jabuticaba,

que por ter os frutos grudados no caule, foi descartada para fazer o meu escritório. A mangueira que tem o caule superalto e forte foi a escolhida, onde ajudei o meu pai a construí-lo. Só conseguia escrever ali.

Quando meus pais me deram o meu primeiro computador, fingindo que era o tal Papai Noel, então, foi como se tivessem parido um irmão silencioso e que jamais mexeria em minhas coisas. As piores horas do meu dia era quando soava o bendito sinal da hora do recreio. Olhava para a horda enfurecida que corria para as filas na Cantina e, prosaicamente, degustava o meu lanche caseiro. Comecei a transar umas amizades com algumas personagens de uns jogos. Comecei a me apaixonar pela violência contida. Um dia, fui dormir com a imagem do último jogo na cabeça me martelando. O herói tinha que matar todos os vizinhos da casa e, por último, os próprios pais. Resolvi jogar também, mas daria um jeitinho para salvar os meus pais. Já havia feito isso com os animais que tínhamos na casa. Senti-me tomado por sentimentos inusitados. Hoje acho que são chamados de instintos ferozes.

Eu, lá no íntimo, me considerava um pequeno gênio demoníaco. Quando Lorde Byron – nosso cachorro – apareceu morto, minha mãe atribuiu o fato à tentativa de roubo em nossa casa. Simular isso foi fácil. Foi só arrebentar uma das janelas da casa num dia em que eles foram ao Cristo Redentor acompanhar uns parentes. Cada dia tirava um parafuso da grade de ferro e, depois, foi só dar umas marteladas. A gata Lili eu apertei a garganta e joguei na caçamba. Minha mãe achou que foram os homens que tinham sido presos, pois entraram na casa do vizinho e tinham matado o cachorro. Ela pensou que talvez a Lili que vivia se enfiando por lá tenha miado e fora vitimada. O papagaio Papudo eu eletrocutei colocando os fios descascados em suas patas com água. Eu gostava de todos os animais, mas começou a me dar uma sensação de poder. Ser dono do destino dos vivos, como era dono dos destinos das minhas personagens quando as escrevia.

Sentia-me, nessas horas, poderoso como um demônio. Quando não gostava de uma personagem, simplesmente o apagava em puro êxtase. Tornei-me frio e calculista. Comecei a bolar como faria a minha matança mais espetacular. Colocaram-me em uma escola onde ensinava Libras, a forma brasileira de se comunicar através de sinais. Meus pais desistiram da fonoaudiologia. Eu não tinha problema na glote, mas na alma. Tinha me tornado um masoquista. Mas, diante de minha inação, quem imaginaria que aquelas maldades feitas contra os animais eram de minha lavra? Jamais o coitado do Joca faria uma coisa dessas, mal faz alguns sinais com Libras. Meus testes estavam aprovados. Ninguém jamais iria colocar a culpa em mim se qualquer outro incidente maior acontecesse. E me comunicando com os sinais, pedi aos meus pais que reunissem alguns vizinhos do prédio para comemorar o meu aniversário de onze anos.

Eles não se cabiam em si de felizes. Achavam que, como podia me comunicar de alguma forma, agora seria uma criança normal, finalmente,

socializando-me. Surpreendi-os até fazendo planos sobre meu casamento, netos e todas essas coisas inerentes à vida comum. Diante destas expectativas e esperanças, eu os absolvi e resolvi não os jogar na lixeira. E à vovó Jandaia, jamais faria nada para a magoar e fiquei aliviado quando não pode ir à festa, pois tinha sofrido uma queda. Empurrei-a de propósito, mas foi devagar e só para a proteger. E, seguindo um manual pego na Internet com um babaca do qual fingi ser amigo, fiz várias bombas domésticas. Fácil, fácil.

Coloquei-as em lugares estratégicos e quando todos os convidados tivessem chegado, eu acionaria um controle que coloquei fora da casa. O único problema era tirar os meus pais de lá. Quando faltavam cinco dias para o fatídico acontecimento, assistindo a um filme na TV, a solução veio mais clara e convincente: usaria o argumento de que queria presentear a todos com nossas frutas. Eu as colocaria na edícula, adornadas em cestinhas de vimes. Quando meus pais fossem me ajudar, eu acionaria o controle que escondi lá. Estava obcecado. Fechava os olhos e via a casa explodindo, via pedaços de vizinhos pulando para todos os lados. Cada pedaço de gente que antevia, era uma mágoa que eu despedaçava. Frequentava uma escola normal, pois não tinha problemas mentais como já foi dito, mas sofria com os olhares maliciosos e os risinhos cabisbaixos dos coleguinhas. Preferia que esse *bullying* velado fosse feito às claras para que pudesse de alguma forma, revidar.

Numa de minhas redações tentei colocar essas angústias que sentia, mas acho que a professora considerou tudo como se fosse fruto de minha imaginação e, apesar de ter-me dado um dez, nunca comentou o que escrevi. Fiz questão de que meus pais a convidasse. Seria mais um pedaço de mágoa flutuando pelo espaço.

Enfim, coloquei todos os coleguinhas que tinham sorrisos hipócritas e olhinhos curiosos no mesmo espaço. Quando percebi que a maioria já havia chegado, fiz o que tinha premeditado. Além disso, fiz uma linda escultura estilizada de Cervantes tendo em uma mão um livro e na outra uma pena e gravei em letras cursivas: “sou uma errata que merece ser esclarecida.”

Já passei por várias instituições tanto aqui em São Paulo quanto no Rio. Por minha causa, meus pais resolveram se mudar. Adorei essa ideia quando me avisaram, pois achei que mudando de cidade poderia ficar com eles, mas me tornei um objeto de estudos. Pensei que ficaria perto do meu grande amor que sempre foi a minha avó, mas me trancaram. Meus pais me visitam pouco, pois adotaram uma menina. Devia tê-los explodido também.

Passei minha experiência para inúmeros internautas e só fui acompanhando os acontecimentos. Queria que o próprio mundo implodisse. Quem sabe um dia, alguém se lembre de mim e tente fazer uma correção em tudo o que foi minha vida enquanto não se apague a chama de minha inteligência. Pedi para D^a. Margarete, a Diretora, que enviasse esse

depoimento que talvez, seja a minha última história escrita, para vários órgãos da Imprensa.

Quando recebi o AR (Aviso de Recebimento); dei três pancadas com uma pedra na cabeça dela, pois assim, será só minha amiga apesar da ausência física. Como anulei sua presença com a morte que lhe impus, tornou-se como uma personagem criada por mim como outra qualquer de meus escritos. Devia, como já disse, ter feito isso com os meus pais e eles não teriam me substituído. Viveriam sempre na outra vida que eu lhes teria proporcionado: dentro de mim e de minha saudade. Bem, escondi o corpo de D^a. Margarete na... Ora, que procurem. Fugi para dar um beijo de despedida em minha avó e levarei uns coleguinhas. Mas, voltaremos. Em tempo: não existe céu nem inferno, isto está dentro de cada um, mas sim paz ou terror na hora final. Tudo depende de sua resiliência.”

“Ogum, foi assim: pedi-lhe anjos ou quaisquer alternativas, mas não precisava me mandar uma alternativa demoníaca na pele de meu neto. Mesmo mudo e trancafiado em uma Clínica ou em si mesmo, ele sempre me falou mil coisas através do olhar. Agora, a minha única alternativa é dar um salto no escuro para ser tragada pelo buraco negro da angústia.”

Carlinhos

Edson Amaro de Souza

– Agora que enterramos nossa mãe, para que vamos querer esta casa? É melhor vendê-la.

– Vender a casa onde passamos nossas infâncias? Você está louco?

– É a casa onde nossa mãe passou os últimos dias, viúva e triste, aqueles olhos azuis implorando-nos que viéssemos visitá-la, que lhe trouxéssemos os netos, que voltássemos a ser crianças, que lhe mamássemos novamente o leite, que nos inseríssemos de novo útero adentro para sermos reparidos, para que ela pudesse ser de novo a moça feliz que nos punha no colo e nos contava estórias. A velhice é a mais triste saudade.

– Nós a sofreremos também um dia. Mas, por enquanto, fiquemos com esta casa. Veja este balanço onde brincávamos e onde os seus filhos brincam quando vêm aqui. Deixa que sejam felizes onde nós fomos, que vivam a saudável infância que vivemos. Não precisa de videogame quem tem uma goiabeira na qual trepar.

– Há goiabeiras em outros quintais. Com o dinheiro da venda, compro uma outra casa e tiro os meus filhos daquele apartamento.

– Mas foi desta goiabeira que mamãe fez os doces que nos deliciavam. É nesta goiabeira que quero ver meus filhos brincarem.

– Seus filhos? Que filhos? Você nem sequer tem uma noiva! Nunca falou a sério em casamento e agora está inventando esse argumento hipotético só para que não vendamos a casa?

– Você é acaso um insensível?

– Não. Sinto a perda de mamãe tanto quanto você. É por isso que quero vendê-la. Se não temos mais nossa mãe, não faz mais sentido termos a casa.

– Nós ainda temos nossa mãe. A alma dela está aqui.

– Quem foi que te disse isso? O Carlinhos? – riu o mais velho.

– Não brinque com essas coisas! – irritou-se o caçula.

– Como não brincar? Se era eu que brincava com o Carlinhos antes de você nascer! Você nunca o viu! Para falar a verdade, nem eu me lembro mais dele. Mamãe que me contava essas histórias e a Inácia, nossa empregada, chorava de pena e de medo quando ouvia isso. E as lágrimas da Inácia te causavam tanta impressão que você não suportava chegar perto do poço. – E sorriu da lembrança: – Ah, o poço! Há muito tempo não vou lá. A última vez que fui até lá foi quando mamãe pediu que eu o limpasse. Isso já tem uns cinco anos. Como ele estará? Vem comigo?

– Não vou, Allan. Quero ficar aqui com a goiabeira.

– Ora, León! Ainda tem medo? Não superou o trauma da infância? Bebezão! Se eu agarrar você de novo e ameaçar jogá-lo lá dentro, como fazia quando éramos garotos, você vai abrir o berreiro outra vez?

– Não fale assim, Allan! Não brinque com essas coisas!

- Você tem medo do menino que morreu lá dentro? O Carlinhos da Inácia? Ele nunca mexeu comigo! Ele era meu amigo imaginário!
- Não era imaginação, Allan! O Carlinhos andou nesta casa!
- Antes de morrer afogado.
- E brincava com você depois de morto.
- Ora, eu já estou bem grande para crer em fantasmas.
- Você não conhece a história do Carlinhos?
- Por quê? Você sabe algo que eu não sei?
- O Carlinhos viveu nesta casa, vinte anos antes de nós virmos para cá.

O pai dele morreu num acidente de trânsito quando ele tinha apenas dois anos. A viúva, ingênua moça de vinte e poucos anos, desacostumada à solidão, casou-se com um primo de má reputação na vã tentativa de regenerá-lo, impondo-lhe a responsabilidade de ser bom esposo e pai posticho para o pequeno órfão. E todos os domingos ia a feliz família à missa, e Carlinhos mais feliz que todos, pois insistia, quando lhe perguntavam, que queria ser padre quando crescesse. Já soletrava as primeiras letras num livro de orações e gostava de imitar o padre partindo as bolachas do café da manhã. Por isso que a Inácia sempre mandava rezar missas em intenção de sua alma, todos os anos, no aniversário de seu nascimento e no aniversário de sua morte. “Queria ser padre o meu anjinho”, dizia ela. “Há de gostar de ouvir as missas que eu mando rezar por alma dele”. A Inácia já trabalhava nesta casa para a família do Carlinhos, antes de ser nossa empregada.

Um dia desapareceu uma joia de família. Uma condecoração que um dos bisavôs do clã tinha ganho por ocasião da Guerra do Paraguai, havia mais de cem anos. As suspeitas, como eram de se esperar, recaíram sobre a negra Inácia. A pobre chorou, jurou inocência, apelou para todos os santos da Santa Madre Igreja e dos terreiros de umbanda. Mas os negros pobres são culpados até prova em contrário. Quiseram chamar a polícia. Aí aos choros da negra juntou-se o choro do Carlinhos agarrado à saia dela. Por amor das lágrimas de Carlinhos não prestaram queixas e limitaram-se a despedir a negra, que deve até ter passado fome, pois ficou um longo tempo sem arranjar outro trabalho, pois toda a classe média do bairro ficou sabendo das suspeitas que lhe pesavam nos ombros. Só voltou a conseguir trabalho por intercessão de um padre, que acreditou na sua inocência quando lhe falou sobre isso no confessionário. Confiou talvez porque pecados de outro tipo ela não escondesse. Uma carta de recomendação do padre fez com que algumas portas se abrissem para ela.

Mas a verdade é que a Inácia era mesmo inocente. A condecoração fora subtraída pelo padrasto de Carlinhos, a quem o menino surpreendera mexendo em um velho baú da família. Talvez o tenha feito para pagar as dívidas contraídas para sustentar algum de seus vícios. Mas o aviso foi claro como o tapa que Carlinhos recebeu na boca: “Calado! Não diga para sua mãe que me viu mexendo aqui!”.

Que jeito senão obedecer? Boca não disse palavra, mas os olhos diziam muito, todos os domingos, quando o menino mirava com seus olhos tristes sua boa Inácia na missa. Seus olhos, que, quando tinham a Inácia a seu lado passando-lhe a mão nos cabelos entre um hino e outro, fitavam tão só o padre, para melhor imitá-lo à mesa do café e fazer que nem ele quando crescesse, agora se desviavam para todos os cantos até encontrar sua amiga mais velha, e por vezes, o pescoço se torcia para vê-la lá no fundo da igreja com o terço na mão.

Na missa de Natal, a eucaristia foi em duas espécies. Pela primeira vez, Carlinhos sentiu o sabor do vinho embebido na hóstia. E na alegria da celebração do nascimento de Cristo, não se conteve e foi abraçar a boa negra para escândalo da família. “Você foi abraçar aquela ladra, meu filho?” “Ela não é ladra, mãe!” O padrasto cortou o assunto: “Este menino é mesmo muito cristão. Perdoa o mal que se nos faz como Jesus nos ensinou.” E assim ele matou o assunto: com o nome de Cristo nos lábios e uma ordem de silêncio nos olhos.

O padrasto percebeu então que seu segredo não estava seguro. Os amores de Carlinhos por Inácia fariam com que ele, cedo ou tarde, revelasse a verdade. Era preciso calar o menino para sempre.

Na festa de Ano-Novo, ele chamou Carlinhos para junto de si e fez com que o acompanhasse até a adega, onde pegou uma garrafa de vinho. Todos tinham que saber que Carlinhos sabia onde o vinho era guardado. Depois, voltaram os dois para a mesa e ele encheu um cálice e ofereceu a Carlinhos.

– Pare! – disse a mãe. – Não quero que meu filho prove álcool nessa idade.

– Como se já não tivesse provado! Ele não comungou em duas espécies na Missa do Galo?

– Foi só um pouco.

– Será só um pouco aqui também. Não fará mal.

E para Carlinhos:

– Você não diz que quer ser padre? Então tem que se acostumar e aprender a gostar de vinho. Os padres bebem isso em todas as missas.

E para a esposa:

– Não se preocupe. Este é um vinho suave. Vinho de missa. Pode ver no rótulo. Aliás, soube que é a mesma marca que o vigário usa na igreja.

Em fevereiro, pôde ele ficar a sós com Carlinhos no quintal, um dia em que sua esposa foi a uma outra cidade visitar uma amiga recém-casada. Mostrou então ao menino como a amurada do poço teria para ele o tamanho que a mesa do altar teria para o padre adulto. Que seria fácil imitá-lo ali, colocando uma toalha branca sobre ela. Fácil seria providenciar cálice, vinho e um pacote de bolachas.

A ideia agradou à criança, ele a tomou pela mão, levou-a até um armário onde estava guardada uma linda toalha branca e bordada. O menino estendeu a mão, abriu o armário, apossou-se da toalha. Depois

foram à sala de jantar e ele mostrou ao menino onde obter um cálice. Toalha e cálice em poder do menino, prosseguiu a sinistra peregrinação rumo à adega, onde ele indicou o vinho mais forte, como se fosse apropriado para o rito. Em todas as estações dessa lúdica via dolorosa, os dedos do menino deixavam sua mansa impressão.

O poço estava meio aberto. A pedra que o fechava tinha sido um pouco afastada dias antes quando ele mostrara a profundidade do poço a umas visitas que pensavam em adquirir um imóvel naquele bairro e perguntaram sobre a oferta de água nas redondezas. “O bairro é bem suprido agora”, disse ele. “Mas há apenas doze ou quinze anos era necessário furar poços bem profundos, pois não se podia contar com o poder público. Venham ver o que temos aqui”. Averiguada a relíquia dos tempos dos desleixos governamentais, os críticos omitiram-se em fechá-lo.

A toalha foi posta, cobrindo toda a superfície do poço. O menino, tal qual paciente e mansa ovelha, dispôs cada elemento secretamente colhido de sua religiosa paixão.

– Não está com sede? Prove antes o vinho. Veja que delícia. Se não gostar, eu trago outro.

Carlinhos o provou. Achou-o por demais amargo e muito forte.

– Então está bem. Ao menos beba o resto. Não podemos desperdiçar esse cálice todo.

O menino bebeu meio cálice.

– É horrível.

—Você tem que aprender a gostar de vinho. Beba o resto. Olhe, se quiser, eu ponho açúcar aí.

Foi à cozinha, daí a pouco trouxe o açucareiro envolto num guardanapo, protegido do contato de seus dedos.

– Use o quanto quiser.

E ficou esperando o menino repetir a fórmula do ritual. Explicou antes que o sacerdote devia esvaziar o cálice no qual bebia. Colocasse então bastante vinho e bastante açúcar.

Terminada a encenação, viu que a criança, querendo recolher os objetos ali dispostos, vacilava em seus passos. Estava ébria. Bastou um leve empurrão com o cotovelo e precipitaram-se para dentro do poço toalha, bolachas, vinho, criança, tudo.

Era sábado de carnaval. Quem ouviria seus breves gritos em meio aos festejos de Momo? Não demorou e submergiu, libertando o espírito de sua formosa e misérrima prisão.

Por anos, o espírito ficou nesta casa e muitas vezes o padrasto reviu junto ao poço a inocente e criminosa cena da qual fora autor. Não aguentando a culpa, acabou por suicidar-se.

E aí viemos nós morar aqui. Você era ainda pequeno, tinha menos de sete anos e eu nem era nascido. Quando nossos pais se deram conta, você já andava pelos cantos compartilhando seus carrinhos com o Carlinhos, que

depois apresentou a você a boa Inácia, elogiando os doces que ela fazia, e você todas as tardes comprava as cocadas que ela passou a vender na praça. Aí a amizade entre os dois pegou e você insistiu para que mamãe a contratasse como nossa empregada. Um ano depois eu nasci.

– Diabos, Leon! Que imaginação a sua! Você deveria ser escritor! Como pode inventar tanto de uma hora para a outra?

– Eu não inventei nada. É tudo verdade. Eu sei!

– E como pôde saber de detalhes tão íntimos de coisas acontecidas quando nem morávamos nesta cidade? De quando nem éramos nascidos?

– Eu lembro, Allan. Carlinhos era eu.

(São Gonçalo, RJ, 27 a 31 de agosto de 2006.)

Góticos

Edweine Loureiro da Silva

— Que ideia, Marcelo! Passar o “Dia dos Namorados” em um cemitério...

— O que não deixa de ser romântico, visto que estamos diante do túmulo de um poeta! — E mostrando à Patrícia o interior de uma mochila: — Além do mais, veja! Aqui temos de tudo: vinho, cigarros e, principalmente, paz. Ou você acredita que os mortos vão sair de suas sepulturas para nos devorar? Vendo filmes demais, gata!

Patrícia, por sua vez, mesmo diante da lógica irrefutável de Marcelo, não se sentia confortável com a situação. Passar a noite entre cadáveres! Sepultados, é verdade: mas, ainda assim, eram corpos decompostos! Por outro lado, não poderia negar o caráter excitante daquela oportunidade de estar, pela primeira vez, uma noite inteira com o “garoto rebelde” mais disputado de sua escola.

A tumba eleita para a “noite de amor” foi a de um escritor pelo qual Marcelo tinha grande admiração: Álvares de Azevedo. E, enquanto estendia cerimoniosamente uma toalha em frente ao túmulo do poeta byroniano, o jovem indagou à Patrícia: “E se eu morresse amanhã?”.

— Mais uma dessas gracinhas e vou embo...

Nesse instante, porém, um beijo silenciou os protestos da moça.

— Assim, não, Marcelo! Aqui, não, por favor...

Ele, no entanto, não parava. Inexplicavelmente violento, tentara mesmo rasgar a blusa de Patrícia. Foi quando ela, assustada, tentou desvencilhar-se — e, nisso, empurrou o rapaz, que, por sua vez, desequilibrando-se, caiu de costas: batendo com a nuca na quina da lápide de Álvares de Azevedo.

Ao perceber que Marcelo, inconsciente, sangrava, Patrícia desesperou-se. E abafando, com a mão na boca, os gritos do próprio horror, deu uns passos para trás e virou-se. Foi quando sentiu a lâmina da navalha rasgando-lhe a base do pescoço.

Jesus dos Santos, zelador do cemitério municipal, finalmente havia se cansado dos profanadores de túmulos. De modo que, naquela madrugada, enquanto depositava em uma cova os corpos decapitados de Marcelo e Patrícia, falou como se estivesse se dirigindo às tumbas ao redor:

— A partir de hoje, ninguém mais vai incomodar vocês! E podem acreditar no que digo! Pois, afinal de contas, sou o caminho, a verdade... — E jogando o corpo de Patrícia sobre o de Marcelo, arrematou: — e a vida!

Vamos brincar?

Emily Abreu dos Santos

Tudo começou no dia 31 de outubro, o dia estava nublado, com uma fina chuva que molhava toda a pequena cidade que já se encontrava toda enfeitada com abóboras, luzes e caveiras. No entanto, os alunos da escola infantil estavam cada vez mais ansiosos e contentes aguardando a tão esperada noite de Halloween. Adam, Lucy, Scott, Ana e Lina, estavam há dias escolhendo as fantasias, somente aguardando o momento em que poderiam entrar na floresta, próxima à escola, para cumprir a aposta que haviam feito, logo após Scott ter encontrado aquele grande e misterioso livro.

Conforme a noite estava se aproximando, o dia envolvia-se em uma nuvem fria, a lua cada vez mais brilhante no céu, enquanto isso, as cinco crianças caminhavam fantasiadas pelas ruas da cidade, recebendo doces dos moradores ou fazendo travessuras nas casas dos desprevenidos. Estava chegando a hora, isso era visível para as crianças, a noite estava álgida e misteriosa, e o tempo não parava de passar. Adam estava contando os minutos em um pequeno relógio de pulso que havia ganhado em seu último aniversário, um presente que não lhe parecia ser útil, entretanto nesse dia agradeceu mentalmente seu tio Billy.

O momento estava próximo, agora não havia outra saída a não ser continuar com o plano, eles teriam que cumprir com a aposta, e isso estava assustando muitíssimo a pequena Lina, porque dias antes a garota teve sonhos consideravelmente estranhos, neles sempre surgia uma menina desconhecida e ligeiramente suspicaz, com uma idade próxima a sua, e que convidava Lina para brincar na escura floresta, próxima à escola, o mesmo lugar que ela e seus amigos logo mais iriam para cumprir a aposta.

Chegou a hora! A ocasião tão aguardada para alguns e tão temido por Lina. Os meninos eram os mais ansiosos, e já estavam com tudo preparado para começar o ritual que encontraram no livro que Scott encontrou quando calcorreava a caminho da escola. As corajosas amigas, Ana e Lucy, também já estavam prontas, mas Lina não partilhava da mesma animação, pelo contrário, a menina estava horrorizada, e por isso, as lágrimas já começavam a cair lentamente de seus grandes olhos cor de mel. Ainda assim, todos já estavam se aproximando da floresta.

Eram oito horas em ponto. O clima estava ainda mais gélido e com fortes ventanias, por esse motivo, as árvores da escura floresta balançavam com muita força, as folhas caíam no chão e alguns galhos quebravam fazendo fortes estrondos. As crianças encontraram um lugar apropriado e cuidadosamente começaram a preparar o ritual, adicionando com cautela algumas gotas de sangue de galinha que conseguiram no mercado, ervas e porções mágicas que produziram na aula de ciência, enquanto isso, um dos meninos proferia estranhas palavras que estavam escritas no livro um tanto

quanto sinistro. O tempo tornou-se ainda mais sombrio, carregado com uma energia negativa, e nesse momento Lina começou a ouvir alguns ruídos estranhos e teve o pressentimento de que a floresta era amaldiçoada, ou algo parecido.

A angelical Lina estava profundamente assustada, aqueles galhos balançando, os ruídos estranhos e as árvores que tomaram formas monstruosas estavam deixando a menina estremecida, em razão disso, a pobre garota foi em direção de seus amigos que não se interessaram pelo semblante de desespero da menina e continuaram, meticulosamente, fazendo o ritual. Entretanto os barulhos começaram a ficar ainda mais estranhos e, Lina percebeu que eram quase sussurros ou respirações descompassadas, por isso questionou:

– Gente, vocês estão escutando esses barulhos? – Ela estava quase chorando e outra vez ao terminar de falar, sua boca estava trêmula e seus olhos marejados.

– O único barulho que estou escutando aqui é o seu medo, Lina. – Respondeu Scott, gargalhando do semblante de desespero da menina, e todos riram juntos. Somente Adam não sorriu, isso porque não podia parar de pronunciar as palavras do ritual que estavam no enigmático livro.

Repentinamente houve um grande estrondo na floresta, muito próximo de onde as crianças estavam, e uma fumaça tomou conta de tudo impossibilitando que pudesse ver qualquer coisa ao redor, e do meio daquela fumaça surgiu uma melódica voz por entre as árvores, uma voz tão amável que jamais imaginariam o que estava por vir, uma voz que dizia:

– Lina, estou aqui! Vamos brincar? Esperei tanto por esse dia. – A voz estremeceu o corpo de Lina, fazendo com que a menina começasse a chorar desesperadamente e saísse correndo sem rumo para o interior da floresta. Aquela voz ecoou em um tom angelical e descomunal que desestabilizou Lina por horas.

A voz que amedrontava Lina era imperceptível para as outras crianças, conseqüentemente eles não compreendiam o que havia acontecido, por essa razão ficaram espantados com a atitude da garota, eles não sabiam se ela havia corrido por eles terem feito brincadeiras com o medo que ela estava sentindo. Em seguida, os quatro amigos da menina saíram andando floresta adentro para encontrá-la. Uma coisa Scott notou, mas por medo não a informou seus amigos: após o desaparecimento de Lina na floresta, o livro que ele havia encontrado na rua também sumiu, da mesma forma que surgiu, misteriosamente.

As crianças mesmo com a incerteza do que ocorreu com a pequena menina, começaram a fazer buscas entre as imensas árvores da floresta e a escuridão que se instaurava, eles caminhavam e gritavam cada vez mais forte com a intenção de que Lina pudesse ouvir.

– Lina, onde você está? Não é hora para brincar de se esconder. – falou Ana.

– É verdade, Lina, estou ficando com medo, vamos acabar com isso logo.
– gritou Lucy.

De súbito, Adam gritou avisando seus amigos que havia encontrado alguma coisa, e imediatamente todos saíram correndo para onde estava o menino. Quando as outras crianças começaram a se aproximar, perceberam o seu semblante pálido, espantado e com o olhar fixo para um único lugar, como se algo muito grave tivesse acontecido e que o paralisou.

Adam estava observando parte da fantasia de Lina jogada no chão, suja e rasgada. Apesar disso, a garota não estava próxima do lugar em que foi encontrada sua fantasia, nenhuma gota de sangue próxima ao local, nenhuma marca de passos no chão, nem mesmo gritos ou pedidos de Socorro. A menina desaparecera misteriosamente, sem deixar rastros. Muitos dias se passaram e ninguém sabia o que tinha acontecido com Lina, uma simples aposta de cinco amigos resultou em um desaparecimento misterioso, nenhuma outra pista surgiu, somente a fantasia suja de Lina na floresta.

Os anos passaram naquela, até então, pacata cidade de interior, poucas coisas mudaram no município, todavia, os moradores relatavam que todos os anos no dia de Halloween, inúmeros acontecimentos estranhos ocorriam na cidadezinha, principalmente próximo da floresta escura, na qual, afirmam que às oito horas da noite é possível ouvir a voz de Lina gritando e pedindo ajuda a quem passa próximo ao local. Entretanto, nada é visto. Alguns habitantes até escutaram entre os pedidos de socorro, com certa perfeição, o assustador convite:

– Vamos brincar?

Não bata palmas *Evalderiany Honorata*

Numa vila comum, uma escola incomum ao lado do cemitério recepcionou os estudantes para mais um ano letivo. Cristal mudou de cidade e se matriculou naquela escola. A cor cinzenta predominava em cada centímetro da construção. A luz artificial piscava fraca e todos os móveis aparentavam ser do começo do século passado. Na quadra de esportes, espaço da recepção do primeiro dia de aula para todos os estudantes.

— A única regra é: não bata palmas dentro do prédio escolar. Caso alguém o fizer, sofrerá as consequências — afirmou o diretor num tom ambíguo.

Ninguém o aplaudiu, como esperado. Todos foram dispensados. Cristal pegou a mochila e foi ao banheiro feminino. O espelho trincado não era um bom presságio. Ela passou água no rosto, precisava prosseguir. Olhou-se no espelho: os olhos pretos, a pele negra e os cachos graciosos lhe davam vivacidade. Pelo menos o ar desanimado dos outros estudantes não a afetou.

Ao final da aula, Cristal dirigiu-se para a biblioteca, ou a sala pequena e mofada com pilhas de livros empilhadas sem qualquer organização. A adolescente suspirou tentando evitar o mal-estar que pesou sobre seus sentidos no instante em que adentrou àquele espaço pequeno e fechado, sem janelas ou ventilação. A única pessoa dentro da minúscula sala de livros empoeirados perguntou se ela estava bem. Era uma garota de óculos de grau com aro colorido e cabelos curtos.

— Sim, apenas sinto ansiedade em lugares fechados. Eu sou Cristal, vim pesquisar o motivo pelo qual é proibido bater palmas.

Melina tirou os óculos, interessada na conversa com a estudante novata. Com cuidado, ela se levantou da única cadeira da sala e se dirigiu até uma pilha trêmula de livros. Ao som abafado dos papéis na pequena sala, Cristal lutou contra a sensação de que o espaço se tornara ainda menor.

— Sou Melina, bem-vinda a nossa escola. Boa sorte — ela lhe entregou um fichário empoeirado e voltou a se sentar na cadeira, retornou a sua leitura como se não tivesse sido interrompida.

Percebendo que Melina se concentrou na leitura, a novata preferia não prolongar a conversa. Tinha que admitir, as últimas palavras da ávida leitora lhe causaram certo... Desconforto. Cristal murmurou um agradecimento rápido, pretendendo ir logo para a casa. Contudo, o fichário grosso escapou das suas mãos que ao tentar deter a queda do objeto, se encostaram e repeliram produzindo um único som. O barulho ecoou dentro da biblioteca, chamando atenção de Melina.

Pedindo desculpas pelo descuido, a jovem se virou para sair do espaço fechado quando viu a porta batendo na sua frente. Não apenas bateu, também parecia emperrada. Girar a maçaneta tinha efeito nulo, como se a porta estivesse trancada. Por que a porta não abria?

— Você bateu palma — a resposta mortificada da outra estudante prenunciou que ambas estavam em apuros.

— Não pode ser... Aquilo nem foi uma palma! Preparei durante toda minha vida para esse momento, isso deveria acontecer depois que eu pesquisasse mais! — arfando, Cristal mal conseguia respirar ansiosa.

Aquela biblioteca fechada, minúscula, lotada de papéis e sem ventilação tornou-se mais abafada. O ar quente dava a sensação de um ambiente pesado e rarefeito. Sufocante! Cristal sentiu que as paredes começaram a se mexer, vindo lentamente em sua direção na intenção de emparedá-la. O mesmo aconteceu com teto e o piso, olhar diretamente para qualquer ponto culminava na aceleração do movimento. A tontura tornou a visão turva, multiplicou a sensação de emparedamento. De repente, Cristal tinha certeza de que não havia como escapar, estava destinada a morrer abandonada naquela pequena biblioteca esquecida pelo resto da escola.

Imediatamente entrou em pânico, o ar parecia mais pouco e quente do que nunca, puxou o fôlego desesperada. Certa de que sua vida corria risco, se pôs a bater na porta e gritar por ajuda, antes que o medo lhe roubasse os sentidos por completo. Cada soco desferido na madeira ressoava um som seco, arrítmico, alto o suficiente para chamar a atenção de quem passasse pelo corredor do lado de fora. Aquela sensação estava voltando. O ataque de medo de lugares fechados.

— Respire Cristal, me escuta. Podemos escapar — a garota propôs.

Contudo, o barulho que se ergueu do lado de fora semelhante a vários assovios e entrecortado pelos ruídos de muitos passos. O som exterior fez com que a biblioteca parecesse ainda menor, um medo absurdo dominou Cristal. A velocidade de seus batimentos cardíacos acelerados eram tudo o que escutava, pressentindo o começo de um ataque cardíaco. Melina não sabia o que fazer.

— Ouça os passos, alguém nos escutou — constatou Cristal, tom quase inaudível.

A lâmpada apagou, a energia da escola foi embora. A sala da biblioteca ficou completamente escura. Cristal não conseguia mais controlar o pavor. Do lado de fora da biblioteca, os passos pesados e assovios davam pancadas na porta. As pilhas de livros desmoronaram e a temperatura caiu em questão de segundos.

— Seja quem for, escutou palmas daqui, está querendo entrar. Precisamos nos esconder. Venha para baixo da mesa — chamou Melina, pegando o braço da estudante no escuro para indicar o esconderijo.

Por mais absurdo que fosse seu medo de ficar dentro de um espaço ainda menor junto à vontade de abrir a porta de madeira trancada, o chamado da adolescente a deteve. Era um traço de sanidade que por um instante a fez recuar para baixo da mesa com Melina. O problema era que no escuro, no frio, na iminência de coisas ruins acontecerem, o espaço embaixo da pequena mesa de Melina era mais restrito.

A calma que Melina passava a Cristal conflitava com a garganta seca que se esforçava para não gritar, sufocada pelo tamanho do esconderijo sob a mesa. Ela fechou os olhos e se concentrou em controlar aquele medo.

Escutou a porta se abrindo, lutou contra a vontade de sair correndo no mesmo instante. Os passos arrastados deram uma volta ao redor da mesa, na limitada sala da biblioteca. Eram muitos passos.

— Vamos para onde tenha alguma luz, preciso ler esse fichário...

Cristal tentou sair de baixo da mesa sentindo tonturas, efeito da crise de pânico que ainda não acabara. Melina a impediu de deixar o esconderijo seguro.

— Estou tentando salvar sua vida, Cristal. Por que é tão importante ler esse fichário? Por que bateu palmas? — a estudante perguntou.

Deprimida, Cristal tomou coragem para revelar:

— Não conheci minha mãe, mas recentemente descobri que nasci na época em que ela estudou aqui. E descobri que ela... Ela bateu palmas. Ela desapareceu nesta escola há quinze anos, quando me segurava, a diretora da época me encontrou aqui sozinha. Cresci com a minha família paterna. Meu pai trabalha aqui, mas tinha medo de me trazer para essa cidade. Eu só quero saber o que houve com a minha mãe!

Sem palavras, Melina recuou confusa. Ela fitou o rosto de Cristal por um longo tempo. A estudante estava com problemas para respirar, abraçando as próprias pernas enquanto tremia, ela olhava para aquela sala se sentindo pouco confortável, porque estava fechada.

— Cristal? Impossível... Você está viva?!... Pensei que você tivesse sido levada pelas Sombras! — Melina balançou a cabeça. Diante do olhar confuso da adolescente, ela esclareceu — Você é minha filha, Cristal! Sou sua mãe. Você nasceu quando eu ainda era adolescente, seu pai e eu nos casamos durante o ensino médio... Porém no dia do seu aniversário de um ano, por acidente, bati palmas e as Sombras apareceram. Eu tentei proteger vocês, lutei contra as Sombras, quase fui levada por elas e minha alma ficou presa nesta escola desde então.

A reação de Cristal a surpreendeu. As pálpebras de garota abriram de uma vez. Ela se soltou da outra estudante e saiu do esconderijo em um único movimento que levantou o móvel para o lado enquanto dizia, num novo ânimo.

— Você é minha mãe! Você é a Melina de quem meu pai falou! — ela percebeu em lágrimas de felicidade — Não vou deixar que essas criaturas nos afastem novamente!

Ao seu redor havia numerosas Sombras tangíveis, que avançaram contra ela. Envolvida e motivada pelo medo irracional controlado, ao descobrir que Melina era sua mãe, ela enfrentaria todas essas criaturas assustadoras.

A porta deixada aberta pelas Sombras era a oportunidade mais que esperada. Cristal fugiu da biblioteca deixando para trás várias Sombras

furiosas. As auras escuras de silhuetas humanas as seguiram impiedosamente, arrastando os pés em passos pesados. As Sombras apareceram na sua frente, caminhando em sua direção. Não havia para onde escapar... De repente, a porta da sala do diretor se abriu e alguém a puxou para dentro.

O diretor a abraçou, aliviado por vê-la segura. Melina observou a cena.

— Pai, me escuta... Conheci a mamãe! Ela está aqui agora... Durante todos esses anos que você foi diretor dessa escola e a alma dela esteve aqui.

O diretor Pietro, o pai viúvo de Cristal, parou ao ouvir as notícias da filha. Não tinha sido fácil viver sem a esposa, ver a única filha crescer sem a mãe. Tentara proteger Cristal do mesmo destino de Melina, todavia chegou o momento em que a filha quis vir para a cidade investigar este mistério. Ele olhou em volta, procurando por Melina.

— Você está aqui, Mel? — ele sorriu emocionado.

Mesmo que Pietro não pudesse vê-la, sentiu a energia dela. Melina pediu a Cristal dizer que o amava e sempre estivera o acompanhando desde que ele virou diretor e estava surpresa por saber que cuidara da filha durante todos estes anos, todavia todos corriam perigo.

— As Sombras são os espíritos do cemitério ao lado que quando batemos palmas, escutam e nos perseguem. Sua mãe bateu palmas quando estudava aqui... Sobrevivi ficando em coma por meses e a perdi. Tornei-me diretor desta escola para impedir que isso se repetisse – lembrou Pietro — Nunca tive coragem de seguir em frente com este plano, mas se não o fizermos, elas vão continuar.

Cristal observou uma sombra de tristeza na expressão dos seus pais. Com cuidado para não ser notada pelas Sombras, seguiu os dois por entre os corredores cheios de neblina. Do lado de fora a tempestade continuava intensa. Os relâmpagos clareavam o caminho do corredor até o andar subterrâneo. A adolescente sentiu o pânico ameaçar novamente, à medida que se dirigiam para um túnel estreito. Os passos das Sombras ecoavam mais perto, seguindo-os ao perceberem qual caminho o grupo estava seguindo. Por um momento, quase capturaram Cristal. A família precisou se esconder numa sala do porão, esperando o momento seguro de chegarem ao local certo.

— Diga a ele que deve fazê-lo — pediu Melina.

Ela abraçou a filha e o esposo num singelo ato de despedida. Do andar de cima, os passos das Sombras revelavam que elas estavam muito perto de encontrá-los. Foi com pesar que ela e o pai levantaram ao mesmo tempo a alavanca enferrujada. Logo após, correram para o abrigo contra terremotos da escola. Era um espaço pequeno e pouco iluminado, como a biblioteca.

Uma luz azul encobriu Melina. Antes de subir transfigurada num ponto brilhante, ela falou uma última frase cheia de orgulho:

— Você não está mais com medo. Eu amo vocês.

Triste pelo que estava acontecendo, Cristal nem se importou com o local ser fechado, ou com o barulho aterrorizante seguido por tremores das explosões dos túneis sobre a escola e o cemitério que destruiu os dois lugares. Pietro estranhou a filha não demonstrar medo, sabendo o quanto ela era claustrofóbica.

Em cima, a vista era da escola e do cemitério em ruínas. Pedregulhos espalhados por toda extensão, não restava nada, uma só parede em pé. Sob a tempestade ruidosa da noite, as Sombras derretiam, gritando seus assovios, se tornando pó sem ter o cemitério para retornar. Imediatamente a tempestade parou e as nuvens se dissolveram no céu noturno.

— Ela está orgulha de você... Eu também. Vamos para a casa, minha filha.

No céu, uma estrela azul brilhante piscou. Os olhos cheios d'água de Cristal refletiam aquele brilho com determinação.

— Obrigada — e bateu palmas.

Zeca

Evandro Valentim de Melo

Há anos Dona Ceiça não tinha desses sonhos. Na sua juventude, era bem frequente. Dias depois, a mensagem codificada que o mundo onírico havia lhe antecipado, se conectava com algum acontecimento. Ela conseguia entender com precisão.

Ninguém lhe dava trela quando tentava compartilhar os temores, as angústias daí decorrentes: “Ceiça, esse seu conversê parece blá-blá-blá de economista, que está sempre procurando um jeito de associar as coisas acontecidas hoje com o que disseram ontem. Para com isso, menina!” - diziam-lhe os mais experientes.

Cansada de ser motivo de chacota, esforçou-se para soterrar esse dom. Tanto fez que conseguiu. Avançou na idade; casou-se; tornou-se mãe da Elisa; enviuvou e, tempos depois, sua única filha transformou-a na avó do José Carlos Torres, o Zeca.

Quando o neto de Dona Ceiça completou dez anos de idade, Elisa pediu-lhe que ficasse com o Zeca por oito dias, duração de uma viagem que faria com o marido, para o casal celebrar as bodas de estanho.

Estranho foi o ressurgimento daquele tipo de sonho premonitório, a partir do momento em que Dona Ceiça aquiesceu ao pedido da filha.

– Isa, disse Dona Ceiça, lembra que lhe contei daqueles sonhos da minha juventude?

– Lembro, mãe.

– Eles reapareceram.

– Quer me contar?

– Acho que devo. O sonho vem se repetindo há várias noites: eu perco o controle remoto da TV. Eu e o Zeca procuramos, procuramos e não conseguimos encontrá-lo. O fato de não o acharmos nos causa um sofrimento inexplicável. Sempre desperto com o coração sobressaltado.

– Mãe, relaxe. Preocupação pela perda do controle-remoto? Por via das dúvidas, vejamos onde ele está.

– Já fiz isso, mas esses sonhos não são tão óbvios assim, têm mensagens disfarçadas...

– Dona Conceição, pare de se preocupar. A viagem vai ser tranquila e esses dias em que o Zeca lhe fará companhia, também serão assim. Ele está ansioso para rever os amigos que tem aqui. Fala o tempo todo nisso.

Dona Ceiça não quis atrapalhar a viagem da filha com seu genro e dissimulou a preocupação.

– Você está certa, Isa. Aproveite o passeio.

Já na casa da avó, Zeca aproveitava as férias ao máximo. Dona Ceiça, aos poucos, acalmou o coração. O sonho recorrente deixou de lhe visitar.

Na manhã do sábado, véspera do retorno de seus pais, mal engoliu o último pedaço de pão, Zeca saiu em disparada rumo à porta de casa. Dona Ceíça alertou:

– Zeca, você pode almoçar na casa do Paulinho. Brinque com seus amigos à vontade, mas tem um combinado, começou a escurecer, quero você de volta em casa, certo?

– ‘Tá’, vó - disse o menino.

Super-heróis, viajantes do tempo, astronautas, exploradores de cavernas, caminhoneiros, mergulhadores das profundezas oceânicas... Quantas brincadeiras! Os desafios os acompanharam à mesa do almoço: comer brócolis era a prova de coragem a que ambos se submeteram.

Finalzinho da tarde, quando o sol amenizasse, já estava acertada a partida de futebol no campinho, último espaço da quadra em que podiam correr, sem temor aos carros, que até lá não chegavam.

Sete jogadores de cada lado. Um time com camiseta e o outro sem. O jogo começou. Corre-corre sem parar, jogadas incríveis, mas os goleiros, inspirados, defendiam todos os chutes a gol. Intervalo. Um pouco de água, provocações mútuas e, quinze minutos depois, o segundo tempo iniciou.

Inesperada ventania trouxe de longe nuvens carregadas. Tomaram conta do céu. Escureceu tanto e ventava tanto, que ficou difícil manter o jogo. Contra a vontade de todos, a partida terminou. Os goleiros se vangloriavam e se diziam melhores do que os demais.

– Vamos, Zeca – chamou Paulinho.

– Já, já. Vou treinar mais um pouquinho. Depois volto direto pra casa da minha vó.

No campinho, o encantamento exercido pela bola de futebol, transportou Zeca para um estádio lotado, com a torcida em coro, gritando seu nome “Zeca! Zeca! Zeca! ”. A criança se esquecera completamente do combinado com Dona Ceíça.

Disfarçada pela robustez das nuvens escuras, a noite chegou sem o menino perceber.

Dona Ceíça se impacientava. Chovia forte e nada de seu neto aparecer. Guarda-chuva protegendo-a, saiu à procura dele. De início, às casas dos amigos onde acreditava que Zeca poderia estar. Vãs tentativas. A impaciência, aos poucos, transmudava-se em preocupação. A chuva se agigantou, tornou-se violenta tempestade, acompanhada dos clarões dos relâmpagos e trovões aterrorizantes.

Dona Ceíça, ansiosa, discou 190. Ao chegarem, os policiais a ouviram e saíram pelas ruas próximas. Perguntaram aos amigos de Zeca. A história era a mesma: o futebol no campinho, o fim da partida com as nuvens escuras e Zeca ter ficado lá.

A notícia correu e voluntários somaram esforços à busca empreendida pelos policiais. Adultos e crianças partiram rumo ao campinho.

A tempestade não arrefecia, ao contrário, parecia enviar mais e mais raios, seguidos de trovões cada vez mais ensurdecedores.

As pessoas avançaram até onde foi possível. De determinado ponto em diante, a mata se fechava, tornando-se impenetrável. Não era seguro prosseguir. Cabisbaixos, retornavam ao centro do campinho.

Dez da noite, bombeiros se juntaram àquele grupo. Vieram em um veículo aparelhado com holofote de incrível potência. As luzes reanimaram o grupo.

Enquanto uma avó se angustiava pelas lembranças de sonhos recentes, o caminhão se deslocava pelas beiradas do campinho, contornando-o, próximo à fronteira com a densa mata. Absolutamente encharcados, os civis, de novo, sentiam suas forças se diluírem na enxurrada.

Inevitável supor alguma fatalidade. Ouviam-se cochichos aqui e acolá: “Dona Ceíça está transtornada, coitada!”; “logo ele, tão habilidoso, poderia até se tornar jogador profissional”.

Um dos meninos, que escalara o veículo militar até o teto, alertou a todos, apontando uma enorme árvore caída.

Apenas os bombeiros se embrenharam na mata. O terreno se mostrava encharcado, escorregadio e bastante perigoso. O quadro dantesco apresentava a gigantesca árvore caída, vitimada por algum dos muitos relâmpagos, que trabalhou junto à ventania para derrubá-la. Suas raízes estavam expostas. Ao lado dela, uma grande rocha, como que arrancada das entranhas da terra. Entre ambas, quase a cair na cratera formada pelo incrível acidente natural, uma criança desacordada: Zeca.

Os bombeiros precisavam agir com rapidez. A chuva aumentara ainda mais. A enxurrada enchera o grande buraco surgido no solo e Zeca estava prestes a cair nele.

Resistente e comprida corda foi amarrada a outra árvore também parruda, que resistira à tormenta. Presos à corda, como alpinistas, os militares avançaram em direção ao menino. A chuva, como para desafiar a coragem e a perícia deles, engrossara ainda mais.

A água lhes atingia à altura da coxa. Contornaram a cratera e, já perto do menino, detectaram um ferimento na cabeça e um corte no pé direito. A boa notícia é que estava vivo. Apesar de desacordado, Zeca se agarrara à bola de futebol, como um náufrago.

Prestaram os primeiros socorros, puseram-no na maca, imobilizaram-no e o transportaram, elevando-o acima de suas cabeças.

Dona Ceíça misturava suas lágrimas ao solo ensopado, salgando a água doce da chuva. O tempo todo pensava em ter de noticiar à filha alguma fatalidade.

Zeca foi levado à emergência do hospital. Medicação intravenosa, dezessete pontos para costurar o profundo corte no pé e outros sete, no corte da cabeça.

Uma e meia da madrugada, ele despertou. Viu Dona Ceiça ao lado e a achou parecida com os zumbis dos filmes de terror.

– Vó! - Disse em tom quase sussurro.

Dona Ceiça e a enfermeira de plantão se aproximaram.

– Apesar do susto, os exames não revelaram maiores problemas – informou a enfermeira.

– O que houve, Zeca? – Perguntou Dona Ceiça.

– Fui buscar a bola na floresta. Um relâmpago clareou tudo. Acertou uma árvore grande, que caiu em cima de mim. Foi tão rápido que nem sei direito o que aconteceu. Depois, acordei aqui.

– Os exames de raio-x revelaram apenas uma coisa: teimosia, nada mais. Quando o soro terminar, Zeca e sua vó poderão voltar para casa. Nos próximos três dias, repouso, a fim de preservar os pontos. Cuide desse seu pé, que o corte foi sério. Troquem o curativo a cada vinte e quatro horas. Daqui a pouco esse menino estará novinho em folha.

Em casa, surpreendentemente Zeca estava faminto. Tomou a sopa que Dona Ceiça havia preparado para o jantar. Entre uma e outra colherada, o menino percebeu, pelo semblante de sua vó, o quanto ela ainda sofria.

– Vó, a senhora me perdoa? – perguntou Zeca em tom sentido e sincero.

– Meu coração não suporta outra dessas, Zeca. Pensei que algo muito ruim havia lhe acontecido. Seu pai e sua mãe jamais me perdoariam. Não vou ralhar, acredito que você aprendeu uma boa lição.

Cabisbaixo, amparado em Dona Ceiça, Zeca se encaminhou até a cama que o aguardava. A avó deu-lhe um beijo de boa-noite, fez um cafuné e se retirou.

Aquela senhora tinha plena consciência de que, tão logo o machucado cicatrizasse, Zeca aprontaria de novo. “Criança saudável é assim mesmo”.

Há quem acredite na existência de anjos da guarda. Há quem não. Se os olhos e ouvidos de Dona Ceiça captassem, ela saberia que um desses seres tão especiais estava na poltrona ao lado da cama do neto. Exausto, amassando as asas e ressonando baixinho, depois da longa jornada de trabalho daquele dia.

A torta envenenada

Fabiane Rodrigues da Silva

Era noite de Natal, todos os vizinhos do bairro Vale dos Sonhos se reuniam para celebrar esta data. As arrumações começavam cedo e todos participavam desta grande festa. Tinha uma árvore de Natal bem grande (com muitos enfeites e luzinhas), imagens do Papai Noel espalhadas pelas ruas, gnomos de jardim, luzes nas árvores e, claro, muitos presentes para todas as crianças.

Uma das organizadoras deste grande evento era Dona Beatriz, mãe dos gêmeos Gael e Gabriel. Os meninos contavam com 12 anos e estavam naquela idade entre o fim da infância e início da adolescência, aprontavam uma aventura atrás da outra e também tinha uma imaginação muito fértil.

Entre as invenções de suas cabeças, estava a história da Dona Eufrásia. Ela era uma pobre senhorinha na meia idade, de aparência cabisbaixa e triste. Era também um pouco isolada, não conversava muito com os moradores, era discreta e quase nunca recebia visitas (a não ser por uma freira que frequentemente a visitava na semana natalina). Ninguém sabia ao certo quem era a melancólica vizinha, seu passado era velado pelo silêncio e ninguém perguntava nada, mas muito se especulava.

Para os gêmeos, ela era espécie de uma bruxa que assustava a todos com seu olhar. Ninguém ousava chegar perto de sua casa. Se a bola caísse no pátio dela, era mais fácil comprar uma nova do que bater na campainha da vizinha. Muitas vezes era possível também escutar choros e músicas de crianças, o que era estranho, porque ela morava sozinha.

Porém, na noite de Natal, ela saía de seu casulo e ia confraternizar com habitantes locais do bairro. Não era de muitas palavras, mas era a única vez que realmente podia ser observada com mais detalhes. Levava alguns quitutes e presentes para colocar embaixo da árvore. Contudo, naquele Natal ela não apareceu.

De início sua ausência não foi notada, pois como não costumava aparecer muito, sua falta parecia comum e até então justificável. Foi perto da meia-noite que os gêmeos sentiram falta da “vizinha bruxa” e foram falar com sua mãe:

– Mãe, mãe! – disse Gael

– O que foi menino? – disse Dona Beatriz - Não está vendo que estou comendo meu arroz com uvas passas?

– Eca, que nojo- disse Gael – Cadê a nossa vizinha bruxa?

– De novo com esse papo, filho – disse Dona Beatriz - Dona Eufrásia deve estar por aí ou deve estar chegando.

– Estranho, porque ela sempre aparece na noite de Natal – afirmou também Gabriel – E até agora não vimos ela.

– Hum...bem, porque não batem na sua porta? – comentou a mãe dos meninos.

– Nãoooooooooo – disse Gael aterrorizado – Só se você for junto, mãe.

– Ok, vocês me convenceram – disse Dona Beatriz - Vamos lá!

Dona Beatriz e os gêmeos se deslocaram até a casa de Dona Eufrásia. Bateram na porta e nada. Chamaram pelo seu nome e o silêncio foi a única resposta. Gael então teve a ideia de ir na porta dos fundos e por sorte estava aberta. Os gêmeos e a mãe entraram naquela casa até então desconhecida. Os passos faziam barulho naquele assoalho antigo, era possível ver também objetos antigos e antigas fotos nos porta-retratos.

Ao chegarem na cozinha, se depararam com Dona Eufrásia deitada em cima da mesa e na sua frente uma torta natalina. Pelos farelos na toalha da mesa, foi possível ver que ela tinha consumido o alimento. Os gêmeos aterrorizados com a cena, saíram correndo e Dona Beatriz saiu atrás deles.

– Se acalmem meninos! Vamos chamar uma ambulância, Dona Eufrásia parece ainda estar respirando, mas muito fraco. Precisamos de ajuda – disse Dona Beatriz ainda confusa com a situação embaraçosa.

– Acho que ela morreu, mamãe – disse Gabriel.

– Não, vamos ligar para a emergência – disse Dona Beatriz – E para a polícia também.

A ambulância chegou poucos minutos depois, o bairro todo ficou abalado com a situação da Dona Eufrásia e viram a senhorinha sendo levada pelo hospital. A noite de Natal foi marcada e abalada por tal situação, havia um crime no local e muitos ficaram com medo da insegurança que estava instalada. Quem seria a próxima vítima? Será que o criminoso estava entre eles?

Os policiais chegaram um pouco depois, colheram alguns objetos e falaram com alguns vizinhos. Pouca coisa foi possível coletar, a não ser a torta ingerida por Dona Eufrásia que iria para uma análise no laboratório.

No dia seguinte, foi possível receber notícias da vizinha no hospital. Ela estava viva, mas em uma situação bem delicada e ainda não conseguia falar. Respirava com dificuldades, mas estável.

Gael e Gabriel, embora assustados com o acontecimento, estavam curiosos com o ocorrido. Resolveram, então, explorar o local do crime, a polícia tinha isolado a área, mas, como moradores do bairro, eles conheciam bem cada cantinho e como entrar na casa.

Na parte de baixo da casa, havia um sótão com uma portinha bem pequena. Praticamente emperrada, mas que com um pouco de força foi aberta. Gael foi o primeiro a entrar com uma lanterna. Gabriel, um pouco hesitante, foi logo atrás. De cara foi possível avistar um berço antigo, alguns baús e objetos de crianças. Em uma caixa um pouco maior, estavam muitas correspondências com destinatários de endereço diferentes, mas o remetente era sempre o mesmo: Madre Poliana, do hospital psiquiátrico.

Leram algumas cartas, mas não entenderam muito o contexto. Resolveram pegar algumas cartas e levaram para Dona Beatriz.

– Isso é errado o que vocês fizeram meninos. Não deveriam invadir a casa da vizinha, ainda mais que está sob investigação.

– Mas descobrimos coisas importantes – disse Gael - Tem uma Madre chamada Poliana que manda muitas cartas para Dona Eufrásia, será que não é aquela freira que visita ela?

– Pode ser, meu filho, mas vamos deixar a polícia tomar conta disso. Pode ser perigoso, não sabemos quem está por trás desse atentado.

– Então, o que fazemos? – disse Gael

– Vamos levar essas cartas para a polícia então, eles não vão fazer nada contra vocês porque são crianças. Mas nunca mais façam isso, ainda mais sem me avisar. Vocês poderiam ter sofrido algo. – disse Dona Beatriz ponderadamente.

Ao saírem, avistaram a freira batendo na porta de Dona Eufrásia.

– Madre Poliana? – Gritou Dona Beatriz

– Sim, sou eu.

– Não soube o que aconteceu com Dona Eufrásia?

– Meu Deus, temo que eu tenha chegado tarde. Onde ela está?

– No hospital – disse Dona Beatriz – Parece que ingeriu uma torta de natal envenenada, ela está viva! Mas ainda muito mal.

– Só pode ter sido o Dante! – disse a Madre Poliana

– Dante? – disse Dona Beatriz – Quem é?

– Desculpe minha filha, preciso ir! Achei que ia conseguir chegar a tempo, mas não consegui. Preciso ajudar Eufrásia, antes que o pior realmente aconteça. Obrigada pela informação.

– Tudo bem, Madre, se precisa de algo...moro naquela casa amarela ali – E Dona Beatriz apontou.

– Ainda vamos à polícia, mãe? – disse Gael

– Sim, tem algo estranho. Ela falou de um tal de Dante, a polícia precisa saber e descobrir quem é.

Ao chegarem ao Posto Policial, foram recepcionados pelo Delegado Adolfo, que já contava com muitos anos de serviço.

– Em que posso ajudar vocês? – disse Adolfo

– Eu sei que é errado, mas meus filhos encontram essas cartas no sótão de Dona Eufrásia – disse Dona Beatriz.

– Ah, sim...o caso da senhora envenenada – disse Adolfo.

– Esse mesmo! O sótão não tinha sido isolado e o senhor sabe como são essas crianças, curiosas! Me desculpe.

– Tudo bem, mas elas correram perigo – falou Adolfo olhando para Gael e Gabriel - Investigação é para a polícia, meninos.

– Eu falei isso para eles, mas nunca me escutam. – disse Dona Beatriz - Nessas cartas o remetente é sempre o mesmo, Madre Poliana. Inclusive, encontramos ela hoje de manhã batendo na porta da casa de Dona Eufrásia e comentou de um tal de Dante.

– Hum...interessante. Vamos verificar, obrigada pela ajuda – disse Delegado Adolfo.

– Imagina, só queremos o melhor de Dona Eufrásia. Apesar de ser uma vizinha reservada, nunca trouxe problemas para a região. Ficamos preocupados que tentaram matá-la. Não sabemos se também estamos no alvo desse criminoso – finalizou Dona Beatriz.

Ao saírem da Delegacia, encontraram Madre Poliana chegando.

– Madre! – disse Gabriel

– Olá, novamente, meninos e Dona Beatriz.

– Acredita que a senhora tenha informações para dar ao caso? – disse Dona Beatriz.

– Sim, Eufrásia é minha irmã – disse Madre Poliana - Tem o medo pela vida dela, preciso da ajuda do delegado.

– Pode entrar, ele está a par da situação. Vamos ficar na torcida da nossa vizinha e sua irmã, fico feliz que ela não está sozinha neste mundo – disse Dona Beatriz.

Madre Poliana foi recebida imediatamente pelo Delegado Adolfo.

– Madre, seja bem-vinda.

– Obrigada, preciso que ajudem minha irmã.

– Dona Eufrásia é sua irmã?

– Isso, exatamente.

– O que a senhora tem para me contar?

– Eufrásia tem um filho, o Dante. Ele tem problemas mentais, estava internado há anos, mas ele sumiu.

– A senhora acredita que ele deu de presente a torta envenenada?

– Só pode ser ele. Descobri faz pouco sua fuga do hospital, ele é muito perigoso. Mantinha Eufrásia informada por meio de cartas, mas ela vivia se mudando com medo de que ele tentasse algo contra sua vida. Ele estava internado desde novo. Há fortes indícios, mas que fique bem claro, nunca ficou provado que matou seu pai.

– Nossa, é uma história e tanto, Madre. De que jeito morreu o pai dele e marido de sua irmã?

– Envenenado – disse a Madre categoricamente – Ele era ainda um menino, mas sempre teve uns pensamentos ruins. Abriguei-o durante muito tempo, achei que se ficasse na igreja e estudasse atos de bondade e disciplina, poderia se curar. Mas a cada ano que passava, ele ficava mais agressivo. Minha irmã Eufrásia estava arrasada com a morte do marido, não conseguia reagir. Acabou me autorizando para que o colocasse em um hospital psiquiátrico.

– Prossiga – disse Adolfo.

– Durante muitos anos ele parecia tranquilo, foi quando Eufrásia se mudou para aqui perto. Mantinha-se isolada porque tinha receio de que seu filho a encontrasse e fizesse algo contra ela. Ele tinha uma mente perturbada, mesmo com medicamento foi difícil deixá-lo estável.

– A senhora disse que ele fugiu?
– Isso, faz alguns dias. Só pode ter sido ele!
– Vamos investigar! Preciso que me dê o máximo de informações. – disse Adolfo.

Após buscas no bairro, foi possível encontrar Dante embaixo de um viaduto. Ele não falava nada com nada, misturava lembranças de infância, memórias inventadas e palavras sem sentido.

Posteriormente, foi possível verificar que ele mesmo entregou a torta para Dona Eufrásia, que abriu a porta feliz e contente com seu filho. Apesar de toda ponderação e receio, acreditava que seu filho estava bem. Comeu a torta e passou mal.

Dona Eufrásia conseguiu colaborar com as investigações assim que melhorou, relatando a visita do filho e o presente da torta natalina. O laboratório afirmou que havia substâncias estranhas no alimento realmente, mas que felizmente em pouca quantidade. Se tivesse um pouco mais de veneno, Dona Eufrásia poderia ter morrido.

Dante, seu filho, foi levado novamente para o hospital psiquiátrico e iria iniciar um novo tratamento. Dona Eufrásia jamais acusou seu filho, apenas pediu que ele fosse cuidado com carinho e que ajudassem-no a ter uma vida melhor, pois precisaria de cuidados médicos. Não poderia conviver em sociedade, pelo menos por enquanto.

Dona Eufrásia saiu do hospital semanas mais tarde e foi agradecer a ajuda e curiosidade dos gêmeos.

– Meninos, obrigada! Se vocês não sentissem a minha falta naquela noite de Natal, eu poderia nem estar aqui. Obrigada de todo o meu coração e também pela curiosidade de irem atrás de fatos que ajudassem a investigar o ocorrido. – agradeceu Dona Eufrásia.

– Imagina , não precisa agradecer – disse Gael

– Agora vocês sabem que não sou uma bruxa, não é mesmo? – brincou Dona Eufrásia.

– Mas... e aquela vassoura? – disse Gabriel

—Vassoura? – disse Dona Eufrásia.

E saíram correndo...há coisas que nunca mudam no Vale do Sonhos, inclusive os medos.

A morte em mim

Fernanda A. Rodrigues Laranjeira

Eu morri numa madrugada fria e úmida depois de um longo dia de trabalho nas lavanderias da condessa de d'Aumont. O assassino que se aproximou de mim pelas costas, rasgou minha garganta com sua faca pouco afiada sem que eu tivesse chances de me defender.

Naquela noite, ele levou minhas poucas moedas e eu perdi minha vida, meus sonhos e esperanças. Lembro-me de que, antes que meu coração parasse de bater, vi o sorriso do meu filho. Aquele foi meu último pensamento e assim deixei a vida com lágrimas nos olhos.

Meu corpo enregelado foi encontrado ao amanhecer, após horas esquecido num beco escuro de Paris, por um garoto sujo que se aproximou de mim e deu pequenas pancadas em meu ombro, como não me mexi, ele tocou meu pescoço com a ponta dos dedos e ao constatar a falta de pulsação deu sinal para que outros dois rapazes que o acompanhavam chegassem mais perto.

Quando estavam todos reunidos à minha volta, ele levantou meu vestido expondo meu corpo sem qualquer pudor e, como se ensinasse aos mais jovens a escolher uma boa novilha, explicou com muito contentamento que meu corpo renderia um bom dinheiro, pois, apesar do corte profundo em meu pescoço por onde meu sangue havia jorrado, eu era jovem e não tinha ferimentos graves, deformidades ou qualquer doença séria, então, os dois jovens, seguindo as ordens do líder do grupo, tomaram-me pelos pés e pelas mãos e me lançaram sobre uma carroça.

Nem sequer fecharam meus olhos.

Notei que junto a mim havia outros três corpos, um deles era de uma mulher muito velha que cheirava à doença e podridão, o outro era de uma criança ainda anjinho que parecia dormir e o terceiro era de um homem de meia idade sem ferimentos que permitissem descobrir a causa de sua morte.

A viagem foi longa e penosa e durante todo tempo eu me perguntava se a morte era apenas aquilo e onde estaria: o limbo, o purgatório o paraíso e o inferno.

Depois de muito tempo sacolejando por uma estrada estreita, paramos em uma estalagem, um lugar pobre e feio muito distante da cidade e enquanto os dois rapazes ficaram para vigiar a mercadoria, o terceiro entrou na taberna onde se ouvia o riso de homens bêbados e mulheres levianas.

Meus olhos estavam muito cansados, mas eu não conseguia fechá-los e meu único consolo era poder olhar as estrelas que começavam a surgir no céu.

Estava tomada pela frieza da morte e não entendia porque minha alma ainda estava aprisionada à carne. Então me dei conta de que eu não seria enterrada, de que não me seriam concedidos os ritos fúnebres e de que

minha alma não seria encomendada aos céus, talvez por isso meu espírito ainda estivesse ali, impedido de encontrar o caminho em direção ao descanso eterno que sempre me havia sido prometido.

Angustiada por aquele pensamento, senti mãos que me tocavam. Um dos rapazes abriu os botões de meu blusão para deixar meus seios à mostra, enquanto o outro me observava com um sorriso torpe nos lábios, me senti envergonhada e exposta enquanto os dois apalpavam meu corpo e faziam piadas sujas.

Quis chorar e descobri que aos mortos não é dada essa benção.

Após viajarmos por toda a noite, chegamos a uma bonita propriedade rural, uma casa grande feita de pedras cinzentas e janelas altas. Não demorou para que o dono da casa surgisse. Pude vê-lo bem quando ele se aproximou para examinar meu corpo, era um homem de cerca de quarenta anos, cabelos grisalhos, boca bem-feita e olhos atentos. Pude notar que ele se agradou de mim, mas apesar disso reclamou do alto preço exigido pelo líder do grupo, então os dois iniciaram uma discussão que me pareceu ensaiada, como se ambos já soubessem qual seria o desfecho daquilo.

O mercador propôs a venda de nós quatro pelo preço de três, mas o homem não queria a velha que estava muito deteriorada, nem o bebê, pois bebês eram fáceis de encontrar. Ele queria apenas o homem de meia idade e a mim. Severo, lembrou ao mercador que já tinha dito centenas de vezes que corpos velhos e decompostos não lhe interessavam, precisava de corpos frescos e jovens, não de carcaças imundas.

O mercador tentou convencê-lo de que com a chegada do verão a oferta cairia e o homem rebateu alegando que a nova estação traria suas próprias doenças garantindo que os corpos continuassem a chegar. Depois de muito discutirem, o homem aceitou ficar com três de nós. Não ficou com a velha alegando que aquele corpo, em adiantado estado de putrefação e cujo odor impregnava tudo, não lhe teria serventia alguma.

O sol já estava no meio do céu quando meu corpo foi carregado pelos rapazes e deixado numa mesa fria num quarto iluminado por archotes, não demorou para que o homem que me comprou viesse se ocupar de mim e me surpreendi ao perceber que sua ajudante era uma mulher jovem.

Juntos e em sintonia como se acostumados com aquele trabalho, eles despiram meu corpo, me emergiram numa banheira de águas mornas que cheirava a ervas medicinais, me esfregaram até que toda a sujeira saísse, lavaram e trançaram meus cabelos, me secaram com uma toalha macia e empastaram meu corpo com um unguento de cheiro forte.

Nunca em vida eu havia me banhado daquele jeito.

Terminado o trabalho, meu corpo foi deixado sobre a mesa, as luzes foram apagadas e eu mergulhei numa escuridão consciente tão densa e penetrante que podia senti-la tocando meus ossos. Sempre temi o escuro e a plena consciência de mim mesma que a ausência de luz proporcionava e, naquelas horas de profundo silêncio, fui assombrada pelos fantasmas dos

sonhos desfeitos, pela sombra de esperanças vãs e pela lembrança daquilo que nunca aconteceria.

Eu tentei gritar implorando aos céus que tivessem misericórdia da minha alma e me levassem dali, mas nenhum som saía de minha boca.

Era desesperador estar ali, consciente da vida à minha volta e sem forças para me livrar de mim mesma, sem saber como deixar meu corpo e voar em direção à eternidade, sem sequer ter a certeza de que havia realmente um céu esperando por mim.

Mesmo morta eu sentia frio e me perguntei se aquilo era o purgatório sobre o qual eu ouvia falar nas missas de domingo.

Sem respostas e em meio àquele tormento, a manhã me surpreendeu. Logo a sala estava repleta de rostos jovens de olhos curiosos, todos homens bem vestidos – com exceção de uma única mulher, a jovem que havia ajudado a cuidar do meu corpo na noite anterior -, tinham papel e lápis nas mãos e me olhavam com interesse e até com certa reverência.

O homem que me comprou foi recebido de forma efusiva, parecia contar com a admiração daqueles meninos que se sentiam homens e que o ouviam com respeito e atenção enquanto ele apontava para mim e explicava sobre o funcionamento do corpo humano, até que, para meu completo pavor, ele aproximou-se de mim e sob o olhar de sua plateia rasgou meu peito com algo que parecia uma serra, em seguida a jovem foi convidada a se aproximar e a retirar o meu coração, o que ela fez com firmeza total e perícia, para deslumbre de todos que assistiam àquela cena bizarra.

Diferente de quando morri, não senti dor, mas senti cada pedaço do meu corpo sendo arrancado de mim e talvez tenha sido pior do que ser amputada em vida, pois eu não podia gritar.

Após ter meu corpo totalmente esvaziado, meu dorso oco foi lavado, empapado com um líquido de cheiro ruim e costurado, meus órgãos foram expostos em potes de vidro organizados em uma prateleira.

Não sei há quanto tempo isso tudo aconteceu, sei apenas que desde então meus olhos continuam abertos, porém, nunca mais pude ver as estrelas no céu, já não consigo sequer ver o sorriso de meu filho em minhas lembranças e a única coisa que vejo através da barreira de vidro do recipiente que me guarda é uma sala muito limpa e clara.

Em alguns momentos, alguém se aproxima, para à minha frente e me encara, olha no fundo dos meus olhos e eu tenho a estranha sensação de que essa pessoa pode sentir que eu ainda estou aqui, mas então ela se vai e eu permaneço sozinha, presa em meu corpo sem vida, consciente de que fui condenada a ser tratada como um objeto, como se nunca tivesse vivido, sem esperança, sem fé ou certezas e sem saber por quanto tempo irá durar o meu tormento.

A porta para o além

Francielle Consoni

Era uma noite invernal, quando Jenny e sua família tinham chegado de mudança para uma nova casa. Não que fosse uma casa realmente nova, afinal, era uma antiga construção reformada, mas, era de fato uma nova experiência.

Jenny aguardava ansiosa por adentrar, enquanto seu pai, John, procurava a chave correta do portão em meio ao molho que havia retirado do bolso.

– Parece uma bela casa! - Disse sua mãe, Mary, admirada com a beleza e sofisticação da fachada.

Com a chave em mãos, John abriu o pesado portão de ferro e então a família atravessou o grande terreno até a porta de entrada.

– Vamos, Tom! - Exclamou Mary, chamando o filho caçula, que estava distraído demais jogando em seu *GameBoy*.

Abriam a porta de entrada e depararam-se com uma grande e majestosa sala de estar, com móveis talhados à mão, uma lareira e um tapete oriental, que juntos, davam à sala um aspecto misto de mistério e sofisticação.

– Uau! - Exclamou Jenny.

– Quero escolher o meu quarto! - Completou a menina, enquanto subia as escadas.

Havia quatro portas em um grande corredor, sendo três delas quartos e, uma última que ainda estava trancada, já que John ainda não tinha encontrado a chave para abri-la.

– Vamos escolher os quartos e colocar nossas coisas, pois já é tarde. Amanhã eu tento encontrar a chave. Deve estar perdida dentro de uma das malas. - Disse John.

Após organizarem seus principais pertences em seus novos quartos, sentaram-se à mesa para juntos, desfrutarem da pizza que tinham pedido por telefone.

– Quem quer esse pedaço de *marguerita*? - Perguntou a mãe, levantando uma das fatias cortadas da pizza quentinha.

– Eu! - Disse Tom, o irmão mais novo de Jenny, que passava a maior parte do tempo jogando *RPG* ou trocando mensagens pelo celular.

– Eu quero a *mexicana*. - Disse Jenny, já com bastante fome, após a longa viagem até a casa.

Juntos, os quatro saboreavam em silêncio aquela maravilhosa pizza de uma pizzeria até então desconhecida, quando Tom disse:

– Queria saber o que tem naquele quarto trancado.

– Assim que encontrarmos a chave saberemos, filho. - Respondeu o pai.

Finalizaram a pizza, e como não havia louça (já que os pratos e copos eram descartáveis), prepararam-se para dormir.

Já em sua cama, e com as janelas fechadas, Jenny desfrutou de um colchão que já estava na casa e, que por sinal, era bastante confortável.

– Boa noite, meus amores. - Disse a mãe, Mary, em voz alta.

– Boa noite, mamãe. – Responderam em coro, os irmãos.

Era uma noite fria, típica do início da estação, e o frio embalava o sono pesado da família.

– A porta está aberta. – Jenny ouviu a voz de seu irmão que sussurrava no meio da noite.

– Tom? Ainda está acordado? Amanhã a gente vê...

Mas Jenny podia ouvir o som da porta se abrindo e os passos de Tom, provavelmente entrando no quarto que até então estava trancado.

A menina levantou-se e, como a curiosidade já era maior do que o sono, foi até o irmão.

– Você encontrou a chave? - Questionou Jenny.

– Não. - Respondeu o irmão.

– Eu estava sem sono e vim aqui ver se a porta estava mesmo trancada. Mas não estava. - Finalizou.

– Estranho. - Disse a menina, suspeitando.

Jenny então acendeu a luz do quarto, e começou a investigar aqueles móveis únicos e feitos à mão, que davam um aspecto misterioso e um pouco assustador àquele ambiente.

Tudo parecia mágico: a penteadeira, os espelhos, e as grandes janelas que mais pareciam portas para um outro mundo.

O quarto tinha também um cheiro amadeirado, bastante agradável.

– Tom, vem aqui ver esse baú! Será que esqueceram algo nele? - Chamou pelo irmão, mas não obteve resposta.

– Tom?

O garoto estava em pé, diante de uma das janelas, aparentemente petrificado.

O quarto ficava no terceiro andar, tal qual era o último daquela majestosa casa.

– Vamos, Tom. - Insistiu a menina, sussurrando para que seus pais não acordassem.

– É tão bonito do lado de fora. - Disse Tom.

– É? Eu só consigo ver escuridão nessa hora da noite. - Respondeu Jenny.

– Nós estamos aqui dentro, mas na verdade somos de fora. - Disse Tom, ainda petrificado ao olhar a paisagem, de costas para Jenny.

– Você filosofando, Tom? Deve estar com bastante sono. - Ironizou a irmã, ainda sussurrando.

O menino permaneceu calado, enquanto Jenny tentava, de alguma forma, abrir aquele lindo e rústico baú.

De repente, Tom abriu a janela para qual estava olhando, e se aproximou ainda mais da paisagem exterior.

– Está frio, Tom. Feche a janela. - Disse Jenny, já incomodada com o comportamento do irmão.

– Eu quero voltar. - Disse Tom.

– Voltar? Achei que estava gostando da nova casa, Tom. Não podemos voltar agora. Nossos pais já a pagaram. E eu gosto dela. - Respondeu Jenny. E continuou:

– Já que você já abriu uma porta e uma janela trancadas, e sem chave, quem sabe pode me ajudar a abrir esse baú? - Continuou.

– Já está aberto. - Respondeu Tom.

Jenny, estranhando ainda mais as respostas do irmão, forçou para abri-lo. Ouviu o som do destravar e eis que, sem mais nem menos, o baú se abriu imediatamente.

– Você está brincando comigo, maninho. - Alegou a menina.

E ao olhar para o irmão, percebeu que ele estava sentado na janela, com as pernas para o lado de fora.

Assustada, ela disse:

Vamos voltar para a cama, Tom. Saia daí, é perigoso.

– Meninos? – Era a voz de Mary, que parecia ter acordado com a movimentação.

Foi então que o menino cerrou os olhos e inclinou seu corpo para fora, levemente, com um sorriso discreto em seus lábios, soltando seu corpo em queda livre, do andar 3º.

– Tom! - Gritou Jenny, desesperada, correndo em direção ao irmão, na esperança de segurá-lo.

Um forte barulho então foi ouvido, seguido de um silêncio avassalador, vindo de Jenny. Ao ouvir o estrondo, os pais de Jenny e Tom foram até o quarto.

– Jenny? O que está acontecendo? - Perguntou o pai, olhando para a menina, que estava atônita, olhando pela janela.

– Jenny? Como abriu essa porta?

– Ela sempre esteve aberta.

– Não é possível, eu mesmo verifiquei, e estava trancada. Onde está seu irmão? Ouvi os dois conversando... que barulho foi esse?

– Ele está do lado de fora. Não há nada além de silêncio.

– Chega de piadas, Jenny. - Resmungou o pai, indo em direção à filha, para fechar a janela e levá-la de volta para cama.

Mas antes que ele pudesse tocá-la, a menina pôs um de seus pés na janela, e com o outro jogou-se para fora. E caiu.

– Jenny! - Gritou sua mãe, desesperada, ao mesmo tempo que acordava em sua cama.

– Meu bem? Acalme-se. Você teve um pesadelo. Assim vai acabar assustando as crianças. - Respondeu John.

Atordoada, Mary passou algum tempo pensativa, até que adormeceu.

Ao amanhecer, os quatro reuniram-se à mesa, novamente, mas agora para o café da manhã.

– Encontrei a chave. - Disse o pai, contente. E perguntou:

– Quem quer entrar primeiro?

O bicho mau

Francisco Hélio de Sousa

Eu não sei se é verdade, mas...

Diz a lenda que um menino travesso aproveitou um descuido da bruxa mais velha e poderosa que já existiu na face da Terra e trocou sua vassoura voadora por uma comum, fazendo com que se esborrachasse no chão ao tentar voar.

Quando descobriu que era mais uma travessura de menino, a bruxa ficou furiosa. Não só com aquele menino, mas com todos os meninos e meninas do planeta. Detestava crianças.

Como não era a primeira vez que se sentia importunada, ela resolveu se vingar de todas as crianças do mundo. Procurou em seus livros de maldades por algo que fosse poderosamente assombroso, que resolvesse de vez seu problema com as crianças. Não queria feitiço, maldição ou bruxaria comum, tinha que ser algo terrível, que assustasse as crianças dia e noite, noite e dia, e que não lhes desse descanso algum. Assim, não a importunariam mais.

Por não ter encontrado em nenhum livro de bruxarias e feitiços algo que se enquadrasse nos seus planos de fazer maldades o tempo inteiro (dia e noite), a bruxa teve a ideia de criar um novo monstro.

– Já sei! - Disse a bruxa. - Preciso criar um monstro que possua as características de alguém que seja mal durante o dia e de alguém que seja mal durante a noite e juntar tudo em um só. Um monstro capaz de assustar as crianças dia e noite, noite e dia e que obedeça aos meus comandos.

Dirigiu-se à estante e pegou o livro falante de monstros, feras e criaturas assustadoras, para perguntar:

– Quem mais assusta as crianças durante a noite?

– O bicho-papão! - Respondeu o livro.

– Quem mais assusta as crianças durante o dia?

O lobo mau! - Respondeu o livro.

– Pronto! Disse a bruxa. Já tenho meu monstro ideal: será o “Bicho mau”, uma mistura de bicho-papão com lobo mau.

Mandou imediatamente que suas ajudantes lhe trouxessem um pouco de baba do bicho-papão e um tufo de cabelos do rabo do lobo mau, enquanto preparava as porções maléficas necessárias. Pôs dentro de um grande caldeirão de água fervente um gato morto, pernas de aranha, asa de morcego, xixi de rato, sangue de barata, cera de ouvido, meleca e outras coisas nojentas. Sobre tudo isso, jogou terra por cima e deu uma cusparada.

Por fim, despejou vários frascos com líquidos esquisitos e porções maléficas, separando um frasco de desobediência para adicionar algumas pitadas. Com este devia ter muito cuidado para não exagerar na dosagem, já que queria manter a criatura obediente e sob seu controle.

Enquanto isso as ajudantes saíram em busca dos ingredientes principais para o feitiço. Já era noite e foi fácil conseguir a baba do bicho-papão, já que costuma deixá-la por onde passa (no quarto das crianças, nos armários, nas gavetas ou debaixo da cama). A gosma é invisível para as pessoas, mas não para o olhar atento das ajudantes de bruxas. Bastou procurar por algumas crianças assustadas pelo bicho. No entanto, o tufo de cabelo do rabo do lobo mau parecia ser um problema, já que o lobo mau não possuía hábitos noturnos e elas não sabiam onde ele dormia.

De tanto procurarem a toca do lobo mau ficaram cansadas e pensaram em desistir, só não o fizeram porque seriam castigadas pela bruxa velha que as enviou.

Pensaram, pensaram... e tiveram uma ideia para enganar a bruxa e conseguirem cumprir a missão. Pegariam um tufo de cabelo do rabo do lobisomem, ele sempre deixa um montão no local onde se transforma em gente. Ao contrário do lobo mau, o lobisomem só aparece durante a noite, mas ninguém iria notar a diferença (é tudo lobo – disseram). E assim o fizeram.

Enquanto aguardava, a bruxa ficou horas girando em torno do caldeirão, balbuciando dizeres e maldições. Até que chegaram as ajudantes trazendo a baba do bicho-papão e o tufo de cabelo do lobo mau (diga-se do lobisomem). Quando viu que chegaram seus dois principais ingredientes a bruxa soltou uma gargalhada estrondosa e mandou que as ajudantes fossem embora. Não queria ninguém espionando seus métodos ou atrapalhando a criação de sua obra prima.

Sua criatura assustaria para sempre todas as crianças do mundo, dia e noite, noite e dia... (Cantarolava repetidamente), dia e noite, noite e dia...

Começou a pôr os ingredientes no grande caldeirão e ia começar a dizer as palavras finais, que concretizariam o feitiço, quando sentiu uma vontade grande de ir ao banheiro... interrompeu o ritual e dirigiu-se ao banheiro reclamando de seus costumes alimentares, devia parar de comer tanta porcaria (resmungou).

Enquanto a bruxa se afastava reclamando, eis que surge a fada dos sonhos, aquela que cuida de todas as crianças durante o sono e que a tudo observava e, vendo que as crianças corriam grande perigo, resolveu intervir.

Assim como todas as fadas, a fada dos sonhos é um ser encantado com poderes mágicos. Bondosa e protetora, ela se dedica a proteger as crianças durante o período em que estão dormindo, deixando a cargo de sua irmã – a fada madrinha – protegê-las durante o dia. Elas aparecem ao pressentir que seus protegidos estão em perigo e, para cumprir com sua missão, podem assumir diferentes formas e tamanhos e até ficar invisíveis, por isso nem sempre são percebidas pelas pessoas.

A fada dos sonhos não tinha como enfrentar a poderosa bruxa ou mesmo impedir que realizasse bruxarias, feitiços e maldições, mas podia ao menos

atrapalhar o ritual para que não saísse tudo de acordo com seus planos malignos.

Decidida a bagunçar a receita do caldeirão de maldades e salvar daquela maldição a maior quantidade de crianças possível, a fada dos sonhos agitou sua varinha mágica e disse um encantamento para que a criatura somente pudesse perseguir as crianças que fossem teimosas e desobedientes. Assim, protegia ao menos as crianças bondosas e comportadas.

Enquanto a bruxa não voltava do banheiro, a fada procurou entre os frascos disponíveis para ver se havia algum deles com bondades, virtudes, alegrias ou bons pensamentos e atitudes para jogar no caldeirão, mas não encontrou nada. Como já ouvia os passos pesados da bruxa, ela tentou uma última coisa: derramou toda a porção de desobediência no caldeirão. Assim, pelo menos, a bruxa não teria como controlar a criatura. A seguir, fugiu rapidamente.

A bruxa percebeu que haviam mexido nos frascos, mas como não viu ninguém por perto pensou: - Devo estar ficando caduca! Já pus todos os ingredientes e nem lembrava. É isso o que acontece quando se tem mais de quatrocentos anos (resmungou) ... de qualquer forma, coçou a cabeça piolhenta pensando... será que não teria exagerado na dose dos ingredientes?

- Deixa p'ra lá! - Disse dirigindo-se ao caldeirão para mexê-lo, já pronunciando as palavras que dariam vida à sua criatura:

- Ó bicho que assusta as crianças durante a noite! Ó Fera que assusta as crianças durante o dia! Atendam ao meu chamado e juntem-se para sempre, pois de agora em diante vocês serão um só e deverão obediência somente a mim!

Ditas essas palavras e outras impronunciáveis a bruxa concentrou todos os seus poderes para fazer cair um raio sobre o caldeirão.

O grande tonel começou a balançar de um lado para outro, pipocaram grandes bolhas e começou a exalar um odor insuportável. O fogo subiu em grandes labaredas e uma fumaça densa tomou conta de todo o ambiente. Não se via mais nada. Em seguida, ouviu-se uma grande explosão que destruiu o caldeirão, seguida por um minuto de silêncio enquanto a poeira e a fumaça se dissipavam.

A bruxa levantou-se do tombo que levou e ficou observando uma silhueta estranha que se mexia entre os escombros. Parecia ser algo grande e forte, a balançar uma calda peluda. Achou o resultado muito estranho, mas aguardava para ver se tinha dado certo a sua experiência macabra.

O silêncio, que parecia eterno, foi quebrado por um rugido assustador:

- MaAAAu!; MaAAAu!

A bruxa ficou impressionada. Havia criado uma nova e assustadora criatura. Um monstro peludo e com garras, metade bicho-papão e metade lobo, que não se parecia com nenhum deles, mas que era bem mais

assustador que os dois juntos. Ela aguardava ansiosamente para ver a reação da criatura diante de sua criadora.

Quando a fumaça diminuiu e a poeira assentou, a bruxa pôde contemplar por inteiro a sua criação. A princípio, estava satisfeita com o resultado, restava agora saber se o monstro obedeceria às suas ordens.

Ao enxergá-la, o monstro rosou com fúria e correu em sua direção, não parecia querer obedecer aos seus comandos.

Devia ter exagerado na quantidade de desobediência adicionada ao caldeirão (pensou a bruxa enquanto pegava a vassoura e voava para um lugar seguro), havia perdido o controle da situação. Além do mais, estava enfraquecida, havia utilizado todas as suas forças para dar vida à criatura.

Ao perceber que não conseguiria pegar a bruxa, o monstro pulou a janela e sumiu noite adentro no matagal sem deixar rastro... depois disso, nunca mais foi visto. Pelo menos não por adultos, já que os relatos sobre a aparição de um monstro com tais características foram registrados apenas por crianças que costumavam dormir tarde da noite.

Depois disso, virou lenda o aparecimento de um monstro que somente as crianças podem ver e que tem como hábito aparecer à noite para pegar as crianças teimosas, desobedientes e que não gostam de dormir cedo.

Dizem que, por ter hábitos noturnos, ele não aparece durante o dia, mas que também não dorme e está sempre observando. Sabe tudo, ouve tudo e até sente o cheiro de crianças teimosas e desobedientes e que aguarda ansiosamente para procurá-las altas horas da noite, esperando encontrá-las acordadas.

O hábito de assustar crianças ele herdou do bicho-papão. Já o fato de só aparecer altas horas da noite deve-se ao lobisomem que, a depender da fase da lua, costuma aguardar que a noite esteja clara, iluminada pelos raios do luar (o que geralmente só acontece um pouco mais tarde da noite).

Como a fada madrinha protege as crianças durante o dia e a fada dos sonhos as protege depois que elas dormem, o Bicho mau as procura nesse intervalo (antes de dormir), por isso quanto mais cedo as crianças forem dormir, mais rápido estarão seguras e protegidas de ataques do monstro.

O Bicho mau não saiu como a bruxa velha queria. Não ataca durante o dia e possui hábitos noturnos, aparecendo altas horas da noite para perseguir crianças teimosas e desobedientes que ainda estão acordadas. Nesse horário as crianças comportadas e obedientes já foram para cama e estão dormindo, não podendo ser incomodadas pela criatura porque estão protegidas pela fada dos sonhos.

Mesmo as crianças que são teimosas e desobedientes não podem ser incomodadas pelo Bicho mau se já estiverem dormindo. Por isso, o monstro observa durante o dia quem são as crianças que pode atacar à noite, para agir rápido. E, geralmente, observa aquelas crianças que não gostam de dormir cedo para que possa persegui-las mais tarde.

A única forma de as crianças não serem assustadas pela criatura é sendo boas e obedientes e também dormindo cedo, logo após ouvirem a historinha ou o beijo de boa noite dos pais (Nada de ficar assistindo TV ou brincando até mais tarde, para não dar chance ao Bicho mau).

A fada madrinha sabendo que o Bicho mau fora criado para perseguir as crianças, no horário em que não pode protegê-las, tratou logo de avisar a todos os meninos e meninas do mundo. Não deviam ser teimosos nem desobedecer às suas mães e também deviam dormir mais cedo. Assim estariam protegidos e não correriam o risco de serem assustados pelo monstro.

Para reforçar tal aviso, vez por outra, a fada madrinha se disfarça de mãe e dá uma bronca nos filhos para que se comportem, obedeçam e durmam cedo.

Tudo isso conforme diz a lenda.

Eu não sei se é verdade, mas...

Na dúvida, é melhor comportar-se, obedecer e ir dormir cedo, senão:

– MaAAAu!

A maçã reluzente

Géssica Maria Menino

No campo de girassóis. Sim, eu estava lá a perambular em minha meditação quase que infantil, a acariciá-los, observá-los e sentir o ruflar da brisa incessante durante meu caminhar vago e indiscreto, às vezes, indeciso. Ao horizonte a dazzling sun, coça meu pranto olhar. Ao acompanhar os cantos e danças existentes no local, me deparo surpreendentemente com esta, tão vermelha e tão succulenta.

Na tentativa de apanhá-la eis que surge, uma figura duvidosa, com sua sombra um tanto suspeita. Não era qualquer criatura que se via naquela redondeza, tão calma e longínqua. Eis que pergunta meu nome, com um passo para trás, e uma voz tímida e um tanto trêmula, respondo.

Indaga por coisas tão óbvias naquele contexto: “O que faz sozinha, uma menina num lugar tão incerto e vazio?”. Nada lhe respondo, eis que surge a vontade de sair correndo, mas não seria então suspeito, ou um encorajamento? A dois metros de distância, um menino descalço acompanhado do homem, o segui, com a cabeça baixa e um olhar misterioso e triste que se revelava brevemente. O homem retira o chapéu como cumprimento e diz para eu não voltar tarde para casa, pois naquela redondeza boas notícias já não se ouviam há tanto tempo.

Balanço minha cabeça, com modéstia concordância, então ele apanha a maçã e dá para mim, que visivelmente alegre a devoro em um instante. Assim, sucessivamente seguem uma silhueta de homem, maior que si próprio, e uma de menino, menor ainda. Pensei e observei este instante, porém apesar de estranho, a gentileza do homem despistou qualquer suspeita ou estranhamento.

Até hoje nunca entendi aquele evento, sentada no centro de meu sofá, olho a maçã, praticamente disfarçada em sua majestosa plasticidade.

Brincando com os insetos ali presentes, fiquei horas a me deliciar, como se aquela maçã tivesse sido um jantar completo, com direito a sobremesa. É curioso pensar naquele fato, tão ignorado na época, ou no momento, em que adultos deveriam acreditar e proteger as crianças. Sua voz me é fugidia até hoje, será que inconsciente ainda a lembro?

Nunca ouvira um relato de criança da redondeza, com história parecida, não ao menos que eu saiba. Naquela manhã chovera, bem de leve, como para refrescar a vida. A brisa aconchegante convidava a todos a apreciá-la, mesmo que por um instante. Então vamos ao que aconteceu:

Perdendo a noção de tempo, eu brincara aquela tarde sem parar, volta e meia, comia uma maçã, que me saciava de maneira espantosamente extraordinária, mas mal passava alguns minutos e novamente eu estava lá a comer sem parar, uma maçã após outra maçã. Curioso, minha barriga não inchava, na tentativa de apanhar mais e mais maçã, ao mesmo tempo, em

que tentava capturar joaninhas, a noite foi surgindo aos poucos, em que tudo que restara eram as luzes das estrelas e dos vagalumes.

Parecia que eu me encontrava num estado de transe, ao mesmo tempo em que não parava de comer, eu num rápido instante, percebia que ao chegar o início da noite, pulando de galho em galho na tentativa de capturar os insetos, da árvore eu não saía, ou não conseguia sair, como se uma força sobrenatural tivesse me capturado e me prendido naquela eterna luta de captura e comilança.

Com vontade de gritar por socorro ou ajuda, o medo prendia minha voz em minha garganta, como um caroço, impedindo ou obstruindo qualquer passagem vozeada. Com os olhos arregalados eu me tornava apreensiva cada vez mais. Lágrimas escorriam de meus olhos, e na medida em que algumas lágrimas tocavam, numa maçã ou noutra, esta cada vez mais enorme ficava.

Então eu comia e não parava, embora minha vontade de colocar tudo pra fora ou vomitar mesmo, não impedia o gesto truculento como aquilo me tratava. Até que como uma miragem, ou talvez eu tenha sonhado tudo aquilo, ou talvez tenha desmaiado ao cair da árvore e ter batido minha cabeça violentamente no chão e meio sonolenta imaginara, tudo isso. Até que eu ouvira mordidas, não via nada, mas ouvira inúmeras mordidas, nas inúmeras maçãs duplicadas, triplicadas, quadruplicadas... Nas maçãs haviam, mordidas pequenas como de criança e mordidas grandes como de adulto.

Como se me oferecessem uma maçã, mais que no instante de outrora, não devia nem mastigá-las, mas sim, praticamente engoli-las. Sem nenhuma chance de defesa, eu chorava, e chorava cada vez mais, o que piorava minha situação, na medida em que o choro, como uma planta, eu a regava e esta crescia, cada vez mais e mais. E conforme elas cresciam me forçavam a comê-las mesmo assim, com risadas diabólicas, e assim mais maçãs surgiam.

Cheguei a pensar que morreria, ou que era tudo mesmo um sonho, até que vergões em meus braços começaram a aparecer, beliscadas cada vez mais fortes, ardiam em meus braços. Foi aí, que por um milagre, talvez divino, eu gritei, pude enfim conseguir gritar, ao menos uma chance o destino me dera, uma tentativa de justiça. – Socorro, alguém me ajuda! Intensamente gritei, mas nada surgia, nem uma ajuda sequer.

Como um castigo sobrenatural, minha voz já não mais saía, enquanto as maçãs se multiplicavam assim como seus tamanhos. Até naquele instante elas não me enchiam, mas após os gritos de tentativa de socorro ou ajuda, elas começaram a me saciar de uma maneira ordinária, mas à medida que eu chorava elas cresciam e as risadas aumentavam de intensidade, com tom sarcástico e de malícia, e o estômago começou a inchar, aos poucos. Numa segunda tentativa de grito por socorro, as risadas cessaram, mas as maçãs se multiplicaram mais ainda, e o saciamento ordinário passou a ser

extraordinário, como se fosse uma magia negra. Até que pensei que minha barriga fosse explodir, na medida em que a barriga aumentava as risadas uma grave e a outra aguda voltou.

Quase que desistindo de minha salvação, um terceiro grito eu lançara, na medida em que as beliscadas aumentaram de uma forma desumana, eis que gritei com toda a força de meus pulmões e de meu coração, um último grito de salvação e esperança, seguido por um minuto de silêncio mútuo e inesperado, eis que voltaram com as risadas e os beliscões mais fortes ainda, com maçãs maiores ainda.

Pensei que estava no inferno, logo eu que era uma criança, e que aprendera que as crianças, representavam o estágio mais puro e divino da humanização. Lançando meu último olhar de tristeza e agonia à maçã mais reluzente, que acima de minha cabeça balançava, acompanhada da brisa um pouco refrescante, eu a olhava, e a olhava cada vez mais, como pedindo perdão por tê-la desejado naquela manhã tão ensolarada.

Envolta da maçã um brilho intenso surgiu, ou era o brilho das estrelas? Não sei, até hoje, mas sei que brilhou de uma luz tão intensa, como se fosse um sinal para alguma atitude a ser tomada em sequência, e eis que surge um menino montado em um lobo, com correntes penduradas em seus pés arrastando-as no chão, eis que surgem do campo de girassóis, como do nada, como se tivessem surgido do solo, ou de uma passagem subterrânea secreta; carregava no pulso direito uma pulseira verde, e no peito um amuleto em forma de uma maçã.

Neste meio tempo os supostos espíritos que de mim judiavam, iam tomando forma, ou se materializando, de início eu vira um chapéu, logo depois pés descalços, tudo indicava que eram os dois sujeitos que eu vira àquela manhã. Mas na tentativa de minha fuga bem sucedida, nunca correria tão rápido em minha vida, como naquele dia, atravessando o pequeno bosque, conseqüentemente alcançando a pequena praça. Mas lá eu vira os dois sujeitos daquela manhã, sentados num banco estreito localizado num canto afastado da praça, quietos e mudos, com os olhares arregalados e ameaçadores, a me fitar como se fossem me capturar ou me atacar novamente, eis que em defesa saio correndo mais ainda e gritando ao mesmo tempo, acordando todos que estavam já dormindo ou agitando os que estavam acordados.

Na minha desesperada explicação do que acontecera, levo meus avós que moravam no casarão da esquina, até o banco, onde se encontravam os criminosos, os malfeitores, aponto o dedo, e grito, e grito. Mas não me compreenderam, não prenderam os meus dois inimigos, disseram que eram moradores da redondeza há muito tempo e as crianças que estavam brincando na praça, defenderam o menino, o qual, disseram que estava ali brincando com eles desde aquela tarde, enquanto o dono da padaria, dissera que o pai estava até aquele instante trabalhando em seu estabelecimento e

só fora ali naquele momento recolher o menino para que pudessem enfim ir dormir em seu aposento.

Meus avós, de tamanha ingenuidade, se voltaram contra mim, dando um sermão de que eu é que estava errada, já que não obedecia tanto, mas e os vergões? No momento em que olhei nos meus braços, nada havia e já consumida pelo pensamento, de que talvez eu tivesse caído da árvore e batido minha cabeça, e talvez estivesse desmaiada até aquele momento, imaginando ou sonhando tudo aquilo, me conformava com a contrariedade alheia, até que pairando no meio da floresta, eu vira uma maçã reluzente, e ouvira um uivo de lobo a anunciar a meia noite, e voltando na minha autoconfiança de que tudo aquilo acontecera mesmo, miro novamente para meus braços, à procura das manchas, porém nada vejo, logo em seguida, aperto a mão do homem e do menino, como desculpa pelo que havia dito ou inventado, mas um olhar estranho e ameaçador, como que impondo meu silêncio, estes me lançaram, e revelaram nas luzes amarelas dos postes de luz da praça, suas silhuetas, um tanto quanto desigual ou desproporcional comparada a seus tamanhos.

Mas nada tenho para me defender, durante seu aperto de mão forte e frio, um calafrio arrepia todo meu corpo, mas como se estivessem com pressa, talvez de fugir? Não insistem em suas jogadas; o lobo lança um terceiro uivo. Estes saem apressados, dizem que já está na hora de dormir. Na manhã seguinte, quando acompanhei meu avô até a padaria para comprar os pães da manhã, o dono do estabelecimento, dissera que demitiu o homem, por tê-lo flagrado tentando roubar um pouco do dinheiro que havia no caixa, e disse também que como punição não os entregara à polícia, pois ficara com dó do menino, mas desde que ali, nunca mais os visse.

Até hoje eu nunca mais fora ao campo de girassóis, exceto pela vez em que meus avós faleceram, e em cima de seus túmulos eu colocara alguns como em respeito e lembrança de suas memórias; o pé de maçã, há muito, ali já não mais estava, fora cortado ou substituído por qualquer outro, cujo nome não me lembro bem, talvez um pé de laranja, ou de jabuticaba, quem sabe?

A única coisa que me restara dessa história, fora essa maçã, que fica em cima de meu rack, em frente do meu sofá, bem ao centro deste, já tentei jogá-la no lixo, já tentei pôr fogo, mas nada adianta, volta e meia, a via jogada em meu jardim ou em minha varanda, como em sinônimo de reverenda ou rebeldia. Eu já tentara vender a casa de meus avós, mas toda vez em que eu conseguia um cliente para inspecioná-la, uma chuva torrencial cobria o vilarejo, impedindo as passagens de acesso a este local, então nada entrava assim como não saía. Eis que já estou envelhecendo, e o campo de girassóis fora substituído por uma plantação de tulipas, por um comerciante muito rico que aqui possui muitas terras; nunca tive coragem de fato, para voltar lá, na realidade nem sossego ou paz de espírito de fato

eu tivera, na realidade me conformo com a companhia de meus filhos e de meu marido, e agora tão recentemente dos netos.

– Quem te deu essa maçã, vó? Pergunta a neta mirrada e sabida.

– Acho que um colega de juventude, já não me lembro mais. Omito para não reviver antigas e perturbadas lembranças.

– Ah, vó, amanhã o Fabrício, meu irmão, vai vir com a gente, pois o colégio não vai abrir, não sei exatamente porquê.

—Tudo bem.

No dia seguinte, os netos vão até a casa da avó para poder permanecer sob seus cuidados, enquanto os pais vão efetuar seus ofícios da vida mundana. Até que a avó repara no pulso direito do menino, e vê a pulseira verde, e no peito um amuleto em forma de uma maçã também, esta gritava descontroladamente:

– Aonde você arrumou isso menino? Com os olhos estupefatos a avó indagava o menino.

– Ah, o Mauro, meu colega de sala, me deu, deu uma para mim e uma para o Rafael, como símbolo da nossa amizade, na festa do seu aniversário. Por quê, vó?

– Tira isso já, Fabrício! - Repetia a avó inúmeras vezes, enquanto o menino num ato de rebeldia saiu correndo e disse que não.

A neta vai acalmar a avó, que já reclamava que estava com dor no coração. Então a menina, sussurra em seu ouvido:

– Eu estou de volta. - Com um olhar um tanto desafiante ou amedrontador. Manchas aparecem em seus braços, mas como num piscar de olhos desaparecem quando o avô chega, para tomar conhecimento de onde fora Fabrício.

A avó muda na cadeira de balanço situada na varanda, emudecida e imóvel fica a observar a neta brincando com um par rubro de tulipas e uma maçã um tanto reluzente. Daquele dia em diante, nunca mais falara, ou ao menos sua voz nunca mais se ouvira, diziam que já era efeito da longa idade já então atingida; o avô morrera dali três anos e a neta já um pouco mais crescida, passara a cuidar da avó, que tremia quando a via, diziam que era uma doença que esta já sofria; volta e meia a neta sempre repetia:

– Sempre estarei de volta.

Até que um dia a avó agarrara no braço de Fabrício, que pouco a visitava e com a voz gaga gritara:

– Socorro, aquilo voltou! - Quando foi dizer o quê ou quem era, morrera sentada no centro do sofá apontando para um par rubro de tulipas e uma maçã um tanto reluzente que se encontravam na varanda.

A irmã com um sorriso estranho e uma risada um tanto desconhecida, dissera: que já era tempo, até que a avó estava durando. Fabrício fechara seus olhos que miravam alinhadamente para onde apontara, um pouco antes de morrer.

– Ah, acho que ela adorava essas minhas tulipas e essa maçã. Não sei por que. - Ironicamente a irmã dizia.

Fabício se indagava, não entendia, refletia por um instante, lançara um olhar de desconfiança e inquietação para a irmã. A irmã até então desconhecida, foge, e desde aquele dia não foi mais vista pelas redondezas, não ao menos, naquela forma.

O supermercado

Giordano Benites Tronco

Quando percebeu, o homem estava num corredor de supermercado. Não sabia como havia chegado lá. Não lembrava de ter entrado num supermercado, nem de ter pensado em entrar em um supermercado. Foi como se piscasse os olhos e simplesmente aparecesse ali. Pensou. O que estava fazendo antes? Não lembrava. Notou que segurava nas mãos uma cesta de compras, vazia. Ao seu redor, pessoas passeavam com seus carrinhos, olhando prateleiras, alheias à perplexidade do homem ali, parado, no meio do corredor. Ele esfregou os olhos. Resolveu dar o fora. Dobrou à direita e seguiu reto. Estava no corredor de fraldas. Onde é a saída? Percorreu o corredor até o final, uma parede cheia de alimentos enlatados. Dobrou à esquerda e seguiu até o fim. Passou por materiais escolares, achocolatados, produtos de limpeza, geleias. Outra parede forrada de produtos. Virou novamente à esquerda. À direita, na geladeira dos sorvetes. Passou os refrigerantes. Parou, tentou se localizar. Não conhecia o lugar e não sabia como sair de lá. Pensou em pedir informações, mas tinha vergonha.

Explicaria o quê? Que não achava a saída porque não se lembrava de como entrou? É um supermercado grande. Cosméticos, louças, farinha, feijão. Tentou outro caminho. Finalmente achou a direção certa. Passou pela seção de rações para cães e gatos, seguiu até o final e encontrou a única direção que não havia tentado. Ao dobrar, finalmente encontraria os caixas e a porta de saída, depois de tanto sufoco. Dobrou.

Caiu em outro corredor.

O homem deu sorte de achar a seção dos travesseiros e teve como passar a noite de um modo relativamente confortável. Não entendia o que era aquele lugar. Passou a manhã seguinte peregrinando pelas vias do supermercado em busca de algum ponto de referência, algo que lhe guiasse para a saída. Vez por outra ainda via alguma pessoa passando. Desistiu de tentar falar com elas. Quando venceu a vergonha e pediu informações, só recebeu resmungos como resposta. Os outros pediam para que ele não os incomodasse porque estavam fazendo compras. Chegou a puxar o braço de um senhor, que se desvencilhou, aborrecido, xingando o homem e reclamando que só queria comprar os seus produtos em paz. Todas as pessoas respondiam do mesmo jeito. Mas elas estavam cada vez mais escassas. Quanto mais o homem se embrenhava nos corredores do supermercado, mais ficava sozinho.

Teve a ideia de fazer uma trilha com tiras de linguiça que pegara na seção de carnes. À medida que andava, ia soltando uma tira no chão, depois

mais uma, quando essa acabasse, depois outra e assim por diante. Assim, não se perderia e poderia achar uma lógica naquele labirinto.

Resolveu testar: soltou a tira de linguiça no chão, virou à esquerda, no corredor macrobiótico. Seguiu em frente até os condicionadores, aí virou mais uma vez à esquerda. Frente, segunda à direita, esquerda nos lenços de papel, direita, frente até a seção de escovas de dente. Aí seguiu reto até o fim. Depois dobrou na seção de salgadinhos, esquerda, depois terceira à esquerda, frente. Então virou à direita.

Achou o começo da tira de linguiça.

O homem ficou muito feliz em achar a seção de frutas. Não aguentava mais comer biscoitos Trakinas e carne crua. Certificou-se de encher a sua cesta com alguma coisa saudável. Lembrou que precisava encontrar algo para beber. O refrigerante estava acabando, e não sabia como voltar até o corredor de bebidas. A última vez que passou por lá foi... quando mesmo? Perdera a noção do tempo. Há quantos dias estava ali? Dois, no mínimo, mas a ausência de janelas impedia o homem de se guiar pelo sol para ter certeza. A falta desses acessos ao exterior eliminava uma opção de fuga daquele lugar, já que não havia portas, também, nem nenhum outro meio de comunicação com o lado de fora. O supermercado era uma caixa fechada, refrigerada a 20°C pelo ar condicionado central. Precisava achar um jeito de derrubar aquelas paredes, criar uma saída. Lembrava-se vagamente de uma receita de bomba caseira que vira na internet. Envolvia álcool, cola escolar, bicarbonato de sódio e Coca-Cola. Ou era gasolina, e a Coca-Cola era de outro experimento? Algo assim. Não sabia se era piada ou verdade, mas não custava tentar. Provavelmente era piada. Já tinha algumas coisas para começar, mas precisava de fósforos.

As pessoas realmente faziam de tudo para ignorá-lo. Ele gritava, empurrava-as, fez um striptease na frente de uma velhinha, mas elas não estavam nem aí. Repetiam que queriam encontrar os seus produtos, e pediam que o homem parasse de atormentá-las.

– Ei, senhor! SENHOR!

– Saia da frente, mocinho!

– Ah, então o senhor me vê, não é? E vê que este lugar não tem saída, e que estamos todos presos, e que eu pareço ser o único que se importa com isso?

– Eu só quero achar o meu xampu.

– Por que você bota tudo isso no seu carrinho se este lugar NÃO TEM CAIXA?

– Saia da frente, saia da frente...

Achou os fósforos, mas perdeu a cola em algum lugar.

O homem se sentiu muito mais confortável depois que queimou um travesseiro para fazer uma fogueira. Claro, agora não teria mais tanto conforto ao dormir, mas teve a chance de lembrar que, realmente, carne cozida é bem melhor do que crua. Além disso, naquela noite acamparia no corredor de cereais matinais, e as caixas de cereais são um ótimo substituto para travesseiros. A fogueira ajudou a passar o frio. Gostaria de achar algumas roupas para se esquentar, mas não sabia se vendiam roupa no supermercado.

Fazia planos para quando saísse dali: viveria numa tribo nômade, onde caçaria o seu próprio alimento, e nunca mais pisaria num supermercado.

A fogueira teve um efeito curioso: chamou a atenção dum segundo homem que estava perdido entre os corredores. Este era igual ao primeiro: não como os zumbis entorpecidos que vagavam por aqui e por ali, mas alguém com racionalidade para analisar a situação e dizer que sim, estavam presos e precisavam achar a saída. Finalmente não estava mais sozinho.

– Como você chegou aqui?

– Também não sei. Quando me dei conta estava aqui. Já faz um tempo, isso.

– Você também tinha uma cesta de compras?

– Não. Um carrinho. E uma lista.

– Uma lista de compras?

– É.

– Chegou a completá-la?

– Não. Nunca achei todos os produtos. Além disso, fiquei com medo.

– Do quê?

– Do que aconteceria, né? Caso eu completasse todas as compras. Vai que eu passasse para um cenário pior. Como chamar a atenção de um garçom em um restaurante.

– Achou a cola escolar e o bicarbonato de sódio, mas bebeu toda a Coca-Cola.

– Me diz uma coisa...

– Sim?

– Você, que já está aqui há mais tempo... Nunca viu algo parecido com um caixa?

– Não. E olha que eu procurei.

Estavam os dois jogados no canto dos lanches, comendo bobagens e olhando um ou outro transeunte passar pateticamente com seu carrinho por eles. O segundo homem, o que estava perdido há mais tempo, disse, ao observar um velhinho investigando todos os produtos da prateleira:

– Sempre achei que o purgatório fosse algo assim.

– Assim como?

– Como um grande supermercado. A gente procurando eternamente por um produto que não acha, nunca acha... Dando voltas e voltas no mesmo labirinto.

O outro observou o velho, que procurava pateticamente o seu xampu entre os condimentos.

– Eles nunca vão achar, vão?

– O que procuram? Acho que não. O que você realmente procura você nunca acha. É por isso que você continua procurando.

O homem concordou. E completou:

– Vai ver nós estamos lúcidos agora, mas vamos nos tornar como eles em breve. Vai ver é questão de tempo até que este lugar consuma a nossa sanidade e nós nos transformemos em seres estúpidos, vagando atrás de uma busca sem sentido...

– Ou talvez não...

– Como?

– Talvez seja o contrário. Nós éramos assim e acordamos. Percebemos a nossa situação. Talvez nossa vida inteira foi dentro do supermercado, e nós é que não percebemos. Vagávamos distraídos atrás das nossas compras, como essas pessoas, sonhando acordados com uma vida, até que *pam!* Acordamos. Vai ver a nossa vida antes disso tenha sido um sonho. Nós nunca conseguimos lembrar dos sonhos direito. Você consegue se lembrar da sua vida antes do supermercado?

O homem fez um esforço.

– Não... bem não. Quer dizer, eu sei que tinha algo, mas...

– Mas não lembra. Como um sonho. Nós nunca nos lembramos dos sonhos em detalhes algumas horas depois de acordar. Só fica a lembrança da lembrança. Só fica o nada.

O homem concordou. Seu novo amigo continuou:

– Ou talvez essas pessoas não sejam tão burras. Eu nunca vejo duas vezes a mesma pessoa. Vai ver algumas delas conseguem sair. Vai ver elas acharam o caixa...

O homem esperou um pouco antes de falar:

– Ou vai ver este é um mercado muito grande.

Acharam o bicarbonato de sódio e a Coca-Cola, mas acabaram-se os fósforos.

Ao tentarem um caminho diferente, deram com a seção de vinhos: várias estantes de madeira com garrafas e mais garrafas, muitas delas importadas e com preços absurdos. Fizeram uma pausa obrigatória para desfrutar o local.

– Uma coisa que eu não entendo... – disse o que estava há mais tempo no mercado, enquanto bebia um vinho de mais de duzentos reais direto da garrafa —...é onde estão os funcionários. Certamente deve haver funcionários. No mínimo alguém que limpe o lugar. Está sempre impecável.

O outro concordou. Raramente voltavam pelos lugares por onde passavam, mas quando o faziam não havia sinais das embalagens que deixavam pelo chão, das sobras de comida, das caixas de cereal onde defecavam. Alguém limpava tudo isso. Mas nunca viram ninguém da limpeza.

– Nem o pessoal da reposição – continuou o primeiro. – Não vejo ninguém repondo os estoques. Alguém deve vir aqui e repor os produtos quando eles acabam. Tem que vir. Eles não podem simplesmente reaparecer nas prateleiras.

– Mas você já viu alguém fazendo isso?

– Não. Nunca. Mas também nunca esperei para ver se alguém aparecia.

O outro teve uma ideia.

– Quer saber? Chega de andar por aí. Esquece esse negócio de achar uma saída. Nós nunca vamos saber se estamos indo para o lado certo. Vamos beber. Tudo.

– Tudo?

– É. Vamos acabar com os vinhos. Não deixaremos garrafa sobre garrafa. E, em algum momento, alguém vai ter que vir aqui repor as bebidas. E nós estaremos esperando.

– Brilhante ideia. Quer um tinto?

– Esse de duzentos reais?

– Não. Esse aqui, de seiscentos.

– Manda.

O homem acordou com uma sensação desagradável nas costelas. Logo depois levou outro chute. Levantou a cabeça, grogue. Um sujeito enorme, vestido num terno, o encarava. Ao lado, o seu amigo era acordado por outro sujeito de terno do mesmo jeito indelicado. Ao redor dos dois, garrafas e mais garrafas vazias. O homem tenta pegar uma que ainda não está aberta: estende a mão, mas a garrafa é afastada de seu alcance por um terceiro sujeito, baixinho, de bigode, furioso. Na sua camisa, uma credencial diz: "Gerente".

– Espero que vocês tenham dinheiro para pagar tudo isso – ele diz.

O homem olha para a cara do gerente. Ele é gordo e tem um bigode engraçado. O homem ri. Um dos sujeitos grandes o pega pelas vestimentas, o sacode e joga para cima do seu amigo, que está completamente desnordeado.

– O que vocês pensam que estão fazendo? Essa bagunça toda, vocês acham que vai sair do bolso de quem? Estão me ouvindo?

O homem se arrasta para sair de cima do amigo. Os dois se entreolham e riem. O gerente está furioso.

– Estão rindo do quê? Vocês têm ideia de quem eu sou?

Mas os dois não conseguem ouvir o que o gerente fala. Gargalham alto, totalmente embriagados.

– Assim não dá. Pessoal, eles não estão nos levando a sério. Mostrem pra neles.

Um dos homens de terno assente e pega uma barra de aço. Aí fica tudo escuro.

A alguns passos do paraíso

Gláucia Brum Carlos

As forças haviam se esgotado. Ainda assim, ela insistia em ignorar a dor do corpo, da alma, da mente. Desprezava até o ferimento na perna direita, a qual se arrastava atrás dela com um pé retorcido, inclinado para o alto numa angulação no mínimo estranha.

Não bastava a névoa dificultar a visão. A noite era a mais fria do ano, pelo menos sentia assim desde que havia escapado, pois, bem ou mal, aquele lugar oferecia um canto coberto e aquecido. Mentira. Sujo, húmido, decrepito, fedido. Durante seu período de confinamento, descobriu que o inferno não cheirava a enxofre, mas sim a sangue, suor, merda e carne podre. Também não havia o alarido de vozes, gemendo, chorando ou gritando o desespero da prisão eterna. Tudo era silêncio, como se o apocalipse tivesse devastado o mundo, poupando-a apenas para servir como o vigia do nada. Um castigo por seus erros enquanto humano desprezível.

Ela prosseguia na estrada escura, de terra batida. Sem enxergar o que estava adiante nem a ameaça que continuava lá atrás, apenas desejava não ter confundido o caminho pelo qual a haviam trazido há, há... Fácil perder o tempo quando se tem todo o tempo do mundo para fazer coisa alguma, senão permanecer quieta, quase invisível, e obedecer às ordens que te berravam. Primeiro, seguiam uma rotina lógica que lhe permitia diferenciar dia e noite, horas e minutos, hoje-ontem. Mas, depois, a fim de enlouquecê-la mais depressa e matar o resto de humano ainda nela existente, passaram a diminuir o intervalo entre um berro e outro, entre uma refeição e outra, até se calarem por completo, fazendo-a perder a noção de tempo que impedia seu cérebro de minguar e derreter.

Agora, contudo, o mundo se reconfigurava aos poucos e, ainda que não conseguisse enxergá-lo bem, percebia sua existência através dos sons e ruídos que lhe chegavam a todo instante. Por mais sutis que fossem, para o ouvido acostumado à companhia da quietude e da escuridão, soavam com a potência de centenas de decibéis. Por isso os sobressaltos, cada vez que uma ave noturna piava, que o vento sibilava, que o matagal e as folhas das árvores farfalhavam, e um animal corria ou se arrastava em algum ponto próximo a ela. Também os odores tornaram-se outros. Mais fresco e salubre, o ar viajava direto para seu cérebro, desencadeando lembranças esquecidas durante o confinamento, e ela percebia com certa perplexidade como era fácil se adaptar ao pouco oferecido pelas circunstâncias, como se aquele pouco representasse tudo o que sempre existiu. Assim, conseguia até sentir o gosto do mato, da terra, daquele vaga-lume que atravessou seu caminho e das flores, além de coisas ainda não identificáveis, mas que a agradavam da mesma forma. Então, ela se perguntou, outra vez, quanto tempo faltava para chegar à suposta ponte que a levaria para a estrada principal e, enfim, casa.

A imagem borrada de sua casa surgiu quando a névoa pareceu desenhá-la diante de seus olhos. Aquele lugar que sempre fora um pedaço de inferno – uma vez que ela ainda não tinha conhecido o verdadeiro – agora significava aconchego e pedaço de torta de limão, degustado diante da televisão colorida ainda da primeira geração. E, por isso, a ideia de modificar algo naquele pedaço de mundo conturbado ou nas pessoas que o habitavam se apresentava tão absurdo quanto desnecessário. Ela sorriu... Mas, de repente, um medo diferente rebuliu dentro de sua barriga. Será que se esqueceram dela? Será que sua ausência foi sentida? Será que brigaram por ela?

Como a resposta sussurrada em seu ouvido não lhe agradou, ela guardou o sorriso e concentrou na caminhada cada célula de seu corpo miserável, pois o melhor era não pensar.

Caso tivesse um relógio, saberia que sua fuga já durava cinquenta e três minutos e, há trinta, encontrava-se naquela estrada de terra batida. Porém, como não podia adivinhar o tempo transcorrido, sentia que a busca por liberdade já durava horas, quase uma noite inteira, e, então, começou a duvidar se aquela era a estrada correta. Chegou mesmo a se perguntar se o melhor não teria sido permanecer naquele lugar à espera da morte, porque esta não tardaria, certo? Talvez.

Ela percebeu a garganta se transformar em nó e os olhos arderem de desamparo, temendo que seu esforço se revelasse vão. Mas ela não podia chorar. Chorar sugava o resto de energia que a compelia a seguir adiante, a não desistir, embora não soubesse aonde aquele caminho a levaria. Contudo, no momento em que o desespero a envolvia, sentiu um cheiro distinto, ao mesmo tempo que a audição captou o som de água corrente. Dessa maneira, os olhos que começavam a chorar voltaram a sorrir, assim como os lábios. Estava perto, estava muito perto. E, de uma só vez, a força se renovou e ela procurou se locomover com mais agilidade.

Mais alguns minutos de caminhada, conseguiu vislumbrar por entre a névoa parte das balaustradas arqueadas da ponte. Nesse mesmo instante, um ruído a alcançou. Voltou-se para trás. Nada podia ver àquela distância, mas sentia sua aproximação. As sobrancelhas se crisparam. Ela sentiu o coração se afundar até o estômago, enquanto o peito arfava como um fole desenfreado e o desespero retornava a seus olhos, ao se dar conta que a perna ferida havia deixado um rastro que os conduziria direto até ela. Droga! De um lado a outro da estrada ela olhou, em busca de um escape mais rápido, mas sabia que seu conhecimento daquela mata era ínfimo em comparação ao de seus predadores.

Virou-se para frente. A ponte, sua única esperança. Respirou fundo, engolindo choro e desespero. Procurou acelerar o passo para alcançar logo a passagem elevada. Puxou o peso morto atrás dela. Olhar grudado no adiante. Eles se aproximam. Não escute, ande. Eles se aproximam. Desajeitada, ela correu. Braços estendidos à frente do corpo, como se para

alcançar a ponte mais rápido. Eles estão mais perto. Sua respiração ofegante ecoava na noite fria e escura. A ponte, a apenas três metros, nunca pareceu mais distante. Eles se aproximam. E, enfim, ela alcançou a construção que ligava as duas margens do rio. No entanto, havia apenas ruínas de uma ponte desabada. Lá embaixo, embora não o enxergasse, o rio corria veloz, batendo em pedras e nos paredões rochosos.

Desolada, ela olha para a outra margem, para trás, para o fosso escuro, para trás. Sabe que eles já a alcançaram. Outra vez, ela encara a escuridão ruidosa lá embaixo, sentindo o coração espancando o seu tórax, olha direto nos olhos deles e

Cordeiro Indócil

Gisele Martins Ferreira

Autores escrevem sobre todo tipo de coisa. Contudo eu, de tantas coisas que poderia escrever, escolho falar, de forma alegórica, sobre coisas que matam minha alegria e enchem de pesar o meu coração. Um escritor com pensamentos sombrios tece uma teia para levar ao seu leitor as mesmas sombras que ele mesmo vivencia. Se desejar sorrir e esquecer as dores da vida, não leia, contudo se desejar conhecer as fantasias de uma mente à beira da insanidade aproveite a leitura.

Em uma fazenda de café, nos tempos em que a nossa terra ainda era propriedade de outros, uma menina olhava pela janela, através das lentes de uma lupa, os criados na longínqua na lavoura. Embora soubesse que aquela vida era de fato sofrida, a menina invejava a liberdade que aquelas pessoas possuíam. Dia após dia, a menina via aqueles serviçais indo e vindo de toda parte da fazenda. Só lhes era empregado algum castigo quando tentavam sair da propriedade. Pobre Agnes! Nem ao terreiro podia sair.

Agnes era a filha única do Senhor daquela fazenda.

Cotidianamente ela ouvia discussões entre os pais acerca da falta de um herdeiro digno para o patrimônio da família. O pai culpava a mãe por não poder gerar homens, como se esperava de uma mulher.

Certo dia, finalmente as coisas começaram a mudar para a família. A Senhora havia engravidado e, pelo formato de seu ventre, as parteiras tinham certeza que finalmente gerava um homem. Isso entristeceu ainda mais Agnes, que percebia que seria um personagem ainda menos importante naquela história tão triste em que coadjuvava.

No dia em que a lua virou, uma criada veio as pressas buscar Agnes na sua prisão de seda, madeira de lei e porcelana. A mulher de pele preta cobria completamente os cabelos com um tecido enrolado e ostentava sangue nas vestes. A cena definitivamente assustava uma menininha de doze anos, mas em conformidade com a sua posição, Agnes manteve a calma e seguiu a criada até o quarto da mãe.

Embora no dormitório mais luxuoso da casa grande, o odor de fezes e sangue preenchia todo o local e chegava às narinas da menina, que, muito pálida e nauseada, silenciosamente observa de um canto do dormitório as dores da mãe em sua cama de parto. Esbaforido o Senhor entra e logo vê as condições que Agnes se encontra.

– Chispa daqui, menina! —esbraveja o Senhor. Agnes aliviada já faz menção a fugir dos horrores que presenciava.

– Pois chispe o Senhor! – grita a Senhora em um momento de calma da tempestade furiosa de dores que cercavam seu corpo – A menina será mulher. Deve conhecer desde já as mazelas que estará sujeita na vida. O Senhor, no entanto, não é mais que um intruso aqui. O meu único papel é

parir-lhe filhos, pois é o que estou fazendo e não preciso da sua supervisão para isso.

Terminando a fala, uma onda de dor tomou conta do corpo da Senhora, tendo o grito calado por um trapo colocado em sua boca por uma Parteira. Afinal, mulher que grita demora a parir e isso mata herdeiros. O Senhor se ausentou e foi cuidar de seus afazeres, deixando as mulheres cuidarem dos delas.

Agnes notou que o parto é uma dor estranha que vai e vem. É como se alguém fizesse uma brincadeira maldosa, que quando se acha que acabou, começa novamente. Talvez uma tortura de Deus por algum malfeito das mulheres. Parecia tanto os castigos que via os capatazes aplicando aos que infringiram as regras. Será que as mulheres também infringiram?

– Isso é algum tipo de castigo que as mulheres recebem de Deus, mamãe? – perguntou a menina em umas das pausas cruéis da tortura da mãe.

– Sim é, minha filha. Somos aquilo que trouxe o mal ao mundo e a única maneira de sermos redimidas do nosso erro, é passar por essas dores e parir um filho homem. Aproveite o pouco tempo que lhe resta como menina, pois quando se tornar mulher deixará de ser gente. Nenhuma mulher é gente sem ter parido um homem. Eu aprendi isso do jeito mais difícil.

Horas sem fim passaram e o martírio da senhora perdurava. As forças da mulher se esvaíam a junto com cada gota de sangue e suor que exsudava do seu corpo. As parteiras, já preocupadas com o estado da Senhora, discutiam entre si o que fazer para tentar mantê-la viva. Decidiram que a única maneira era fazer uma manobra que possivelmente mataria o bebê. Chamaram o Senhor e contaram a situação gravíssima em que o parto estava.

– Se houver alguma coisa que conhecem que possa manter meu filho vivo, mesmo que mate a mulher, façam. Mulheres existem aos montes, filho meu só esse – disse o Senhor enquanto saía pisando firme.

Agnes não pôde crer no que ouvia. O pai realmente não se importava com a mãe e preferia uma criança que nem sabia quem era só por ser menino? A menina começou a chorar e percebeu que realmente mulher não era gente. Atentou-se então às falas das parteiras.

– Não podemos fazer isso. Vocês sabem que só podemos fazer isso se a mãe morrer durante o parto. Como vamos cortar uma mulher viva? Ela sangrará até a morte.

– Querida, se não tentarmos, nós todas que morreremos. Prefiro a Senhora cruel morta e nós todas vivas.

Agnes observou bem o rosto daquela criada e decidiu que nunca iria esquecê-lo. Acompanhando as mulheres realizar uma longa incisão no ventre de sua mãe, Agnes foi preenchida de ódio daquela criança. A pele arroxeadada pelo longo trabalho de parto e os culhões à mostra, faziam ter certeza que aquele menino era o assassino de sua mãe. A Parteira levou o

menino para o pai, enquanto Agnes via a mãe moribunda se esvaír em sangue até dar o último suspiro. Após chorar todo o Atlântico de lágrimas por sua mãe, Agnes decidiu que jamais seria uma mulher como a mãe fora.

No dia seguinte, no funeral da mãe, o pai ostentava feliz finalmente o filho homem que tanto desejara. Uma Ama de Leite cuidava do bebê enquanto o Senhor recebia as condolências e sempre respondia “foi um mal necessário”.

– Papai, quero cuidar do meu irmão.

– Claro, querida. É bom que já aprenda. Logo será mulher.

– Senhor – disse a Ama de Leite – não creio que deva permitir. O bebê é muito frágil e a sinhazinha nunca cuidou de um bebê antes.

– Ora, não seja tola, criatura! Você é só o alimento do meu filho, não é mãe dele e a menina pode e deve aprender a cuidar de um bebê.

Agnes pegou o bebê e caminhou pela propriedade, com a liberdade que nunca tivera antes. Percebeu que ao ter aquele bebê em seus braços era um pouquinho mais gente que antes.

O tempo passava e Agnes sempre estava próxima ao bebê, ganhando a confiança do Senhor e até da Ama de Leite, tão desconfiada. Dias se tornaram meses, meses se tornaram anos, contudo o ódio, camuflado em bom trato, de Agnes pelo irmão cresceu juntamente com a criança.

Dias antes do décimo quinto aniversário de Agnes, a menina floresceu. A flor carmesim brotava de dentro de si, trazendo com ela a dor de ter-se tornado mulher.

A moça agora precisava se tornar dona de si e para isso precisava tornar-se mulher de verdade. No fim de uma tarde quente de primavera, a menina levou o irmão para um passeio pela fazenda, sem que ninguém visse que fora tirado de sua soneca vespertina. Chegando ao açude, Agnes pegou o pequeno menino e arremessou nas águas profundas. O Serzinho Assassino (aos olhos dela nem bebê nem menino) emergiu e submergiu diversas vezes até a exaustão de seu pequeno corpo. A moça, finalmente saboreava uma pequena porção da sua adocicada vingança planejada por tanto tempo.

Extasiada pela sua vitória na primeira batalha, Agnes iniciou sua caminhada para se tornar mulher. Na mesma noite, enquanto todos estavam enlouquecidamente procurando o herdeiro, a moça saiu pela porta da frente chorosa por fora, contudo com seu interior regozijante. O caminho da senzala se tornou habitual para ela, uma vez que o Serzinho Assassino sempre a fazia visitar a Ama de Leite que não mais o amamentava. Os pés firmes percorreram o trecho com destreza, mesmo na escuridão da noite sem luar, a procura de sanar suas necessidades.

Um rapaz, pouco mais velho que Agnes, com braços fortes, pele escura e olhos astutos que sempre miravam a jovem senhora com lascívia, era exatamente o que ela precisava.

– Moleque, venha caminhar comigo a procura de meu irmão – disse Agnes ao filho mais velho da parteira.

A dupla incomum andava pelo campo até chegar a uma área muito afastada da propriedade. Quando, para a surpresa do rapaz, Agnes desnudou-se e disse:

– Toma-me.

– Não devo, sinhazinha. Seu pai me mataria – disse o rapaz abaixando olhar.

– Não se preocupe com meu pai. Ele jamais saberá – disse Agnes se aconchegando do corpo do rapaz assustado.

Os amantes se encontravam e se complementavam com a máxima frequência que uma jovem sinhazinha de luto podia justificar fazer um passeio. Logo, a flor de Agnes já não desabrochou após quatro luas. O trabalho do Moleque estava feito.

– Moleque, minhas regras não me visitaram ainda, meu pai vai mandar que te matem. Não quero que sofra. Tenho que te proteger. Arruma-me uma cobra pequena, daquelas de anéis desenhados pelo corpo.

– Mas é de todas a pior. Para que precisa disso?

– Para te poupar, meu querido.

O saco de tecido remexia sem parar enquanto Agnes sentia o regozijar preencher seu corpo. Cuidadosamente, a moça depositou a serpente entre os lençóis da suntuosa cama do quarto principal da casa grande e retornou aos seus aposentos.

À noite, ouviu o Senhor gritou de dor. “Esse é o sinal” pensou a vingativa filha.

– O que há, meu pai? – falou a dissimulada herdeira.

– Havia uma serpente em minha cama. Chame alguém para me ajudar

Com falsa preocupação, a moça, mostrou-se desolada e desesperada. Perdeu a fala, enquanto tremia e chorava. O pai, entre gemidos de dor, tentava acalmar a moça, todavia essa, convenientemente, continuava enlouquecida de medo e angústia. O tempo passava e o Senhor começou a vomitar e arroxear. Com um sorriso sarcástico, Agnes disse:

– Sabia que eu já floresci, papai? Venho me deitando com um criado. Carrego uma criança sem pai no ventre. Tenho ainda menos valor aos seus olhos agora, do que minha mãe quando mandou matá-la. Mato-te para mostrar que quem nenhum valor possui é o senhor.

O Senhor, com os olhos vidrados de fúria, afogava-se no próprio vômito, sem nada conseguir dizer. Quanto mais o cheiro nauseabundo difundia no quarto, mais satisfeita a moça se sentia. Agora sua mãe realmente fora vingada. Ou talvez, não.

Voltou ao seu quarto, sem nada dizer a ninguém. No dia seguinte, a criada que o acordava pela manhã, achou o corpo com a pele repleta de hematomas e o leito coberto de vômito e sangue. Não restou dúvida a nenhum criado, fora uma serpente.

Agnes, agora senhora da fazenda, tornou a vida de todos mais feliz. Os criados escravizados foram libertos e agora eram trabalhadores. O seu

Moleque, foi colocado para dormir na casa grande, juntamente com a sua mãe, a Parteira. O Capitão do Mato, agora gerente da fazenda, sempre visto alegre e tratando bem os demais trabalhadores. Nunca haviam visto uma senhora tão gentil e dócil. Sofisma muito ardiloso montado pela vingativa Agnes.

No dia da morte do Senhor, Agnes chamou o Capitão do Mato e contou-lhe que tramava uma vingança contra o criado que a enganou colocou um bastardo em seu ventre e a Parteira que matara sua mãe. O Capitão do Mato trouxe os dois criados para a casa grande, onde eram mantidos em cativeiro. A Parteira, no quarto principal da casa grande, onde as moscas se deliciavam dos vestígios da morte do Senhor. O Moleque, acorrentado nos aposentos da própria Agnes, para ela acompanhar seu lento definhamento de fome.

Como vingança é um prato que se come frio, Agnes manteve os dois em segredo até a chegada do parto do bastardo. Agnes planejava matar a criança na frente do Moleque.

Quando as dores começaram, Agnes abriu a janela e pediu que um outro criado levasse o Moleque até lá para ver o que ocorria no terreiro. Com um sorriso doce foi dizendo:

– Hoje, libertarei sua mãe. Pobre mulher, há meses vivendo naquele quarto. Creio que já pagou por ter causado a morte de minha mãe. Pedi ao Capitão do Mato que faça isso agora e quero que veja.

Ao olhar para fora, o Moleque viu sete balões subindo detrás do celeiro. Em cada balão, havia um objeto amorfo pendurado. Ao apurar mais sua visão, o Moleque percebeu, eram partes de um corpo humano: pernas, braços, cabeça e um tronco destrocado. Os demais criados observavam chocados os balões irem-se.

– Sua mãe maldita encontrou o caminho do Céu graças a mim.

As dores do parto avançavam, enquanto o rapaz chorava lágrimas de sangue pela morte da mãe. Entre uma contração e outra, Agnes ria-se com escárnio de sua dor.

Uma Parteira Novata foi mandada para cuidar do parto da senhora. Quando olhou seu canal de parto, lá estavam os dois pés mulatos do bebê. A Parteira Novata ficou boquiaberta e disse:

– A única que sabia fazer parto com o neném “nascendo pelo pé” era a Parteira. Não posso te ajudar.

Agnes contorcia de dor enquanto paria a criança invertida. O bebê vagorosamente saía do pudor da genitora: pés, pernas, culhões, quadris, barriga e ombros, porém o queixo permaneceu preso. A nefária senhora via sangue sem fim inundar seus lençóis de seda e gritava por seu martírio enquanto a cria ficava cada vez mais roxa.

Pálida com seu bastardo meio parido ainda em seu corpo, Agnes encontrou a consequência derradeira de sua vingança.

Se fosse uma fábula, deixaria uma moral para essa história, contudo, caro leitor, nada mais tenho a acrescentar nesses devaneios sombrios de uma mente insana.

Patriarcado

Guilherme de Macêdo Feitosa

Talvez, Deus desejasse que Eva comesse o fruto. Ansiava pelo momento em que pudesse vê-la contemplando seu próprio corpo, e que por mais alguém tal beleza fosse apreciada. Contudo, os olhos de seu filho permaneceram oblíquos: viam somente uma costela – um pedaço de si que continua a morder.

O intruso

Gustavo de Lima Masoni

Já se passaram alguns dias que meu filho não consegue dormir direito, Pietro era um garotinho de 10 anos com cabelo escuro tigelinha. Morávamos apenas eu e ele, sua mãe foi morta vítima de um assalto. Pietro não gostava da casa, pois tudo o fazia se lembrar de sua mãe, a decoração florida da casa ou o armário de madeira que sua mãe adorava. Nunca tive a coragem de me livrar de suas coisas, mesmo fazendo alguns anos que ela se fora.

Pietro era bem inteligente e sabia quando eu ficava para baixo, um dia quando eu estava olhando o retrato de sua mãe ele pergunta.

– Papai, um dia a mamãe vai voltar?

Eu não sabia o que responder, mas acho que ele já sabia a resposta, apenas queria que eu falasse outra coisa, porém só pude falar com lágrimas nos olhos.

– Não Pi, a mamãe está descansando agora.

Pietro me vê cheios de lágrimas e vai para o seu quarto, de momento achei normal, então não fui atrás.

Já ia anoitecendo então passei no quarto de Pietro para falar o ocorrido mais cedo, chegando lá ouvi duas vozes, uma era dele e a outra era desconhecida, era uma voz cansada e triste, parecia estar meio rouca e não saberia dizer se era de homem ou de mulher. Nesse momento corri para a porta gritando.

– Quem está aí?

Olho para o quarto e Pietro está sozinho e lhe questiono.

– Com quem você estava falando?

Pietro olha para mim assustado e me responde.

– Estava falando com uma amiga, ela disse que pode me levar para a mamãe.

Olho para Pietro um pouco assustado e meio confuso e pergunto.

– Filho, essa sua amiga ainda está aqui?

Pietro olha para seu pai e responde.

– Sim, ela está se escondendo debaixo da cama.

Nesse momento meu coração começou a bater mais rápido e minhas mãos ficaram suadas, me agachei para ver debaixo da cama e levantei a cobertura lentamente de Pietro para ver se havia alguém ali, após levantar vi que não havia nada, apenas alguns sapatos.

Pietro olha para mim e diz.

– Papai, hoje acho que eu vou conseguir dormir melhor.

Aquela frase mexeu comigo de um jeito estranho, após ele terminar de dizer aquilo me subiu um arrepio muito esquisito na espinha. Pergunto com uma voz meio trêmula para Pietro.

– Que legal filho, mas como?

Pietro dá um sorriso de canto e me responde.

– A minha nova amiga vai me contar uma história para dormir, ela disse que eu vou dormir muito bem e que depois o senhor também vai.

Minhas pernas ficaram um pouco bambas naquele momento, pois nunca havia escutado alguma coisa parecida do meu filho. Sentei do lado da cama do dele tentei ficar mais calmo e lhe questioneei.

– Pi, você pode me explicar melhor como você conheceu essa mulher?

Pietro olha para os cantos do quarto e responde ao seu pai.

– Papai, ela me disse que eu poderia ver a mamãe de novo, eu só precisava dormir hoje e que depois iria levar você para ver a mamãe, porque eu disse que você estava com muita saudade dela.

Essa frase mexeu muito comigo, comecei a chorar e não soube como reagir a isso, mas tinha certeza de que Pietro sentia saudades de sua mãe, mesmo tendo perdido sua mãe com oito anos de idade se lembrava muito bem dela.

Não consegui ficar bravo nem chateado com Pietro, apenas fiquei um pouco preocupado com ele e disse.

– Filho, quer dormir com o papai hoje?

Pietro acena sorridente com a cabeça que sim, mas alerta.

– Mas você tem que trocar aquela coberta que a mamãe não gosta.

Fico sem palavras, não tinha como ele saber daquilo, Pietro nunca esteve perto quando sua mãe reclamava da coberta rosa com listras pretas. Pela primeira vez em muito tempo fiquei com medo e sem saber o que falar.

Pietro observa aquilo e diz.

– Está tudo bem papai, eu ouvia escondido você e a mamãe brigando.

Olho com uma cara mais seria para Pietro, mas logo percebo que ele apenas ficava com medo. Levanto-me da cama e digo.

– Filho, vai tomar banho que eu vou lhe fazer um sanduiche.

Pietro vai tomar banho, enquanto isso olho novamente para debaixo de sua cama, apenas como uma garantia. Pietro era um garoto inteligente, mas acho que não inventaria uma história dessas.

Ponho nossos sanduiches com um suco de laranja para cada, Pietro começa a comer e me levanto para usar o banheiro. Quando volto vejo que Pietro já terminou de comer, então termino de tomar meu suco que estava com um gosto estranho, algo parecido com xarope ou coisa assim.

Nos arrumamos para dormir, tranquei todas as portas e fechei as janelas, mas antes tomo meu remédio para sono, pois não consegui dormir desde a morte de minha esposa. Pietro segura minha mão de baixo da coberta e diz.

– Boa noite papai, vamos descansar agora.

Estava com muito sono, não conseguia me mexer direito só ia ficando cada vez mais fraco mesmo tentando me mexer. Pietro se aproxima de mim e diz.

– Papai, eu falei que minha amiga estava debaixo da cama, mas não da minha.

Nesse momento ouço um barulho estranho, mas não consigo mais abrir os olhos para ver o que aconteceu, era como se estivesse desmaiando. Apenas me veio uma sensação de dormência e enfim consegui descansar em paz.

Caminhada Noturna

João Eduardo C. W. Cruz

Estava desempregado a alguns meses, sua namorada havia o traído e terminado com ele pouco antes disso e agora seu cachorro estava doente, talvez até morrendo. Mesmo sabendo que não era possível, sentia que tudo isso era culpa dele de alguma forma e não tinha vontade de fazer nada, só ficar em casa confortando seu amigo peludo. Tinham dito que ele precisava sair para ver a vida acontecer, quebrar o ciclo vicioso que era a depressão, então decidira ir a esse encontro para comemorar o aniversário de um conhecido, mas sentia que a noite tinha sido péssima.

O tal conhecido mal tinha falado com ele, pois tinha que dar atenção a tantas pessoas ao mesmo tempo. Ele até tinha tentado se enturmar, puxar conversa com os outros presentes, mas parecia que todos só queriam falar de trabalho, o que lhe jogava para baixo por lembrar da sua situação financeira, ou de romance, o que lhe lembrava que fora dispensado. Invariavelmente começou a tentar curar a amargura com bebida atrás de bebida e isso só piorou as coisas. Tentou puxar conversa com uma garota que lhe respondeu o mínimo possível a cada pergunta e ela não fez contato visual nem ao menos uma vez. Ele ainda continuou a tentar estabelecer um bate-papo, porém depois de alguns instantes um homem se aproximou e começou a conversar animadamente com a mulher, ao mesmo tempo que excluía sem cerimônia o amargurado rapaz da conversa.

Resolveu ir embora e como não tinha ido de carro, colocou a mão no bolso e puxou o celular para usar um aplicativo de transporte e pedir um motorista, mas a bateria tinha acabado. *Ótimo*, pensou irritado, *quando eu achava que não podia piorar...* Como não queria pedir a ninguém naquele lugar um celular ou dinheiro emprestado para um táxi, não tinha escolha, teria que andar até sua casa que ficava a nada menos que cinco quilômetros de distância. Tentou ver o lado bom, já que talvez isso curasse o estado embriagado em que se encontrava. Saiu pela porta do bar a passos largos, quase esbarrando no segurança pois a sua mente o tinha transportado para outro lugar e mal via o que estava em sua frente. Murmurou uma desculpa ao homem, virou para a esquerda e seguiu andando pela calçada.

Já eram três horas da manhã de um dia de semana, então a rua estava bem deserta. Rapidamente isso gerou um sentimento de paz, com aquele silêncio quebrado somente por um ocasional motor de carro roncando em uma rua distante. Sua mente entrou num estado de relaxamento, e por algum tempo não pensou em seus problemas, só caminhou no ar frio da madrugada sorrindo. Entretanto, a depressão é um uma doença séria que te arrasta para o fundo e o álcool não ajudava, então logo os pensamentos ruins começaram a reaparecer. Começou a lembrar da situação que estava e indagou se podia piorar e logo estava imaginando cenários onde era atacados por ladrões, assassinos, ninjas vindos de outras dimensões e até

demônios comandados pelo próprio Lúcifer. Seria cômico se não fosse trágico, pois uma espécie de pânico se instalou e foi agravada quando o rapaz virou uma esquina e se deparou com uma rua estreita, comprida e particularmente escura.

Num reflexo de autoproteção, retirou o celular e a carteira dos bolsos, bem como o relógio do pulso e colocou tudo entre sua cintura e a calça, na esperança que a camisa disfarçasse o volume e não chamasse atenção de algum meliante. Agora já ficava constantemente olhando para os lados e para trás, girando a cabeça como se fosse uma galinha quando pressente perigo. Começou a sentir a bebida se virando dentro de sua barriga. As sombras pareciam tomar formas demoníacas, como a forma escura próximo a um poste, que de longe ele tinha certeza que era um cão infernal, pronto para destroça-lo e ao se aproximar se mostrou um saco preto de lixo. Estranho era que mesmo com a mente pregando peças a cada passo, ele ainda continuava a dar o passo seguinte sem hesitar, como se não controlasse as próprias pernas. Quando um estrondo explodiu à sua direita, seu coração disparou e ao ver o vulto que disparou pela rua teve certeza que iria morrer. Alguns passos depois percebeu que tinha sido um grande gato malhado que derrubara uma lata de lixo ao perseguir um rato gordo que agora tinha passado por uma fresta do muro e deixado seu perseguidor bufando para o buraco. O rapaz olhou para frente e viu que faltavam mais alguns metros até a luz que indicava a interseção com outra via e quis correr, mas suas pernas pareciam não responder aos seus comandos, então continuou a seguir lentamente.

Finalmente a rua escura chegou ao fim, e o rapaz se viu na avenida principal iluminada, onde a frequência de carros era maior. Relaxou um pouco e até parou de olhar para os lados por algum tempo. Continuou caminhando mais uns minutos pensando na rua escura e até esboçou um sorriso ao se lembrar como a mente pode pregar peças em uma pessoa nervosa. Depois de algumas centenas de metros começou a procurar uma faixa de pedestres mais a frente, pois precisava atravessar a avenida para seguir seu caminho. Parecia que não havia nenhuma até alcançar a rua que entraria, então decidiu que atravessaria em qualquer lugar. Ao se virar para olhar se vinham carros, percebeu que algumas dezenas de metros atrás na mesma calçada caminhavam 3 rapazes. Cada vez que olhava para trás com o intuito de ver se vinham carros pela rua, os homens pareciam estar mais perto.

Começou a se perguntar o que faria quando fosse abordado. Iria fugir? Iria entregar o que fosse exigido e se tentassem lhe fazer mal, implorar por sua vida? Não. Ele sentiu que iria reagir e se tivesse que morrer, morreria levando algum deles com ele. Toda raiva, frustração, mágoa vieram à tona e logo ele estava desejando que fosse abordado para fazer aqueles homens sofrerem, ou pelo menos darem fim ao sofrimento dele. Parecia que seu estômago tinha sumido e deixado só um vazio em sua barriga. Olhou outra

vez para trás e viu que alguns carros estavam vindo. Alguma coisa estalou dentro de si e mesmo com um risco real de ser atropelado, decidiu cruzar a rua. Ainda como se as pernas não fossem suas, os passos continuaram na mesma velocidade de sempre enquanto atravessava e os carros desviavam e buzonavam enquanto ele seguia numa aparente calma. Assim que pisou na calçada do outro lado, foi como se um feitiço tivesse se quebrado e ele pôde controlar as pernas novamente e assim, desatou a correr. Olhou para trás uma última vez antes de virar a esquina e lá do outro lado da rua, os homens o encaravam, enquanto esperavam todos os carros passarem.

Continuou correndo, saltando por cima de latas de lixo viradas, caixas de papelão e uma vez, até um mendigo que dormia na frente de uma igreja. Enquanto voava pelas ruas e fazia curvas fechadas nas esquinas, tudo que não fosse o chão parecia borrado aos seus olhos. Foi assim que se esbarrou no arame que se projetava de um poste, o que acabou por rasgar sua camisa e também como acabou tropeçando num saco de entulho e se esparramando na calçada junto à uma casa em reforma. Levantou e continuou em disparada, sem sentir nem dor pois o único foco em mente era chegar o mais rápido possível à praça próxima de sua casa. O lugar era extremamente movimentado a qualquer hora de qualquer dia por causa dos barzinhos com música ao vivo. Continuou mesmo depois de ficar sem fôlego e a camisa grudar no peito de tanto suor. Só diminuiu quando começou a visualizar ao longe as luzes coloridas da praça e ouvir o som distante de alguma bandinha. *Mais algumas centenas de passos e estarei a salvo*, pensou. Nesse momento ele sentiu como se o estômago tivesse finalmente voltado para dentro de seu corpo, então parou, virou para o lado e vomitou. Respirou fundo, endireitou o corpo e voltou a caminhar.

Como a rua que estava era muito mal iluminada e as luzes da praça distante meio que o cegava, demorou a notar, mas aparentemente de alguma viela à sua frente tinha emergido um vulto magro, que parecia ser um rapaz vindo em sua direção lentamente. Sem saber o que fazer, continuou em frente prestando atenção a todos os movimentos do outro homem. A roupa parecia surrada e o pior, podia ver claramente um volume em baixo da camisa, na altura da cintura, que imediatamente ele associou com uma arma. Estavam a pouco mais de vinte metros um do outro, e agora já podia ver que o homem estava suado, tinha um caminhar desigual, tinha vômito que escorrida do queixo para a camisa e apesar de não poder ver o rosto devido a escuridão, tinha certeza que esboçava uma expressão estranha. *Perfeito*, pensou, *além de armado ele está drogado. Era só o que me faltava*. Como não sabia o que mais podia fazer, tentou espelhar os gestos do outro homem.

Viu que a mão direita do outro começou a se aproximar muito lentamente da cintura enquanto caminhava, então fez o mesmo, só que como era canhoto, executou o movimento com a esquerda. Tão logo começou, seu gesto foi notado e a mão direita parou imediatamente, o que fez a sua

esquerda congelar também. *Será que ele pensa que estou armado também?* Como continuaram caminhando em direção um do outro sem hesitar, decidi cumprimentar o outro com um leve aceno de cabeça, na esperança que entrassem num acordo mútuo de não-violência. O aceno foi imediatamente retribuído, o que fez seu corpo relaxar e ao ver o reflexo da luz bater nos dentes que o vulto mostrava, sorriu de volta.

Já estava pronto para dizer alguma coisa quando notou algo estranho. Parecia haver uma fina moldura em volta do vulto. Seu cérebro demorou alguns segundos para notar o que estava acontecendo ali, e quando finalmente percebeu, desejou não o ter feito. Se sentindo o maior idiota do mundo, se aproximou do espelho que estava apoiado numa lata de lixo e olhou o homem que o olhava de volta. Viu o estado que estava, todo sujo de poeira, sangue e vômito e começou a rir. Deu um tapinha na moldura e foi embora para casa, tendo certeza que nunca contaria sobre essa noite para ninguém.

Malditas palavras

Jéssica Borges

Akira acabara de tomar seu banho e se vestia, quando ouviu um estrondo, se assustou, só conseguiu proteger os olhos com o antebraço. Era uma pedra do tamanho de um punho fechado de homem, com um papel mal embrulhado, arrebentou o vidro da janelinha do banheiro. Akira viu um fio de sangue escorrer de seu ombro, tinha sido atingida por um estilhaço de vidro. Se abaixou, removeu o papel da pedra. Era uma folha de caderno grande arrancada e rasgada, era 2/3 da folha, linhas pretas com os dizeres:

“SE PROTEJA, CABEÇAS VÃO ROLAR
AGS 683.”

Mal leu a mensagem ouviu, barulhos terríveis, não sabia se eram tiros ou explosões. De 3 em 3 segundos novos estouros. Depois uma e outra rajada, ‘então eram tiros’ apavorada se deitou no chão frio, logo vieram gritos e mais gritos. Alguém chega e testa a maçaneta: “Seriam eles? Vou morrer agora!” disse pra si mesma, dobrou o papel e colocou no bolso da calça jeans. Enfim abriu a porta, uma menina de cabelos ruivos trazendo outra apoiada em seu ombro, uma loira, seu uniforme branco com uma enorme marca de sangue, ela tinha um ferimento na barriga, um tiro provavelmente. As duas entraram, ficaram próximas a ela, abaixadas junto ao chão, seus olhos estavam cheios de terror e medo.

– O que está acontecendo?- perguntou Akira

– Não sei, uns caras atirando...acho que todos vamos morrer! - respondeu a ruiva trêmula e com voz meia ofegante. A outra gemia com a mão em seu abdômen.

Momentos depois o banheiro estava cheio de alunos desesperados. Mical se aproxima:

– “Akira, pegaram Daniel está como refém! Vi um atirador mascarado levando ele.” Mical tremia muito, seu couro cabeludo sangrava, contará aos outros que um homem com máscara ninja a havia jogado na parede com muita força, ela bateu a cabeça e perdeu a consciência por um tempo, ele a deixou pensando que ela estava morta.

– Não! Não, o Daniel não. Porquê? – Akira começa a tremer.

– São assassinos, não tem lógica.

Ela se levantou, espiou na janela, o barulho de tiros havia passado, veio com cuidado para não pisar em seus colegas feridos, até a porta.

– Não vai Akira, vão te pegar. - disse um garoto, era também da sua sala, Rodrigo, bem nervoso, estava com uma blusa de frio enrolada no braço onde levou um tiro de raspão.

– Daniel precisa de mim, sou a única que posso salvá-lo! - dito isso abriu a porta e foi empurrada violentamente pra dentro, caindo no chão. Akira

acreditava ser o seu fim, mas ao olhar para o seu algoz, viu ser Timóteo, um garoto gordinho do primeiro ano, que entrou no banheiro em choque chorando abraçado com uma mochila. Apesar do seu nervosismo, quis pedir desculpas, porém apenas o empurrou e saiu pela porta.

A cena que Akira encontrou foi desoladora, muitos estudantes caídos, manchas de sangue em vários lugares, parede, chão, outros feridos também, a maioria tentava sair da escola, olhou, não viu sinal de agressores. Junto com os outros correu pelo corredor, saiu finalmente pelo portão, agora podia ir em busca de Daniel. Lá fora várias ambulâncias, socorristas corriam pra todos os lados com macas, e viaturas policiais não paravam de chegar. Era só passar por eles e ganhar o próximo quarteirão. Passou pelas ambulâncias e logo começou a correr, porém foi segurada por um homem alto, forte, de arma na cintura.

– Ei Ademir, tem uma aqui, rápido!- disse o homem olhando para trás.

– Me solta! - gritou Akira, enquanto tentava se soltar do homem, tentou lhe dar chutes, mas foi inútil, por fim começou a chorar- Me deixa ir, por favor! Estou com medo, me solta...

– Garota, sou policial, você está ferida, vamos te ajudar! - disse para ela e se voltando para o outro homem- de um calmante também, deve estar em choque.

Os dois a colocaram dentro da ambulância e o tal Ademir começou a medir sua pressão.

– Consegue me dar alguma informação sobre você e seus pais para te buscarem, disse enquanto examinava seu ombro. Akira não havia notado, mas sua camiseta branca estava bem manchada de sangue.

– Não, eu não fui baleada, um tiro quebrou a janela do cômodo que eu estava, aí um garoto assustado me derrubou e eu caí nos cacos de vidros. Estou muito bem, pode me deixar ir.

—Qual seu nome.

—Akira.

– Muito prazer Akira, sou Ademir, médico socorrista. Analisando aqui não está parecendo mesmo grave, porém temos que levar todos os feridos para o hospital pra serem melhor avaliados. Se você estiver muito bem, vai ser conduzida a delegacia para fazer o BO.

– Não posso, meus pais, minha família, eu preciso ir. Ninguém pode me prender aqui contra minha vontade.

– Tudo bem Akira, vou te dar um remedinho, você vai ficar mais tranquila.- enquanto fazia curativo em seu ombro. Akira precisava estar alerta, um calmante acabaria com seus planos, tinha que evitar isso.

– Não me medique, sou alérgica a vários remédios. Por favor, não precisa, estou bem.

– É alérgica a qual medicamento? - Perguntou incrédulo – Tenho vários tipos aqui...

Na hora as portas se abriram.

—Venha logo doutor, tem uma professora com convulsões sucessivas, não sabem o que fazer, rápido.

Ele olhou para Akira.

— Fique aqui, não terminei seu atendimento! - saiu, deixou as portas da ambulância fechadas. E disse para alguém - De olho nela.

Ficou só, passou um tempo e nada. Se sentou, começou a lembrar de Daniel. E as lágrimas correram. “Onde você está agora meu amor? Será que ainda está vivo?” dizia baixinho. Tirou o papel do seu bolso, aquelas palavras, malditas palavras, alguém que a conhecia tinha feito aquilo. Agora que Akira parou para pensar, quantas pessoas teriam morrido? E quantas teriam se ferido? A dor delas...poderia ser maior que a sua? Perder Daniel...tudo que poderia ser. Começou se lembrar de todos seus momentos juntos, seus cabelos pretos, seus olhos castanhos, sua timidez, seu primeiro beijo no parque perto da escola, as trocas de bilhetes na sala, o baile do final do ano anterior e seu rompimento motivado por fofocas. “E se Daniel morrer pensando que sou uma traidora? Não posso viver com isso. Porém quem fez isso queria me proteger, mas quem?”. Akira olhou para aquele papel tentando se lembrar de onde já tinha visto, folha de caderno, pautada, linhas pretas, menino mal no carinho como logotipo, só um menino tinha caderno assim: Aleffh. Era o melhor amigo do irmão de Akira, Eyki porém havia parado de estudar e sempre aprontava alguma. Eyki havia morrido há 7 meses, nas mãos de bandidos do bairro vizinhos da escola. Ninguém sabia ao certo no que Aleffh e Eyki estavam metidos. Para Akira não importava, não adianta criticar erros passados, e ela os amava, e continuava sua amizade com Aleffh. Algumas pessoas achavam que eles tinham algo, mas o coração da garota batia mais forte por Daniel. Como iria viver sem ele?

— Mas o que é isso? - perguntou o policial ao abrir as portas da ambulância, tomou o papel de suas mãos e leu. - De onde veio isso, quem é AGS 683?

— Eu não sei, estava no chão.

— Mocinha você está muito encrencada. - colocou-a no banco de trás da viatura. — Daqui a pouco você vai explicar para o delegado desse papelzinho, não tente nenhuma gracinha. - voltou-se para um rapaz- Olho nela! Não pisa na bola cara.

Deixou ela no carro, e voltou para dentro da escola. Encostado no carro um rapaz, alto, magro, não estava vestindo farda, roupas normais, boné e fumava, parecia ser jovem também, jogou a bituca no chão e entrou no carro, no banco do motorista.

— E aí japinha, deve doer isso aí! - disse apontando para o ombro dela.

— Não, eu tô bem. Você é policial também? - Ele riu.

— Não exatamente. Sou um cara fora do sistema. Meu nome é João.

Era um rapaz bonito.

— Sou Akira.

– Que nome lindo, diferente. O que você aprontou que deixou o Moraes de cabelo em pé?

– Quem disse que eu confio em você? Ou que somos amigos?

– Então tá! - deu de ombros. - Confia em quem você quiser, só achei que você estava meia apressada. - começou a levantar e sair do carro.

– Ei, espera! Você vai me ajudar? - ele fez uma cara de dúvida e ela continuou. Seu amigo policial acha que eu tenho algo a ver com esse atentado. Mas eu só quero salvar meu amigo, me ajuda.

– Não sei, posso me complicar por isso- pensou por alguns segundos- Tá bem vai. - desceu abriu a porta do carro. Akira lhe agradeceu, e correu em disparada pela rua.

Agora seu problema era a roupa. Uniforme e sujo. Havia um brechó na esquina de cima, era da avó de Mical.

– Dona Nina, me ajude por favor. – disse após a senhora lhe abrir a porta.

– Claro menina, venha-a pós para dentro e fechou a porta. - Eu tenho que te perguntar uma coisa filha, onde está Mical?

– Ela está bem, ficamos juntas, pensei que já estivesse aqui.

– Não minha querida, mas no que eu posso te ajudar?

Trocou a roupa e saiu, estava decidida a ir à casa de Aleffh. Morava perto da escola, 4 quarteirões. Colocou a toca para não ser reconhecida, e saiu correndo. A casa do rapaz estava silenciosa. Tocou a campainha e nada, testou a porta, estava aberta, entrou. Não havia ninguém, correu até o quarto, se assustou com o que viu, Aleffh degolado em cima da cama. Akira correu até ele tocou sua testa, estava gelado. Viu em cima da cama o caderno aberto com a folha arrancada. Tirou o papel já todo amassado, desdobrou-o, o restante da folha estava no caderno. E com os dizeres “Me encontre lá meu amor”.

– Coitado de Aleffh! Não aguentou o que fez e se matou! Um endereço, só pode ser lá que Daniel está.- assim que Akira foi se virar para sair levou um golpe na cabeça, caiu meia zonza, viu que era um homem magro e alto que a havia golpeado, com roupas e capuz preto, ele já se preparava para dar mais pancadas, Akira foi se arrastando para trás lhe jogando todos os objetos que suas mãos alcançavam. Até que encostou no guarda-roupas, sabia o que tinha atrás dos cabides pendurado, levou a mão e o pegou, um nunchaku (dois pedaços de madeira unidos por uma corrente). Seu amigo era bom nisso e havia lhe ensinado um pouco, mas a garota não levava muito jeito, mas precisava tentar algo, seu agressor tentava lhe golpear com um bastão de madeira. Por sorte só acertou a primeira vez, Akira se jogou no chão para desviar de um de seus ataques e lhe acertou a panturrilha, ele resmungou, a xingou e levou a mão ao local, ela aproveitou para sair correndo do quarto, correu para a porta para sair da casa, mas estava trancada. Akira começou a gritar e esmurrar a porta, olhou para trás, dois homens com bastões vindo em sua direção, ela já ficou na posição de defesa,

assim que um deles veio até ela lhe deu um golpe com o nunchaku para acertar-lhe a barriga, mas a corrente ficou presa no bastão do agressor, que o arrancou dela.

Indefesa Akira estava, o homem a puxou pelos cabelos, jogando-a no chão com violência “Morra sua cachorra” gritavam. Akira também gritava mais que nunca por socorro. Ela já imaginava como seria dolorosa sua morte. Dê repente ouviu tiros e um barulho de coisas quebrado, era a porta sendo arrombada, um dos encapuzados correu para os fundos e o outro caiu sangrando. O atirador entrou com sua arma em mão, e estava de capacete já foi levantado Akira e a puxando pelo braço.

—Vamos rápido, tem mais deles.

– Eu não vou a lugar nenhum - disse ela tentando soltar de sua mão- quem é você? Quer me matar também? E por quê? - nesse momento já estavam do lado de fora da casa, chegaram até uma moto e o rapaz lhe entregou outro capacete.

– Não dá tempo de explicar. Vamos ou fique aqui para morrer.

Hesitante Akira pôs o capacete e subiu na moto. Os dois saíram em disparada, andaram por alguns minutos, até que ele desligou a moto na rodovia, desceu por um canteiro e parou em baixo de um viaduto.

– Você arruma muita confusão! - disse ao se levantar da moto e tirar o capacete- A polícia e os bandidos estão atrás de nós.

– Você... João! - no impulso Akira o abraçou- Porque me salvou? Como sabia?

– Eu percebi que você gosta de uma encrenca japinha. O que foi aquilo?
- Akira explicou enquanto João fumava seu cigarro.

– E o que quer dizer esse papel aí?

—Acho que é um endereço, e sei onde é. Me ajuda, vamos salvar meu amigo.

– Não, é perigoso. Devemos avisar o Moraes.

– Eu não confio neles, só tenho você. Vem comigo?

– Vamos lá.

Se você fosse sincera

Jhonatan Mata

O alalaô do trio elétrico acabava de ser abafado pelos berros escandalosos das sirenes, os “ooooohs” da multidão monocórdica e outros sons, numa batalha de onomatopeias sem igual. Se estivesse viva- o que não era o caso- Aurora odiaria todo aquele auê. Era discreta. E má. Nas mesmas proporções. Uma morte assim, em plena terça de Carnaval, estatelada, no meio dos paralelepípedos de Ouro Preto, sangue tingindo parte da face mascarada era tudo o que ela não havia planejado. E de planos e máscaras aquela geminiana era boa. Sobretudo aqueles que tratavam da destruição (ou tentativa de) da vida dos outros. Sabia que morreria, mas que pra ir pro céu seria uma tremenda burocracia, tamanho o relatório de maldades que teria que justificar pra Deus. Chegou a transitar, de forma rasa, pelo budismo e pelo candomblé, fingindo acreditar que, nessas condições, se livraria do juízo final católico-barroco. Como se o tal julgamento fosse o Departamento de Imigração- bem mais severo em alguns países do que em outros.

Sobre o destino de Aurora em outros planos eu nada sei dizer, querido leitor. Voltemos à folia, ou ao que sobrou dela. Melhor, voltemos ao que sobrou das pessoas que cruzaram o caminho (e a língua) de Aurora e que, cada qual ao seu modo, teriam razões de sobra pra presentear a dita cuja com aquela passagem trágica digna de Nelson Rodrigues. José

Maria foi uma de suas primeiras vítimas. Amigos desde a infância (pelo menos da parte dele), cortaram relações depois que Aurora espalhou pelas montanhas de Minas que Zezé, com sua vasta cabeleira, batia ponto nas ruas de Belo Horizonte prestando serviços de alcova. *Fake news* genuína, improcedência ferina. Mas que foi acolhida com carinho pela sociedade local, como seria em qualquer outra cidade. Flâneur nata, Aurora sabia o que as cidades queriam, para além de saneamento básico e de água tratada. A urbe pedia histórias que aliviassem o peso dos seus próprios pecados. Cirúrgica, Aurora era mestre na auscultação das narrativas almejadas. E *voilà*, lá estava Zezé. Exposto, difamado, ultrajado. Pelejando com o estrago que o fato causara na mãe conservadora e depressiva, enquanto Aurora, na casa da esquina, ria baixo por entre as cortinas pastéis do quarto. De modo que se alguém- ou ela mesma- perguntasse sobre a motivação pra tamanha empreitada, pouca coisa viria à mente. Talvez o brilho do cabelo de Zezé. Era isso. Inveja daquele cabelo vistoso, lavado com sabão de coco e, ainda assim, imbatível.

Zezé foi seu *debut* na ruindade. Depois dele vieram a mulher do leiteiro, o bruto Bastião, Zizinha (a santinha) e muitos outros. Voltemos aos paralelepípedos quentes. Voltemos ao Carnaval de Ouro Preto. Voltemos à Aurora morta, que não tinha mais volta. Como os estragos que havia feito na vida das pessoas. E que não foram poucos.

Amélia chega por entre os foliões e lança um olhar de piedade sobre Aurora. Sobre Aurora fria, o que chegava a ser um pleonasma, não fosse literal dessa vez. Ah, Amélia, sempre piedosa, sempre mulher de verdade. Um contraste gritante com a figura da morta, sempre coberta pela névoa das mentiras, do ranço, da maledicência. Se revivessem Caravaggio, avesso às figuras etéreas e entusiasta do tenebrismo, dos tipos do povo e de seus contrastes, estava ali a cena perfeita do anjo Amélia velando o demônio Aurora numa terça de Carnaval do Brasil.

E se toda aquela empreitada piedosa de Amélia fosse um blefe? Motivos não faltavam. Incluída no desfile de mal feitos da falecida sangrenta, Amélia caiu na boca do povo quando seu marido tornou-se amante de Aurora. Mário desviava todo o dinheiro da casa para a concubina, enquanto Amélia-oficial se desdobrava em seu ofício de designer de sobancelhas pra manter a casa, já que o lar havia se desfeito há tempos. Alicerçados ao fato de que os psicopatas sabem muito bem se disfarçar, não descartamos a hipótese de Amélia ter algum envolvimento com a morte, por algumas linhas, apenas. Era inocente. Sempre foi. Bom pra ela. Estava viva, sem o marido estorvo para sustentar e com seu negócio prosperando. O que a tornava ainda mais antítese de Aurora.

Passaram-se os dias. A cidade volta ao normal, ávida por novidades, ainda que mais falsas que a alegria forjada daqueles dias de carnaval. Infarto fulminante, soletrava o laudo, causa mortis de Aurora, nas mãos de seus pais. Morrera do coração, órgão que havia usado tão pouco. Na verdade morrera de língua, pra sermos mais honestos e menos técnicos. Da energia revés que todas as fofocas, em *flashback*, traziam. Morreu das verdades que maculou. Do brilho que tirou da cabeleira do Zezé, assoberbado vendo a mãe cair em prantos por nada. Da tristeza de Amélia, vendo a mentira crescer mais do que pelo de pestana.

Toda causa mortis é múltipla. Morre-se de amor, de desapontamento, de amargura. De tudo isso junto. Morre-se das cicutas que a língua secreta. Dos segredos que são expostos por puro capricho, como tapetes de serragem na Semana Santa. Morre-se de quase tudo. E se o peixe morre pela boca, caro leitor, eu estimo que a morte pela língua seja pior. A língua é tão traiçoeira que, mesmo quando mata, continua intacta, incólume, deixando a culpa exposta no nariz e diagnosticada no coração- personagens que nada tiveram a ver com a história toda.

Fulgor

Nome de Campos

A festa estava boa, mas já era tarde, e como eu teria que voltar andando embora, era melhor já ir me preparando para sair.

Eu até me despediria do anfitrião, João, mas ele estava trancado no quarto com a Marília, então, achei melhor deixar como estava, conversaríamos no outro dia.

A música estava muito alta, percebi, mas não liguei, já estava de saída mesmo. Sim, eu estava sóbrio. E logo que saí percebi alguém vomitando na rua.

Ah, esses jovens de hoje em dia... Quer dizer, eu também sou... mas tô falando desses aí, não de mim.

Andei um pouco, e virei o quarteirão. Silêncio.

Todos na vizinhança estavam dormindo, e eu era um intruso nessas redondezas.

Vento.

Coloquei as mãos nos bolsos, e segui mais um pouco.

Vi um cachorro dormindo próximo à porta da frente de uma casa, e a única imaginação que pude ter para aquilo era a de que ele dormia ali para poder esperar o jornal matinal, e levar até seu dono.

Ah, cachorros, tão amáveis... Embora eu já tenha sido mordido duas vezes por eles...

Continuei minha caminhada e vi um vigia, desses que fica de olho se não têm nada de ruim acontecendo no bairro. Mas eu já tenho idade para andar sozinho na rua, seja a hora que for, então, apenas acenei com a cabeça e continuei. Muitos, até dizem que sou grande para minha idade, o que sempre me foi bom, intimidava todos os caras antes que eles pudessem pensar em fazer isso comigo, era mais uma forma de defesa do que de ataque. Porque eu sou bem na minha, mas prefiro intimidar a ser intimidado. Ah, sim, foi assim que conheci o João. Ele foi o primeiro menino do Colegial que eu parti pra cima. Sim, logo no primeiro dia de aula. Ele tinha acabado de mudar de escola e queria mostrar do que era capaz: me dar um soco, e levar três. E agora, vejam só, somos grandes amigos. A vida tem dessas coisas. E posso deixar os detalhes da nossa amizade para outro momento.

Andei mais um pouco e virei à esquerda, o semáforo estava vermelho, então atravessei. Não sei por que me preocupei com isso, não havia carro algum na rua. Minha casa ainda estava meio longe, então resolvi aumentar o passo, e cortar caminho por uma ponte ali perto.

O legal de andar tal hora na rua é que poucos carros estão por aí, não está sol, e você está livre para ir onde quiser. Além, é claro, que é na noite que você percebe que está sozinho. Sim, é nesse silêncio noturno, caminhando ao sentido do vento que você

percebe que está sozinho no mundo, de todas as formas. As pessoas se importam com você, ah sim, elas se importam. Mas elas não são você, e ninguém pode viver no seu lugar, por você. Você está sozinho, até mesmo estando acompanhado. Você é sua mente, e sua mente é única. Me desculpe, eu tenho alguns problemas em me ater apenas ao que conto, sempre coloco muitos pensamentos desnecessários. Mas eles me valem de algo: ganho tempo.

E assim, já estou quase na ponte, próxima de casa. Não é uma ponte pela qual um rio flui por baixo, tenho que avisar. É uma ponte pela qual as pessoas fluem por baixo. Sim, não vejo total sentido nisso também, mas facilita em muito meu caminho diário voltando do Colégio. Então, digamos que eu não passo pela ponte, mas sim pelo orifício, ou buraco, ou seja lá como você queira chamar o que há entre um lado do parque e o subúrbio, onde moro.

Devo dizer que não moro em um bairro ruim, nunca entrei em uma briga feia – ao menos não uma que em que eu tenha saído machucado – nem nunca fui roubado. Talvez por causa do meu tamanho, talvez porque eu não tenho nada que eles queiram levar.

Chegando mais próximo, percebi que havia alguém no chão. “Alguns mendigo ou bêbado-sem-noção. Ou talvez um mendigo bêbado, quem sabe”, pensei.

Mas chegando mais perto percebi que tinha cabelos longos. Do ângulo que eu a via (agora eu já tinha quase certeza de que era uma mulher) não sabia dizer muito bem as características.

Cheguei mais perto.

Loira.

Ela estava deitada no chão, dormindo. Cheguei mais perto e ajoelhei. Ela deveria ter a minha idade, no máximo. A sua roupa estava suja e eu não saberia dizer do que, afinal, a iluminação ali não era a das melhores. No chão, havia um pouco de sangue, então achei melhor tentar acordá-la.

Toquei-a e a chacoalhei um pouco. Ela abriu aqueles grandes olhos azuis – quase brancos – para mim e eu senti como se ela me hipnotizasse. Eram olhos tão lindos, que me consumiam. Pareciam conseguir me ler. Ela limpou o que havia próximo da boca, e tentou sentar, agarrada aos joelhos.

– Quem é você? – Ela me disse, quase sem expressão.

– Você está bem? – Perguntei meio que sem perceber que ela havia falado, de tão baixo que ela o havia feito.

Ela apenas balançou a cabeça, de forma afirmativa. Seus olhos me chamavam.

– Quer que eu te leve pra casa? – Perguntei meio tonto com a pergunta. Afinal, eu não sabia se me referia à minha casa ou à dela.

Ela acenou de forma negativa e disse:

– Eu estou muito fraca. – Falava baixo e lentamente.

Eu queria fazer algo por ela, e não entendi o que ela quis dizer com estar fraca, mas mesmo assim, disse:

– Há alguma coisa que eu possa fazer por você?

Os lábios dela estavam vermelhos, e então eu olhei para os olhos azuis esbranquiçados dela enquanto ela me dizia:

– Carne fresca.

E sorria.

Minha vida não ordinária

Italo Rodrigues

Certa vez encontrei um rapaz na rua que dizia ter o poder de prever o futuro. Curioso como sou me aproximei dele logo que o vi, uma placa acima de sua cabeça dizia "Prevejo seu futuro e só cobro 5 reais por isso"

Observei um pouco de longe enquanto ele previa o futuro de uma senhora que deveria ter seus 70 anos de idade. Qual seria o futuro dela? Percebi que o método do homem que previa o futuro era bem peculiar

Ele segurou a mão direita da senhora, ao mesmo tempo em que lambia seu dedo polegar direito e em seguida posicionava-o na testa da sua cliente. Fechava seus olhos e pedia a ela para fazer o mesmo, esse momento ele chamava de conexão astral pela glândula pineal. Não faço ideia do que quer dizer isso.

Fato é que a senhora adorou seu futuro, saiu sorrindo de orelha a orelha, dando pequenos saltos no ar. Ainda mais curioso depois de presenciar tal cena, me dirigi ao rapaz.

– Você previu o futuro dela?

– Sim, usando a técnica da conexão...

– Astral pela glândula pineal, eu ouvi você dizer isso. Mas... qual era o futuro dela?

– Eu fui sincero no que vi, contei a ela que ela morrerá na semana que vem

– E ela adorou isso?

– Parece que sim, disse que está enjoada de viver e sua vida se resume a pagar boletos e dar dinheiro para os netos.

– Compreendo perfeitamente.

Não resisti, peguei uma nota de dez reais para dar a ele, antes mesmo de eu tirar a nota da carteira ele já estendeu uma nota de cinco para me dar como troco. Senti firmeza.

Duvidei muito que o que saísse da boca dele pudesse um dia vir a se tornar realidade. Mas mesmo assim comprei a ideia, precisava fazer com que meu dinheiro valesse a pena. Eram os dez reais do meu almoço, mas concluí que saber o meu futuro talvez pudesse valer mais do que um prato de comida, uma coxinha era o suficiente para hoje.

– Feche seus olhos e concentre-se o máximo que puder em meu toque.

Assim que fechei meus olhos senti seu dedo tocar a minha testa, me esforcei para conter o riso, foi quando percebi o tamanho da estupidez em que havia me metido. Por sorte, logo me controlei e fiz cara de quem estava muito concentrado.

– Concentre-se por mais um minuto.

Me concentrei por mais um minuto.

– Pode abrir seus olhos, lentamente.

Fui abrindo meus olhos lentamente, percebi que ele ainda estava com os olhos fechados, fechei os meus novamente para ir ainda mais lento dessa vez.

– Qual o seu nome? - Ele me perguntou. Ele acabou de prever meu futuro, mas não sabe meu nome.

– Pedro

– Pedro, seu futuro é promissor

Comecei bem, só faltou ele saber que meu nome não é Pedro coisa nenhuma.

Pedro você terá uma decisão importante a fazer nos próximos dias que irá ditar como será sua vida no futuro. Não deixe de aceitar a proposta e sua vida financeira será muito beneficiada com isso.

E ele falou mais um monte de besteira que eu não dei ouvidos. Mas uma coisa que ele falou eu me lembro perfeitamente.

– Um dia você encontrará um homem vestido com um terno e um chapéu verde, tome cuidado com ele.

Isso já tem pelo menos uns quinze anos, e do outro lado do bar tem um cara com terno verde e chapéu verde. E você sabe o que eu vou fazer, eu não tenho a menor fração de autocontrole.

Um pouco antes de aborda-lo, analisei a situação que poderia vir a se revelar naquele momento. Em poucos segundos idealizei qualquer tipo possível de diálogo disponível na minha cabeça, entre todas as melhores conversas que já tive na vida, em todas as rodas que se encontravam verdadeiros filósofos e conversavam entre si. Enfim cheguei do lado dele.

– Opa, gostei do seu estilo.

Até hoje eu não acredito que disse isso a uma pessoa que se vestia com ternos verdes.

– Rodrigo! Que surpresa!

Ele estava jogando sinuca nesse momento, quando se virou para mim, jurei que receberia uma tacada no meio da cara. E mais, o cara me conhecia.

– Vo...você me conhece?

– Melhor do que qualquer outra pessoa aqui.

O que não era nada difícil porque eu havia ido sozinho para um bar. Outra coisa que até hoje não entendi o motivo de ter feito.

– Como assim? Quem é você?

Nessa hora eu estava ao mesmo tempo nervoso e empolgado, eu não sabia exatamente se deveria rir ou chorar, se era para eu correr ou sair na porrada. Então eu adotei uma expressão do James Bond, fiz cara de mau. Me senti como um verdadeiro agente secreto.

– Rodrigo, você por acaso ganhou R\$ 1.15 em UMA RIFA... - Nesse momento ele posicionou a ponta do taco sobre meu peito. - Em uma rifa, no ano passado? Não foi?

Como ele sabia que eu ganhei essa rifa da Daniela! Eu fiquei perplexo com a situação.

– Mas o que é que está acontecendo? Você também é vidente?!

– Não! O meu irmão é vidente, eu vejo o passado Rodrigo. E conheço todas as pessoas que já tiveram seus futuros lidos pelo meu irmão mais novo.

Fiquei pasmo. Minha impulsividade só me dá tristeza. Tentei agir como se nada tivesse acontecido e sair andando.

– Ah, entendi, bacana mesmo! Vou ali pegar uma cerveja e já volto

– Não, não, não

– Não o que? Não é por aqui? Vou por ali então

– Não, não. Se você fugir eu posso arruinar a sua vida!

A essa altura eu já estava igual a senhorinha, só queria morrer logo e não sofrer.

– E o que eu preciso fazer para você me deixar em paz?

– HAHHAHAHAHAH

Ele riu igualzinho nos filmes. Descobri que vilões existiam na vida real.

– Uh, uh, HAHHAHAHAHAH

Depois de mais alguns segundos de risada ele finalmente parou.

– Você precisa me vencer na sinuca!

Agora é a hora. Ele só podia estar de brincadeira. Eu agarrei um taco que estava próximo de mim, juro que chegou a sair fumaça dele, segurei o com as duas mãos e uma cara autoconfiante que jamais irá de se repetir.

– Ganho até duas vezes se for preciso.

Fiz toda essa cena e ele nem se abalou. Mas a galera envolta ficou muito curiosa. Qualquer partida de sinuca com um dos jogadores com terno e chapéu verde com certeza já chamaria atenção o suficiente.

Não obstante estamos disputando a minha vida. E ele voltou a rir como um maníaco, tentei rir também para me enturmar, mas não foi muito bem-sucedido, então eu comecei a gritar. Depois de alguns minutos as risadas e gritarias acabaram e por mais que pudesse parecer como uma disputa, a verdadeira começaria agora.

Um bêbado se ofereceu para ser juiz. Paramos por algum tempo para ver se aparecia alguém melhor, mas ninguém se voluntariou. Então fomos com o bêbado mesmo.

– Eu vou estourar!

A mesa começou a faiscar quando ele disse isso. Achei melhor deixar ele começar mesmo.

Foi uma partida difícil. Chegamos empatados no final e só havia uma bola e somente uma caçapa, todas as outras foram destruídas pelo fogo que saía das bolas que ele matava.

– Chega! Toma, você venceu

Depois de quinze minutos de nós dois tentando finalizar o jogo, ele desistiu e me deu uma chave.

– Você ainda vai se encontrar com uma mulher ruiva chamada Jasmim. Entregue essa chave a ela. Provavelmente daqui a exatos 5 anos. Talvez ela esteja de pijama.

E ele saiu correndo. E mais uma vez eu vou ter que lidar com essas situações na minha vida.

Chegou o grande dia. Dessa vez eu me preparei, passei os últimos anos riscando os dias do calendário como se estivesse encarcerado, e juro que quase nunca esquecia de riscá-los, achei que seria semana passada mas percebi depois que na verdade era hoje. E aqui estou.

O único problema é que isso é tudo que eu sei. É hoje, mas não faço ideia do horário nem circunstância. Minha ansiedade atacou e nesse momento eu estou com uma dor de barriga insuportável e ainda por cima perdi o meu ônibus que passava as 06:30h. Espero muito que a Já me traga um rivotril.

A Tequila, minha cachorrinha quase engoliu a chave duas vezes em casa. Quem é o tipo de pessoa que te manda carregar uma chave por 5 anos! Mas eu consegui, prata com o meio enfeitado por uma bola metade preta, metade rosa e com o número 3 impresso logo acima, é uma chave bem peculiar.

Enquanto tenho um longo devaneio no formato da chave, O próximo ônibus finalmente chega e eu enfim vou para o trabalho. E agora me pergunto porque estou me preocupando com ir ao trabalho se hoje é um dia com tamanha importância. Vou ter um dia normal então, vou agir como se eu não soubesse da Jajá, vou dar uma de difícil.

Acredito ter me saído muito bem nessa tarefa de agir como num dia normal, tomei dezessete xícaras de café. Deixei umas coisas para terminar amanhã e estou dando uma enrolada no almoço, tudo nos conformes. Tudo seguia muito bem até a hora que eu resolvi ir ao banheiro. Em que outro momento ela apareceria? Segundos depois se eu me acomodar sobre a privada eu ouço batidas na porta. Antes mesmo que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela abriu a porta.

– Você está com a chave?

Uma onda de diferentes sentimentos me atingiu, no meio deles um sentimento de “ quero matar essa mulher”, foi o que mais se destacou. Porém só tive a iniciativa de estender a mão com a chave, depois de seguidas tentativas falhas de tira-la do bolso com a calça arriada. Ela à pegou, examinou e me olhou com uma cara que transmitia um enigma, um prazer e uma psicose ao mesmo tempo.

– Muito bem, nos encontramos lá embaixo então! HAHHAHA

Meu coração disparou, senti meu corpo mergulhar dentro do vaso, e o vaso mergulhar chão abaixo. Estava caindo em um buraco e tudo ficando escuro, e escuro, e escuro, até que desmaiei.

– SENHORAS E SENHORES BEM VINDOS A CENTÉSIMA SEGUNDA EDIÇÃO DO SEQUESTRANDO SOMENOS!

No susto acordei, com fortes luzes em meu rosto eu fui abrindo os olhos e reconhecendo onde me encontrava. Era uma cadeira com centenas de pessoas em volta, uma música que soava como um programa de TV, um apresentador vestido com um terno azul e verde e diversas pessoas presas, como eu. Por um momento não ouvi nada do que saiu da boca dele.

– Na edição de hoje vamos analisar como os times se saíram na TERRA!

Muitos aplausos e festança. Meus olhos ainda doíam quando percebi que as três pessoas que encontrei estavam logo atrás de mim, todos vestidos de camisetas vermelhas com os dizeres: "Andro Team".

– A primeira equipe a ser analisada é o BodeTeam!

Tudo o que aconteceu na minha vida, aconteceu na vida de outras 4 pessoas. O objetivo era passar pelas três provas o mais rápido possível, era preciso manipular o humano para que ele fizesse todas coisas e sem perder tempo, usando diversas técnicas diferentes de distrações.

– A Bode teve um grande azar no meio da primeira tarefa, a mulher disse que só tinha dinheiro no cartão, tiveram que correr atrás de uma maquininha antes de continuarem.

O primeiro objetivo era pegar o nosso DNA, três equipes usaram a técnica de tirar dinheiro do humano, que eles apelidaram de tanso, os outros optaram pelo metro lotado. Com o DNA coletado eles conseguiam diversas informações sobre nós e seguiam para segundo objetivo, que era encontrar o tanso novamente e desafia-lo para algum tipo de competição. Os tansos eram apaixonados por ganhar, atingido esse sentimento, é hora do último desafio. O mais fácil, porém, mais perigoso dos três: manter o humano com a guarda da chave enquanto as equipes apostam uma corrida intergaláctica de aproximadamente trinta minutos.

– A equipe Messier disse ao tanso que voltaria em quatro anos e errou o cálculo, eles demoraram mais de meia hora para voltar.

Na equipe Messier, três seres azulados discutiam entre si. O tanso deles um tanto quanto tenso.

– Já a equipe Andro foi certa! - Sinto minha cadeira tremer e boa parte da plateia comemorar - Eles disseram cinco e fizeram em cinco!

Sem muito controle sobre meu corpo, eu desmaiei mais uma vez. Não sei se se passou muito tempo, ou se apaguei por poucos segundos. Quando tomei senso de mim, o show parecia estar em seu fim.

– E CAMPEÃ DE HOJE É...TEAMFÊNIX!!

A plateia ovaciona e um grande holofote ilumina os integrantes da Fênix que comemoram muito.

– RECEBENDO O GRANDE PRÊMIO DE UM MILHÃO DE MAMONS PARA CASA E PODENDO ADOTAR O TANSO!

A equipe abraçava e beijava o seu tanso, "ele é tão fofinho", eles diziam. Eu e os outros formos presas as cadeiras e lançados para o alto. Uma grande escuridão me ocorreu novamente. Antes que eu pudesse sentir qualquer coisa eu me vi dentro da cabine do banheiro novamente.

Eu estava de volta a minha vida normal. Fui parte de um game show alienígena e jogado de volta à vida real.

Ele e ela

João Pedro Marques Morgado Ferreira de Oliveira

A rapariga encontrou o desconhecido num fim de tarde calmo e ameno. Acabara de vir do trabalho e estava cansada. Normalmente, dirigia-se para casa e caía no sofá para não mais se levantar até ao dia seguinte, mas nesse dia estava tão exausta que teve de parar a meio do caminho. Felizmente, no caminho havia um pequeno jardim rodeado por edifícios altos. Era um parque artificial, mas a rapariga pensava que, pelo menos, era melhor do que ver apenas edifícios e mais edifícios cobrindo-lhe o horizonte. Caminhou por entre as árvores e os caminhos de saibro que estas escondiam. Os idosos estavam sentados nos bancos de madeira a dar comida aos pombos e as crianças garotavam de um lado para o outro, dirigindo-se aos bebedouros de mármore quando se sentiam cansadas.

Cansada, sentou-se num banco que, embora ficasse junto a um edifício, tinha uma bela vista sobre todo o jardim. No banco, estava sentado um belo homem que trajava um fato completo. Tinha o cabelo louro espetado, a barba rala e uns olhos de um azul-esverdeado. As aparências podiam ludibriá-la, mas aquele não parecia o tipo de homem que ficaria ali sentado a pensar. Parecia ocupado e realizado. Embora estivesse vestido a preceito, não tinha nenhuma mala e os seus sapatos lustrosos não estavam sujos. Decerto, não caminhara muito. Parecia, acima de tudo, uma pessoa solitária como a rapariga também era.

Começaram a conversar. Foi o desconhecido quem tomou a iniciativa. Perguntou-lhe porque é que estava ali, o que é que ela fazia. A rapariga contou-lhe que trabalhava num gabinete, um emprego tão monótono como cansativo. Sentia que mal tinha tempo para ser ela própria. Parara ali apenas para repousar. Depois, a rapariga fez-lhe as mesmas perguntas. O homem contou-lhe que estava ali à espera que alguém se sentasse a seu lado, alguém com quem pudesse conversar. Não fazia nada. Ela estranhou. Como poderia não fazer nada se tinha tão bom aspeto e a roupa tão limpa? O homem afirmou que era pescador. Ela achou-o enigmático.

Durante o resto da tarde, falaram de livros que tinham lido, de filmes que tinham visto e de discos que tinham ouvido. O homem possuía uma vasta cultura. Ela até achava estranho que um só homem pudesse ter vivido tanto. Imaginou que era rico, que nunca precisara de trabalhar. Mas deveria ser uma pessoa solitária. só uma pessoa assim poderia ter tempo para saber tanto sobre o mundo.

Na manhã seguinte, quando foi para o trabalho, a rapariga passou junto do banco para ver se era verdade o que o homem dizia, se ele ainda lá estava. Estava. Era mais estático do que os idosos. A rapariga perguntou-lhe se ainda estaria ali ao fim da tarde e ele contou-lhe que sim. Estava sempre ali. Então quando é que pescava?

Quando a rapariga voltou, horas depois, o homem parecia quase estar na mesma posição. Parecia que nem se levantara para ir comer ou para ir ao quarto de banho. Ela pensou que cada um poderia anular a solidão do outro. Talvez pudessem ir a um concerto ou ao cinema. O homem sorriu e agradeceu. Não podia ir. Não podia sair dali. Mais uma vez, ela insistiu em saber porquê e ele contou-lhe que tinha um problema. Um problema muito grave. A rapariga não o compreendia. Ele contou-lhe que, se ela fosse paciente, um dia iria saber. Mas agora ainda era muito cedo.

O homem não podia ouvir música ao vivo nem ir ao cinema, mas podia ler. Combinaram que um dia se encontrariam e partilhariam os seus poemas favoritos. No dia seguinte, a rapariga regressou com uma antologia poética. O homem, sem utilizar livro algum, recitou de memória poemas de vários cantos do mundo. A rapariga nunca conhecera um homem assim. Parecia que, ali fechado no seu pequeno mundo, sabia mais do que qualquer outro homem que ela alguma vez conhecera. Não compreendia qual poderia ser o problema. Parecia ter todas as capacidades para ter uma boa vida pessoal e profissional, estar rodeado de mulheres que o cobiçassem e homens que almejassem ser como ele.

Certa noite, deitada na sua cama, a rapariga percebeu que estava apaixonada. Sentia-se infinitamente inferior àquele homem de espírito tão viajado e corpo tão inerte, mas sentia que tinha algo para lhe oferecer. Queria tirá-lo do fim-do-mundo que era aquele jardim e levá-lo a conhecer o mundo que ele parecia conhecer tão bem. Tentou, através de gestos delicados e expressões subtis, obrigá-lo a aproximar-se de si, mas ele parecia reticente. A rapariga nunca conhecera ninguém tão envergonhado. Aproximava-se cada vez mais. Às vezes, quando riam, ela encostava a cabeça no ombro dele. No entanto, como ele nunca ia mais longe, teria de ser ela a fazê-lo. Um dia, olhou-o fixamente nos olhos e começou a aproximar os seus lábios dos dele, beijando-o ternamente. De seguida, abraçou-se ao seu peito. O homem parecia petrificado, embora ela não percebesse porquê. Por essa altura, acreditava que ele já se deveria sentir mais confortável. Já estivera com muitos homens e nunca conhecera nenhum tão pouco confiante. Por fim, quando ela se enterrou verdadeiramente no seu peito, o homem poisou o queixo na cabeça dela e abraçou-a com firmeza, como nunca ninguém a abraçara. A rapariga sentiu uma força a puxá-la. Puxava-a para cima. Tentou soltar-se, mas o homem não a deixou. Estava presa nos braços dele.

– O que se passa? O que estás a fazer?

– Não tenhas medo. – pediu ele, sorrindo.

O homem levantou as duas pernas, levitando sobre o banco, tal como se alguma força o impelisse. Ergueu-se lentamente nos céus. A rapariga gritava e estrebuchava, mas não havia modo de se libertar. Via as janelas do prédio a passar: o primeiro andar, o segundo andar. Já não valia a pena tentar libertar-se. Se caísse, morreria.

Os dois entraram numa pequena janela obscura do terceiro andar. A rapariga ergueu-se e arqueou as costas magoadas. Quando já se sentia mais aliviada, olhou à sua volta. Estava num pequeno quarto rodeado de pilhas de livros. No chão, mesmo a seus pés, estava o homem. A rapariga agarrou nele e agitou-lhe os ombros, perguntando-lhe o que se tinha passado, mas só então se apercebeu de algo terrível. Ele estava morto. O seu pescoço baloiçava inanimadamente, os seus olhos estavam revirados nas órbitas e a língua inchada saía-lhe da boca. Horrorizada, a rapariga levou as mãos à cabeça e gritou. Depois, olhando para o chão castanho iluminado pelos raios avermelhados do pôr-do-sol, apercebeu-se de algo incomum: uns fios finos e quase transparentes. Segurou neles e percebeu que estavam agarrados ao corpo do homem: um à cabeça, dois às mãos e dois aos pés. Puxou a outra extremidade, que parecia acabar numa enorme cadeira negra virada para a parede e, logo, veio parar-lhe à mão uma cruz de madeira. Um esgar de terror invadiu o seu rosto. Não estava perante um homem. Estava perante um fantoche e aqueles fios eram os elos que lhe davam vida.

– Creio que já estás mais calma... - disse uma voz do outro lado da cadeira virada.

Não era uma voz qualquer. Era a voz do homem com quem a rapariga privara nos últimos dias. Ela levantou-se e caminhou na direção da cadeira.

– Que brincadeira é esta? – arriscou.

– Disse-te que, se fosses paciente, irias saber a verdade.

– Qual verdade? Quem é você?

A rapariga teve medo de se aproximar mais.

– Como disse, sou pescador. Mas não pescador de peixes. Sou pescador de pessoas. Está a segurar a minha cana. O fio é a minha linha e a marioneta o meu isco.

– O que quer de mim? – repetiu a rapariga.

– Um dia, fechei-me neste quarto e construí essa marioneta. Criei, não apenas um boneco, mas um ser humano perfeito com câmaras nos olhos, colunas na boca e microfones nos ouvidos. Com eles, olhei-a olhos nos olhos, ouvi a sua voz e você a minha...

A rapariga mexeu a cabeça um pouco para o lado. Viu a mão do seu misterioso anfitrião e, à sua frente, um ecrã de televisão que, nesse momento, mostrava o teto da casa, lugar para onde a marioneta defunta olhava.

– Consegui fazer um boneco quase perfeito, um boneco com todos os sentidos. Faltava-me apenas o tato. Nunca consegui criar um boneco que não precisasse dos fios, que pudesse tocar e ser tocado livremente pelas outras pessoas de modo a que eu, fechado aqui em cima, também o pudesse sentir. Durante estes dias, falou comigo e descobriu mais sobre mim, mas agora terá a primeira oportunidade para me ver, para saber quem realmente sou. Se quiser, pode sair por aquela porta – o seu braço estendeu-

se e apontou para uma porta perdida no meio da pilha de livros – e nunca mais pensar nisso.

A rapariga cerrou os punhos. Como já chegara tão longe, garantiu que ficaria ali. O homem começou a virar a sua cadeira. O seu rosto estava coberto por um pano com apenas duas ínfimas aberturas que deixavam entrever dois olhos pequenos. Quando o removeu, Raquel sentiu um novo espasmo de pavor. Viu que o nariz do homem estava torto, os dentes partidos, o rosto sarapintado por cicatrizes e faltavam-lhe tufo de cabelo.

– Oh, meu Deus! – exclamou a rapariga, ajoelhando-se no chão. Lágrimas reticentes em escorrer começaram a cintilar no canto dos seus olhos. Imóvel, o homem observou-a. - O que quer que eu faça?

– Conversar. Quero apenas conversar. Não interessa quão perfeito é o fantoche. Sentir-me-ei sempre distante...

O homem esperou que ela cessasse o pranto. Parecia que queria que a rapariga dissesse algo. Apercebendo-se disso, ela levantou-se e enxugou o rosto.

– Lamento. Não posso fazer nada.

O homem voltou a suspirar e apontou para a porta.

– Foi o que temi. Saia, por favor.

A rapariga caminhou em direção à porta. Ainda tentou dizer-lhe algo reconfortante, mas não havia nada a dizer. Só podia esperar que, com o fluir do tempo, tal memória tenebrosa desbotasse na sua mente. Deixando o homem para trás de si, a rapariga regressou a casa e tentou dormir.

No dia seguinte, ela convidou um colega do trabalho, para sair consigo. Ele parecia um pouco vulgar. Porém, nesse momento, a rapariga sentia-se capaz de fazer tudo para esquecer a terrível visão do dia anterior. O colega levou-a ao cinema e adormeceu durante o filme. Ela acordou-o no fim da sessão. Depois, foram para um café, ele para beber e ela para conversar. Quando a foi pôr a casa no seu automóvel, ele tentou beijá-la e convidou-se a si próprio para subir. Ela teve de se esforçar para se libertar dos seus braços inebriados. Já na cama, percebeu que tivera sucesso. Não pensava mais no homem dos dias transatos. Pensava agora no seu colega e na ignomínia que ele a fizera sentir. Não conseguindo dormir, perguntou-se qual o sentido da sua hipocrisia. Para quê esquecer alguém com quem se importava e que fora bom para si e recordar uma pessoa assim?

No dia seguinte, a rapariga pediu ao patrão para abandonar o trabalho mais cedo. O sol já se punha e as pessoas regressavam para suas casas. A rapariga, por sua vez, correu para o jardim. Não sabia porquê, mas imaginava que, quando lá chegasse, o fantoche já teria desaparecido, também ele vítima da sua ignomínia. Todavia, contra as suas expectativas e de acordo com o seu desejo, lá estava ele sentado a observar. Ela aproximou-se sorrateiramente e sentou-se ao lado da marioneta. O homem fê-la virar a cabeça. Assustado, deixou até cair o manípulo, fazendo com que a marioneta caísse no chão como um peso morto. As pessoas que passavam pelo jardim,

pensando que o homem se sentira mal, acercaram-se em seu auxílio, mas a rapariga logo as afastou, garantindo que estava tudo bem. Sentou novamente a marioneta no banco. Esta olhou-a fixamente, perguntando-lhe:

– O que faz aqui?

– Somos todos marionetas. – suspirou a rapariga, desconsolada. – Pensamos que damos os nossos próprios passos, que dizemos as nossas próprias palavras, que sentimos os nossos próprios sentimentos, mas estamos enganados. Só damos os passos, dizemos as palavras e sentimos os sentimentos daqueles que invejamos ou admiramos.

Querendo confortá-la, o homem fez com que o boneco poisasse uma das suas mãos sobre a mão dela. Sorrindo, a rapariga sentou-se no regaço dele e cingiu-lhe o pescoço. De seguida, olhou-o nos olhos e numa voz firme, rogou:

– Leve-me até aí acima.

Obsessão

Joaquim Bispo

Fernando Nunes tinha a certeza de que as forças encobertas não deixariam passar aquela ocasião, não iriam ignorar aquele descuido fatal da sua segurança. Morreria nesse dia e sabia como, só não sabia de onde surgiria o golpe decisivo.

Não era supersticioso. Ou, pelo menos, achava que não era. Aliás, fazia questão de mostrar que não ligava a gatos pretos, nem se inibia de abrir guarda-chuvas em casa ou de passar por baixo de escadas. É certo que o fazia com algum acinte e esforço de racionalização. Sabia perfeitamente que certas superstições radicavam em sabedoria prática, que tinha degenerado em norma dogmática de difícil justificação e muito pouco questionamento. Usava, no entanto, de um cuidado redobrado nessas situações potencialmente nefastas. Agora, o caso era perigoso.

Esse esforço de racionalização vinha já da infância e da juventude. Então, muitas vezes se sentia compelido a contar os passos entre dois pontos da rua. Se errasse por muito, sentia-se ameaçado. Como se sentia em transgressão, se pisasse alguma separação dos blocos de pedra de alguns passeios mais nobres. Tinha de fazer um esforço para decidir que nenhum perigo advinha se errasse o cálculo ou se pisasse alguma dessas separações, mas continuava o jogo mental, ao mesmo tempo lúdico e sinistro, com as entidades que tudo veriam e estariam certamente atentas às suas falhas. Era uma ameaça mais intuída que percebida, com origem indeterminada, mas obviamente sobrenatural. Nunca as vira, mas sabia que estavam sempre lá, a espiar-lhe os movimentos, a julgá-lo.

Certa vez, num teste vocacional da adolescência, um psicólogo apontara-lhe uma personalidade esquizotípica. O relatório falava em crenças estranhas e pensamento mágico influenciando o comportamento, fuga da realidade e ruminações sem resistência interna, mas não ligou muito nem ficou preocupado, porque pressentia que tudo correria bem se fosse cuidadoso.

Naquele dia, Fernando fora descuidado. E os descuidos podem ser ciladas das forças obscuras. Sabia-o e temia o que aí vinha, necessariamente. Os apaziguamentos de racionalidade chocavam com o perigo da situação. Que parecia simples e prosaica. E, no entanto, continha um alto grau de ameaça.

Qual era a situação? Não tendo encontrado em qualquer estância de materiais, em Lisboa, as placas de fibra de madeira, da largura que necessitava para construir o interior de um roupeiro, na sua casa na terra, mandou cortá-las numa grande superfície de Santarém.

A satisfação por ter conseguido encontrar o que necessitava deu lugar a uma grande apreensão, ao perceber que não conseguia acomodar as placas maiores na bagageira do seu carro, mesmo dobrando os bancos traseiros.

Como bom suburbano, resolveu alojá-las no lugar do “pendura”, com o banco um pouco reclinado.

Percebeu logo o perigo que tais placas, à solta no habitáculo do carro, representavam, em caso de acidente. Com as suas massa e inércia, deslocando-se abruptamente no mesmo espaço que ele, seriam como cutelos cortando carne num talho. A decapitação seria o resultado mais piedoso.

Sentiu-se ridículo, ao apertar o cinto de segurança ao grupo das quatro placas de um metro e setenta. Imaginou o sarcasmo das forças emboscadas nos meandros das subtilezas sobrenaturais: tesas, as placas lembravam um esqueleto a seu lado.

Tomou a A1, a caminho da Mealhada, com o coração apertado. Havia que fazer um plano, para minimizar as hipóteses de intervenção das forças obscuras. Havia que manter uma velocidade moderada, para baixar as possibilidades de acidente, por pneu rebentado ou despiste. Havia que evitar uma velocidade demasiado baixa, para não ser abalroado. Muito tenso, mas atento, ia tomando consciência dos quilómetros percorridos — perigo passado —, mas apreensivo pela enorme distância a percorrer.

Olhando pelo retrovisor, a dezena de carros que avistava pareciam-lhe uma matilha em sua perseguição. Algum deles podia estar tomado pelo inimigo. Podia embater no seu carro, violentamente. Ou podia, simplesmente, dar-lhe um pequeno toque lateral. Seria o suficiente para o carro entrar em descontrolo e dar meia dúzia de cambalhotas. Nem queria pensar no que aconteceria dentro do habitáculo.

Depois de Fátima, um camião lá à frente em marcha mais lenta podia ser a barreira contra a qual seria encurralado por aquela carrinha compacta que vinha lá atrás, em alta velocidade; mas passou. Ao ultrapassar o camião, Fernando viu os cilindros metálicos. Podia ser agora: os tubos soltarem-se e invadirem a estrada ou mesmo caírem-lhe em cima. Passou. Pareceu-lhe ouvir um zumbido na zona do pneu dianteiro direito. Um rebentamento seria fatal. Era agora? Abrandou um pouco.

Perto de Pombal, tentou fazer um exame de consciência: afinal, como tinha conduzido a sua vida?; merecia ser castigado? Claro que sim! Tantas vezes fora reles e perverso, tantas vezes tratara mal as outras pessoas, tantas vezes fora pouco honesto. Sim, certamente seria castigado. Mas, morto? Sentiu pena de deixar de viver já. Tinha ainda tantos planos, tantas coisas mal resolvidas. Viver era tão bom. Gaita! Sempre suspeitara de que era demasiado bom para durar. Deve haver sistemas de reequilíbrio no Universo.

Apesar do veredito, decidiu ir à luta. Iria continuar com a condução defensiva e estar atento a todos os tipos que mudassem de direcção, sem fazer piscas.

Como que reagindo ao seu desafio, um nevoeiro progressivamente mais compacto formou-se, ao passar nos vales baixos próximos de Condeixa. Agora nenhuma precaução podia salvá-lo. Ligou máximos, ligou luzes de

nevoeiro e os quatro piscas, tentando fazer-se ver, já que não enxergava mais do que uns quinze metros à sua frente. As mãos ferravam-se-lhe no volante, os olhos no nada da estrada, e sempre controlando o retrovisor. Em vão. Sem referências de nenhum tipo, parecia ter passado para outra dimensão, uma dimensão que não era deste mundo. Esperava o embate a qualquer momento. De que é que estavam à espera? Uma enorme tristeza invadiu-o. Sentiu que não podia nada contra estes inimigos.

Uma dezena de quilómetros depois, o nevoeiro esfumou-se de um momento para o outro. Passou Coimbra e começava a acreditar que talvez se safasse. Se calhar, os traiçoeiros tinham mudado de ideias. Ou estariam a fazê-lo acreditar que estava a salvo, para então lhe aplicarem o golpe fatal e se comprazerem com a surpresa no seu rosto?

Já depois da Mealhada, teve de tomar as estreitas e sinuosas estradas para a sua Antã da Serra, no meio da serra do Buçaco. Ali, as velocidades eram diminutas, mas a probabilidade de um choque ou uma saída de estrada era bem maior. Devia ser agora. Pareceu-lhe que as tábuas já se moviam nas curvas. Sentia outra vez uma nostalgia do que ia deixar. Como era belo o mundo. Aquela serra era gloriosa. Que pena ir embora agora. Se calhar, tinha de ser.

Mas não. Para grande espanto seu, chegou a casa sem qualquer percalço, sem qualquer mazela. Manteve-se ao volante, no carro parado, envolvido pelo silêncio local, tentando equacionar a situação. Como era possível? Tanta tensão, tanta concentração nas últimas duas horas e o terrível clímax não surgira. Obviamente, tinha sido agraciado com mais uma vida. Agradeceu mentalmente, por descargo de consciência, não sabia a quem. Só o zumbido nos ouvidos e alguns estalos do motor a arrefecer lhe responderam. Aliviado, racionalizando o caso, concluiu que não havia razão para ser supersticioso. Mas tinha de ter mais cuidado.

A Máscara da Morte

Jon O'Brien

Emily – 25/02/2019

A sacola parece mais pesada do que nas outras vezes em que a carreguei. O objeto afunda no meio das minhas roupas, de modo que não faz barulho algum. Entretanto, é como se uma pressão firme fosse exercida, como se o objeto quisesse marcar presença. Cruzo uma avenida, e um carro quase passa por cima de mim. Então, entro no segundo estabelecimento a partir da faixa.

O ambiente aqui dentro é calmo, confortável. Há uma música gostosa soando em um aparelho de DVD antigo, e as meninas sorriem quando olham para mim. Hoje, é *diferente*. Não consigo sorrir. Em vez disso, capturo suas barrigas avantajadas com o meu olhar, como se eu pudesse sugar as pequenas vidas que lá crescem, tomá-las para mim.

– Agora que estamos todas aqui – diz nossa coordenadora, que sempre nos ajuda a respirar corretamente para quando formos ter nossos filhos. Nossos filhos... —, vamos começar o exercício de respiração? Beth, pode trancar a porta, por favor?

Beth faz o que Cicely pediu, e logo todas as grávidas seguram suas barrigas e puxam as cadeiras para se sentarem. A minha respiração floresce, sai do meu controle, e eu enfio a mão na sacola.

Jessica

Um estrondo explode no ar, e ele é seguido pelo arfar e pelos gritos das grávidas. Viro-me rapidamente, num movimento assustado, e, numa fração de segundos, ouço os gritos de Angela. As garotas, que já perceberam tudo, procuram se esconder atrás das mesas, enquanto Emily aperta o revólver com as mãos e atira mais uma vez na barriga da grávida.

Margot, paralisada como eu, levanta as mãos em uma tentativa de se defender, mas o próximo tiro é direto em seu abdome, fazendo com que o sangue salte do buraco que foi criado. Ela cambaleia e cai para trás. O sangue é tanto que mal posso respirar, mal posso me mexer. A próxima coisa que Emily faz é mirar para mim e atirar. Caio no chão por conta do disparo que atingiu meu quadril, e sinto, com os dedos trêmulos, o meu sangue fresco.

Emily

Uma das garotas corre em minha direção, mas com uma só mão eu pego uma cadeira e a arremesso nela. A mulher se defende, mas, antes que possa continuar vindo até mim, eu atiro no seu estômago, no seu ventre, no seu *filho*. Vejo-a se debater no chão, acariciando a barriga, lamentando a morte de alguém que não veio ao mundo.

Agora, tenho de recarregar à arma. Concentro-me na tarefa enquanto ouço as mulheres gritando por ajuda e implorando para eu parar o tiroteio. Claire está com um celular, ligando para a polícia, e Cicely vem correndo até mim, mas eu, depois de recarregar a arma, dou um tiro em cheio na sua testa.

– Ah, meu Deus! – grita uma.

Sobraram três mulheres vivas e uma quase morta. Aproximo-me de Jeanne, e então atiro, mas erro o disparo. Ela corre e tenta abrir a porta, que está trancada. Olho de soslaio para Beth e vejo as chaves seguras em suas mãos. Atiro nas costas de Jeanne, na base da coluna, e ela rapidamente grita e cai no chão. Neste momento, sou agarrada por trás e a arma cai na minha frente, estatelada no piso.

Grito e me debato para sair dos braços da mulher, mas ela não me deixa em paz. As mulheres vivas estão chorando e as lágrimas devem estar encharcando este chão sob meus pés. Consigo me livrar da mulher, mas Beth, que ainda há pouco estava se escondendo embaixo de uma mesa, pega o revólver e mira para mim.

Jessica

Arrasto-me sobre o meu sangue, deixando minhas roupas em tons mais escuros e secos. Quando finalmente consigo chegar até embaixo de uma mesa, viro o meu corpo, exclamando de dor quando faço isso, e vejo a situação. Beth, a grávida, está apontando a arma para Emily, a não-grávida. Mas ela não precisa atirar; a polícia logo chega, desfazendo a confusão e abrindo espaço para os paramédicos passarem.

Uma paramédica coloca um pano sobre o meu ferimento e grita para um auxiliar trazer uma maca. Eles me colocam deitada nela e me levam para fora do nosso salão. A última coisa que vejo parece um sonho, algo falso e difícil de acreditar: Emily é algemada no chão, rendida.

Sou levada imediatamente para o hospital, mas desde a estadia na ambulância recebo os primeiros socorros. Trocam a bandagem sobre o meu ferimento e um médico diz que a bala fraturou o osso do quadril. Começo a me desesperar, agitar as mãos no ar, mas todos na ambulância me dizem que vai ficar tudo bem.

Emily

Eu não posso ter filhos. Sou uma casca vazia, impossível de ser fecundada. Não importa com quantos homens eu faça sexo, nunca poderei ter um bebê nascido de mim. Além de não ter estrutura para ser fecundada, não tenho estrutura para manter um filho dentro de meu corpo, então outros tipos de procedimentos menos naturais também não funcionariam. Agora, estou sendo levada à delegacia, levada à minha sina.

Quando chegamos lá, o policial me escolta até uma cela provisória, uma cela fétida e escura. Depois de algum tempo, um detetive invade os

meus pensamentos e me leva, acompanhado de um policial, para uma sala de interrogatório.

– Este interrogatório está sendo gravado e poderá ser usado como prova, se este caso for levado a julgamento. O interrogatório está sendo realizado na sede do Departamento de Polícia de Edmond ao meio-dia e trinta e quatro do dia vinte e cinco de fevereiro de dois mil e dezenove. Sou o investigador David Parker, e também estão presentes o investigador Henry Dickerson e a policial Alana Blake. Estamos aqui para interrogá-la a respeito das acusações dos crimes pelos quais foi presa. Você entende por qual razão foi presa e trazida para cá?

Demoro um segundo até perceber que ele está falando comigo. Engulo em seco para poupar tempo, mas os investigadores me olham com mais força, como se cravassem seus rostos em minha pele.

– Sei.

– Poderia dizer em voz alta o que você fez?

Engulo em seco de novo.

– Atirei nas minhas colegas.

– Com qual finalidade? – Dickerson pergunta. – Você queria matá-las?

– Queria matar seus bebês...

– Por qual razão? – os investigadores perguntam ao mesmo tempo.

Passo uma mão na minha barriga infértil, sentindo-me vazia, oca, um galho de árvore que nunca geraria frutos.

– Porque não posso ter filhos. Nunca pude. Nasci assim, vazia, impossibilitada de gerar.

– Por que ia para um grupo de grávidas se não estava grávida? – David Parker pergunta.

– Não é algo... incomum. – Minha voz sai rouca, então preciso me concentrar. – Eu auxiliava as mulheres e gostava de me sentir parte do bando. Conversávamos sobre bebês, sobre os nomes que daríamos a eles. Por alguns momentos por dia, eu me imaginava frutífera.

– Onde conseguiu a arma?

– É do meu marido. Ilegal.

– Mas... – o investigador Henry Dickerson faz uma pausa elaborada. —... por que matar? Foi premeditado, foi por impulso?

– Eu não sei o que estava pensando. Acho que foi automático. Eu simplesmente peguei a arma destinada a isso, mas, durante todo o trajeto, tentava me esquecer de que a arma estava na sacola. Eu queria matar seus filhos, apenas isso! A felicidade delas era... incômoda, repulsiva. Elas me abominavam, acreditavam que eu era inferior por não poder ter filhos. Eu só queria arrancar os sonhos delas.

O investigador Henry tossiu, e em seguida disse:

– Então, para a gravação, você confessa o assassinato de Margot, Angela, Summer, Jeanne e seus respectivos bebês? Confessa também o assassinato de Cicely e a tentativa de assassinato de Jessica?

Então, Beth, Claire e Jessica conseguiram...
– Confesso.

Jessica —12/06/2019

Alguns meses depois do atentado contra as grávidas, estou assistindo à televisão com minha filha no colo. Ela agora tem dois meses de nascida, é linda como a mãe e retribui todo o carinho que lhe dou. Mudo de canal, pois o filme está em seus créditos, e meus olhos ficam arregalados quando vejo que o julgamento de Emily terminou e a pena foi definida. Pena de morte, a pena capital de Oklahoma.

Com o passar dos anos, a pena de morte foi deixando de existir nos Estados Unidos. No ano passado, Washington parou de adotar a medida. Mas Oklahoma permanece firme. Apesar de ser contra a prática desde o começo da minha vida, agora eu agradeço a sua existência. Emily merece a pena que causou às minhas amigas.

Eu, permeada pela agorafobia, não saio mais de casa. Faço até as compras mais simples pela internet. Minha mãe passou a morar comigo para me ajudar e sempre está orando pela minha melhora. Talvez eu melhore se puder ver Emily morrer. Oklahoma, o estado americano com maior número de execuções per capita, foi o primeiro dos estados a permitir a pena de morte com nitrogênio. Foi o primeiro lugar do planeta a usar injeção letal, e agora, por falta de recursos, usa nitrogênio. Emily vai inaugurar a prática.

Estou estudando sobre isso. Em abril de 2014, um detento serviu de cobaia para uma execução com um fármaco pouco conhecido. O resultado foi uma morte horrível e convulsiva, e demorou mais de 40 minutos para ele enfim morrer. Aconteceu um caso semelhante meses depois, e eu espero que, apesar de dizerem que o nitrogênio é “indolor, fácil e barato”, Emily agonize até a morte.

Emily – 17/01/2020

Hoje, é um dia especial. “Especial” não necessariamente significa algo bom; pode significar algo específico, atípico. Então, de certa forma, o dia da nossa morte sempre é especial, pois acontece uma única vez. Logo ao meio-dia, o guarda me chama e me leva algemada até um refeitório. No dia anterior, ele tinha me feito pedir minha última refeição. É quase como uma tradição. Apesar de aparentemente o Texas não gostar disso, Oklahoma persiste.

Mastigo o meu cheeseburger do McDonald’s devagar, para sentir o sabor. Como as pessoas que preparam isso se sentem? Depois de devorar o sanduíche, tomo um monte de sorvete, até porque o Estado não gosta de desperdícios. Penso na minha família... Ninguém veio me ver ontem. E ninguém veio me ver durante todo o tempo em que fiquei presa.

O que fiz foi impulsivo. Machuquei, matei pessoas inocentes, matei seres que não tiveram a chance de nascer. Penso que vou chorar ao pensar

nisso, mas não consigo. Já chorei demais nos últimos anos enquanto fazia apelos para a Justiça.

Mais tarde, estou vestindo roupas novas. Posso ter uma conversa com o padre, se eu quiser, mas recuso. No que deve ser umas 18h00 – porque é o costume —, coloco uma roupa de hospital e sou levada algemada da cela de vigília para a sala de execução.

– Vai ser aqui? – pergunto com relutância.

O guarda não responde, mas logo vejo um homem vestido de médico assentindo para mim. Os dois guardas me ajudam a tirar as algemas, e vejo uma outra guarda entrando com as mãos atrás do corpo. Eles me ajudam a deitar em uma espécie de maca preta, e prendem meus pés e meus braços.

Neste momento, estou fungando, quase começando a chorar. Acho que é chamado de crise de ansiedade o que estou tendo. Tento mover os braços levemente, mas me encontro presa. Ao fundo, vejo o padre sentado. Ele parece ter simpatia para mim. Parece lamentar por eu não ter me convertido.

Olho para o outro lado, e vejo uma janela onde voluntários respeitáveis da sociedade me observam. Eles vão garantir se o procedimento feito é correto ou não. Começo a me desesperar internamente e, quando olho para o outro lado, vejo aquela guarda trazer em suas mãos enluvadas uma máscara e um aparelho contendo algo. Ela parece estar grávida.

– Quer dizer algumas últimas palavras?

– Eu... – Quero dizer tudo, quero dizer que sinto muito, mas não digo nada. Não consigo.

Um guarda coloca eletrodos em mim, ou eu ao menos acho que o são. A guarda coloca a máscara no meu rosto... Eu sei como funciona. Já li a respeito. Sou a primeira pessoa a ser executada por nitrogênio, ou seja, sou uma cobaia. O suposto é que o episódio deve ser pacífico.

Sinto minha consciência se esvaindo, sendo deixada em segundo plano. Os segundos passam, eclodem contra mim, e vejo a morte em suas infinitas cores. Agora, eu chacoalho meus braços e minhas pernas presos à maca. Não consigo abrir os olhos, mas ouço o burburinho e o desespero dos guardas. É quase palpável. *Deu errado*. Sinto-me sem ar, entalada, até que... até que me acalmo, tudo cessa, tudo some.

O homem da maleta amarela

Juliana Karol de Oliveira Falcão

Está manhã fui a uma loja de decoração e avistei uma maleta amarela. Não pude deixar de recordar de um episódio demasiado misterioso que, durante a minha infância, aconteceu em meu prédio. A história é, mais ou menos, assim...

Quando eu era apenas uma garota estava brincando, nos degraus da escada, com as minhas duas bonecas de pano, quando ouvi duas pessoas se aproximando a passos firmes.

– Você fez uma ótima escolha! A vista é magnífica, os quartos são amplos e o banheiro, que banheiro... Dá para viver lá dentro. Aqueles azulejos são estupendos! – Disse o homem gordo, vestido com uma blusa em linhas verticais brancas e pretas. As palavras quase não saiam da sua boca, pois o seu bigode enorme e curvado parecia brigas com o ar que saía dele.

O homem que o acompanhava tinha uma cara de quem já morreu. Parecia um defunto em pé. Alto, pálido e olheiras tão grandes que quase o tomavam a face inteira. Vestia um sobretudo marrom, muito amarrotado, que parecia ter mil anos. Mas, o que me chamou mesmo a atenção foi à maleta amarela que ele tinha em mãos.

Como um homem crescido tinha uma maleta amarela? Eu era acostumada a ver vários homens passando, da sacada do meu prédio, com maletas discretas da cor preta, bem arrumados, indo para os seus respectivos trabalhos. Aquele homem me deu foi medo. Que cara estranho! E ainda por cima iria morar no apartamento em frente da minha casa.

Sem se despedir, assim que o bigodudo o entregou a chave, ele fechou a porta, na cara do senhor, de maneira tão forte que deu até para perceber os seus finos cabelos balançarem na sua cabeça. Indignado, o senhor listrado, se retirou passando por mim como se eu nem existisse. Ainda por cima, resmungou umas palavras estranhas que eu não consegui, ao certo, identificar.

Levantei-me cuidadosamente para não fazer barulho e direcionei-me até a residência do novo inquilino. Encostei o ouvido à porta e o silêncio reinava lá dentro. “Meu Deus, o que tem naquela maleta!”, pensei. Quando, de repente, eu ouvi passos se aproximando da porta. Era ele. Rapidamente me escondi atrás de um enorme jarro de plantas que estavam mais mortas do que vidas. Coitadas!

Ele apareceu na porta, olhou de um lado para o outro com os olhos cerrados e estranhos. Tive um arrepio que invadiu todo o meu corpo. Aquele homem tinha um segredo. Tinha sim.

Ele desceu as escadas e deixou a porta semiaberta. Como se fosse voltar rapidamente. Mesmo com o temor de ser pega com “a boca na botija” aproximei-me da porta e a empurrei. Ela abriu gentilmente bem na minha

frente revelando o mistério mais profundo que me consumia por inteiro. Lá estava ela, bem em cima da mesa.

Hesitei um pouco para entrar naquele apartamento que de estranho só tinha o dono. Ele era bem aconchegante para falar a verdade, cortinas com flores discretas, móveis marrons também discretos, entretanto, em cima da mesa redonda coberta com um lençol rendado na cor branca estava àquela maleta que destoava completamente do cenário em que estava inserida. Ela parecia gritar comigo. E eu, como a garota “obediente”, lê-se curiosa, que era, obedeci cegamente a sua ordem e me aproximei.

Ao avistá-la de perto vi que estava surrada. Conclui que havia sido usada durante muito tempo. Deveria inclusive ser mais velha que minha vó Tereza. E minha vó era muito, mais muito velha, de fato, uma anciã.

Droga! A maleta tinha senha. Tentei: 1, 2, 3; 3, 2, 1; 0, 0, 0... Nada parecia adiantar. Peguei nela. “Hum! Pesada. O que eu faço agora?”, pensei. Quando já estava desesperada, com medo de ser flagrada a qualquer momento com “a mão na massa”, avistei um caderno de capa preta que estava em cima do sofá.

Ao abri-lo eu percebi que era um diário. Fui à última página e ele falava da mudança. Dentre outras coisas estava escrito: “O sigilo da maleta deve ser guardado com a minha vida”.

Ouvi passos. Ele se aproximava subindo as escadas. Fechei o diário rapidamente. Não iria dar tempo de sair. Escondi-me em um quarto que estranhamente não tinha móvel algum. E espiei pela fechadura com a coragem de alguém que está prestes a ser descoberta.

Ele entrou e fechou a porta. Pegou a maleta e sentou no sofá. Sua postura dura a recebia em suas cochas finas. Ele a abriu. Eu não podia acreditar no que estava vendo. Não podia ser. O homem a fechou e saiu do apartamento carregando-a, graças a Deus, deixando a porta apenas escorada. Eu, mais que depressa, sai do meu esconderijo secreto abismada com o que havia visto. Corri para minha casa.

Ao entrar pela porta minha mãe estava lavando a louça e disse que já estava prestes a me chamar para casa. Eu ouvia suas palavras ao longe, ainda pensando no conteúdo daquela maleta. Tudo ocorreu dessa maneira.

Passsei uma semana sem dormir direito e hoje em dia odeio a cor amarela. Vocês devem estar se perguntando o que tinha nela, afinal? Eu bem que gostaria de contar, mas eu prometi a mim mesma que nunca ia falar sobre isso com ninguém. E, como vocês sabem, promessa é dívida.

Amnésia

Larissa Priscila Motta

Estava escuro. Ele mal conseguia ver a silhueta em sua frente, mas, podia sentir o calor que emanava do corpo tão próximo ao seu. Ele podia ouvir perfeitamente o som profundo que aquela respiração produzia. Estava escuro; e isso o deixava ainda mais inquieto. Tudo – tão de repente – foi tingindo-se de vermelho, e quando o mar escarlate, veemente e sedutor, o tomou por completo, uma dor o atingiu e também o afligiu.

"Maurício!" - Uma voz o trouxe de volta.

O nome formado pelo alto som da voz que o acordara não era mais estranho que a modesta fragrância de rosas que perfumava o quarto. Uma mulher abria as cortinas, permitindo que a luz do sol penetrasse pelas janelas e ferisse os seus olhos carinhosamente afeiçãoados à escuridão. O mais inusitado, talvez, era que aquela mulher desconhecida era sua esposa.

"Você pretende dormir o dia todo?" - A mulher perguntou.

O seu sorriso obnóxió, que respondia o quão distante ambos eram, o deixou estranhamente desorientado.

"Enquanto preso aqui, a ideia não parece ruim." Ele respondeu tentando ser cordialmente indiferente, ou talvez essa fosse apenas mais uma característica de sua personalidade fleumática.

Naquela manhã, em particular, a mulher não estava sozinha. Atrás dela, que afirmava ser sua esposa, uma criança escondia-se. Seus olhos, por algum motivo, tinham uma essência única. Depois de tanto tempo naquele frígido quarto de hospital, algo enfim o despertou. Finalmente, era capaz de reconhecer algo – e isso peculiarmente intrigou sua curiosidade.

"Quem é essa?" - Ele perguntou sem sequer ser capaz de piscar.

O sorriso que sua esposa lhe lançara, desta vez, não era servil, e esse desvio sutil o fez entender exatamente quem era aquela criança. Ele lutou para se levantar de sua cama, e caminhou até a criança que assistiu os trapos envoltos ao seu pulso ferido manchar-se em um vermelho vívido.

"Qual é seu nome?" - Perguntou ele hipnotizado.

Os lábios da menina estremeceram como se estivessem prontos para respondê-lo, mas algo a deteve. Em vez disso, a criança pressionou entre as mãos um bloco de desenhos que carregava consigo. A mulher ao seu lado balbuciou uma repreensão à filha, mas, Maurício já não escutara uma só palavra; seus dedos tocavam uma das gravuras que caíam ao chão. Em tortuosos traços, o que para muitos pareciam rabiscos indecifráveis, para Maurício eram dolorosamente familiares – assim como o choro que escutaria logo em seguida.

As flores do lado de fora pareciam suntuosas e catitas, o sol brilhava como nunca, mas por que parecia um inverno sem fim dentro de seu coração.

Paranoia

Léo Ottesen

Dezoito anos é uma idade próxima demais da infância pra se perder a mãe. Por sorte—ou acaso—, Pedro já trabalhava e, portanto, podia desvencilhar-se do pai, alugar um apartamento, e começar a viver. O cotidiano no escritório de contabilidade não era especial; o estresse corria solto em torno dos cubículos, os colegas distribuía seus bons-dias como quem entra no banheiro e acende a luz. Automáticos servidores do capitalismo. Mas o jovem não se abalava, até gostava da mesmice apática. Acostumar-se ao banal tem suas vantagens: a mente fica livre pra fantasiar coisas novas enquanto os dias se repetem.

Pedro, de fato, acreditava nas histórias que criara. Seus monstros verdes rastejavam nos corredores, pegavam o elevador, batiam portas. O breu na hora do sono pesava-lhe os ombros como um defunto. Qualquer carro a cruzar por ele na rua bem podia ter consciência, e sede de sangue. Pedro analisava esses fatos com minúcia, sentado junto à escrivaninha, sob a luz do abajur, os dedos deslizando ágeis pelo teclado e fazendo surgirem as letras, palavras, frases, parágrafos, vampiros, lobisomens, múmias, palhaços...

Com o tempo, suas ficções reais tornaram-se meios de fuga do resto. Somados à namorada, depois noiva, Ana Luíza, aqueles seres formavam a família e o mundo de Pedro, que já não tinha família nem se importava com o mundo. Varava as madrugadas envolto em narrativas sanguinolentas, cheias de psicopatas que matam, demônios que possuem, pessoas que choram. Divertia-se, os olhos brilhavam; Ana Luíza saía da cama, descabelada, e o mandava ir dormir— tinha que trabalhar no outro dia.

Os mistérios de Pedro rondavam o dia a dia do casal. “Amor, e se o vampiro se apaixonasse pela vítima?” “Já fizeram, é uma merda.” “E se o assassino casa com uma mulher que também é assassina, e eles tentam se matar?” “Também; esse é legalzinho, mas não vale a pena repetir.” “E se o...” “Chega, Pedro.”. Não que ele negligenciasse a relação, ou o trabalho, antes, porém, dividia sua obsessão com os outros—o que talvez fosse ainda pior. Contava cada detalhe das tramas que desenvolvia, explicava a origem dos seus psicopatas e das vítimas, estafava a noiva e afastava os possíveis amigos. Até que um dia, Ana Luíza se cansou, deu o ultimato clichê: ou as histórias ou eu. Então, sem pensar duas vezes (porque nem sabia fazer isso), o autor tirou férias indefinidas. Dormia melhor, conversava melhor, estava mais bem preparado pro dia seguinte, o vazio nem doía tanto.

Conforme sua sede de sangue e fome de tripas diminuía, entre almoços curtos e longos silêncios na cama, Pedro ainda vislumbrava—de vez em quando—espectros rondando os ambientes, e sombras sem matéria, assustava-se com tilintares do lado de fora da porta, mas sorria ao ouvi-los. Começara a perceber que, à noite, voltando do escritório, algumas pessoas

miravam-no friamente através da janela do carro. Rostos desconhecidos entre familiares neblinas das ruas. Ele não se via capaz de argumentar contra aquilo, já que fazia parte da sua monótona vida. Mas ficava incomodado.

No final de semana, Ana Luíza pedia que ele preparasse alguma coisa especial pro jantar. Certamente macarrão ao molho branco ou carne assada e arroz. No sábado, Pedro deixou a faca grande deslizar pela mão. Caiu em pé, cravada, entre suas pernas.

Os dias arrastaram-se seguidos de longas noites insones. Ele já havia perdido aquela tranquilidade de quem não convive com pesadelos. Ela não percebera de início, mas logo as pistas culminaram em suores frios e temores noturnos. Ana Luíza disse ao noivo que voltasse a escrever, que aquilo o estava consumindo, que ela não se importava mais. Nada adiantou. Pedro soubera distinguir suas escuridões literárias daquelas que o seguiam pelas ruas. Os tremores não eram, portanto, abstinência da criação, mas percepção da realidade: alguém queria matá-lo.

O chefe esbravejava e o frio subia pela espinha de Pedro. O trovão de um carro freando era o anúncio do fim. No bar escuro, a garçonete nova pusera um líquido verde viscoso dentro do seu copo de cerveja. A mãe também havia sido assassinada: o motorista bêbado desconhecido tinha ciúmes dela com o marido. Aquela noite chuvosa fora a desculpa perfeita. Homicídio. E se repetiria em breve—Pedro tinha unicamente esta certeza.

Ana Luíza vestia profundas olheiras, dignas de uma enfermeira cuidando de um jovem terminal. Pedro revirava-se na cama, ela trazia água, acariciava, acalentava, acalmava, amava. Ele voltava pra casa tropeçando em si mesmo, totalmente alcoolizado, Ana Luíza o banhava, alimentava, amava. Pensaram, juntos, em procurar uma psicóloga ou uma psiquiatra ou um médium. Pedro relutara, porque não acreditava naquelas coisas, e as coisas continuaram durante os dias e as noites e as intermináveis madrugadas acordados. Numa dessas madrugadas, por acaso, chovia e relampejava furiosamente. Ele, não por acaso, debatia-se na cama imerso em pesadelos sucessivos. Alguém o procurava, encontrava, perseguia, baleava, homicidava. Alguém o envenenava. Enforcava. Sufocava. Defenestrava.

Lambuzado de lágrimas, tremendo, suando, Pedro acordou. Afogava-se em líquido quente, não as lágrimas ou o suor de medo. Sangue. A noiva sobre ele, repetindo seis vezes o golpe da faca, tinha o rosto sério e silencioso. Pedro, então, cuspidando o resto de vida que escorria da boca, olhou pra amada que suspirava, sorriu com poucos dentes, e declarou: “Eu sabia.”

O enigma de um dia

Leandro Serpa

Meu caro Adriano. Escrevo-te estas humildes palavras com o pesar de que desde o início estarei a importunar – te e de pronto te peço desculpas antecipadas.

Sinto incomodá-lo, porém ignorante que sou e afetado que estou, considero justo romper o silêncio e despertá-lo.

Esta semana presenciei eventos que afetaram meu equilíbrio. No início da semana, talvez segunda ou terça-feira, levei minha mãe num velório e me senti consternado ou atizado pela expressão do defunto. Numa dessas aulas da faculdade me chamou a atenção uma imagem da História da Arte. À noite estas imagens se somaram a alguns problemas que tenho enfrentado ultimamente. Acordei no meio da madrugada angustiada. Pulsando em fúria e para liberar esta energia ruim escrevi algumas palavras no meu caderno de dúvidas. Horas depois tranquilizado por ver minha raiva transformada em algo palpável me veio à mente a sua imagem. Não me pergunte como estas coisas acontecem. Minha inteligência neste assunto é mínima, mas o fato é que estava lembrando-se de você. De nossos momentos no trabalho, aqueles problemas que enfrentamos na linha de produção, das garotas e você, modéstia à parte, ainda me deve umas aulas, mas encurtando os fleches diria que minha mente se concentrou nos momentos finais, anteriores e posteriores a sua inesperada partida.

Adriano tu sabes o quanto te admiro. Tu és um dos poucos amigos que tenho e desconfio que minha mente, antes de mim, percebeu que preciso da sua ajuda.

A imagem que me afetou e que neste momento sinto que estamos ligados a ela é uma tela de dimensões pequenas, um pequeno “gesto” de uma alma iluminada. Estou falando da Mona Lisa de Leonardo Da Vinci. Peço que veja esta obra. Confesso que já a tinha visto outras vezes, porém agora se lembrando do gesto aparentemente inconsequente de Duchamp que pôs bigodes e barba nesta imagem, me sinto confrontado, como se estivesse diante de uma questão óbvia, mas perdoe minha ignorância, não consigo uma resposta apenas questionamentos e afinal. Qual é o segredo? Existe mesmo um enigma? Ou, qual é a jogada? E será que haverá outro lance? Adriano se comunica:

– Leandro. Agradeço pela carta e pelos elogios que fizeste a este insignificante. Do outro lado que estou distante do barulho e dos problemas sem solução posso falar com tranquilidade e descobri amigo que o silêncio é uma fonte de inspiração, ademais não me importa ser despertado durante esta noite escura e vazia para atender a um amigo com uma questão tão pertinente.

Suas dúvidas apresentam tantas faces e caminhos que poderíamos viajar séculos e não chegaríamos a uma resposta definitiva. De fato,

estamos diante de um enigma, porém que apresenta a resposta em sua própria face, mas o que é mais importante observar é os “reflexos” que tais imagens projetam na sociedade e de um modo tão poderoso que não conseguimos compreender. É amigo. Sua intuição procede e posso te dar uma resposta a questão inicial que tanto afeta - o. Para isso preciso da sua ajuda. Espero que esqueça por um instante as gozações do trabalho e todas aquelas vezes que o deixei sem graça diante de nossos colegas e confie em mim. Se estiveres diante da imagem de Mona Lisa peço que fixe seus olhos neste retrato, ou se não as tens diante de ti faça um exercício de memória. Agora imaginando eu que esteja diante de uma das incontáveis reproduções da senhora Lisa, desejo que a observe por alguns segundos. Passado este tempo feche seus olhos. Desculpas, se te fiz ficar muito tempo neste estado, mas na situação que me encontro qualquer gesto é motivo de gargalhada. Por favor, desconsidere as tolices deste seu amigo idiota e volte à imagem. Se não conseguires mentalmente cubra os olhos de Lisa com alguma coisa qualquer, de repente uma caneta sirva. Retorne as suas lembranças e o seu momento de afetação. Fixe novamente atenção na imagem e imagine os olhos dela fechados, o sorriso enigmático e me responda amigo:

Não estas diante da imagem da morte? E o que é problemático na questão:

– Como pode uma sociedade venerar a morte sem ao menos se dar conta disto? Leandro responde:

– Adriano suas respostas deixaram me perplexo, mas refeito do susto te remeto a seguinte questão:

– Porque um homem sombrio como Duchamp seria capaz de uma atitude tão irresponsável como aquela? Estaria ele brincando com a morte? Adriano;

– Leandro. Confesso que ultimamente eu tenha me sentido mal, cansado, mas suas questões me despertaram, pelo menos parcialmente, de maneira que estou considerando a hipótese de ser seu conselheiro “espiritual”. Que resposta pode dar a esse desocupado? Bem, desculpe minha ironia e indo ao assunto que nos une nesta hora te adianto que não tenho nem metade das respostas e minhas palavras são assim como as suas, suposições, infinitas questões sem resposta. E falando neste nosso amigo o senhor Duchamp, confesso a ti que ele não é tão sombrio quanto parece e até sabe contar piadas, veja só e outro segredo não joga tanto xadrez assim como andam dizendo por ai.

Posso adiantar-lhe que Da Vinci e Duchamp são cárceres da mesma cela, comungam o pão e o vinho da mesma safra.

Meu amigo nesta “caverna” onde me encontro custa muita energia o menor gesto, de maneira que soprar minha voz em seus ouvidos é um martírio ao qual não imaginas. Aqui é proibida a comunicação e cada palavra pronunciada tem o valor de uma orelha arrancada. Peço que preste atenção na sociedade, como se comporta está “máquina abstrata”. Muito do

que está na imagem se corresponde à vida material, assim como você suponho que o trabalho destes dois homens “encerra” um ciclo da atividade humana, mais precisamente a ocidental. Quanto as outras questões como o fato de Da Vinci desenhar cadáveres ou Duchamp jogar xadrez e estudar cálculos, espero que consiga as respostas entre seus colegas e professores.

Você me mostrou algo que eu jamais ousaria imaginar. A morte não é um mal isolado, ela faz parte da unidade cíclica que compõe a vida, pertencendo, portanto, a “roda” da vida, porém suas questões apontam para uma sociedade que não possui este conhecimento e, no entanto, considera a morte um mal “alheio e necessário”, e por isso avança vorazmente furando, rasgando, escarpando, degolando e fuzilando até o êxtase. Desejam alucinadamente encarar a imagem da morte e bem sabemos isto não é impossível. Como sabes posso falar com propriedade e afirmo que não é possível aos mortais enxergar o último instante de modo que a passagem é feita na sombra escura. No instante supremo, na hora penúltima nossos músculos enrijecem nossa mente “trava” e apagamos.

Posso afirmar ainda que a aventura humana em busca da máscara, do reflexo da morte e da passagem para a terra dos mortos, só encontrará em si mesma o fim da existência humana e a extinção de toda a vida.

Calar me hei agora amigo e desde já te desejo sorte em suas pesquisas. Não se preocupe com as dores de um apartado e siga. É isto o que desejo. Confesso que brilha em meus olhos a curiosidade e espero ansioso que me tragas novas soluções para esta questão tão importante. Fecharei meus olhos neste instante. Adeus amigo, ou melhor, até breve.

O mistério de Serenata

Lua Fernandes

Seu nome era Serenata. Há um ano atrás, você poderia encontrá-la numa sexta à noite, sempre fumando no meio-fio, virando esquinas e levantando a gola de sua jaqueta de couro ou, por má sorte, atravessando faixas de pedestre sob um acesso de lágrimas. Contava quinze anos de idade e pertencia integralmente às ruas. Morria assim que o sol nascia. Era como as estrelas e a lua, durava só até a madrugada. Não era amante do dia seguinte.

Serenata era de poucas palavras. Eu costumava observá-la por debaixo do toldo dum bar, buscando sabê-la da distância segura, enquanto meus amigos de longa data falavam alto e arruinavam seus fígados. De tempos em tempos, a jovem adentrava aquele antro com uma garrafa de vodca em punhos, desfilava até o balcão gordurento e acenava para Ângelo, o dono do bar.

Serenata sussurrava algo ao pé do ouvido de Ângelo. O homem franzia o cenho e esfregava uma flanela no balcão gordurento, resmungando certo palavrão.

“É tarde demais. Vá dormir”, era o conselho que ele invariavelmente concedia a ela. Depois dessa sequência, Serenata avançava até a saída num ritmo incessante similar a uma locomotiva a vapor, de peito estufado e punhos cerrados, rosnando de raiva.

O fato era que aquela personagem era uma incógnita e o dono do bar não revelava nada além do que seu nome: *Serenata*.

“A conheço desde que era uma recém-nascida”, Ângelo limitou-se a explicar aos meus curiosos amigos. A carência de respostas fazia aquele bando de universitários sonâmbulos perder horas valiosas preenchendo lacunas com estúpidas suposições. Na época, um deles propôs, inclusive, um jogo. Era o seguinte: deveríamos criar uma história para Serenata.

“Digamos que ela matou o próprio pai”, Danilo sugeriu com a voz escorregadia de quem já não gozava de grande coordenação motora, graças à bebida.

“E é uma órfã”, Bela acrescentou com pressa, animada com o joguinho desprezioso, curvando-se sobre a mesa, quase deitando-se.

“E vive com a avó em um cortiço”, Ramona adicionou.

“Se vive com a avó, então não é órfã”, Bela rebateu. E assim começou uma discussão acalorada sobre a designação de família. Falavam alto para que Ângelo ouvisse e se manifestasse sobre, afirmando ou negando as suposições. Entretanto, os olhos negros do homem pesavam apenas sobre mim, aquelas duas peças de carvão que já viram de tudo.

Senti como se houvesse feito algo de errado e ele me julgasse. Percebendo que o jogo proposto havia se tornado uma piada, despedi-me de minha turma, deixando um nota de cem para a conta.

Maldito seja aquele momento! Se arrependimento matasse, agora eu estaria num estado semelhante ao de Serenata. Francamente, seria deveras melhor do que estar na minha pele, neste exato minuto, ouvindo o impacto de corpos contra a porta trancada do quarto, escondido debaixo da própria cama com o coração a mil.

Eu deveria deixar buquês na lápide de Serenata. Eu deveria orar para que sua alma descanse em paz. Eu deveria ter fugido deste país, ter trocado de nome e sobrenome. Sobretudo, eu deveria ter comprado uma arma.

Vou morrer e nem saberei o porquê. Espero que matem-me com um tiro na cabeça, pois é preferível a morte instantânea. Eu apenas tentava desvendar o mistério de Serenata duma distância segura...

“O que você quer com Serenata?”, Ângelo interceptou-me, naquela época, antes que eu saísse do seu bar. Deteve-me pelos ombros, exigindo atenção.

O que havia de errado com ele? Bem, até hoje não sei e isso foi há um ano atrás.

“Eu só quero entender o que há com ela”, expliquei a ele com hesitação, pressentindo um desenrolar negativo para o meu lado. Meus amigos e eu estávamos plenamente cientes de que não havia mal em tornar Serenata tema para joguinhos, enquanto não a conhecêssemos e ela não nos ouvisse. Porém, Ângelo a conhecia e nos ouvia: uma completa fórmula para o desastre.

“Serenata é um problema. Fique longe dela”, foi o que Ângelo exprimiu no imperativo, logo após digerir minha resposta. Eu concordei apenas para que ele me deixasse em paz. Definitivamente, eu precisa sair daquele bar.

Quando Ângelo soltou-me, convencido sobre minha aparente resignação, corri com desespero até o meu carro, lá do lado externo. Abri a porta e afundei-me no banco do motorista em uma fração de segundos, ligando o rádio e aumentando o volume num ponto no qual meus pensamentos fossem inteiramente absorvidos. Ainda sob esse espírito inseguro, peguei a estrada.

Como aquele velho dono de bar percebeu minha postura atípica com relação à Serenata? Talvez o fato de que não participei do jogo do *faça uma história* tenha me denunciado. Enquanto Danilo, Bela e Ramona debochavam da garota perdida aos quinze, eu tragava vodca com indecisão.

Hoje sou extremamente afixado em Serenata. Mesmo aqui, debaixo de uma cama, roendo as unhas com pavor e encarando a morte iminente, não posso deixar de recordá-la. Tudo deve-se a ela, mas a responsabilidade é completamente minha, pois, quando a vi cambaleando na calçada, decidi segui-la.

Veja bem, Ângelo disse-me para evitá-la, então fazer exatamente o oposto soava como uma pequena reafirmação de autonomia. É claro que eu o desobedeceria, assim como uma criança birrenta o faria, mesmo que ninguém soubesse sobre isso.

Vendo a jovem desfilando a esmo, minhas mãos perderam o controle sobre o volante. Felizmente, logo o retomei e a minha decisão foi considerada instintivamente, sequer percebi-a até estar pegando uma rota que me distanciaria de casa, mas que me aproximaria de Serenata. Eu desvendaria o seu mistério...

As ruas escureciam cada vez mais e, embora a passos lentos, a garota avançava para regiões perigosas da cidade, diversos quarteirões com histórico de assassinatos. Com aquela jaqueta de couro e o vestido de veludo, ambos negros, a única coisa que distinguia-lhe da noite era o cabelo encaracolado dourado, tal que rendera o apelido de *poodle* por parte de Bela. Eu desconfiava que minha amiga não simpatizava com Serenata, atualmente tenho certeza sobre. Bela comemorou quando soube da morte da garota.

“Talvez ela se vista de preto porque está de luto”, refleti em voz alta. Aquela inocente suposição ficaria entre a música estridente do rádio e eu. Quase perdi o ar, pois Serenata tropeçara nas próprias pernas e caíra em cheio no asfalto. Por mais que desejasse ajudá-la, não poderia ser notado. Com cautela, estabelecia distância o suficiente para que os faróis do automóvel não atraíssem sua atenção e ela, com a inteligência suja de quem pertence às ruas, deduzisse que estava sendo seguida. Relaxei ao vê-la se reerguendo.

O que eu esperava de Serenata? Qual era o intuito de seguir seu rastro? Eu pretendia descobrir seu endereço?

Bem, tudo o que sei é que não esperava vê-la cessando em frente a um muro, encarando tijolos vermelhos sobrepostos, direcionando o punho até eles e batendo como quem espera uma porta ser aberta. Era uma rua sem saída, a rua mais escura que eu já vi, e estava vazia como se o apocalipse tivesse acontecido. Caso eu fosse sábio, teria ido embora, mas Serenata estava alienando-me por completo. Eu pouco lembrava o meu próprio nome. A excitação pela aproximação da verdade era indescritível e agora pago o preço por isso.

A tensão sobre o meu corpo encolhido por baixo da cama é par da que senti ao ver o ilustre carro preto estacionar às costas de Serenata. *Toc toc*, ela continuava a bater no muro na esperança de ser atendida. Um homem de terno desceu do carro e jogou maços de dinheiro em sua direção. Embora o negrume fosse profundo, eu reconheceria dinheiro em qualquer lugar.

Serenata correu até as notas e com pressa enfiou-as no decote de seu vestido, entre seios. Minha fraca leitura de lábios indicava que ela agradeceu ao homem de terno.

“Grata, eternamente grata”, foi o que Serenata disse. Se ela soubesse a bobagem que estava falando...

Meu Deus! Derrubaram a porta do quarto! Eu irei morrer! Oh, Serenata não morreu... Não morreu, porque eu estava lá para socorrê-la. Quando o

homem de terno traiu-lhe, disparando um única e letal bala em sua espinha e largando-lhe na calçada, eu estava lá para socorrê-la.

Abandonei meu carro sem remediar, corri em sua direção. Francamente, morrerei por ela, é isso que acontecerá e é justo, mais do que justo. A aproximação da verdade era uma ilusão, pois partirei sem sabê-la. Quem era ela? Tudo que tenho é seu nome: *Serenata*. Quero dizer, se este realmente for o seu nome. Bem, é o que consta em sua lápide.

Posso ver os sapatos engraxados de meus assassinos por debaixo da cama. Eu duvido que um deles seja o mesmo homem de terno que tirara os movimentos de Serenata. Não, ele não está aqui, mas estes desconhecidos que invadiram meu quarto estão a mando dele, certamente. Eu vi o que não devia...

Na calçada, Serenata sentia dor. Ela não movia nenhum músculo, mas lágrimas serpenteavam por sua face. Eu estava próximo o bastante para confirmar a suspeita de que ela tinha somente quinze anos. Disquei o número da emergência mecanicamente.

Foi menos de um mês até que ela morresse. O tiro submetera-lhe à completa imobilidade e seus órgãos estavam falecendo, foi o que a equipe clínica do hospital que contratei explicou. Com sutileza, eles insistiram que eu estava perdendo grana à toa, a vida dela está por um fio.

Foi menos de um mês e aquela garota não podia mover a língua e revelar-me a verdade. Como disse a Ângelo, eu só queria entender o que havia com ela. Buscar respostas apenas levou-me a mais interrogações. Sequer a polícia conseguiu solucionar aquele caso, chegando até mesmo a suspeitar que eu estava inventando tudo para me safar de uma tentativa de homicídio malsucedida.

“Eu não a conhecia, até então”, argumentei contra o investigador.

“Ora, por que paga as contas hospitalares dela? Isso me parece peso na consciência”.

Mais tarde, ficou claro que eu era somente maluco, mas um maluco inofensivo.

Eu a vi levando um tiro. Serenata morreu. Meus amigos de longa data se afastaram de mim. Não haviam mais noites de sexta entregues ao bar de Ângelo. Tornei-me isolado, assombrado por ela. E, agora, solas de sapato antecipam a minha morte. Tudo o que vejo e escuto são as solas contra o piso do meu quarto. Como eles ainda não me descobriram? Estou bem aqui, debaixo da cama. Eu mal respiro. Eles não falam e também não respiram. Será que pensam?

Quem era você, Serenata? Você me perdoa por reduzir-te a uma ideia? Por desvalorizar tua carne e ossos? Por seguir-te naquela noite e por observar-te em todas as outras? Mas, principalmente, você me perdoa por não ter me aproximado antes, quando eu era o único capaz de ouvir teus clamores por socorro? Por Deus, você era apenas uma criança, como eu mesmo costumava ser.

É triste que eu não tenha te revelado que vim do mesmo buraco que você, que também pertence às ruas. Serenata, somos filhos da mesma mãe, somos irmãos. Desafortunadamente, nossa família é a mais desunida. Eu me reconheci em você, mas temi assumir quem sou. Serenata, nós não temos pai. Você procurou por um que te desse mesada e ele matou-te com uma única bala.

Sabe o que fiz para ganhar a vida? Reneguei meu próprio sangue. Você alienou-me, me fez esquecer o nome que sequer é meu. Sim, nós não temos nome. Realmente, nossa família não possui um sobrenome.

Um homem sem nome e sobrenome morrerá. Será que Bela, Danilo e Ramona comparecerão ao meu funeral?

“Achei!”, é o que um dos meus assassinos grita com entusiasmo, chutando as pernas da cama para assustar-me. Permitir-me-ei o privilégio de não pensar nestes meus últimos segundos de vida. Apenas sinto e vejo puxarem-me para fora do meu esconderijo, pela gola de meu suéter.

Antes de tudo, dão-me um soco no estômago. São dois, ambos de terno. Dobro-me de dor e eles socam o meu rosto. Um deles exhibe o revólver que tem em punho.

“Serenata”, é tudo o que sou capaz de proferir. Meus assassinos sorriem.

“O nome dela não era Serenata, seu idiota”, revelam-me e, posteriormente, sem cerimônia, atiram.

Eu morri ao som de risos. Eles acharam engraçado eu não saber quem era você, Serenata, e, de qualquer forma, morrer por você. Mas quero que saiba: meu nome era Pedro.

Pense

Luan Claro de Lima Mendonça

Estava claro que naquele momento passava em sua mente centenas de possibilidades.

A tensão era evidente, estava hesitante, perplexo, e suas mãos transpiravam só de pensar nas multidimensionalidades que um uma única escolha errada poderia causar a partir daquele momento.

Sua ação tinha que ser precisa, infalível, pois sua reputação deveria permanecer intacta.

O tempo estava acabando e logo ele teria que tomar uma atitude.

Sua incerteza era proporcional ao seu perfeccionismo.

Sua estrada não poderia estar pavimentada por péssimas escolhas. Não, ele deveria ser impecável.

Enquanto ele pensava, tanto adversário quanto o público esperavam pelo primeiro movimento da partida de xadrez.

Hora morta

Luís Amorim

Pela noite dentro, tudo calmo parecia, bem perto do centro onde a vila, diziam muitos, «Já não tem vida», quando «Tudo por ali acontecia» no antes longínquo. Agora, no então de enredo e com a presente calma no papel, referia este que os sonos duravam até ao ser dia sem interrupções que assinalassem a mais pequena agitação. Mas certa noite, que o jornal local à presente consulta não soube com precisão esclarecer por se tratar de crónica assinada sem complemento de data quanto aos verídicos, escrevia-se, acontecimentos, o chafariz próximo da residência em questão começou do nada a largar gotas com dezena de segundos aproximados, para o sonoro recipiente. Encontrava-se dentro de pequeno jardim, fechado apenas durante a noite ou talvez não, quando no diurno era obrigatória visita de turistas procurando uma recordação junto do histórico monumento. Já não tinha água corrente, daí que começar de madrugada a revelar a sonoridade da mesma perante sonos que se pretendiam descansados, seria de todo completamente inesperado. Mas foi isso mesmo a suceder, fazendo crença na tal crónica, sobre acontecimentos de eras outras. A família acordada no de repente foi, sobressaltada para fora de casa, na de chafariz direcção com a rapidez que a água determinava ao sonoro cair. Uma vez ali chegados e quando o relógio marcava três ponteiros na fria madrugada, parou a queda de água pelo chafariz então determinada. Voltaram para dentro de casa, no convencimento que poderiam enfim descansar sossegados no dormir entretanto interrompido. Puro engano. Mal se deitaram, casal e filha, sentiram de imediato água caindo no estrondo da noite sem esse maçador pormenor, agradavelmente silenciosa. E assim foi pela madrugada dentro, impedindo o sono de vencer em prol do merecedor descanso. O dia seguinte decorreu com normalidade até à chegada pela noite, com a madrugada a dar sinal, de mais água caindo «No sítio do costume» pelas três horas no seu iniciar. Nova precipitação exaltada até ao chafariz para este se calar no jorrar de água, gota a gota sem piedade quanto ao sono familiar. Novo conformar de situação aparentemente inexplicável por ser às três exactas horas de cada nova madrugada, «A hora morta» dita pelo pai de família que, durante o dia foi investigar o que lhe foi possível na biblioteca local sobre «O impiedoso monumento», onde leu sobre invocação maligna naquele mesmo lugar algumas gerações antes. Resolveu então solicitar a presença de amigo sabedor do ritual de exorcismos para solucionar o problema, convencido de ser esse o mais acertado no agir que teria forçosamente de acontecer. Ritual feito pela exacta hora maligna e consequência esperada de não mais cair gota de água qualquer. Só que na seguinte noite, elas, as gotas voltaram a fazer-se ouvir. Com rolha pronta a ser encaixada, mesmo à real medida, o cair de água cessou e assim pareceu à família o tranquilo final de estória. Mais dia outro até à nocturna ocasião por acréscimo de enredo e na vez essa

à de costume hora, as três, o ruído outro era que levou a família a conferir com exaltação o que então se passava. Era o padre em estranho ritual ou talvez não, com um exorcismo aparente, o qual para espanto familiar, afirmou na sua forte convicção ser o oficial que, independentemente da ocasião e dos seus envolventes, unicamente resulta e bem no sempre que for preciso.

Uma visita misteriosa

Luís Fernando Amâncio

A noite é plena de sons particulares. Passos na rua, móveis estalando, grilos e morcegos fazendo algazarra na escuridão. Joaquim gostava de ouvi-los com os olhos fechados, esperando o sono chegar. Ficava adivinhando a origem dos ruídos, gerando imagens em sua mente para ilustrar o que só ouvia. Durante décadas, quando não morava sozinho, esse passatempo era mais divertido. As discussões dos pais, a televisão ligada no quarto do irmão, sussurros pelos corredores; depois de casado, ouvia o estômago da esposa e os passos do filho em direção à cozinha, entre tantos outros sons.

O tempo passou e a casa de Joaquim ficou vazia. O filho se mudou, a esposa faleceu e ele se tornou um velho solitário. Restava, então, ouvir os sons inumanos, que não abandonavam a noite. De tanto brincar de decifrar sons, ele desenvolveu uma audição criteriosa. Nada passava despercebido por ele. Por isso, naquela noite, Joaquim não teve dúvidas de que alguém estava em sua casa. Apesar do *tic-tac* estridente de seu relógio, que marcava 01h37, era fácil distinguir os passos de alguém na sua cozinha.

Após um momento de hesitação, o idoso resolveu levantar. Fazia frio, ele vestia um pijama de inverno azul. A apreensão fez sua perna pesar mais do que o habitual aos seus 74 anos de idade. O único que possuía chaves de sua casa era o filho, com quem não conversava há dois anos. Ele não voltaria para fazer as pazes numa madrugada de terça-feira. Pelo caminho, Joaquim pegou um cabo de vassoura, a única arma que havia para afugentar invasores.

Na medida em que atravessava cômodos, o velho ascendia as luzes. Caso se tratasse de um ladrão amador, ver-se descoberto poderia ser o suficiente para afugentá-lo. Não foi o caso. Joaquim podia ouvir seus pés batendo no chão.

Chegou à cozinha e ascendeu a luz. Diante de Joaquim, estava sentado um jovem de vinte e poucos anos. Com cabelos ruivos, ele vestia uma camiseta preta, calça jeans e sapatos escuros. Sorria. Tinha olhos claros, fortes. Encarou Joaquim com ar debochado, divertindo-se com o medo do dono da casa. Este, naquele momento, entendeu que não estava diante de um invasor comum.

– Boa noite, disse o invasor.

Com a voz fraca e sem convicção, Joaquim respondeu:

– Quem é você, o que faz aqui?

– Ora, que indiscrição! É assim que trata as visitas, vovô? Senta aí, vamos conversar.

Puxou uma cadeira para Joaquim, que continuou em pé, segurando firmemente o cabo de vassoura. Estava assustado, mas preparado para golpear o invasor.

– Indiscrição é você, seja lá quem for, invadir minha casa assim.

– Bom, vovô, isso pode ser verdade. Não foi delicado da minha parte. É que não é da minha natureza pedir licença, sabe? Mas pode soltar esse porrete e relaxar. Não terá necessidade de me atacar.

– Diz logo o que você quer. É dinheiro? Eu não sou rico, guardo pouco aqui comigo, mas o que te interessar, pode levar. Só não me mate, por favor...

– Não, não quero seu dinheiro. Sei que você tem pouco. Só de olhar para o estado do seu pijama dá para perceber. Relaxa, vovô, não sou ladrão.

– Então, o que é?

– Não vai querer saber.

Joaquim não acreditava no que via. Seria um pesadelo? No peito, o coração batia forte. O corpo tremia ainda mais diante da misteriosa figura, que o fitava tranquilamente. Seu olhar era frio, seguro. Joaquim sentiu que estava diante de um maníaco. Só não sabia qual era seu interesse ali.

– Bom, parece que não vai sentar. - O invasor começou a revirar a fruteira em cima da mesa. Estava cheia de laranjas, maçãs e bananas, recomendação médica de ingerir três porções diárias de frutas. - Posso comer essa maçã?

Não obteve resposta, mas tomou o silêncio como afirmativo. Ia abocanhar a fruta, mas interrompeu a ação.

– Minha mãe tanto me deu lições de higiene e eu quase cometo uma gafe dessas. Que feio!

Levantou e foi até a torneira lavar a fruta. Joaquim ia ficando mais apavorado com a situação. Talvez o invasor sequer fosse desse mundo. Poderia estar diante de um fantasma, o pesadelo de seus anos de infância. Não sabia o que imaginar.

– Ficou calado, ein, vovô? Pode ficar tranquilo, não estou aqui para roubar, tampouco para matar. Esse tipo de coisa não me interessa.

– Então, é algum fantasma?

– Buuuuuuuuuuuuu!

Joaquim deu um pulo para trás. O invasor gargalhou, uma risada que tomou proporção aterrorizante ao ser ampliada pelos azulejos da cozinha.

– Você precisava ver sua cara agora, vovô! Quase se mijou todo, ein? Não, eu não sou fantasma. Eles não comem maçãs. Mas você tem razão em um aspecto: eu não sou deste mundo.

– O demônio!

– Enfim acertou! Então, sem rodeios, me passa logo a sua alma, só vim cobrar o que combinamos.

O idoso teve vertigens. Suplicava para que fosse um pesadelo e ele pudesse acordar logo. Nunca fora religioso, sequer se lembrava de ter pactuado com o demônio. Mas começou a evocar em sua mente as poucas orações que conhecia. Se havia diabo, deveria ter também um Deus ou santo que o protegesse.

O invasor continuava a comer a maçã perto da pia, observando seu apavorado anfitrião. O sorriso não abandonava seu rosto. O desespero de Joaquim o divertia ainda mais.

– Vovô, por mais que o espetáculo esteja interessante, não vou continuar zombando de você. Não sou ladrão, assassino, fantasma, nem demônio. Nada disso. Considere-me um amigo que veio visitá-lo. E é melhor se acostumar comigo, pois voltarei mais vezes. Inclusive, se quiser me receber melhor, saiba que gosto mais de peras. Agora, é melhor se acalmar, porque não seria nada educado você ter um ataque cardíaco na frente da visita.

– Mas... afinal, quem... o que é você?

O jovem ruivo foi saindo da cozinha em direção à sala. De costas, ele respondeu após um longo suspiro:

– Se precisa tanto de um nome, eu te darei um. Pode me chamar de loucura.

E desapareceu na escuridão.

Naquela noite, Joaquim ainda escutou muitos ruídos. Todos que pode ouvir. Até que o dia chegou.

-
Luiz Augusto Ribeiro Andrade

– Tem um outro mundo, cara! Você... você ainda não entendeu, não é? Não é? Tá dentro da tua cabeça, tudo aí, nessa cabecinha.

Olho-louco sempre repetia isso depois que eles desligavam as luzes. Não faço ideia de qual seja o nome dele de verdade, nem o da maioria do pessoal que continua lá. Se eu continuasse lá não saberia nem o meu. Me chamo Charles Davis Parker, e fugi do Hospital St. Petterson-Harris para insanos.

O St. Petterson foi o último dos vários hospitais por onde passei durante a vida. Desde criança eu sofria de um distúrbio que nunca foi bem diagnosticado pelos médicos, mas em algum momento da adolescência do pequeno e magricela Charles, eles concordaram que eu era maluco. Meus pais tentaram, mas perderam a esperança depois do meu surto psicótico aos 15 anos.

Eu passava a maior parte do tempo ajudando nos afazeres da fazenda da família. Era filho único e meus pais achavam que a minha cabeça poderia melhorar caso eu me focasse no trabalho. Depois que eu terminava as atividades diárias de cuidado com os animais, subia para o meu quarto e só descia para o jantar. Era quase uma prisão. Lá eu via a maior parte das alucinações. Quase sempre eram pequenos insetos, barulhos estranhos ou sombras que me encaravam, como se me vigiassem. Aprendi a pensar nelas, as alucinações, como coisas normais para alguém como eu, uma vez que os diagnósticos afirmavam ser tudo coisa da minha cabeça. Na segunda vez que as via, elas já não me assustavam tanto e nunca, nunca conseguiam me ferir. Mas naquela noite foi diferente.

Estava deitado, olhando as estrelas através da janela enquanto aguardava o sono chegar, quando escutei um som estranho num canto do quarto. O som era fino, quase como uma lâmina rasgando docemente uma peça de tecido. Olhava atentamente para aquele ponto específico do quarto que abrigava uma escuridão quase sobrenatural e, poucos segundos depois do som, vejo uma coisa emergir daquilo que parecia ser um corte feito na parede. A coisa era curiosa e saía lentamente para se revelar em seguida sendo uma enorme mão com longas e grotescas garras. Percebi que era uma alucinação nova e me preparei para o horror.

O monstro colocou outra mão através da fenda na minha parede, e outra, e outra, revelando ainda mais sua natureza terrível. Com os quatro membros segurando nas bordas, ele empurrou seu corpo para frente como quem tenta entrar num lugar muito apertado e eu pude ver a parede se abrir mais ainda, mas agora sem a leveza da lâmina no tecido. Sem aparentar pressa alguma, a criatura mostrava-se aos poucos, na medida que conseguia transpor o buraco e ocupava instantaneamente o meu pequeno quarto, sendo alvejada em parte pela luz pálida da lua. Pálida também era

sua pele, uma cor branca fantasmagórica que declarava a monstruosidade vinda de outro mundo: minha mente perturbada.

Curvado, o ser deveria ter mais que os 3,00 metros que o teto possuía. Sua forma não era inteiramente humanoide: o tronco era longo e quase o fazia parecer uma cobra, a não ser pelos pares de pequenas patas na parte inferior. Seus longos braços terminavam em mãos de três longos dedos e um bem menor mais próximo do pulso, como aquelas garras que algumas aves possuem acima do tornozelo. Foi só quando ele avançou para a luz que pude ver melhor seu rosto, ou o que deveria ser um. O tronco continuava, sem uma delimitação como um pescoço e então terminava em uma forma lisa e um pouco achatada. Uma linha traçava um caminho tortuoso entre as extremidades da “cabeça” e aos poucos ela se abriu, revelando inúmeros finos tentáculos que se moviam no ar como os braços, procurando algo.

Só então percebi o que o terror não me deixara ver, ele era cego. Ou, pelo menos, não enxergava como os humanos. Ele continuou avançando no interior do quarto e eu suava frio, tentando não ser encontrado. Até que algo me delatou, talvez a respiração ou os próprios pensamentos, não sei, mas ele veio em minha direção e começou a se colocar sobre a cama. A abertura na cabeça se expandiu, colocando mais de seus terríveis tentáculos para fora, e eu pude ver que bem no fundo havia também fileiras de pequeninos dentes, sobrepostos, como os de tubarão. Prendi a respiração enquanto os apêndices se aproximavam de meu rosto, pensei em correr e alcançar a porta, mas estava totalmente paralisado. Então ele parou, as coisas ficaram em volta da minha cabeça, sem tocá-la, e eu comecei a sentir uma estranha dor se espalhando velozmente.

A dor se intensificou e logo eu já não sentia nada além dela. Já não pensava em fugir ou lutar, sentia que até mesmo a noção de eu estava se dissipando. Era bom, e eu decidi me entregar, mas antes que pudesse, o processo foi interrompido. Alfred, o gato malhado de minha mãe, pulou bruscamente pela janela aberta, a criatura se distraiu por um instante e eu me libertei completamente do transe. Alfred também se assustou e pulou de volta para a janela, mas o monstro, provavelmente muito irritado, lançou um de seus braços na direção do gato. Ele atingiu a janela e quebrou o vidro, tempo suficiente para que eu levantasse e chegasse a porta. Quando a abri, porém, ele me imobilizou, colocou uma das garras em minha garganta e falou comigo, em uma língua que soava incompreensível, mas que minha mente tratou de traduzir em sentimento:

“Eu vou voltar”.

Ele se voltou para a fenda na parede e eu desabei, ao perceber que a fina linha de sangue escorrendo da minha garganta era real. Meus pais apareceram imediatamente, assustados pelo som do vidro quebrando. Nunca mais tive janelas de vidro, nunca mais tive um quarto.

Fiquei catatônico por uns 5 dias, e não dormi por mais que 30 minutos diários por um mês. Sempre que o fazia via aquela coisa e a sentia em

minha mente. Fui internado no Saint Claremont, onde fiquei por 2 anos. As alucinações continuaram, apesar dos inúmeros tratamentos “modernos” pelos quais eu fui submetido. Nada surtia efeito, claro, e meus pais um dia pararam com as visitas mensais. Rodei por instituições de todo o condado nos 10 anos seguintes, algumas das quais eu fugi, até que cheguei no hospital de “segurança máxima” St. Petterson-Harris.

Com o tempo formulei diversas teorias sobre o que era a coisa e também sobre o que eram as minhas alucinações, já que estava convencido de que não era maluco. As teorias ganharam forma quando comecei a conversar com Olho-louco sobre o assunto. Ele era definitivamente insano, mas tinha o conhecimento teórico de física que poucos professores de Harvard tinham e dividia o beliche comigo. Expliquei diversas vezes sobre como era o planeta habitado pelos estranhos seres e como aquele chegou no meu quarto através de um mini buraco negro, mas ele soltava gargalhadas e dizia que essas coisas não eram possíveis para a física como a conhecemos. Pelas informações que eu lhe forneci ele chegou a mais simples das conclusões: “estava tudo na minha cabecinha”. Um louco me chamando de louco. Fiquei pensando nisso durante muito tempo e me surpreendi como achei sentido na teoria dele. Como era de se esperar de um psicótico, eu fiquei obcecado pela ideia, e resolvi testá-la. Então eu tinha de fugir.

Eu não tinha acesso a muitos recursos, então improvisei. Peguei uma caixa de fósforo da cozinha dias antes e contei com a ajuda de Olho-louco para botar fogo no nosso beliche e instalar o pânico entre os pacientes. De repente o dormitório estava um verdadeiro inferno com a fumaça se espalhando rápido e os malucos gritando e correndo por todos os lados. Foi arriscado, mas deu certo. Os enfermeiros abriram a porta e foram pegos de surpresa pela multidão tentando sair e pelo fogo que já consumia o beliche ao lado do nosso. Consegui passar para o corredor e fui direto para a lavanderia, gritando “fogo, fogo do inferno!” pelo caminho. Internamente não havia outras guaritas, então cheguei sem problemas na área das roupas sujas, onde eu teria menos de 5 minutos para colocar a roupa de um enfermeiro e uma touca. Fui até a guarita dos fundos onde havia um único guarda, que podia ver a fumaça mas não fazia ideia do que estava acontecendo. “Entra lá! Eles mataram o Carl! Vai!” (Carl era o único enfermeiro que conversava com os pacientes, todos gostavam dele). Ele nem pestanejou, me deixou lá, com a chave do portão que antes eu pretendia pular.

Estive poucas vezes no mundo das pessoas normais. Muitas coisas pra mim eram novidade, como a agitação das cidades e os grandes edifícios. O mais surpreendente na minha viagem, porém, foi ver minhas alucinações por toda parte. Sem horário ou a atmosfera típica dos quartos e salas em que fui trancafiado a vida toda, elas estavam livres para se manifestar por aí. Percebi então que ali era seu habitat natural, onde havia gente. Mas não

me feriam e nem se importavam com minha presença, retribuí o desprezo, meu objetivo estava longe dali.

Na última parte eu confesso que contei apenas com a sorte. A fazenda estava abandonada. O corretor, cujo número estava na placa, disse que eles não conseguiram vender antes de se mudarem para Northampton. Entrei. Era uma noite bem iluminada pela lua, como da última vez. Subi as escadas, abri a janela e esperei sentado no meio do quarto vazio. Eu não tinha certeza de nada daquilo, mas preferia morrer tentando acabar com aquele pesadelo, do que preso num hospício.

Não planejei um ritual ou a entoação de algum mantra, apenas sentei e aguardei. O som gracioso do corte quase me assustou novamente e em seguida o vi surgir da escuridão. Sua palidez fria, reluzia outra vez sob a luz da lua e ele caminhava em minha direção, tateando pelo quarto. Tremi quando sua boca monstruosa abriu e expulsou os tentáculos. Continuei imóvel e ele se colocou à minha frente, posicionou os tentáculos sem me tocar e recomeçou de onde havia parado dez anos atrás. Senti novamente a dor e minha mente se esvair de pensamentos ou noção de eu e comecei a abandonar meu corpo lentamente, me rendendo ao poder do invasor.

Percebi que estava entrando na mente dele, não sendo apagado, mas ocupando um mesmo espaço, que parecia ocupado por vários outros como eu. Era um grande depósito de mentes, sem vontade ou individualidade. Compreendi e fui compreendido por eles imediatamente. No fim das contas Olho-louco tinha alguma razão.

O despertador tocou e perdemos a conexão por alguns instantes. A sensação de retornar para o meu corpo não pode ser descrita, mas a dor pode ser comparada a um intenso e ininterrupto martelar de pregos sob as unhas. Ele logo recomeçaria, mas consegui seguir com o plano. Peguei o cutelo que havia posicionado ao meu lado direito e enfiei com toda a força no tronco do monstro. Ele produziu um som grotesco e demoníaco, que deixaria meus pais loucos como eu. Continuei com os golpes, sem lhe dar chance de investida, mas ele agarrou um de meus braços, cravou suas garras em minhas costas e começou a se agitar freneticamente no pequeno quarto, produzindo aquele terrível lamento. Com o cutelo feri o braço que me prendia e continuei a golpeá-lo no tronco e no rosto.

Ele me largou e se afastou, cambaleando em direção ao portal até cair, enquanto seu choro ia desvanecendo.

Por fim eu decidi apenas testar mais uma parte da teoria de Olho-louco. Encarei o portal e o visualizei se fechando. Deu certo, mas o corpo da criatura continuava ali imóvel, ainda emitindo aquele som. Era mesmo físico, afinal. Fiz um curativo precário e saí, não antes de espalhar querosene naquela coisa e por toda a casa. Vê-la queimar foi estranhamente nostálgico, me surpreendi com as lágrimas escorrendo em meu rosto.

Minha última visão daquele lugar foi a reunião de várias sombras em volta da casa em chamas. Caminhei até não conseguir mais ver o rastro de fumaça ou ouvir o grito lamurioso da besta.

A maldição do vampiro

Luiz Felipe Amorim Macedo

Quando Lúcifer, a Besta, foi exilado do paraíso, levou consigo um exército de anjos caídos. Para fortalecer seu poder sobre os outros, criou seu próprio reino, com suas próprias leis e regras, as quais resultavam em castigos terríveis quando desobedecidas. As criaturas infernais que sofriam esses castigos gritavam tão desesperadamente que o próprio Criador e seus anjos benevolentes eram capazes de ouvir do paraíso.

Certa vez, o Criador misericordioso, não suportando mais os gritos de terror daqueles que um dia estiveram com ele, criou uma entidade capaz de entregar finitude ao medo, dor e infelicidade, seu nome era Morte. Muito orgulhoso de sua nova criação, o Senhor deu a ela uma beleza inimaginável que era capaz de tocar o coração até da mais perversa criatura. Assim, a ela foi entregue uma missão: entrar no reino de Lúcifer e limitar a dor das criaturas.

Numa noite fatídica, a Morte foi cumprir com sua missão e ao pisar no solo infernal, a própria Besta – curiosa para ver a nova criação divina – resolveu recepcioná-la. Quando o Senhor dos Infernos mirou seu olhar na nova entidade divina sentiu um misto de sentimentos confusos, entre eles reinavam a inveja e o desejo. Porém a beleza da Morte era tão magnífica que, ao continuar contemplá-la, a inveja da besta se tornou num arrogante amor humano e o desejo, em uma necessidade absurda de possuir a convidada.

Naquela ocasião, a Morte – que, embora sagrada e angelical, ainda era muito nova e pouco perspicaz – foi inteiramente seduzida pelo anfitrião. Eles dançaram por um longo tempo ao som dos berros de dor e sofrimento de terceiros e, no clímax da noite, juntaram-se em uma conjunção carnal; os gemidos de dor e de prazer tornaram-se um só. Desta conexão nasceu uma nova entidade, esta era tão bela quanto a própria morte e tão perigosa quanto a própria Besta; era capaz de materializar e fazer os humanos acreditarem na única fraqueza capaz de destruir o amor, o medo da traição da pessoa amada. O seu nome era Ciúmes.

Depois de tal feito, o Deus Primordial não aceitou mais a Entidade que criara em sua morada, com a justificativa de que a natureza da Morte era imperfeita, já havia sido contaminada por Satã. Este último, por sua vez, apaixonado, decidiu que ela viveria com ele nos confins de seu reino, onde as imundícies infernais eram realizadas livremente e, pelos demônios, comemoradas. A Morte, mesmo descontente, aceitou. Foram amantes por 666 noites seguidas, até que Lúcifer se cansou do corpo de sua convidada.

Agora que a figura que um dia fora sinônimo de diversão aparentemente nada mais valia para Lúcifer, os demônios vassalos esperavam pelo dia em que ela seria ofertada para o gozo deles, porém, tal ato nunca ocorreu. Em sua inigualável perfeição, o Deus Primordial não

comete erros e, de fato, a Morte estava sendo capaz de tocar o coração satânico e diminuir o sentimento que o norteia: o egoísmo. Ainda que sem utilidade para ele, ela era mantida com carinho e segurança em seu lar.

Mas mesmo os servos mais fiéis se cansam dos desmandos de seu superior um dia. E assim ocorreu. Os demônios vassalos de Satã, enlouquecidos pelo desejo de possuírem carnalmente a bela dama, esperaram por uma noite em que seu senhor se ausentasse e invadiram os aposentos da jovem Morte. Contra sua vontade, deleitaram de seu corpo todos ao mesmo tempo, saciando desejos ímpares e sórdidos. Tais atos causaram absoluta repugnância e ferimentos na protegida de Lúcifer, a qual sofreu como nunca antes uma criatura havia sofrido no próprio inferno.

Quando o Senhor do Inferno retornou, não encontrou sua amada, pois esta havia fugido vergonhosa e humilhada. Ela passou o resto da eternidade vagando pela Terra e acolhendo espiritualmente os humanos que dela precisavam. Sendo assim, recebeu uma nova missão: ajudar àqueles que desencarnavam a encontrarem o seu caminho. Não houve nenhum humano que, em seu último suspiro, não recebesse o abraço fraterno da Morte.

Os demônios que a violaram não receberam a mesma misericórdia. Alguns até mesmo tentaram mentir sobre o desaparecimento da amada de Lúcifer, mas ninguém é capaz de enganar o pai da mentira. Furiosamente, o Senhor do Inferno amaldiçoou-os. A praga jogada era tão terrível que duraria até que anjos divinos tocassem as trombetas apocalípticas. Os demônios perderam suas facetas e corpos majestosamente assustadores e ganharam corpos humanos e fracos, seus chifres – antes grandes e sinuosos, símbolos da realeza infernal – desapareceram entre seus cabelos. Mas o pior ainda estava por vir: não importaria quantas vezes fossem tocados pela morte, eles nunca mais seriam capazes de senti-la, pois não eram dignos. Assim, tornaram-se mortos vivos vagando pela eternidade em busca de um elixir que somente seria encontrado na mais torpe das criaturas: o sangue humano.

O mistério do Ana-Maria

Marcelo Oliveira

A escola Municipal Tharsila do Amaral, em Irajá, segue religiosamente seus horários. As residências, ao redor do colégio, poderiam até acertar seus relógios pelo som da sineta que tocava ao meio-dia, por dez segundos. Logo em seguida ouviam-se latidos e gritos das crianças invadindo o pátio externo. O ritual repetia-se de segunda a sexta-feira, durante o ano letivo. O horário do recreio era o evento mais esperado do dia, tanto por alunos, quanto por professores. Uma pausa na rígida rotina do ambiente das salas de aula.

Na secretaria a reunião dos docentes transcorria normalmente, algumas professoras reclamavam das dificuldades da vida, outras de algum problema doméstico. Súbito, uma criança invade a sala aos berreiros:

– Tia Carmem? Tia Carmem? – assustadas, as outras professoras tentam confortar a criança. Carmem acabara de sair do toalete, aproxima-se dele e abraça-o.

– O que foi, Guto?

– Meu “Ana-Maria” sumiu! – responde soluçando.

– Tome Carmem, dê a ele. – outra professora oferece um copo com água e açúcar – Isso deve acalmá-lo.

Antes de entregar-lhe o copo, a criança é posta sentada em uma poltrona. As gordas perninhas balançam no ar.

– Assim que você melhorar nós iremos procurar seu bolinho, está bem?

Guto consente com a cabeça, pois está com ambas as mãos segurando o copo e terminando de beber a água. Passados alguns minutos a professora Carmem surge no pátio de mãos dadas com o menino.

O recreio dura trinta minutos, as crianças ficam espalhadas por todos os cantos. Algumas estão no refeitório merendando, outras correndo pelo terreno e outras sentadas comendo o lanche que suas mães haviam preparados.

– E então Guto, me diga onde você estava?

– Ali, sentado naquele banco. – Guto aponta um canto do pátio, junto à grade que divide o terreno da escola para a rua.

– Quem estava contigo?

– Primeiro eu “*tavô*” sozinho, aí o Ricardinho me chamou pro pique-pegas, aí eu fui, aí, quando voltei, meu “Ana-Maria” tinha sumido!

– Mas você deixou seu lanche aqui, sozinho?

– Foi, ué. Como eu ia brincar de pique-pegas segurando ele?

– Devia ter comido primeiro.

– Minha mãe fala que faz mal correr de barriga cheia!

– Tem razão. Mas e agora como vou saber quem pegou seu bolo? – Carmem pensa em voz alta enquanto vasculha o pátio com o olhar.

– Foi o Zelão!

– Hein?
– Foi o Zelão, eu sei.
– Mas você o viu comendo seu bolo?
– Não vi, mas ele disse que ia pegar no recreio.
– Essa agora... – Carmem torna a olhar em volta para ver se encontra o menino acusado – Fica aqui.

Pouco tempo depois Carmem retorna acompanhada.

– Zelão, fala agora.
– Mas, tia, eu já disse, não comi bolo nenhum.
– Você falou que ia pegar meu bolo. Falou sim, que eu ouvi. – Guto intervém.

– Calma Guto, deixa a tia falar, está bem?

– Eu juro tia, eu “*tavô*” lá jogando bola com meus amigos, eu nem vi esse moleque!

– Olha a boca Zelão!

– Desculpa tia.

– Foi ele tia! Foi ele!

– Guto, se você não viu, não pode falar isso!

– Tia, deixa eu chamar meu amigo que “*tavô*” comigo?

– Está bem. – Carmem começa a perder as esperanças.

Zelão dispara. Carmem e Guto ficam olhando de longe, esperando que ele volte logo. A professora olha para o relógio, ela demonstra preocupação, o tempo de recreio está acabando, faltam menos de dez minutos. A mãe do Guto é daquelas encenqueiras, certamente vai arrumar confusão pra cima dela, por isso empenha-se em resolver o mistério.

Carmem até pensou em sair para comprar outro bolinho, pois já dá o lanche como perdido, mas o mercadinho é longe da escola. Ela também pensa que não pode deixar o “crime” insolúvel e precisa punir o criminoso exemplarmente para desencorajar futuros delinquentes.

– Aqui tia, não falei, não falei? – Zelão retornava com o amiguinho.

– Oi tia, eu e o Zelão ficamos ali ó, jogando bola. – o menino apontava para um local da quadra.

– Viu Guto, não foi o Zelão, eles estavam jogando bola. – Carmem volta-se para a vítima.

– Mas então quem pegou meu “Ana-Maria”? – Guto ameaça voltar a chorar – Vou contar pra minha mãe!

Essas palavras arrepiaram a professora até o fundo de sua alma, já imaginava uma reunião com a diretoria, o conselho de ética reunido, ela diante de um tribunal de justiça, milhares de repórteres, e suas câmeras apontadas para ela, cartazes pró e contras, gritos de ordens, bombas de lacrimogêneo, o Papa pedindo orações públicas, pedindo paz...

– O que foi? – outra criança aparece.

– Meu “Ana-Maria” sumiu! – Guto está inconformado.

– Quem é você?

- Ricardinho.
- Ah, foi você quem chamou o Guto pra brincar?
- Pique-pega.
- É, de pique-pega.
- Fui eu, sim, tia.

Nesse momento uma multidão de crianças já rodeava o grupo.

- Só estavam vocês dois na brincadeira?
- Não tia. Tinha mais gente, eu, Guto, Biel, Dinho, Culi e o Vaguinho. – enquanto falava o menino apontava um a um.
- Nenhum de vocês viu quem pegou o bolinho do Guto?
- Não! – a resposta foi uníssona.

Por essa Carmem não esperava, o que parecia ser um simples caso de furto, tornou-se um grande mistério. Ela descarta a hipótese de crianças na faixa de 7 e 8 anos planejar algo tão complexo, mas o sumiço do bolinho continua sem solução.

– Você tem certeza de que trouxe o bolinho pro recreio? – Carmem já começa a duvidar da história toda.

– Sim tia, eu trouxe, aqui ó! – Guto amostra o embrulho do bolo. A evidência não deixa dúvidas.

– Tá bom, como você fez então? Conta tudinho, tim-tim por tim-tim.

– Eu abri o pacote e coloquei aqui, em cima do banco, aí quando voltei, só tinha o papel!

– Você abriu pra comer, mas foi brincar e deixou o bolinho no banco. Foi isso? – Carmem tenta ordenar os fatos para entender. O tempo está esgotando.

– Não tia, eu não ia comer!

– Então por que abriu o pacote? – a mente de Carmem está longe, imaginando as discussões na hora de entregar as crianças às suas mães, policiais invadindo o colégio, ela sendo arrastada para dentro de viaturas, o presidente da república exonerando-a em rede nacional...

– Eu ia dar para Kika!

– Quem é a Kika? – a professora olha em volta para ver quem é a tal menina (talvez eu possa conseguir uma transferência para lecionar no Acre).

– Ela! – Guto aponta para o outro lado da cerca da escola.

– Vem Kika, vem! – as crianças gritam para a cadela que está após a cerca. Ela abana o rabo de felicidade, parecia acostumada a situação. Aqueles latidos, ouvidos no início da história, eram dela. Carmem olha para cadela, pede um doce a uma das crianças e coloca-o em cima do banco, exatamente onde Guto havia deixado antes o bolinho. Kika mete o focinho no meio das grades, apanha o doce e sai.

Fim do mistério.

OLHOS URBANOS – Alguém está sempre te olhando...

Marcelo Stoenescu

Percorro a cidade com olhos urbanos. Vejo pessoas, que como zumbis, vagam de um lado para outro sem rumo. Presas às suas vidas, procuram dar razão ao tempo fazendo algo que não gostam ou não queiram. Meus olhos parecem enxergar como um raio x o que pensam as pessoas. Meus olhos também parecem buscar algo além de uma rua ou uma passagem para um edifício por um jardim. Todos continuam a andar a esmo.

Outro dia fui a uma livraria que vendia livros velhos. Um sebo. Não o do Messias, em São Paulo, que é o mais famoso. Fui a um sebo de livros raros. Os livros estão caros e raros agora. Muitos podem ser impressos pela Internet. Alguns não existem mais. Os escritores foram embora. Morreram e deixaram livros velhos e mofados. Muitos com cheiro de fungos. Mas todos velhos e mofados. São apenas os livros que lembramos dos autores. Velhos e mofados.

As pessoas buscavam algo ou algum autor que não sabem ainda. Olhavam títulos. Obras mofadas e tristes. Algumas em inglês e outras em espanhol. Capas bonitas e embaladas com plástico e etiqueta. Não se pode abri-los, ou guardá-los no mesmo lugar. Você tem que colocá-los em uma prateleira vazia. Só o livreiro pode guardá-lo. Mas as pessoas só olhavam os títulos como que vagassem no tempo de suas memórias passadas. Procuravam algum autor qualquer. Pode ser do sexo masculino ou feminino. Dei de cara com a escritora pornô Adelaide Carraro, proibida durante muito tempo, pelo menos por meu pai e minha mãe. Mas tudo ficou para traz e hoje leio de tudo sem restrição.

Estou lendo Caio Fernando, e a solidão o marcou muito tempo. Neste ano, li uns 13 livros. Acredito que muita gente daquele sebo não leu nenhum. Vagavam sem rumo, sem nada pra fazer. Mas os livros são nostálgicos. As pessoas andam vagando por aí como vampiros em busca de sangue. Vampiros estão na moda. Livros e filmes estão por aí. Adolescentes leem e crianças também. Vampiros vivem a noite em busca de sangue e novidades. Usam capas compridas e lentes de contato vermelhas. Olhares profundos e místicos. Querem sangue de meninos e meninas. Possuem uma hierarquia e alguns conseguem sobreviver pela manhã. Aguentam o sol amarelo, mas não tão forte. São os filhos das trevas buscando algo para passar o tempo. Mas servem a um senhor. Servem ao mestre. Encontram-se sempre vagando e perambulando pelas praças e cantos obscuros. Pelas favelas e por sobre os muros. Pelos becos e antros da terra. Por baixo da terra, com seus amigos gnomos. Quando são mulheres, sugam toda a energia do homem além de seus bens. Quando são homens, absorvem as mulheres deixando-as apaixonadas e loucas, comprando presentes aos amantes e disponibilizando seus bens mortais. A cabeça desses mortais parece virar. Seus encantos são fatais e sua sedução mortal. Estacas e

cruzes de prata não são eficientes. O tempo é outro e a cidade cresceu. Adaptaram-se para isso.

Falam línguas estranhas. São ousados e não tem medo. Quando querem uma coisa vão atrás e não brincam em serviço. Matam por prazer de matar e bebem o sangue.

Cada um com seu jeito específico, sua gangue, seus métodos de agir. Usam escopeta, 45, 765, Glock, 38, facas e ponteiros. São cruéis. A vida não significa nada para eles. Ao contrário de nós. Valorizamos a vida e o mistério que a cerca. Eles são muitos e nós poucos. São mutantes e crescem sem parar. Transformaram-se no que são. Vampiros da cidade.

Ouvimos falar deles lá nos confins da Transilvânia, quando ouvia meu pai falar que brincava aos pés do castelo do conde. Dracul era o seu nome. Venerado hoje por todos.

Costumava empalar seus oponentes como forma de castigo. Deixava-os sangrando até a morte em frente seu castelo ou pelo caminho. Era mal e bebia o sangue dos oponentes.

Assim também faziam os índios para adquirir o poder das outras tribos. Bebiam o seu sangue e comiam suas cabeças depois de encolhidas. O poder busca o poder através da crueldade e da astúcia de alguns perante os outros. É a lei da selva e a lei da causa e do efeito. Os meus direitos começam quando acabam os seus. Faça o que tu queres, pois tudo há de ser da lei. Todo homem e toda mulher é uma estrela, mas todos são animais a todos. Caçam uns aos outros. Quando presos, são violentos, agressivos e sagazes. Não tem medo de nada e nada a perder. Preferem a morte quando acuados. Suas garras são longas. São feios, pois perdem a sua beleza e mostram a sua verdadeira cara. Mutantes vampiros.

Uma vez um grande vampiro fugia acuado para a grande floresta negra na Alemanha. Perseguido por cachorros e homens armados, fugia cambaleando e sangrando penetrando na floresta. Grunhia de dor, pois várias balas de prata perfuraram sua pele. O sangue marcava seu caminho nas plantas. Os cachorros latiam sem parar. Perto de um riacho, bebeu água e lavou os ferimentos de bala. Continuou a correr, mas foi alcançado pelos cachorros. Quase esfaqueado, os homens o amarraram e o levaram para a vila. Era apedrejado pelo caminho, enquanto preparavam seu enforcamento. Jurou vingança aos homens dizendo que voltaria. Depois de morto, queimado e esquartejado, seu corpo foi jogado aos cães. Depois tudo ficou silencioso por aquela vila.

Na mesma época em Londres algo intrigava os homens da Scotland Yard. Mulheres prostitutas apareciam mortas e sem sangue. Apenas duas marcas no pescoço em forma de furos davam a entender que foram sugadas. Todo seu sangue vazou por ali e a hemorragia era certa e mortal. Diziam que um homem de olhos vermelhos e dentes longos rondava pela noite de Londres. A polícia estava em alerta. Mais mulheres prostitutas mortas e sem sangue. A polícia nada achava. Estavam tontos. Parecia que o

assassino tinha asas e voava assim que a polícia chegava. Mas estavam á espreita. Faltava pouco para surpreenderem o assassino.

Era um fim de semana tranquilo. Bêbados e prostitutas por todos os lados. Uma lua imensa e redonda iluminava o relógio que marcava 0 hora. A hora boa, como dizem. Os homens bebiam nas tabernas e as prostitutas riam pelos cantos. Num descuido, uma delas entrou em um beco bêbada. Descuidada a promíscua, parou para apertar o espartilho, donde seus seios fartos pulavam para fora. Uma sombra ela vira. Um homem grande então apareceu como que do nada, agarrando-a. Tampou sua boca e travou os dentes em seu pescoço. A mulher grita e logo vários policiais aparecem no beco.

Uma visão aterradora. Um homem de quase dois metros de altura com olhos vermelhos e muito sangue na boca. Em seus braços, a prostituta quase morta, sem sangue. Tiros e mais tiros e o homem cai. Preso, é espancado com cassetetes até confessar seus crimes. É arrastado por toda Londres com méritos aos policiais da Scotland Yard. Preso no calabouço até o julgamento, jurou vingança aos homens no momento de sua morte. Fuzilado em praça pública, e seu corpo jogado em um rio, não se falou mais nisso até os tempos de hoje. Não mais. Mas, não baixe seus olhos. Alguém está sempre te olhando...

A viagem

Nanci Otoni Oliveira de Faria

Angel é uma mulher extremamente religiosa que pratica a arte do esoterismo. Todas as noites, ela lê sobre o assunto e não perde a oportunidade de assistir a programas ou novelas de televisão que falam do mesmo assunto. Ela não sai de casa antes de saber sobre as previsões do horóscopo e fazer suas orações. Acredita piamente em inúmeras superstições desde sua infância, sem questionar se têm algum fundo de verdade ou não.

Num certo dia, ela estava fazendo a sesta costumeira após o almoço enquanto observava do seu quarto a empregada que, calmamente, lavava as vasilhas e cantarolava. Ela sentiu que, de repente e do nada, o seu espírito foi arrebatado de sua cama e levado para um lugar cheio de flores cujas folhas eram em forma de gotas de orvalho resplandcentes. Ela olhou para baixo e viu o seu corpo inerte em cima da cama. Tentou voltar para ele, mas não conseguiu, pois fora novamente arrebatada e levada para uma cidadezinha do interior. O seu espírito pairou sobre uma igrejinha, templo que sua irmã já falecida construía há algumas décadas.

Quando o seu espírito voltou outra vez ao seu corpo, ela olhou para a cozinha e viu que a sua empregada a estava encarando de lá de forma apreensiva e preocupada. Tentou mexer-se, mas nenhum músculo obedecia a seus comandos. Angel sentiu saindo do seu corpo outra vez e o seu espírito voltou ao local cheio das flores de antes. Ele estava envolvido pelas gotas de orvalho reluzentes que o direcionavam ao infinito azul cheio de luz e estrelas piscando enquanto uma música suave tomava conta de todo o ambiente.

Quando estava se dirigindo feliz, despreocupada e em êxtase para sua morada eterna, ouviu um suspiro profundo e um soluço abafado de uma criança que ela tinha certeza que já conhecia. Ela virou novamente para baixo e o seu espírito voltou para aquele corpo inerte, animando-o.

Com medo de adormecer novamente e ainda sem entender o que havia acontecido, Angel levantou abruptamente da cama e foi ao quarto de sua filha que dormia tranquilamente em seu leito. Ainda não chegou minha ora... Muito obrigada, meu Deus, por essa nova oportunidade! Não convém contar essa experiência para ninguém. A mulher, um pouco mais aliviada e reflexiva, deu um beijo no rosto da criança e abraçou o seu corpinho quente e cheio de vida.

Encontrei um bilhete de morte?

Natália Ribeiro de Oliveira

Num dia normal, peguei o ônibus para ir ao centro de minha cidade. Encontrei um livro em um dos bancos, peguei-o e perguntei aos próximos se os pertencia. Ninguém se manifestou. Eu o abri, mas não tinha nome, apenas um bilhete: “Certamente nada disso me pertence. Eu não existo neste mundo, talvez em nenhum. Mas preciso saber se eu tentar, apenas se eu tentar... quem sabe alguém esteja me esperando do outro lado? Quem sabe eu possa encontrar algum conforto, algum pelo menos! Eu não me despeço do mundo, porque não há ninguém para me despedir. Eu só quero ir. Agora.”.

Fiquei muito intrigada com o bilhete, ainda mais pela mensagem que trazia. Será que se eu fizesse algo poderia salvar uma vida? Enquanto o ônibus se dirigia para o meu bairro, eu pensava muito aflita em tudo aquilo. Decidi, então, que tentaria fazer algo para ajudar uma pessoa angustiada com a vida, se fosse realmente como estava escrito no bilhete.

Alguns quarteirões antes de chegar, fui até o cobrador e perguntei a ele se alguém que “tomava” aquele ônibus costumava ler. O cobrador não era qualquer um, por mais que seu trabalho não fosse seu maior orgulho, ele o fazia com muita vontade, como se sempre tivesse sonhado com aquilo. Conversava com a maioria, sempre sorridente e recebia até mesmo guloseimas de moças que o adoravam. Ele observava com cuidado cada um que entrava lá, conhecia o humor de cada, apenas pelo modo como lhe pagavam a passagem, pelas vagas conversas.

Nem ao menos lhe mostrei o livro e ele já havia citado a autora - ele deve ter uma coleção desses - dizia rindo para mim. Perguntei mais sobre o dono do livro e ele me contou docemente sobre suas conversas. Não eram grandes coisas, mas suficientes para mostrar que o “senhor dono” não pensava em ideias loucas e dramáticas. Confiando na bondade do cobrador, lhe mostrei o bilhete.

Ele o leu, franzindo as sobrancelhas com um ar de espanto, contudo manteve a minha suposição de que o “senhor dono” não era maluco e triste suficiente para se matar. Por prevenção escreveu atrás do bilhete o ponto onde este sempre descia.

Sem pensar muito, esperei até que passassem novamente até aquele ponto, mas muito insegura de que iria conseguir algo, afinal, eu não tinha o endereço de sua casa. Ao sair - Boa sorte! Vá com Deus! - me dizia o cobrador, não precisei de mais nada além de um sorriso sincero para lhe dizer tudo o que eu queria, a minha gratidão pela sua ajuda.

No ponto, uma senhora cheia de sacolas me parou e disse com a voz tremida e muito baixa “Você poderia me ajuda querida?”, e carregando suas compras fui questionando sobre a vizinhança. Ela não me dizia

muitas coisas importantes, na verdade, muitas futilidades e fofocas. E como uma boa fofoqueira, ela devia saber sobre seus vizinhos.

Perguntei então de um fiel leitor de poesias. Ela não conhecia muito sobre livros, mas sabia quem os lia. Disse-me a casa onde Joaquim morava. Claro que antes de sair, me perguntou o motivo da visita, eu logo inventei uma desculpa para ela comentar com suas amigas.

Com certo medo de encontrar o que me esperava, toquei a campainha, ansiosa. Joaquim abriu a porta com os óculos na ponta do nariz, como quem estava lendo atentamente. Desculpei-me pela hora imprópria e pela intromissão. Mas quando ele olhou em minhas mãos e viu que eu carregava seu livro, tratou logo de me convidar para um chá.

Eu ia recusar seguindo os conselhos de toda mãe: “Não conversar com estranhos, não entrar na casa deles, não aceitar o que é oferecido por alguém que você não conhece”, mas pensando bem, eu era a estranha ali. Entrei em sua casa demonstrando desconfiança e o velhinho não se sentia ofendido, ao contrário, tentava me deixar mais à vontade.

Começamos a conversar sobre toda a confusão do livro depois que o entreguei, mas ele ficou muito curioso por saber que alguém que ele nem conhecia, havia se preocupado tanto em devolver o seu livro. Eu, sabendo que se tratava de um assunto delicado, o rodeava de perguntas sobre a sua vida, problemas, angústias. E de fato era evidente a minha preocupação com ele, ou muito estranha a minha vontade e audácia de perguntar suas intimidades.

Ele me olhou tão docemente quanto o cobrador - Me diga o que te incomoda? - e eu me senti aliviada pela pergunta. Mostrei-lhe o bilhete, com as mãos suadas e tremendo, aquele bom senhor já havia se tornado um amigo em tão pouco tempo. Ele o leu rindo: “Grande final amigo, grande final!”. Eu, não entendendo mais nada, pedi uma explicação, - Peço desculpas por tê-la feito passar por tão desagradável situação só por minha causa. Escrevo um livro, e meu amigo Jorge se expressa tão bem quanto meus admiráveis escritores. Pedi a ele que me ajudasse no final. De certo seria dramático, ele passa por grandes problemas nesse momento, mas um desfecho com a sua cara, um gênio difícil e cheio de surpresas. Sempre me surpreende com suas mudanças, é um escritor de mão cheia! Devia estar distraído e não percebi que ele deixara um bilhete para mim- Suspirei tão levemente que o emocionei- Vejo quão grande foi a sua preocupação- e demos risadas depois de esclarecermos tudo.

Estava saindo e ele me abraçou como quem abraça um grande amigo e me entregou um de seus livros da coleção dizendo: “Leia este e quando terminá-lo, será a primeira a ler o meu.”.

Dúvida

Pablo Merlo Medeiros

O médico suspira: perdeu a conta do número de consultas realizadas. Suspira ao mesmo tempo em que observa as mangas puídas do jaleco, o qual, se tivesse vida, teria saudades do branco original. Entende as mangas como um símbolo de seu cansaço e, como obviedade da constatação, inclina a cadeira para trás, coloca os pés em cima da mesa e permite que a preguiça penetre em seu estado de espírito. Esforça-se para não pensar em nada, buscando uma espécie de entrega ao etéreo, embora o esforço seja contraditório, já que, justamente por isso, mantém a cabeça funcionando.

Mas não há tempo. O país precisa de saúde. A saúde é mandatória. É necessário o próximo atendimento. As pessoas precisam de cuidado, precisam falar de si, afastar o medo do destino incógnito e aprender a lidar com o não esperado. Próximo atendimento: homem, 54 anos, primeira consulta, sem dados prévios no prontuário. O que esperar?

O paciente entra acompanhado pela mãe. O mesmo traço no rosto de ambos dispensa a necessidade de que essa informação seja verbalizada. *A estranha ideia de família viajando através da carne*. Sentam em silêncio, numa atitude que ainda não se sabe se é consequência do respeito ou da timidez. A mesma estatura, o mesmo gesticular desconfortável. O médico pensa na força familiar como um imã: atração do objeto mesmo que a contragosto, imprimindo-lhe marcas que escapam à sua própria percepção.

– Boa tarde.

– Boa tarde.

– Por favor, sentem.

Todos sentam. Tácitos, medem-se uns aos outros. O cansaço é geral e há silêncio. O homem, que é ao mesmo tempo filho e paciente, não parece simplesmente doente, prostrado, com a pele desbotada. É como se, adicionalmente, uma sombra pairasse ao seu redor. Sombra. O clima se adensa e a claridade do dia parece diminuir de intensidade. As respirações parecem imitar o ambiente e se tornam mais pesadas, o cheiro também parece mudar. O hálito etílico do paciente é facilmente perceptível, porém há algo mais. Ou o que há é um equívoco? Apenas a sombra ou algo além?

O silêncio permanece, sendo promovido a objeto de cristal, cuidadosamente manuseado, sem que ninguém ouse quebra-lo. O semblante do paciente é o que primeiro impele a uma observação mais atenta: dois olhos inquietos até o limite. Ansiedade ou receio? Há um medo rasteiro que intui alguma ameaça, quiçá pouco compreensível, e que empresta ao olhar um tom avermelhado. Vermelho vivo. O homem lacrimeja lentamente: pouco, mas de forma contínua. As pupilas, feitas de espanto, mudam de tamanho e direção.

O rosto seria magro, não fossem as parótidas insinuando-se embaixo da pele, arredondando o canto anguloso da mandíbula. A secagem regular dos

olhos permite que o tremor fino das mãos seja notado. Tremor contrário à autonomia. As mãos levam o lenço até os olhos e, depois, repousam no abdome. Volumoso abdome, onde a camisa entreaberta não esconde a disposição centrípeta de veias arroxeadas que parecem querer correr, numa óbvia fuga à uma doença muito séria.

Numa notável incompatibilidade com o abdome, o pescoço e o tórax são finos. As pernas também são delgadas. O clima continua denso. O médico retorna a olhar para o prontuário entre as mãos espalmadas sobre a mesa. Revê as mangas puídas. É a segunda vez que pensa nelas em uma questão de minutos. Retorno? Pulsão de morte? A fadiga cresceu, percebe.

– Quanto tempo? – rompe o silêncio.

Pequena pausa.

– Quanto tempo...? De que? – balbucia o paciente através de seu hálito, sabendo da inutilidade da evasiva.

O médico espera.

– Desde os 14 anos de idade – fala a mãe.

É mais tempo do que o inicialmente pensado. Nódulos cirróticos e sofrimento emocional se fundem até o impasse da indistinção. Bailam, rosto a rosto, numa dança inusitada, a flertar com a sorte. Dança e abismo. A humildade do paciente não consegue impedir que a dualidade psicofísica seja, de maneira cíclica, reatualizada.

Primeira dificuldade: como colocar todas as considerações, dúvidas e indicações no prontuário? Ser fidedigno deixa de ser uma orientação e se transforma em dificuldade. Segundo impasse: como convencer o paciente a desistir da morte? Como desentocá-lo do pelotão de fuzilamento? Morte. A palavra insiste em ficar rondando dentro daquelas cabeças. Os três se olham ao mesmo tempo e a sombra sorri.

Festa de Santa Luzia: Crônica de uma Tragédia Anunciada

Paulo Luís Ferreira

Correu o boato em Serras do Alto de que Petrônio de Augusto ia à festa na casa de Mariano de Tibúrcio. A notícia ganhou pernas e invadiu toda o arraial. E o pior que se soube: Petrônio prometeu que ia dançar com a mulher e a filha do dono da festa. Bastou Mariano ficar sabendo, para o sangue lhe correr quente pelas veias e subir prá cabeça. Logo de chofre disse: “Nunca fui homem de sair por aí caçando briga, mas também num rejeito parada.” E esparramou por tudo quanto foi canto de lugar, que era pra chegar nos propósitos dos ouvidos de Petrônio de Augusto de que ficasse sabendo que em seu terreiro ele num pisava. Quando Petrônio passou a saber a coisa começou feder a desgraça, pois quase que ninguém vai em festa que o Petrônio cria desavença com gente da casa.

Os pensares iam e vinham em busca da razão, de saber e falar, permitindo a todos a alegre liberdade de comentar o que quisesse, como quisesse, procurar, indagar, achar isso ou aquilo, tudo se dizia em Serras do Alto. O povo logo tomou as rédeas da história, enfiando os fatos contados pela memória e guardando. Os mais chegados a Petrônio sabiam do modo que ele era: não era homem de muitas alegrias, mas falador, de língua solta, falava o que bem queria e sempre muito arrelento, criador de encencas por quase nada. Alto e robusto, do tipo claro avermelhado, olhos esverdeados. E como se diz, tinha uns desacertos na cabeça. Como se diz por aquelas bandas: fardo que trazia de outras encarnações, pagador de outras vidas. Petróquio de Aquino que conheceu ele desde menino é que sabia contar direito o desatino que é a vida de Petrônio. Quer dizer tinha sinas pra cumprir.

Já, Mariano Tibúrcio, era quieto, bom filho, bom pai de família. Era um homem miúdo, mas bom de serviço. Era também uma sina que carregava, viver sempre numa meia miséria, embora não faltasse o de comer. Um dia cismou de trabalhar diferente, de modo a ver se mudava de vida. Largou de banda o trato com a terra, inventou de cuidar de abelhas, fazer mel e cera. Hum, cum, cum!.. Foi dessa vez que se deu o mal: um enxame de abelha traiçoeira pregou-lhe o ferrão nos olhos. Quase que o cegando dos dois olhos. Foi dona Amélia, sua mãe, quem lhe acudiu na hora certa, fez promessa com Santa Luzia para que lhe salvasse nem que fosse um olho. Foi assim que Mariano ficou com um olho apagado, outro aceso. D’aquele dia diante teve de cumprir a promessa: fazer uma festa todo dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, a gloriosa protetora das vistas.

Promessa pedida, promessa alcançada! Mandou avisar, mundo, remundo e todo mundo prá festa. Essa era especial fazia dez anos da graça alcançada. O convite foi feito casa por casa, sítio por sítio, de a-cavalo e de a-pé. Os recados de boca em boca corria todos os povoados sobre a festança. E festa em casa de Mariano tinha de tudo: rega-bofe de buchada de bode, cachaça de quartinha, biscoito de goma e forró até o sol raiar, com cantador

de coco, sanfona e zabumba que não era de faltar. Foi Mariano convidar pessoalmente, de corpo presente, Petróquio de Aquino, Marcelino, Quintino de Moura. Todos foliões de Santo Reis. Sem esquecer os sanfoneiros: Zé de Lia e João de Maria.

Não houve moça donzela que não tenha preparado um vestido cintado, broches, água de cheiro e sapato de *sarto* alto; nem mulher que não brigasse com o empeiticado do marido prá deixar elas irem também. Nem houve rapaz solteiro que não arrumasse sua camisa de manga comprida, sua brilhantina pros cabelos. Tião de Marçal comprou até chapéu novo.

No dia exato da festa, Mariano acordou cedo, fazia só meia hora do primeiro canto dos galos. O dia amanheceu ensolarado. Começou por varrer todo o terreiro, pra depois enfeitar com as bandeirolas, mas antes já soltou uns foguetes que era para acordar todo povo da roça, anunciado que o dia ia ser comprido. E deixando avisado que naquele dia e noite o mundo todo ia ser ali, no seu terreiro. Dona Josefa, sua mulher e dona Amélia, a mãe, já estavam preparando o andorzinho de Santa Luzia, enfeitando de flores de acácias, cravos, rosas e fitas azuis e encarnadas.

O dia ia passando, os comentários crescendo. Aquele dia 13 já começava a se pintar de história. Petrônio Augusto num era homem de tratar e num fazer. Quem dele não ouvira falar? Ser causador de muitos tiroteios. Era de igual maneira os pistoleiros dos oestes americanos, dizia uns. Acostumado a acabar com baile por simples repelão que alguma mulher lhe passasse, ou qualquer disse me disse. Já Mariano é do tipo de valente que num alardeia. É sem fanfarronice. Sangue de Tiburtino, infiticado igual de cobra, frio. Era só mexer com ele.

Josefa, sua mulher, nova e bonita pra danar, mãe de Luzia, de mesmo nome e beleza de santa, que por aqui num se sabe d'onde é que vem esse costume de igualar boniteza de santa com a lindeza das mulheres, estavam todas, prá lá e prá cá arrumando o que ainda faltava para arrumar: o terreiro liso, passado e repassado na vassoura de assa-peixe, O terreiro todo coberto de folha de eucalipto para dá cheiro a festa. As paredes cheias de candeias só esperando ser acesas. Elas cuidavam de tudo. Quando já começavam a correr os boatos pelo mundão de Deus: Petrônio já vinha vindo, tava no chega mais num chega. A tarde vinha se debruçando, caindo lenta. Mas Petrônio também tinha as posses dele: nessas horas tava dando de comer a seus porcos, suas galinhas, só mais para depois ia botar suas calças, vestir suas botinas, carregar sua pistola, afiar o facão, tomar de banho, passar uma brilhantina cheirosa, pentear os cabelos pra trás; tava só esperando a boca da noite chegar.

A noite já tinha engolido o dia, quando Mariano pipocou mais três dúzias de foguetes relampejantes que era para estrelar os céus, pra depois irem caindo rápidos e abertos, sumindo no espaço, uma beleza. A noite se mostrava fresca. A fogueira monstruosa no meio do pátio, as labaredas indo pro alto, tinindo de lenha queimada, o alarido do povaréu já chegado. A cada

instante aparecia mais e mais gente no finito da estrada. E as conversas no terreiro só se falava no Petrônio, do seu corpo fechado. Disso todo mundo sabia: nem tiro de revólver podia com ele. Até lembraram de quando deram dois tiros no tampo da cara dele, mas que passou raspando, indo fazer um rombo na parede, por ele só passou o vento da bala.

Daí em diante já vinha chegando os sanfoneiros e cantores de coco, aquela era uma grande reunião de tanto repentista. Bem antes de começar o arrasta pé os músicos forrozeiros esquentavam os instrumentos: Zé de Lia e João de Maria afinavam as sanfonas, Do Carmo limava o triângulo e esticava o couro da zabumba, Amaro chacoalhava o maracá, Zé de Riba o ganzá.

Ao começar os primeiros acordes, as moçoilas já dançavam no meio do salão de terra batida, com a plateia assistindo sem comentários o rebolar delas, mostrando os fundilhos da calcinha por baixo da saia rodada. E já se ouvia o vozerio do ladairo que se aproximava lentamente entoando as orações, os ora-pro-nóbis e as invocações de respostas curtas e repetidas. Era a procissão que se organizava para dar a volta pelo povoado. Era o prenúncio da festa.

Nisso um tropel de animais afobados foi maior que o barulho das zabumbas: trac a troc, trac a troc, trac a troc... Parecia ser muitos pela latomia dos cachorros, e eram mais de vinte. De longe avistados, os cavalos marchadores de anca mole, num tipo de dança. Vinha que vinha comendo poeira, afoitos. Até que chegaram, apearam e amarraram a cavalhada empareada um com os outros num lado da casa. Já entraram no pisando do xaxado.

Mariano aproveitou o rebuliço para soltar mais um tanto de fogos. As rezas já se principiava e a procissão ia sair. Foi daí a pouco que a notícia correu: o homem vinha vindo. O rebuliço foi geral, mas o sanfoneiro não quis parar de tocar não, emburrou detrás da sanfona. O do triângulo aprumou o ritmo. Mas por um tempo não se pensou em Petrônio. Até chegar outro boato, quando o corre-corre atrapalhou as gentes lerdas! O tinoso podia chegar dando tiros a torto e a direito, de desmiolado que era. Antes disso se assueder o terceiro boato correu depressa. Ele vinha vindo dessa vez, e era verdade. O homem trazia uma cambada mais ele. Aí sim: o povo *frifriou*. Os músicos dando fé logo parou.

As mulheres trataram logo de pegar os meninos e sumir com eles dali, Josefa arrastou os filhos pelos braços terreiro a fora atrás de Mariano. Mas sem encontrá-lo, pois já estava amuquecado, na espreita, para o que desse e viesse.

Quando é fé Petrônio mostra a certeza da chegada no alarido que trazia. E o pior mesmo: ele num vinha sozinho, parecia que tinha era um cangaço. A festa se desnorteou. O povo se bulia igualmente formiga, pois a iminência era de que ali iria ocorrer a peleja de Deus e o Diabo no terreiro de Santa Luzia! O mistifório de gente era grande. De longe ainda, mas já se ouvia o tropel: trac a troc, trac a troc, trac a troc se aproximando cada vez mais, quando

apareceram na ponta da estrada empoeirada: Dandão dum lado, Bentivi do outro, no meio, o homem montado num alazão chapeado a quatro pé, já sem muita pressa. Pressentiram o espírito da festa de longe. Quando gritaram para acordar a afoiteza, mas é como lá se diz, formiga quando quer se perder, cria asas. Vinha vindo os três cavaleiro da frente desfrutando do vento, mas segurando os chapéus, se contorcendo conforme a andança da cavalaria, trac a troc, trac a troc... Já chegando perto da zoeira. Os sopros dos cavalos cansados de tanto desatino, chegaram a uns vinte metros da frente da casa, ao pé da calha. Petrônio em pose impressionante, espigado na sela, assim, meio tombado pra trás, deu umas esfregas no cavalo, prá lá, prá cá, pracolá, fez bonito, cheio de imponência. Pulou do alto da montaria. Caindo de pé. Dava pra sentir o peso da arma no cinturão, meio prá baixo, no ponto da mão. Dandão e Bentivi meio no desassossego, imitaram o chefe, os olhos vermelho de cachaça, Petrônio, então, gritou bem alto, com sua voz rouca:

– Êta belezura de festa minha gente! Que Deus Nosso Senhor esteja nesta casa!

Ele era mesmo desse jeito, às vezes, alegrão!

Foi quando Mariano veio se achegando dos fundos, uma mão segurando o chapéu, a outra por perto da garrucha de dois tiros, e disse sem rodeio bem de frente pro homem:

– Petrônio de Augusto, diz que vosmecê tem o corpo fechado, mas isso é por parte do capeta. E eu tenho um olho aberto por conta de Santa Luzia, entonce infeliz, cê num pisa no meu terreiro, não, que cê fica estendido nele!

Nisso vem se chegando dois camaradas de Mariano, cada um com um pedaço de pau na mão. E se defrontaram prá os cabras de Petrônio.

Petrônio num deu nem trela para os cabras que se achegaram. Mas no resguardo se fez de bem educado, se expressou dessa forma:

– Ô meu senhor dono da casa, o senhor falou bem bonito, mas se aquete seu Marianin, eu num vim pra briga, não. Tô aqui com espírito de brincante, pois fiquei sabendo que era festa pra Santa Luzia que, se prá vosmecê lhe deu a luz dum olho, pra mim ela alumia os caminhos, e que por tanto muito boa é pra mim, vim aqui só da minha parte de devoto. Por isso lhe peço que sem má querença aceite meu respeito e possa, com meus camaradas adentrar sua casa e com cês participar dessa festa tão belíssima, porque eu também trouxe uma coroa de flores e um pacote de vela, pois que tenho também uma promessa devida. Aceite, porque é de muito gosto e devoção.

Com essas adocicadas palavras, o povo não tinha mais do que desconfiar, e logo começou a voltar aos poucos, os músicos um tanto desconfiados, principiaram a tocar.

A noite se passou de madrugada adentro e, com o sol já saindo, a sujeira da festa no chão, eles todos juntos numa camaradagem só tomando café quente com leite de cabra, biscoito de goma, broa de milho, manguzá e cuscuz no leite de coco, mais Mariano Tibúrcio e Petrônio Augusto, tudo na paz dos homens. Ficando Deus e o Diabo apartados num canto.

E todo esse afrontamento ficou só na memória de cada um.

Um lobisomem juvenil

Paulo Soares da Silva

Eu e minha esposa fomos morar numa casa, herança de meu pai. Na verdade, foi mais por necessidade que por gosto, pois tratava-se de lugar afastado e pouco habitado. Mas como não tínhamos opção melhor, decidimos aceitar, assimilar e tentar nos adaptar à situação.

Nenhum dos meus irmãos quis ao menos visitar o local, lugar ermo e meio tenebroso à noite. Havia uma grande estrada de terra batida que dava à estrada principal. A casa era grande e bem arejada com grandes portas e janelas de espessa madeira, e as paredes bastante reforçadas, muito boa casa, uma verdadeira fortaleza no meio da fragilidade gerada pelo isolamento.

Além desse isolamento, pesava negativamente sobre o empreendimento o fato de uma antiga lenda estar relacionada à região, esse ponto negativo consistia em haver um boato de um lobisomem rondando por aquelas bandas. Apesar de minha esposa ser às vezes muito receosa para certos assuntos, não somos propensos a acreditar em tais superstições populares, então também este empecilho, embora houvesse nos deixado muito em dúvida, não nos reprimiu a decisão de irmos habitar neste local.

Em pouco tempo já estávamos nos acostumando com a solidão constante. No começo foi difícil de verdade, pois só conhecíamos a vida na cidade e essa mudança para o interior foi bastante brusca. Mas tínhamos um ao outro e a bebê fazia a nossa alegria superar qualquer dificuldade. Além disso, a caminhonete que nos coube na partilha dos bens também foi muito útil nessa habitação, se bem que o fato de podermos ficar com ela, cedida tão gentilmente pelos meus irmãos, pareceu-nos mais um bônus do que uma cortesia, utilizada estrategicamente como recompensa por termos aceitado este imóvel enquanto aos outros irmãos couberam os demais bens deixados por papai.

Nossa filhinha começava a andar e balbuciava pequenas palavras: – Mamamã... papapa... linda, com seus olhos azuis e seus cabelos dourados como os primeiros raios de sol da manhã mais clara. Éramos então uma família jovem. Eu estava com meus vinte e poucos anos e minha esposa acabara de completar vinte. Gostávamos de música e literatura. Nossas tardes eram repletas de leituras ao som do piano de Wagner. Às vezes escrevíamos poemas e contos, sempre pedindo a opinião um do outro, e isso era muito empolgante para nós e nos tornava ainda muito mais unidos.

Havia um comércio não muito longe seguindo a estrada principal ao leste onde se podia comprar de tudo e conversar com algumas pessoas habitantes da região. Nas sextas-feiras havia sarau na casa do sr. J. à noite, e era incrível como sempre alguém trazia na manga uma história de lobisomem como que a fim de reafirmar a lenda vigente relacionada ao lugar. Difícil era não sentir medo na volta pra casa na velha caminhonete

azul por estradas tão mal iluminadas, às vezes tão íngremes que pensávamos que não iríamos conseguir subir, quando não eram os buracos e o chão meio fofo que fazia atolar os pneus. M. vinha tão assustada no banco ao lado do meu que ao menor farfalhar de folhas à beira da estradinha de terra estremecia toda em sobressalto com os olhos fixos de medo. – Calma, M., desse jeito você vai assustar a menina. Mas a bebezinha dormia profundamente, cansada de tanto pular de colo em colo no decorrer do sarau. Dormia como um anjinho.

– Você viu aquele rapaz que declamou um poema do jovem Rimbaud? perguntei eu a M., que fazia cara de espanto. – Vi, sim, respondeu ela, com ar de assombro por causa das infinitas sombras formadas no mato pela tênue luz da lua cheia. – Você precisa controlar mais esse medo, M. isso vai acabar te atrapalhando. – Será que ele é daqui mesmo, porque é tão diferente do povo daqui. Mas M. não me dava atenção. Apenas respondia:

– Não sei. Acho que sim. Talvez. Ele declama muito bem, não acha, perguntei. – Ahhh sim, respondeu ela, prestando toda a atenção do mundo ao fugaz movimento dos galhos secos do caminho.

O rapaz a quem me refiro é L. Após alguns saraus na casa do sr. J. fizemos amizade e pude ver que tudo o que diziam de ruim sobre ele era contraditório, pois ele se mostrava muito educado e respeitador, era bastante inteligente e dedicava-se à literatura como um hobby. Trazia no olhar uma tristeza misturada com um certo brilho de pessoa sonhadora que espera avidamente por uma mudança radical em sua própria vida e na vida das pessoas ao seu redor. Não consigo explicar direito com palavras o sentimento transmitido por aquele olhar, tão vazio e transparente, como que convidando a adentrarem-lhe a alma doente de tanta solidão.

Tinha ele vinte e um anos de idade, mas possuía um jeito de pessoa mais madura, contudo, na aparência estava mais para adolescente e era muito peludo, o que lhe rendeu o apelido de o Lobisomem Juvenil. Vivia sozinho num casebre onde podia-se ver em cima a grande estátua de um cachorro a uivar. Quase ninguém se atrevia a passar por ali, pois associavam a imagem do cachorro sobre a casa com um sinal de maldição, pois L. seria o sétimo filho de uma sequência de seis meninas (todas mortas ao nascer). Quando L. nasceu, uma onda de comentários sobre valiosas relíquias de sua família foi amplamente divulgada, porém tais relíquias definitivamente não existiam e isso acendeu a ira dos ladrões que invadiram a casa em busca dessas supostas joias, eles mataram os pais de L. e puseram fogo nos corpos após horas e horas de horrendas torturas.

O casebre onde L. morava era exatamente no centro da região rural da cidade, ponto onde se cruzavam duas estradas e havia também uma velha porteira. Todas as pessoas que trabalhavam com magia negra e demais religiões, ditas boas ou más, despachavam ali seus trabalhos e oferendas quando pretendiam ter verdadeiramente êxito em seus empreendimentos místicos, pois diziam que ali era uma região encantada e as energias do bem

e do mal podiam ser captadas facilmente naquele local; entretanto, havia muitas histórias de pessoas que misteriosamente desapareceram ao tentar realizar esta proeza, sobretudo quando o faziam de madrugada. É claro que nada disso eu sabia quando o convidei para almoçar em minha casa numa tarde de domingo qualquer. Ele aceitou prontamente. Mas M. foi totalmente contra esta minha iniciativa e ficou bastante contrariada por eu ter tomado esta decisão sem primeiro consultá-la. Depois acabou cedendo, mas ficou todo o tempo da visita quieta e com um ar de desconfiança fora do normal, que até mesmo L. pode perceber. Ela não conseguia disfarçar a repulsa que sentia por aquela visita e o tempo todo virava o rosto para o lado com ar de indignação e uma certa revolta contra mim.

Num certo momento depois que já havíamos terminado o almoço, L. pôs-se a recitar alguns poemas de sua própria autoria e eu, tomando em minhas mãos um livro antigo de um poeta inglês me pus a ler os poemas que mais me agradavam alternando com ele, que lia os seus próprios. Tomamos vinho e apreciamos a bela música de Mozart, enquanto M. me fulminava com olhares flamejantes de um ódio momentâneo.

Umás seis horas da tarde M. nos pediu para abaixar o volume do som pois a bebê dava mostras de sono e M. já a colocara em seu berço para dormir. Era uma tarde muito quente e a menina transpirava um suor transparente sobre a pele clara. Quando M. colocou a menina deitada no berço, não pude deixar de perceber o olhar lançado por L., um olhar baixo e esguio, como quem olha um prato de comida depois de um dia inteiro sem comer e a comida é proibida, então olha-se como que sem olhar, disfarçando. Percebi uma certa alteração em sua respiração que se fizera meio ofegante e alta, fazendo seu peito subir além do normal. Tudo isso em frações de segundos. Contudo eu podia estar enganado e tudo isso ter sido somente fruto de minha imaginação. Mas não, eu sei o que eu vi. E um pai não se engana quando começa a perceber algo errado que possa se transformar numa ameaça a sua família.

De repente, como que voltando a si, L. pôs-se a contar algumas histórias de conhecidos que praticavam canibalismo. – Como!? – disse eu, numa mistura de desconforto e curiosidade por querer confirmar se aquilo havia sido dito realmente, ainda mais após aquela atitude tão estranha manifestada anteriormente por L., que agora tomava ares de *expert* no assunto da preparação e degustação da carne humana. – Mas que loucura é essa?! perguntou voltando-se ostensivamente para mim, mas na verdade dirigindo o questionamento para L. Na verdade M. já estava tão irada com a visita que nem ao menos podia lhe dirigir o olhar. – Eu, acho que ele está brincando, M. não é verdade, L.? Mas ele respondeu da seguinte forma:

– Ora, não se assustem, no mundo atual está muito normal esta prática. Por que vocês fazem essas caras? Não digo um brasileiro rústico, mas um polonês fresquinho... eu comeria sem titubear.

L. dizia isso, fazendo uma cara de louco e suspirava como que imaginando a carne humana a desfazer-se deliciosamente entre seus dentes tortos e meio pontudos. Ao que M. me olhou como quem diz: você não está vendo o que esse louco está falando em sua própria casa!/? Ao que eu fui obrigado a reagir de forma mais defensiva:

– Meu amigo, o que você está dizendo?

– Amigo, respondeu ele, olhe só essa menininha, tão tenra e succulenta, apontando para a bebê, que agora dormia como um pequeno anjo de luz no berço.

– Chega, disse M, retire-se dessa casa agora!

Tomando-o por louco, coloquei-lhe a mão nas costas e conduzi-o em direção da porta, num ato de proteção dele mesmo, pois M. tê-lo-ia matado ali mesmo caso permanecesse por mais alguns segundos proferindo tamanhas loucuras. Enquanto isso eu pensava comigo se o que diziam a respeito dele seria mesmo verdade, que ele seria o tal lobisomem que rondava por ali às noites de lua cheia. Então, despedi-o para fora de casa e, para minha maior surpresa e espanto, disse-me ele na maior audácia do mundo: – Sim, amigo, ela está ficando no ponto certinho, logo logo virei buscá-la. Ali, já não era o amigo que imaginei que ele era, nem tão pouco o tom de sua voz era de brincadeira. Desferi-lhe um olhar de descaso e início de ódio mortal. Então levantei um pouco a blusa e mostrei-lhe o antigo revólver que era de meu pai, mas não saquei da arma. Mas disse-lhe: – Se você se atrever a voltar aqui, eu acabo com você! E o monstro foi-se embora.

Mas agora era uma questão de honra, eu precisava saber, seria ele mesmo o famoso lobisomem que amedrontava o povo daquela região? Só havia um modo de descobrir. Ele disse que voltaria, e não parecia que estava mentindo. Passei a semana inteira arquitetando um plano para resolver esta situação que agora me tirava a paz. Não podia dormir com a ideia de um monstro como aquele vir querendo devorar minha pequena filhinha. Então, sabendo que na próxima sexta-feira seria noite de lua cheia, forjei uma viagem da qual só voltaria no sábado; durante a semana divulguei minha ausência naquela noite, torcendo para que durante o sarau o infame ficasse sabendo e se atrevesse a tentar invadir-me a casa crendo que eu não estaria.

Pois bem, escondi-me num local bem próximo à casa, onde pudesse ter plena visão de todos os acessos, e fiquei a vigiar. A noite custou a passar e nada do bicho aparecer, mas quando foi na alta madrugada ele apareceu, quase não pude acreditar, veio rondando, meio desengonçado, mas parecia ele, porém desfigurado e cheio de pelos pelo corpo todo, um monstro medonho. Parou perto da porta, foi até a janela, mas não se atreveu a tocar, mas a tudo inspecionava como que procurando uma brecha, rodeou a casa e como visse que não tinha jeito pôs-se a empurrar a porta, sem êxito. Nessa hora eu gelei, pois tinha que tomar uma atitude antes que fosse embora ou conseguisse entrar. Seria uma luta corporal, embora eu estivesse portando

comigo o antigo revólver carregado com balas de prata e um punhal também de prata todo trabalhado, tanto as balas quanto o punhal eram peças de colecionador, que adquiri às pressas na cidade com um amigo que tem facilidade em conseguir essas coisas, o que não significa que saíram num preço baixo. Fui me aproximando de vagar por entre os arbustos e quando estava perto o bastante, corri o mais rápido que pude em sua direção desferindo-lhe um golpe na parte superior do peito. Senti a lâmina deslizando-lhe ao couro e ainda cortando-lhe aquilo que se chamava de mão, mas que mais parecia uma pata. Esquivei-me já puxando o revólver caso houvesse algum contra-ataque e fiquei em posição estratégica de disparo, seria mortal se atirasse, mas contive-me, e o animal, gravemente ferido foi embora, tombando num ritmo frenético e desesperado, próprio de quem tenta escapar à morte.

Sua cova já estava pronta e seria breve sua ocupação. Na sexta feira ele estava lá, na casa do sr. J., em pleno sarau, declamando seus belos poemas líricos, lépido e despreocupado. Aproximei-me e pude ver em sua mão o ferimento que, estranhamente, ainda aberto trazia; também a camisa, manchada de sangue fresco o denunciava como o mesmo indivíduo que eu flagara rondando semana passada a minha casa. – Mas que ferimentos são esses, meu caro? – perguntei-lhe, dissimulando minha plena ciência dos fatos, ao que ele respondeu, displicentemente:

– Envolvi-me num acidente esta semana, mas já estou bem melhor, – disse isso num sorriso sarcástico semiaberto no qual pude ver as pontas de suas presas caninas, as quais tive vontade de arrancar ali mesmo, mas me contive esperando o momento oportuno.

Eu levava comigo o belo e excelente punhal e também o bom e velho revólver carregado de balas de prata, e tinha um plano. Nesta mesma noite daria cabo do animal.

M. e a bebê haviam ido passar o final de semana na casa da mãe da M. Ninguém mais sabia o que tinha acontecido em casa naquela madrugada de sexta-feira passada. O sarau encerrava sempre um pouco depois das 11h; sabendo que o monstro permanecia sempre um pouco mais na casa do sr J. após encerradas as atividades, aguardei até mais ou menos 22h50 e me despedi do pessoal com o pretexto de estar cansado e saí.

Posicionei a caminhonete um pouco à frente da curva que dava para a casa de L, e escondi-me entre as árvores até que ele veio vindo, sozinho na estrada e com a cabeça baixa. Atirei, mas ele não caiu e veio para a minha direção se retorcendo e lançando sobre mim um olhar maligno de ódio mortal. A sua cova estava a poucos metros dali, cavada por mim no dia anterior. Podia tê-lo matado ali mesmo, porém como percebi que ele passou a seguir-me, adiantei-me em direção ao buraco que lhe serviria de cova e que estava coberto com uns galhos e folhas, uma armadilha, e então, conseqüentemente ele caiu lá dentro, como um animal capturado. No escuro quase não podia ver-lhe a cara ou seria focinho? Ficou ali se retorcendo

mudando de forma num vira-desvira, algo verdadeiramente assombroso. Tomei da pá que ali havia escondido e comecei a jogar a terra para dentro do buraco até que o bicho ficou totalmente soterrado.

Tudo resolvido, pensei comigo. Então fui pra casa e dormi muito bem a noite inteira o sono dos justos. Quando M. chegou de manhã, contei-lhe tudo o que havia acontecido e ela me olhou com ar de total aprovação.

Durante a semana, nada se ouviu falar de L. Era como se ele não existisse de verdade. Porém na sexta-feira logo notou-se sua ausência no sarau. Coisa muito estranha, pois ele nunca faltava aos saraus do sr. J., e começou então um mar de cogitações acerca de sua falta naquela sexta-feira. Foram à casa do lobisomem, chamaram, ninguém respondeu. O fato é que ninguém além do sr J. se importou muito com o desaparecimento de L., tanto que para iniciar o empreendimento de busca de L., que se deu somente na quarta-feira, o sr J. teve que desembolsar uma boa quantia aos homens, que encontraram no local próximo ao buraco onde estava enterrado o monstro um rascunho do poema que ele havia recitado no último sarau. Dessa forma, logo encontraram a cova onde jazia L.

Abriam então a cova, eu achei até bom que eles encontrassem tão rapidamente a cova, porque dessa forma dariam um sumiço, ou seja, um jeito melhor àquele estorvo e o ambiente da área ficaria mais leve, sem aquela presença morta de um ser tão asqueroso.

Ninguém além do sr. J. e os homens que o desenterraram viu o corpo e nem tampouco se soube o que fizeram com ele, mas os homens que o desenterraram juram de pé junto que o que tiraram daquela cova não era de forma alguma um ser humano, todo retorcido cheio de pelos por todo lado, olhos e dentes enormes, um focinho fino e orelhas pontudas. Parecia mais um ser em estado de mutação, se bem que olhando mais atentamente havia sim uns poucos traços humanos aqui e ali, mas sem condições de reconhecimento. Uma verdadeira aberração!

Os dias foram seguindo sua ordem e o acontecido foi sendo esquecido pouco a pouco. Não houve mais saraus na casa do sr J. O lugarejo tornou-se uma espécie de ponto turístico onde as pessoas mais corajosas vinham passar o final de semana na esperança de ver um possível lobisomem rondando ao luar, tudo em vão. O fato é que nunca mais se teve notícia de aparição de lobisomem algum por aquelas bandas.

Lenda da carroça
Pedro Galuchi

Noite de mistério
No balanço da carroça
Morte vem e vai

Questões judiciais fizeram necessário desenterrar a história.

Herdeiros distantes das vítimas pleiteavam a posse da fazenda, abandonada desde o Acidente do Barranco.

O Inspetor indicado para o caso era de renomada capacidade e competência em esclarecer assuntos de semelhante mistério. Contribuiu para aceitar o desafio a curiosidade pessoal. Vivera parte de sua juventude próximo do local e seus parentes narravam sobre a Lenda da Carroça do Vilarejo.

Teria, assim, a oportunidade de conhecer melhor o caso e, quem sabe, desanuviar a sombra que assustava os pacatos moradores do Vilarejo.

O espírito amistoso e receptivo dos moradores, curiosos ante a chegada de um Inspetor da Lei, logo se alterou quando souberam o motivo da visita.

Ariscos diziam saber, só de ouvir contar.

Havia verdade na ignorância.

O fato ocorrera há tantos anos que raros saberiam, de ter visto, a verdade do ocorrido.

História passada no boca-a-boca, cochichada e pedindo segredo.

Carroça tombara no Barranco com a viúva e jovem senhora da fazenda e seus três meninos.

Não cabia na razão tombar a carroça.

Cocheiro experiente conhecia cada buraco e pedra da Estrada.

Nos registros oficiais nenhuma menção do Cocheiro na cena do Acidente.

Desaparecera sem notícia.

Mexer em segredos
Revelações perigosas
Tragédias sem fim

Convidou os mais antigos para uma tarde de chá.

Cálices de licor também servidos romperam barreiras, animaram a conversa.

Cheio de dedos, arriscou no assunto

“Tristeza demais”, comentou um. Gosto de falar nisso, não.

“Melhor não mexer com essas coisas sem explicação”, aduziu dona Kalina.

Vilarejo de bico fechado.

Menos um.

Sr. Arnolfo, o Bombeiro.

Disse saber, de ouvir falar dos mais antigos. Inclusive, pesquisara nos registros secretos da corporação e nenhuma linha a respeito.

“O que sabia, de ouvir falar, era que Caminhante, atraído pelos latidos do Cachorro, viu a carroça tombada no fundo do Barranco.

Desceu e encontrou os corpos.

Não mexeu neles e de passo acelerado, chamou auxílio no vilarejo.

Encontrou o velho Serafim que, sem um ofício definido, fazia também as vezes de Bombeiro no vilarejo, que não tinha à época organização oficial de Corpo de Bombeiros.

Num Vilarejo, sem incêndios, Serafim socorria a todos os tipos de incidentes não atendidos por outros.

Atualizando, Serafim era o conhecido “Quebra-galhos”.

Serafim, de pronto, pegou seus materiais de primeiros-socorros nunca usados e com o Caminhante dispararam ao Barranco.

Beleléu, um bêbado errante das ruelas do Vilarejo, ouviu a conversa, guardou a garrafa e decidiu oferecer ajuda.

Seguiu-os tropeçando pela estrada rumo ao Barranco. Vira-Latas, fiel companheiro de Beleléu, foi atrás.

Serafim desceu e lamentou não haver mais o que fazer. Sem vidas a salvar, pensou na medalha que poderia levar no peito, homenageando-o como herói. E também, quem sabe, um título de Salva-Vidas.

Desacorçoado subiu o Barranco.

Não viu mais o Caminhante.

Encontrou Vira-latas cheirando o chão e rosnando desconfiado.

Ouviu a voz embargada de Beleléu. Apelava socorro. Tropeçara ao descer e acenava estatelado no Barranco, sem ferimentos, mas apontava apavorado para o céu, imitando um latido.”

Do Caminhante nunca mais se soube, oficialmente.

Rápidas imagens
Miragens desaparecem
Mistérios perpétuos

Vilarejo era um detalhe no caminho.

Milhares, digamos dezenas ou talvez e mais provável alguns, de Caminhantes passavam pelo Vilarejo, vindos de algum lugar e seguiam para não se sabia onde.

Uns sentavam-se à sombra de alguma árvore.

Muitos tomavam um gole de água na fonte da praça.

Alguns faziam o sinal da Cruz ao passar a frente da Capela.

Outros nem isso.

E todos partiam, sem palavras...

Instigado a mais falar, o Sr. Arnolfo, talvez diluído o efeito do licor, fechou-se em Copas. Acrescentou, apenas, que de Serafim sabia como derradeira notícia sua mudança sem deixar local de nova moradia.

Jurou, de cruzar os dedos, que ouvira a história do próprio Serafim.

Bebeléu morrera há muitos anos.

E pouco ajudaria.

Um dos presentes afirmou, de ouvir dizer, que, no fim da vida, Bebeléu confundia os fatos. Ausente qualquer lógica a dividir a realidade das miragens alcoólicas.

Verdades... mentiras
Diversas realidades
De cada momento

Cochichos entre troca de olhares curiosos.

Animado pelo primeiro depoimento, para não se sentir menor, outro ergueu o braço para contar a versão que sabia, de ouvir dizer.

Vilarejo atônito!

Sabia, repetindo sempre, de ouvir falar, que um Tropeiro, atraído pelos latidos de um Cachorro no alto do Barranco, viu a Carroça tombada no fundo do Barranco.

Nem desceu. Seu cavalo estava arisco, como visse fantasmas.

Resistente a acalmar-se, o Cavalo, relinchando, galopeou em disparada, sem ordem, até a praça da Capela, parando de súbito.

O Tropeiro, passado os sustos dele e do Padre, que abria a porta da Capela, noticiou o fato, que diante da gravidade anunciada, em passo ligeiro dirigiu-se ao Barranco, sem tocar o Sino.

Vilarejo perdeu a hora.

Pelo caminho vinha, exausta, D. Zenith que conhecia um pouco de Medicina. Parteira que era trouxera ao mundo mais um. Cabeça balançando afirmação, dispensou o cansaço da longa noite do parto e acompanhou o Padre.

Tropeiro sumira.

Padre e Parteira desceram o Barranco confirmando não haver tempo para a Unção final.

Padre abençoou e orou um pouco.

Subiram lamentosos o Barranco.

Sementes perdidas
Secando fora da terra
Natureza morta

Vilarejo era um detalhe no caminho.

Tropeiros passavam todos os dias, seriam semanas ou mais provável meses, pelo Vilarejo, na rotina de levar boiadas de algum lugar, rumo ao matadouro próximo a outra Vila Maior, que não sabiam, ao certo, aonde ficava, de tão distante.

Todos paravam a Boiada a tomar água no riacho que cortava o Vilarejo.
A maioria tomavam um gole de água na fonte da praça.
Uns faziam o sinal da Cruz ao passar a frente da Capela.
Outros nem isso.
Apressados, tocavam a boiada.

Medo terrível
Coragem passa distante
Ao risco de vida

Do Padre, sabia-se fora transferido para uma Vila maior e distante.
Nos livros da Sacristia nenhum registro de velório, missa, enterros ou qualquer outro sacramento referente aos acidentados.

Parteira amanheceu sem vida, com sinais de infecção raivosa de mordida de Cachorro Louco, dias depois do Acidente.

Cochichos entre os olhares assustados.

Não foi bem assim!

Falou mais alto o Sr. Astaire, Dono do Bar.

Vilarejo de boca aberta.

Levantou-se contundente, repetiu:

“Não foi bem assim!”

Instante seguinte, meio arrependido, disse saber, de tanto ouvir falarem no balcão do Bar:

“O Cocheiro, ferido no pescoço, a notar-se pelo sangue nas roupas, chegara trôpego ao Vilarejo antes do sol. “

Conferiu os olhares ao redor e prosseguiu, titubeante:

“Assustado, gritava que um Cachorro uivando atirara-se em seu pescoço, jogando-o fora da Carroça e causando o tombamento”.

Alguns, talvez fossem muitos ou provavelmente quase todos, moradores do Vilarejo correram ao Barranco.

Uns poucos cuidaram levar o Cocheiro aos cuidados da Parteira.

Os que foram voltaram aterrorizados com a tragédia.

Parteira contava que o Cocheiro gania de dores.

Mordera sua mão quando tentou passar a toalha molhada em seu rosto, para amenizar a febre que lhe acometeu, de súbito.

Horas depois, apresentou grande melhora, levantou-se e saiu em direção da estrada, sem palavra de despedida dizer.

Vilarejo possuía pequena necrópole.

Sepultamento não foi lá.

A maioria afirmava, de ouvir dizer, que foram levados para outra Vila, por vontade da família.

Alguns negacearam...

Um gritou: “Vilarejo não quis enterrar malfeito do Cão!”

Outro alertou que escurecia e era melhor encerrar aquele assunto.

Todos, mesmo, entreolharam-se e levantaram-se, saindo sem despedidas ao Inspetor.

Decisão correta
Impossível julgamento
Cada um com a sua

A noite de pensamentos e reflexões era arrastada.

O Sino tocou pontualmente, meia-noite.

Decidiu-se, empurrado por força estranha.

Solitário, seguiu em direção ao Barranco.

Algumas janelas, ou seriam todas, espiavam olhares de espanto e curiosidade...

Temores naturais do caminhar pelo desconhecido sendo substituídos por calafrios ao aproximar-se do Barranco.

Era-lhe familiar o lugar.

Dèja-vú?

Cabeça repleta de imagens da noite do Pesadelo.

Saltando à Carroça.

O sangue do Cocheiro.

Carroça rodando Barranco abaixo.

Cheiro de morte impregnando o ar.

Uivou até o dia amanhecer.

Janelas fechadas a diminuir o medo.

Medo sem sentido...

Lobisomens são lendas...

Ninguém mais soube do Inspetor.

Uns, de ouvir falar, garantem que voltou para sua Vila.

Desta vez, sem parar no Vilarejo...

Impossível sonho
Incômodo persistente
Cruel pesadelo

Você está realmente vivo?

Rangel Paiva

Cientificamente a consciência é um fenômeno propiciado pela materialidade, desde a materialidade do cérebro e suas comunicações físico-químicas, até a apreensão daquilo posto quanto realidade material e apropriado por tal consciência de forma abstrata, quanto pensamento, quanto subjetivo que servirá como subsídio de uma experiência histórica/analítica que conseqüentemente mais cedo ou mais tarde garantirá seu retorno a realidade material, num ciclo constante e indivisível.

Ao morrer ainda não se sabe o que acontece com tal consciência, as religiões e formas espiritualizadas de enxergar o mundo falam sobre elementos desprovidos de materialidade que formam a essência humana, uma consciência extra matéria, uma alma, um fluído ou fluxo que transcende, evolui, retorna ou vive eternamente sob alguma circunstância.

É doloroso ao ser humano pensar em finitude, pensar que as histórias possuem um fim, e que algumas histórias chegam ao fim antes mesmo de ter começado, soa um tanto desumano, se é que podemos usar tal termo, mas falar sobre descontinuidade é necessário, não apenas necessário como a principal justificativa do pós-morte para aquilo que se constitui quanto o mais próximo da realidade, a ciência moderna, portanto para esta morrer deverá ser o fim da consciência.

Trata-se de uma reflexão complexa, talvez mais intimista do que devesse parecer, e tal discussão é ponto de partida para um questionamento, se a morte é o fim da consciência, o que antecede o fim? Como descobrir que é o fim? O que existe no fim?

Alguns estudos sugerem que ao morrer, ou momentos antes da ausência total de vitalidade, o ser humano desfruta de um estado de devaneio, talvez alucinógeno ou fantasioso, como se estivesse vivenciando um sonho. Um estado incompreensivo de último suspiro da consciência que falseia a realidade subjetivamente, na ânsia de evitar sofrimento, de evitar o encontro inevitável com a finitude.

Tal estado de segundos, minutos ou horas na vida material, não possui tais parâmetros de controle de tempo ou de expressão de tempo na vida não vigil, portanto a vida material que tem suas bases devidamente apreendidas e refletidas, encontra-se ali virtualizada, talvez uma suposta continuidade da vida verdadeira com suas devidas instabilidades, incertezas, dificuldades.

E como um enorme banco de dados de coisas que já existiram, a mente também proporciona que se veja novas pessoas, conheça-as, visite novos lugares, experimente novos sabores e novos aromas, tudo baseado na complexa mistura daquilo que já existia. E por vezes você se pega pensando, tal comida me lembra frango, tal lugar novo parece tão familiar, são bilhões de sensações virtualizadas preparadas para apaziguar a ideia de finitude.

Porém, vez ou outra, no sentido de preparar o sujeito para seu descanso final, a mente solta informações breves sobre sua possibilidade de não estar mais vivo, como numa forma sutil de dizer a verdade sem que haja um colapso daquele estado mental. Pode-se facilmente identificar tais sinais nas sensações de inadequação ao mundo, falhas no processamento de informações (como informações desencontradas, situações imprevistas), mensagens subliminares em músicas, outdoors, livros e quem sabe até num texto lido pela internet.

Sonho Fátuo

Rapha Weyne

Noite americana. É, noite americana, provavelmente. Fidel puxou a coleira mais forte enquanto virávamos a esquina da Bernardino dos Santos. Não havia carro estacionado na rua - devem ter fechado para as gravações.

Conforme passávamos o muro cinza futilmente chapiscado na tentativa de evitar as pichações, a Bernardino dos Santos ia se desenrolando à minha frente. Os trilhos e asfalto preto do largo do Curvelo davam lugar aos paralelepípedos gris razoavelmente bem assentados entre musgo e pequenas gramíneas, enquanto os balaústres do outro lado da rua se projetavam monotonamente a partir da pracinha dos sambas de domingo. Tudo era tão monocorde que se hoje fosse domingo todas as pessoas e músicas seriam cinza.

Eu poderia pensar se tratar de um filme em preto e branco não fosse pela nitidez das sombras. Aquilo nem era película nem era preto e branco. Era digital e era polarizador, decidi.

Já na metade da curva surgiu um pedaço de toldo flavo, apoiado meio de lado sobre uma armação de metal. Era uma barraca dessas de meio metro de altura que as equipes de manutenção de esgotos e bueiros montam por sobre onde vão trabalhar. Como era a única coisa levemente colorida de todo o cenário seria onde a ação se passaria. O tom hepático da tendinha dava um cagaço.

Fidel arrefeceu o passo quando vimos, uns 30 metros adiante, dois pivetes, brancos, magros, sem camisa. Os dois um palmo menos que eu, andando aquele andar de descuidista que eu já saco de longe. Fiquei com medo porque a rua estava fechada, ainda não havia ninguém da equipe de filmagens e, pulando os balaústres, eles podiam cair dois metros na pracinha abaixo e se escafeder de vez com minha... com meu o quê?

Eu recolhi a guia até a carcaça de vira-labrador encostar na minha perna - tudo que eu não preciso é o Fidel lambendo eles enquanto me espetam com uma faca enferrujada até o sangue escorrer leve pelas minhas costelas. O medo foi deixando minha barriga leve. Firmei o passo e andei entre eles.

A rua continuava subindo e na hora que vi entre as árvores, a baía de Guanabara, achei que era hora de apertar o passo, mas os moleques deram meia-volta e vieram andando na minha direção de novo. Não sei se vi com o olho da nuca ou se senti a pontada no olho do cu, mas quando virei, dito e feito - andavam a passos largos, já a cinco metros de mim.

Abri a boca e falei alto e másculo a primeira coisa que me ocorreu: - Vocês são bandidos seus ladrõezinhos - não era exatamente uma pergunta. Vi que isso pegou eles desprevenidos: pararam a um passo de mim e eu mesmo completei a distância com um pé seguro. Cara, eles ficaram com

medo de mim por um segundo - pensei exultante - larguei a guia sem olhar e apertei uma mão em cada pescoço magro, olhos verdes e olhos azuis, notei.

Foi essa a hora em que eles tentaram abrir a boca para dizer algo: tarde demais, ouvi apenas dois grunhidos abafados e apertei mais forte para não haver dúvidas da situação. Olhos verdes empurrou o irmão para o lado e de repente vi Fidel: Ele era uma fera. Uma besta, só dentes e babas e um rosnado baixo de uma vileza inacreditável.

Me assustei um pouco com Fidel e eles notaram. Eu tinha que agir. Comecei a andar rápido agarrando forte e fazendo balançar as cabecinhas arroxeadas, eles iam perdendo o passo e tropeçando e, de repente, souberam que eu os empurraria até dentro daquela tenda doentia. Os grunhidos recomeçaram e na hora que forcei os dois pescoços para o chão, os dentes de Fidel cravaram fundo na coxa de Olhos Verdes, que estava à direita. Me arrepiei levemente de prazer ao ver a cara de absoluto terror do seu irmão. Decidi que tinha que agir rápido e terminar o que havia começado. Certamente eles tinham família outra que eu não poderia dar cabo tão facilmente e além do mais eu morava ali. Ia ter que me mudar.

Fiquei com uma raiva do caralho dos bandidinhos de olhinhos coloridos que estavam fodendo a minha vida e decidi que eles iam se foder mais do que eu. Quando pararam de se contorcer mirei Olhos Azuis. Fidel sabia o que eu queria e se moveu rápido. Senti a pele de Olhos Verdes gelada e os cabelos lisos ensopados em sua nuca.

Eu à direita da pequena entrada da tenda, em frente a Olhos Verdes e do lado da caixa de ferramentas. Olhos azuis estava atrás de Fidel, que por sua vez estava atrás do bueiro aberto que cobria o restante da entrada. Larguei os pescoços. Eles gritaram sem bocas, sem ar, apenas olhos coloridos aterrorizados.

O único cheiro que eu sentia era da umidade adocicada das suas peles brancas e os hormônios nos líquidos que supuravam de olhos azuis e verdes, narinas desenhadas, uretras e ânus apertados. Aqueles buracos eu queria lamber e dilacerar, eu era uma grande boca purulenta querendo engolir os dois. Um cheiro de sal e ferro sobressaiu à fetidez de esgoto e mesmo aos meus delírios por aqueles meninos, Olhos Azuis havia fincado uma faca enferrujada nas minhas costelas e o sangue corria leve pela minha pele.

A arranquei com violência - o serrilhado comia o osso da costela aqui e ali - e a joguei no buraco aberto enquanto Fidel mordeu ferozmente Olhos Azuis por cima da bermuda fina. Ele se contorceu, os olhos oblongos se fecharam bruscamente quando sua gônada esquerda se rompeu em sangue e esperma, interrompendo o pêndulo que os olhos faziam entre mim e o buraco do esgoto. Percebi uma incandescência nas íris verdes do irmão, olhei de soslaio e de dentro do bueiro emanava uma luz amarelada, que ele devia pensar ser uma lâmpada da equipe de manutenção – talvez houvesse uns desgraçados dentro do buraco –, mas que me explicava porque era aquele o único ponto do cenário com algum pigmento.

– Fogo fátuo, você não sabe o que é, eu disse soturnamente.

E, mesmo sem saber o que era, aquelas palavras faladas em tom subterrâneo extinguiram a esperança que por um segundo se mesclou à incandescência nos olhos de Olhos Verdes. Mirei bem e, num único movimento praticado, agarrei uma chave de fenda grande da caixa de ferramentas. Enquanto manjava o instrumento bem próximo a seus rostos contemplei os olhos coloridos dos irmãos em sua jovialidade e beleza derramada de terror. Decidi não descartar águas-marinhas e esmeraldas no esgoto – as pedras eu guardaria.

Castelo de Areia

Rennan Teixeira de Araújo

O senhor de cabelos grisalhos e olhos azuis entrou no luxuoso edifício pela entrada principal, tornando-se rapidamente o foco de todas as atenções. As dezenas de funcionários pararam seus afazeres e fitaram com admiração o dono da empresa de tecidos que levava seu nome: Klaus Têxtil.

Subiu em um elevador privativo até o décimo terceiro andar, último do extenso prédio. Quando adentrou na sua sala, deparou-se com uma mulher loira de olhos acinzentados. Uma frieza glacial foi então desfeita diante do calor de sentimentos.

– Minha bela Isabela. Já estava com saudades.

– Mas faz apenas algumas horas que não nos vemos, meu amor. A saída de ontem a noite foi inesquecível.

– Um minuto longe de você é uma eternidade.

Beijou o rosto angelical da fascinante mulher, sentou-se no seu birô, de frente a uma pilha de papeis. Prestativa, ela organizou as folhas em pequenos blocos.

– A organização não é uma virtude do meu amado.

– Compenso bem esse defeito com várias qualidades. Com elas vim de baixo e construí meu próprio império.

Caminhou até uma janela de vidro temperado e enxergou do ponto alto o cenário urbano ao seu redor. Havia um grande fluxo de pessoas, de veículos e de recordações. Uma gota de neblina cruzou o vidro, em sintonia com uma lágrima que rolou por sua face.

– Saudosismo? Plantou e agora está colhendo os frutos.

– Tudo valeu a pena e minha alma nunca foi nem será pequena.

Isabela se aproximou do namorado, abraçando-lhe por trás.

– Não falou mais da nossa viagem à Paris. Há algumas semanas estava mais empolgado do que eu.

– Aconteceu como em meus negócios, os fatos às vezes nos forçam a mudar de ideia, traçar novos planos.

– Já pensou em outro destino? Confiarei em ti e aguardarei a surpresa.

– Farei surpresa, minha bela.

A jovem que usava um vestido amarelo decotado olhou em seu celular fotos de cidades europeias, imaginando-se em cada um dos cenários vistos. Uma chamada brilhou na tela do aparelho junto a um nome: Beto.

Com olhos de águia, o empresário visualizou e identificou o responsável pela ligação.

– Meu sócio ligando pro seu número?

– Como se não estivesse acostumado. Sempre esquece seu celular quando sai às pressas e o Beto recorre a mim, sabe que eu e você somos inseparáveis.

Klaus atendeu a chamada e a pauta discutida foi negócios. No final do contato, fez um convite para um almoço em sua casa. Queria toda a família reunida e de certa forma Beto fazia parte dela.

O encontro programado aconteceu no final daquela manhã numa mansão em bairro nobre.

Estavam reunidos em torno da mesa Klaus, Isabela e dois jovens silenciosos. O rapaz de cabelos cacheados e de olhos esverdeados se chamava João Carlos e tinha dezesseis anos. A moça de cabelos ruivos e de olhos cor mel se chamava Maria Luiza e tinha dezessete anos. Tinham em comum o fato de serem filhos do multimilionário, frutos de seu primeiro casamento. O convidado especial chegou com alguns minutos de atraso. Tratava-se de um senhor também grisalho com sorriso tácito.

– Meu braço direito e o esquerdo também - pronunciou o anfitrião, amistoso.

– Gosto mais quando me chama Beto. Desculpe pela pequena demora.

– Como costuma dizer papai, tempo é dinheiro, não pode ser perdido - frisou João.

Klaus assentiu satisfeito diante do herdeiro à sua imagem e semelhança. Na filha até então calada enxergava, porém, o contraste de seu reflexo.

Não reparou quando a namorada se ausentou por instantes trazendo duas taças com vinho.

– Branco, seu favorito. Um pra cada sócio. João e Maria ainda são menores de idade, não devem beber.

A filha primogênita de Klaus recebeu a última colocação com um sorriso amarelo.

– À que brindamos, Beto?

– À vida e aos negócios.

Os sócios brindaram e tomaram o conteúdo alcoólico das taças em um só gole.

Breves instantes separaram o brinde do súbito desmaio do multimilionário, que desabou na longa mesa sobre pratos e bandejas. Sócio, namorada e filhos se amontoaram sobre o corpo desfalecido.

– O que pôs na bebida do papai, assassina? Não é a primeira vez que ele perde a consciência assim. Deve estar envenenando ele aos poucos.

As fortes palavras atingiram em cheio a namorada de Klaus, deixando-lhe exaltada.

– Como se atreve a me acusar dessa forma, Maria? Você está envenenando seu pai contra mim, mas não surtirá efeito, ele sabe bem quem eu sou.

Os olhos se abriram lentamente, a audição já havia capturado as últimas palavras de uma voz de tom grave.

– Claro que sei quem é você, Bela. Não quero discussões aqui, só fiquei um pouco tonto, tinha um tempo que não tomava bebidas alcoólicas.

– O check up médico está em dia?

– Em dia, em hora e em minuto. Fiz uma bateria de exames e minha saúde é de ferro.

A governanta serviu a refeição e os presentes puderam saborear um delicioso creme de mariscos. A doce sobremesa foi comida em meio a um clima amargo.

Após uma conversa ligada ao mundo dos negócios com o sócio, o milionário chamou os seus filhos para uma conversa reservada. Os jovens sentaram em cadeiras frontais ao empresário, como se em bancos de réus.

– Julgaram e condenaram a Isabela? Não acham que o pai de vocês possa ter conquistado uma mulher trinta anos mais jovem?

– A Maria sempre antipatizou com ela, eu sim acho que ela ama o senhor, não o seu dinheiro.

– Muito bem, João Carlos. Não poderia ficar só para sempre depois da morte da mãe de vocês. Hoje à noite marcarei um importante encontro com a Isabela na empresa e isso mudará a vida de todos nós.

– Não me diga que o senhor irá pedir a mão daquela mulher em casamento. Seria o pior dos erros, pai.

Ele passou uma das mãos nos cabelos ruivos da primogênita. Uma lembrança lhe veio à mente: duas crianças corriam perto de uma praia deserta, de repente pararam em lados opostos, sentaram-se e com a areia esculpiram castelos, havia uma disputa sobre quem faria a edificação mais alta e mais bonita. Naquele momento, tinha as duas crianças recordadas à sua frente.

A namorada foi a visita seguinte que entrou no ambiente reservado após a saída dos irmãos.

– Terei um resto de tarde e início de noite de muitas reuniões. Às dez horas da noite quero a minha bela no décimo terceiro andar da minha empresa. Nem pergunte o porquê, sei que adora ser surpreendida.

– Como me conhece bem, amor. Estarei lá na hora marcada. Certamente não haverá mais nenhum funcionário, estaremos só nós dois.

Um beijo delicado selou o encontro marcado.

Depois de várias reuniões conforme previsto e de confirmar que se encontrava sozinho no andar, ele iniciou a preparação do cenário para receber a namorada. Havia um objeto separado num móvel baixo junto à duas taças e a uma garrafa.

Ouviu quando a porta do elevador se abriu e o impacto de saltos altos sobre o piso de granito, um suave perfume dominou o ar de forma sutil. Ela parou na porta do escritório presidencial, usava um deslumbrante vestido estampado, presente dado por ele na ocasião do seu aniversário. Teve os olhos vendados pelo namorado.

– Mal posso esperar para saber o que meu amor me preparou.

Após alguns passos, Klaus retirou a venda, que caiu. Um belo ambiente se desenhou na visão da jovem namorada. Havia várias pétalas vermelhas

espalhadas pelo piso, formando um caminho até uma porção próxima à mesa principal.

– Tudo tão lindo, amor.

Ele preencheu as taças com vinho enquanto ela, metódica, organizava a nova pilha de papéis sob o birô. Dois envelopes amarelados grandes se destacaram em meio às resmas. Ela os pegou, fitando o namorado.

– A curiosidade que tanto tem não é uma virtude. Sei o que quer fazer em seguida, mas antes tomemos uma taça do meu vinho favorito, o tinto.

Uma lembrança do mesmo dia ocupou a mente dela.

– Verdade, me confundi mais cedo quando servi o vinho branco como seu predileto.

– Percebi. Nem sempre se atenta aos detalhes, querida, eu sim.

Tomaram o vinho e o empresário entregou uma pequena caixinha vermelha nas delicadas mãos da jovem, apontando para um dos dois envelopes.

– Quero que abra os dois ao mesmo tempo.

Os olhos dela brilhavam intensamente, já projetando o que encontrariam após a abertura.

– Meu amor, um anel de compro...

Ficou imóvel diante de uma caixa vazia e das fotografias que existiam no primeiro envelope. Nelas ela aparecia de mãos dadas e trocando carícias com um conhecido homem em um quarto de hotel.

– Você e meu sócio Beto, amantes. As fotos foram tiradas por um profissional que contratei para seguir o passo dos dois noite e dia. O vazio da caixa é como deixou meu coração quando descobri tudo. A venda sobre meus olhos também caiu.

O sorriso se converteu em uma seriedade agressiva.

– Pensou mesmo que eu me derreteria de amor por um homem como você? Olhe-se no espelho, veja como o tempo pode ser cruel, Klaus.

Caminhou em direção à saída sendo barrada pelo empresário, que parou em sua frente lhe entregando o segundo envelope.

– Aqui está a penúltima surpresa da noite.

– O que ainda preparou? Uma carta de despedida para mim e para o seu amigo falso? Saio da sua vida com maior prazer. Sem dinheiro você é invisível pra mim...

Deparou-se com imagens de tomografias e ressonâncias, junto a laudos médicos.

– Como sabe o desmaio de hoje não foi o primeiro. Fiz de fato um check up e os resultados finais foram avassaladores: tenho um tumor cerebral inoperável, estou desenganado.

Ela recebeu a revelação com palmas secas e um sorriso aberto.

– Aproveite enquanto pode. Estou saindo da sua empresa e da sua vida agora.

Sereno e triunfante, Klaus consultou o relógio de pulso.

– Sinto dizer que não poderá sair daqui. Não terá tempo, pra você ver como o tempo pode ser cruel.

Uma lembrança habitou sua mente: numa praia, duas crianças observavam os castelos de areia construídos um pelo outro. Quem ganharia a competição? Num ato brusco, cada um destruiu a obra do rival com as mãos.

Três explosões simultâneas destruíram os alicerces do edifício, que desmoronou em questão de segundos.

Olho para o gato

Rita de Cássia Zuim Lavoyer

A noite estava quente. Abriu a porta e adentrou a sala. Um ar gélido atravessou-lhe o corpo, enrijecendo-o, massageando o seu sexto sentido. Uma forte e repentina claridade ofuscou os olhos. Deu alguns passos tentando reconhecer o ambiente, quando um ‘ploft’ jabuticavérico culminou em seus tímpanos.

Ergueu o seu pé. Algo gosmento destoava-se na sola da sua bota. Uma pasta multicolor esparramou-se pelo chão. Um gato pasmava-se arredio sob uma surrada poltrona dali, a única. Ameaçavam-se invasão. Olharam-se nos olhos. Intimidaram-se. O gato parou.

Ergueu o pé, apoiando-se sobre o outro e olhou a sola da bota. Não teve dúvidas: havia pisado um olho. Esfregou seu calçado no soalho caveirado tentando livrar-se daquilo.

O miado sonoro daquele gato estúpido locomoveu-o até a escada que dava acesso aos compartimentos do andar superior. A casa era puro pó, podendo-se ver marcas de pés por ali. Notou pingos vermelhos nos degraus. Enquanto os observava o gato saciava-se. Parecia não ter forças para mascar o que queria engolir: o olho pisado. O fez.

Pulou no primeiro degrau e raspava a sua língua sobre as manchas vermelhas que insistiam em permanecer ali.

Subiu sorrateiramente enquanto o gato rastejava-se em farejos. Havia portas. Na entreaberta adentrou. Alguém dormia.

Sobre o criado mudo, uma xícara de chá vazia acomodava uma colher de prata. Linda colher de prata.

Pegou-a sentindo em seus dedos o seu valor, a sua utilidade. Estava fria.

Sem pestanejar, enfiou-a no único olho da dormente, arrancando-o.

Os gritos dela confundiam-se com os ‘plofts’ na boca do gato, enquanto o olhapim descia a escada.

Procurou o interruptor, apagou aquela luz ofuscante, bateu a porta e saiu.

Eu sei coisas...

Roberto Fiori

– Eu sei coisas sobre você...

O transe... como ele voltou? Era profundo..., o psiquiatra pensou, tirando do bolso o micro gravador e o ligando. *A droga*, continuou a refletir, franzindo a testa, *deveria ser suficiente*.

Ruído, o esvoçar baixo de vespas irritadas. O vento quente do Verão sem fim soprando nas ruas. A poeira assentava sobre tudo, vindo das planícies áridas que cercavam a cidade. O zumbido monótono do gravador captando cada ruído. O leve roçar das cortinas, agitadas pela brisa noturna.

– Como, como você sabe? – piscou Galhardo. O cronômetro. O dedo do homem grisalho resvalou nervoso no botão, duas vezes. O médico contraiu os dedos da mão, conseguindo acionar o aparelho.

– Como você sabe que eu não sei? – a pergunta de Norton, certa como um chicotear.

Os olhos do paciente continuavam fechados. A cabeça se virando, o cabelo roçando no divã, um chiado baixo. *Irritante... como uma cobra rastejante...*, pensou Galhardo. Norton cheirou ao redor, as narinas se dilatando e se fechando, buscando, procurando, um verdadeiro cocainômano. As pálpebras se agitaram.

– Me diga, o que você sabe sobre mim? – a respiração do médico áspera, cortando o silêncio. O tecido macio da cadeira pareceu-lhe desconfortável. Ele se mexeu. Sacudiu a cabeça, com força.

– Está brincando? – o corpo de Norton estremeceu, o pescoço e os maxilares enrijecendo e relaxando, contraindo-se e se soltando.

– O que você está pensando?

– Mudando de assunto, doutor? – Norton relaxou por completo, os braços soltos junto ao corpo. As pernas penderam uma de cada lado do divã. A cabeça se voltou para o lado, frouxa.

A droga está agindo, mas... de forma diferente... raciocinou Galhardo. Atento, o psiquiatra apertou o cronômetro, zerando-o.

– Por que essa pergunta, Norton?

Há! Eu te conheço..., pensou o paciente. Seus olhos fechados, exaustos, janelas escuras de um edifício com aparência nova. Mas que o interior era velho, abandonado, decrépito.

O médico se levantou. A língua, passeando pela boca amarga. O braço esquerdo sacudiu-se e o ombro enrijeceu-se. Ele foi até a estante da sala. As chaves no bolso da calça, a mão boa fraca e trêmula, o psiquiatra demorando um pouco para tirá-las. Olhos mortos de Galhardo fitaram o molho de chaves. Rosto inexpressivo. A boca se abriu, os lábios flácidos. A mão falhou e as chaves caíram, o leve tilintar trazendo a mente do médico de volta, a consciência de um homem voltando, resgatado das águas do oceano.

Movimentos lentos. Ele se curvou, apanhou a chave certa e abriu o móvel. Uma maleta na prateleira. Pousando-a sobre a escrivaninha, o psiquiatra digitou a senha do fecho e ela se abriu, suave. No interior, uma embalagem branca, lisa, comum. Ampolas protegidas em alvéolos de plástico. Em metade das ampolas, um líquido escuro. Mais negro do que uma noite sem Lua. A outra metade, brilhando em cor vermelho-sanguínea. Galhardo apanhou a seringa que usara para induzir Norton ao transe. Passou a olhar o objeto de soslaio. Moveu os lábios em palavras mudas. Sorriu, lembrando-se.

No hospital que Galhardo dirigia, sangue, respingado no chão do salão de triagem. Haviam-no avisado. Empurrou a porta blindada, com cuidado. A seringa na mão direita suada, cheia com uma droga experimental. Dois enfermeiros junto à parede, jogados como bonecos de brinquedo. Seus uniformes, manchados de vermelho. Um interno corpulento no centro do salão, um estilete pendendo dos dedos, a cabeça voltada para os pés. Galhardo avançou, em silêncio. O louco, sem reagir, a seringa enterrada no braço. A droga funcionaria? Passaram-se um ou dois minutos. O maníaco desabou.

No consultório, o médico encheu a seringa com a mesma droga. Desenvolvida por ele. A dose, menor, dessa vez. De uma gaveta da escrivaninha, tirou o torniquete tipo correia e um rolo de algodão. *Flocos de neve*, pensou Galhardo. *Num campo de asbesto congelado*. No divã, ajustou o dispositivo no bíceps de Norton e inseriu a agulha. O psiquiatra estremeceu. Levantou uma sobrancelha. *Como ele pode dizer que sabe tudo sobre mim?*

O médico se concentrou. Observou a droga desaparecendo da seringa. Galhardo desafivelou o torniquete. Pressionou o algodão junto à agulha e a retirou. Segurou o chumaço na pele. Jogou-o no chão. Desligou o micro gravador, ativando o cronômetro. Observou o peito do paciente. *Quase não respira...*, o médico saboreou a sensação. Tossiu. A camisa branca imaculada tremeu, uma ondulação inesperada na superfície das águas calmas de um lago. Galhardo olhou o cronômetro. Desligou-o e aproximou-se de Norton.

– Está me ouvindo? – murmurou. – O que você quer dizer com *eu sei coisas sobre você?*

Norton. A voz fraca, os olhos pesados, as pálpebras fechadas. Os lábios tremeram.

– A Sara esteve aqui – uma gota de suor se formou nos lábios de Galhardo. Gosto salgado.

A droga estava agindo, no fim das contas, pensou o psiquiatra. A boca formava um arco para baixo.

– O que você sabe? O que você... *sabe?* – os olhos semicerrados, dois riscos no rosto pálido do homem de meia-idade. Um esgar em sua face, a risada muda de um palhaço farsante.

– A Sara chorou e você a manteve aqui. Até ela parar de chorar – o médico perguntou:

– A que horas foi isso?

– Onze e meia – a seringa ameaçou se partir nas mãos fortes e pegajosas do psiquiatra.

Silêncio. Silêncio por uns míseros cinco segundos.

– A Débora se comportou, não é? – Norton enrolava a língua. O rosto do médico esculpido em rocha. Galhardo encheu a seringa com outra ampola. Vermelha. Um sorriso em seus lábios. Ele voltou.

– O que estou pensando agora?

– Eletrochoque, sadomasoquismo... – Norton se esforçou, mas sua cabeça se ergueu no máximo três centímetros acima do divã.

– Hum, hum. Continue – Galhardo abanou a cabeça.

—... quatorze, quinze, estupro... – trevas desciam sobre Norton, faltava pouco.

– Sim... sim – o psiquiatra apertou os lábios. Afivelou o torniquete com força. Injetou o conteúdo vermelho na veia do rapaz, com pressa. *Que se dane o braço dele!*, pensou Galhardo, com raiva.

Preso, em um manicômio. Pensamento nauseante. Suor descia gelado pelas costas de Galhardo. Tirou, *arrancou* a seringa do braço de Norton. Deu o telefonema, *elas* o levariam. Sangue escorria pelo braço, denunciando o crime. O divã de veludo manchou-se. O médico, o olhar impassível analisando o corpo, a pele morena de Norton dando lugar a uma palidez doentia. Crescente. Tornando-se branco como as paredes recém-pintadas do consultório.

O psiquiatra foi até a janela. O sereno da noite, agradável. *Haveria algum lugar minimamente suportável?*, devaneou. Três viaturas pararam em frente aos edifícios da Faculdade de Medicina. Em silêncio. Em surdina. Saindo de seu devaneio, o assassino observou os policiais. Suor seco nas costas coçava.

Telepatia... flagelo do Século XXI. Norton teria informado a polícia sobre mim, com a mente? Drogas hipnóticas... água destilada para ele!, pensou. O psiquiatra apertou as mãos, uma contra a outra. Abriu e fechou a boca seca com força. Os dentes estalaram.

Os segundos escoavam.

Os crimes... meninas de quatorze, quinze anos..., culpou-se. As pernas do homem se dobraram um pouco, uma leve excitação se mesclando a um sentimento de impotência. O médico mordeu a língua, o gosto do sangue refluía, doce. *Alguém vai falar*, pensou. *E numa cadeia, morto logo? Ou vou durar meses a fio?* A ânsia veio, mas sem vômito. *Não, culpado, não!* E socou a parede, quebrando um dedo. Vítima de seus instintos, de seus apetites,

incapaz de parar. A doença era incurável, ele sabia. Galhardo se apoiou na parede. O ar da noite, puro e fresco.

O médico, sentado no peitoril da janela, com as pernas pendendo para o vazio, a vinte metros de altura da calçada.

Nada como ser especial

Roberto Minadeo

Yasmin teve um ano incrível. Terminou a faculdade. Foi efetivada no estágio. Saiu de férias: duas semanas entre Inglaterra e França.

Em seu descanso passeava com grande fruição, tendo previsto exatamente aonde iria e o que veria. Os pontos altos do dia ficavam por conta de curtir os melhores restaurantes; após horas de caminhadas, a fome sabia abrir o apetite.

No penúltimo dia em Londres, ela recebeu um telefonema após o jantar, elogiando seu currículo, visto em uma rede social, e marcando uma reunião “de interesse mútuo”. Sem saber do que se tratava, ao dia seguinte, ela foi ao compromisso, morrendo de curiosidade. Recebida como uma princesa, foi convidada a um processo seletivo. Ela pediu detalhes, pois estava assumindo uma ótima posição e estava de férias. Ela ouviu que se tratava de uma companhia enorme e de crescimento consistente. Ela reiterou que precisava de respostas quanto ao cargo que viria a ocupar e dos parâmetros aproximados da remuneração.

Disse estar desconfortável em ter sido encontrada no hotel onde estava de férias. Como haviam chegado até ela?

Seus entrevistadores riram, dizendo que estavam à busca das melhores pessoas. Em um telefonema a sua casa, seu irmão dera a indicação do hotel.

– Não é o estilo dele, sempre desligado, ter meu telefone daqui.

– Está nos chamando de mentirosos?

– A conversa está encerrada!

– Você está se esquecendo de um pequeno detalhe: está em nossa firma. Não pode nos ofender e sair por aí. Daqui a pouco teremos uma pessoa falando mal de nós.

– Não houve ofensa nenhuma! Apenas não há sentido algum nessa conversa!

– E ainda tem a coragem de dizer que não houve ofensa!

– Como posso ter ofendido uma firma que nem conheço? É surreal essa maluquice que estou ouvindo!

– Nunca ouvi uma pessoa tão desaforada! Oferecemos um emprego fantástico e tem a coragem de responder dessa forma?

– Acabou. Fui!

– Você não vai a lugar nenhum!

Ao tentar usar seu celular para chamar a polícia, alguns seguranças agarraram seu aparelho e a algemaram. Yasmin, completamente confusa, desmaiou. Acordou morrendo de fome e de frio, em uma cela. Berrou por socorro. Logo veio o mais perfeito exemplo de carcereiro. Ela reclamou de frio e de fome. Em pouco tempo recebeu um casaco bastante embolorado e o pior prato de comida do qual jamais tivera notícia.

Chorou. Seu carrasco deu as costas e se foi. Uma vez saciada e aquecida, apesar do cheiro insuportável, olhou a seu redor e descobriu que não era a única vítima: havia pessoas em outras celas individuais, aos dois lados de um corredor. Todos eram jovens.

Tentou entabular conversa, ninguém respondeu. Yasmin tentou reavaliar as coisas. Não cometera a menor gafe. Houve uma premeditada escalada verbal, ela foi presa sem ter infringido nenhuma lei. Estava em um cárcere privado e oculto às autoridades. A única certeza dela: maldita a hora em que cedera à curiosidade. Já perdera o voo à França.

Quinze minutos após a refeição, Yasmin começou a passar mal. Uma onda de suor empapou seu já gorduroso casaco. Ficou tonta. Teve certeza de que havia algo esquisito no que comera. Isso também poderia explicar a apatia de seus colegas de prisão. A tontura cresceu, e ela desmaiou.

Acordou com uma forte dor de cabeça, sob dois cobertores. Gritou por socorro. Vieram duas pessoas, que, após um exame superficial, deixaram nova refeição e se foram.

– A comida está envenenada? - perguntou a seus vizinhos.

Depois de longo silêncio, arriscou-se a mudar a abordagem:

– Nossa dúvida está entre morrer de fome ou morrer envenenado?

Encarou seus vizinhos, recebendo gestos vagos de ombros subindo. Ninguém falou. Yasmin, dolorosamente, descobriu o motivo. Os guardas voltaram e a prenderam ao catre. Sua boca recebeu uma fita adesiva. A comida e os cobertores lhe foram retirados. Roxa de frio e morta de fome, não evitou um novo desmaio.

Ao acordar se viu desinteressada do mundo circundante – como os demais detentos. Sabendo que falar seria inútil e que seus carcereiros não lhe dariam atenção, viu-se em situação pior do que a de um presidiário. Além de ter perdido as férias na França, perderia a chance de retornar a tempo para assumir seu emprego. Até pensar era doloroso, então ela resolveu cantarolar interiormente para tentar fugir da dura realidade que a assolava.

Notou que alguns de seus colegas iam sendo retirados das celas. Ela teve um lampejo que considerou sua última possibilidade. Haviam proposto um emprego, ocorreu uma discussão inútil, álibi de sua “prisão”. Iria aproveitar a próxima presença do carcereiro para dizer que aceitaria a oferta de emprego. O recado foi entendido e ela não sofreu qualquer retaliação por ter ousado abrir a boca.

Mais alguns dias se passaram, e o carcereiro a retirou dali. Houve uma conversa pragmática, sem recriminações nem perguntas inúteis. Após um treinamento de seis meses, ela ingressaria em uma organização privada de serviço secreto, a mais importante do mundo. O risco é alto, mas os honorários são incríveis e se vive em grande estilo, com viagens a cada semana.

Ela ficou boquiaberta, não sabia se ria ou chorava, se o aparente veneno naquela razão horrorosa apenas tivera a finalidade de predispor-la a aceitar fosse o que fosse. A pergunta sobre o motivo de ela ter sido escolhida seria inútil. Voltar à carceragem não era uma opção. Então, disse que sim.

Ela e outros futuros agentes foram conduzidos por um jatinho particular a um local de treinamento, a várias horas de distância. Além de aulas de defesa pessoal, o grupo aprendeu a hackear computadores. Era proibida qualquer referência às suas identidades. Ela ganhara o nome de guerra “Esquilo”. A organização à que pertencia também era um segredo.

Yasmin não se destacou em artes marciais, o que foi sinônimo de apenar bastante. No uso de armas de fogo teve melhor sucesso. Apenas ao invadir computadores foi acima da média. Após os seis meses previstos, foram premiados em uma singela cerimônia. Ganharam uma conta anônima em algum paraíso fiscal, e receberam um polpudo depósito inicial.

Em seguida, foram destinados à primeira missão de campo: invadir um hospital e resgatar uma pessoa fortemente vigiada. O grupo era formado por mais de trinta pessoas, que chegaram à noite. Yasmin estava na linha de frente, incumbida de neutralizar as defesas da entrada lateral. Foi a primeira a receber um ferimento. Descobriu a dureza de sua profissão: apenas cuidaram dela após concluírem o resgate, e com êxito.

Ela e os dois outros que se feriram não foram remunerados. O recado foi claro: foi ferida? Era um problema sério, mas apenas pessoal. Yasmin decidiu treinar o que a faria sobreviver: o uso de armas de fogo.

Em seis meses, foi a várias missões. Em todas as situações deu conta do que dela se esperava. Em nenhuma delas voltou sequer arranhada. Sua conta secreta no exterior cresceu exponencialmente. Havia poucos dias entre as missões, de modo que todos dosavam o descanso e o treino nesses momentos.

Yasmim teve uma oportunidade rara: a sala da chefia estava aberta e o computador ligado. *Hackeou* o que pôde, sem deixar rastro. Queria saber para quem trabalhava e o motivo do processo de recrutamento que se aproxima a um sequestro. Apenas descobriu um padrão na repetição dos nomes: Huffam, Bleak e Esther.

Nos dias seguintes, até desconfiou do que descobriu, por parecer óbvio: Huffam é um dos sobrenomes de Charles Dickens. Bleak House é “A Casa Soturna”, das mais importantes obras dele e da qual Esther é a mais importante personagem. Seria Bleak o codinome da organização, chefiada por Esther e criada por Huffam?

Nas próximas missões, continuou a se destacar, com o uso de suas armas preferidas. Tomou coragem para abordar um dos que a treinara. Começou perguntando generalidades sobre os honorários, quantos ele costumava treinar. Ele respondeu evasivamente: todos ganham bem, sempre há bons garotos para serem treinados. Yasmim percebeu que desse

mato não sairia coelho. Teve a ideia de pedir para ajudar no preparo das missões como *hacker*. Funcionou.

Preparando uma tarefa, entrou em cena uma agente lívida, já madura, que ordenou preparar a mais importante missão já recebida. Vieram dois dias sem um minuto de sono. Yasmin ficou focada em obter dados. A missão foi pura adrenalina: os especialistas na abertura de cofres forçaram a entrada em um depósito displicentemente guardado para apanhar a fórmula de produção de um licor centenário. Foi a tarefa mais tranquila de Yasmin enquanto agente: não havia ninguém, não houve nenhuma resistência.

Ao chegar à base, ela já não tinha mais dúvidas: conhecera Esther e sabia que Bleak era uma organização clandestina e mercenária. Como justificar que o roubo de uma fórmula de bebida fosse a mais importante missão já recebida? Como justificar aquela forma violenta de “atrair” novos agentes? A partir daí, Yasmin apenas trabalhou para planejar sua fuga.

Um mês depois, enquanto fazia a retaguarda de seu grupo, teve a ocasião adequada: as coisas estavam tranquilas. Recuou em silêncio até deparar-se com um carro; quebrou o vidro, entrou, fez ligação direta e saiu em disparada. Trocou de veículo em um posto de gasolina, para despistar. A estrada indicava um conhecido porto, com conexões a diversos países. Chegou sem dificuldades, abandonou o veículo e comprou um bilhete para o mais concorrido destino disponível.

Antes de embarcar percebeu ser vigiada. Comprou bilhetes a outros dois destinos. Entrou no primeiro deles, e trocou suas roupas rapidamente. Havia gente entrando e saindo, misturou-se às que saíam, e embarcou a outro destino. Trocou de roupa pela terceira vez para dificultar o trabalho de seus perseguidores.

Brincou consigo mesma: após tanta troca de roupa e de destinos, ela mesma já não sabia mais quem era, nem aonde ia. Parece que conseguiu se safar. Chegou ao destino, entrou em um táxi e foi a um hotel no centro da cidade. Sua única preocupação foi transferir os recursos de sua conta secreta à sua velha conta bancária.

No dia seguinte se dirigiu à embaixada de seu próprio país, narrando o ocorrido e à busca de saber quem a capturara. Disse que suas possíveis pistas deveriam ser falsas e as enumerou. Curiosamente, captou a atenção de seus ouvintes mais do que nunca. Pediram a melhor descrição possível de Esther e da sede de Bleak. Apesar de ter trazido informes que julgara úteis, não encontrou quaisquer respostas. Despediu-se e iria retirar-se, quando a prenderam, acusando-a de cooperação com o crime organizado. Os que a interrogaram fizeram uma chantagem: sua liberdade em troca do que ganhara. Yasmin mal podia acreditar que membros da embaixada de seu país fizessem tal oferta. Perguntou pelas garantias que teria, ouvindo por resposta que Esther estava movendo mundos e fundos atrás dela, e que

deveria agradecer por poder se safar. Que remédio! Lá se foram os frutos de seu trabalho!

Ao dia seguinte, foi levada algemada a um aeroporto, aonde pôde reconhecer tristemente o jatinho. Na Bleak House, Esther a cumprimentou por ter fugido com sucesso, apesar de ter tido a infelicidade de confiar na embaixada. Em vários anos de existência, Yasmin fora a única a fugir. Todavia, dado que escapara durante uma missão e diante de vários agentes, não havia perdão possível: eram as regras que Huffam estabelecera.

A execução seria ao início do dia seguinte, e diante de todos – para que servisse de exemplo e desencorajasse novas fugas. O pessoal que a capturara na Embaixada também faria parte do pelotão de fuzilamento. Yasmin teve um novo desmaio. Fatal.

Navalha

Rodrigo Duhau

A lágrima solitária escorria preguiçosamente pela face direita. Os olhos expressavam uma amálgama de sentimentos: tensão, angústia, medo, dor... O coração pulsava acelerado, descontrolado. Um suor nervoso umedecia sua pele. Em seu pescoço, o antebraço esquerdo dele forjava uma pressão torturante. Na mão direita, uma navalha, a mingua dos milímetros de um dos olhos dela.

A chuva fina teimava em cair naquela isolada rua: sem saída e com iluminação escassa. Ouviam-se apenas o choro preso e a aflita respiração dela. Ouviam-se também as frias e doentias ameaças dele. Ela, imóvel. Força, já não a possuía. Estava entregue, de corpo e alma, à desesperadora situação. Preparou-se para o pior, e ele não tardou em chegar.

O homem começou a deslizar a lâmina pelo corpo daquela triste mulher. Rosto, pescoço, seio, estômago, vagina. Deslizava de forma suave para que ela somente sentisse o gélido metal. Não queria machucá-la. Agora não. Queria, sim, torturá-la. Essa espécie de carinho macabro causava nela um arrepio embebido de suplício. Proporcionava a ele uma excitação, que recrudescia à medida que os grunhidos amedrontados da vítima também se ampliavam.

A chuva se intensificou. E um grito ansioso invadiu aquele lúgubre cenário: – Corta! – disse o diretor. A gravação do filme continuaria depois que a tempestade passasse. A cena se reiniciaria com o escorregar preguiçoso de uma lágrima solitária pela face direita daquela talentosa atriz.

Não vá para longe

Rosana Arruda de Souza

Beatriz chegou a casa atordoada pelos últimos acontecimentos. Sentou-se na cama, chorou e esbravejou. Aquilo não poderia estar acontecendo com ela.

Meu Deus! O que eu fiz? O que eu fiz? E agora? O que eu faço? O que eu faço?

Começou a despir-se. Tirou o casaco e aproximou-o a si, sentiu o cheiro dele.

– Seu cheiro ainda está aqui.

Tirou a blusa branca e nela parecia ainda vivo o sangue derramado naquele dia.

– Não precisávamos ter chegado a este ponto! Agorinha tudo virá à tona. Preciso estar bem, preciso me arrumar para que ninguém perceba meu real estado. As pistas foram apagadas, a única coisa que restou de você está aqui estampada – dizia ela com a blusa nas mãos.

Tomou banho. Esperou anoitecer.

O telefone tocou:

– Ele morreu, morreu. Beatriz, nosso Gustavo... foi assassinado.

Era a ex-sogra de Beatriz e estava desesperada, intercalava suas palavras com choro e suspiros.

– Não pode ser, dona Glória. Quando? Como foi isso? Meu Deus! Não pode ser!

– Morto, minha filha! Aaaaah! O encontraram hoje pela manhã em seu apartamento. O agrediram com os estilhaços de uma garrafa. Nada se sabe. Não foi roubo, não levaram nada, e não há nenhuma marca de arrombamento na porta.

Beatriz não conseguiu escutar mais nada. Largou o telefone, deixando a voz e o choro de dona Glória ecoarem no vazio de sua tristeza e na sua consciência que pesava mais e mais.

– Aconteceu o que deveria ter acontecido. Não posso me arrepender, sua vida não faria mais sentido aqui.

Passou-se o tempo necessário para a análise do corpo, mas nenhum sinal foi encontrado além das feridas dos estilhaços. No quarto de Gustavo, também: nada.

Era chegado o momento do velório.

Beatriz adentrou a sala e estava impecável naquele vestido preto. A maquiagem singela e o batom matte iluminavam ainda mais o mistério de seu olhar. Sempre fora uma mulher que chamava a atenção e ali, naquele momento de despedida, sua beleza não foi ignorada e vários olhares se voltaram para ela: uns de admiração; outros de pesar, pois reconheciam o grande amor sempre presente entre ela e Gustavo; e um de inveja e rancor, que vinha do fundo da sala. Era o olhar de Emanuele.

Perto do caixão, Beatriz animou-se a tocar as mãos de Gustavo e o peso do seu crime veio com tudo sobre a sua memória.

– Por que não tive paciência? Eu poderia ter esperado e hoje poderia ter, ao menos, o seu olhar para me abrigar todos dias da minha vida.

Dois anos se passaram.

Beatriz está numa consulta médica.

– Então você gostaria de engravidar?

– Sim, mas tenho receio devido ao meu histórico.

– Sim, você realizou um aborto há dois anos....

E a conversa se prolongou, até que Beatriz saísse de lá feliz com uma notícia.

Ao chegar à casa, Beatriz abriu uma das gavetas da cômoda e de lá retirou a blusa, a mesma que usara no dia da morte de Gustavo, em que o branco ainda se misturava a umas manchas, agora, quase negras.

No dia da morte de Gustavo, ainda antes do amanhecer, Beatriz tivera uma hemorragia, mas, no pronto-socorro, o médico a confortou ao dizer que poderia prosseguir com a gravidez. Mas ela se recusou.

Ela sempre dizia que quando tivesse um filho, ele teria o mesmo olhar terno de Gustavo...

Mas estava muito abalada por uma discussão que tivera no dia anterior com Gustavo. Ela havia resolvido que a solução seria que os dois se afastassem por um tempo, pois a confiança entre eles estava abalada, por conta de uma suposta traição de Gustavo.

“Mas só não vá para longe”. Foram as últimas palavras dele.

No dia seguinte, pela manhã, Emanule quebrou uma garrafa no apartamento de Gustavo, depois de não suportar ouvir dele que jamais poderia amá-la.

O observador

Rúbi Renck Pires

Com os olhos entreabertos, ainda receoso de abri-los após o susto provocado por um ruído ensurdecedor e constante, como aquelas músicas em que as notas não estão em completa harmonia e de longe não são agradáveis aos ouvidos, hesitei em acordar. O barulho alto que sai da sábia invenção do homem, criada com o intuito de guiar o tempo nosso de cada dia, não foi o único som que me fez teimar em saltar do sono e ver, em uma primeira impressão, a decoração desanimadora do quarto em que durmo. Os gritos efervescentes de pessoas atrasadas para o trabalho e as buzinas de uma fila de carros presos no trânsito caótico da cidade me fazem lembrar que hoje, para sustento de minha tristeza, já é segunda-feira.

É válido ressaltar que, para todos os dias da semana, possuo uma rotina diferente. De segunda à sexta, sigo o mesmo ritual de me preparar, logo cedo, para ir ao encontro de um bom café da manhã. Aos sábados, domingos e feriados engano a fome matinal com horas a mais de sono, levantando após o meio-dia, desta vez com o barulho do ronco de meu esfomeado estômago. O fato de possuir uma rotina já pré-determinada me entristece muito, pois acabo tendo que realizar as mesmas atividades todos os dias, sem a injeção de momentos emocionantes que me façam pensar que a vida possui algum significado.

Por enquanto, vamos nos deter aos detalhes dos acontecimentos rotineiros pela parte da manhã. Com o decorrer da história, darei devida atenção ao restante do dia. Enfim, levantei-me do sono dos justos, fiz uma leve onda de preguiça, mergulhei o rosto em uma gélida poça de água e, no minuto seguinte, desci em direção ao lugar que para o tamanho de minha fome, tornava-se uma mina de ouro a espreita de ser descoberta: a cozinha. Desci com cautela a escadaria que me coloca em minha rústica e mal decorada sala de estar e, dando leves dezoito passos, cheguei ao destino final, ao xis do meu mapa mental. Ainda tomando cuidado, caminhei em direção a mesa para pegar um pacote de bolinhas de queijo para comer escondido quando, de repente, ouço sons de sapatos descendo a escadaria e conversas de quem não se preocupa com atrasos ou com tempo perdido.

Para evitar confusões, peguei o pacote de bolinhas de queijo e me escondi atrás de um dos balcões, esperando o momento certo para subir. Abaixado, fiquei a escutar a conversa que, sem pressa, iniciava-se com o patriarca e ocupava os primeiros minutos daquela fria manhã de inverno:

– O jornal por acaso já chegou?

– Seria mais educado de sua parte dar bom-dia primeiro, não acha? - respondeu a mulher.

– Você sabe que, antes de tomar minhas primeiras decisões, eu preciso tomar uma xícara de café e ler o meu jornal.

– Nós dormimos na mesma cama, descemos a escadaria ao mesmo tempo e agora estamos a dividir a mesa, já não era hora de você me dar um bom-dia?

– E qual a diferença que existe entre eu lhe dar bom-dia agora ou depois de ler o meu jornal? Que droga!- retrucou, zangado, o marido.

– É, pelo visto tem gente que dormiu com os pés destapados hoje.

O marido fitou-a por cima do jornal e reagiu com uma expressão de estresse e desaprovação. -Mas então, já que eu não ganho um bom-dia, me conte, o que tem de tão interessante nesse jornal, que causou a pressa de ser lido?

– É esperado para hoje o anúncio de minha candidatura a prefeito da cidade.

– Anúncio de quê?

– Da minha candidatura, para prefeito do município. Semana passada me reuni com os meus assessores e acertamos tudo sobre a campanha, slogan, cores, design, toda essa parte gráfica.

– Ah, é sério? Com o consentimento de quem?

– E desde quando eu, um homem barbado, preciso de consentimento de alguém? - Desde que você saiu da casinha da mamãe para então casar comigo, eu tenho o direito de no mínimo saber quais são suas ideias de vida, afinal, elas implicam a mim também.

– Mas era só o que me faltava! Você deveria era me agradecer, porque é graças ao meu suor e esforço que tem comida nessa mesa.

– Ah, sem essa, meu querido. Onde já se viu político dar suor e esforço?

– Que fique bem claro que a minha decisão já está tomada. Se você não está satisfeita com o rumo que minha vida está tomando, saia dela.

– Não é sobre o rumo de sua vida o assunto, homem. Você está cheio de segredinhos e isso tem me tirado do sério. Primeiro as reuniões noturnas no escritório, depois os fins de semana longos de viagem e agora, candidatura a prefeito sem me avisar? Assim não dá.

Não sei se é, de fato, apropriado dizer isso, mas devo confessar que esse está sendo o melhor início de uma fria manhã de inverno de todos. Há meses que sustento o meu plano para furtar as deliciosas bolinhas de queijo e nunca tinha visto uma cena tão carregada de adrenalina como esta. A estas horas, minha fome cessou e deu lugar a uma incessante curiosidade em ver o desfecho de uma cena digna de horário nobre.

Em um sobressalto percebo que o homem, com uma vermelhidão em seu rosto que denunciava o quão bravo estava com toda aquela situação, levantou-se, empurrou a mesa e, aos berros, sugeriu:

– Se você está tão infeliz com esta situação, assine o divórcio!

A mulher fitou-o por um instante, estupefata, sem conseguir acreditar no que lhe havia sido proposto. Em todos os anos em que vivo nesta casa, apesar de ter que ser obrigado a acompanhar com certa frequência as brigas matinais, impulsionadas pelas horas que ainda restavam para que tivessem

um sono dos anjos, nunca havia assistido a algo tão real e ao mesmo tempo intenso. Devo confessar que levei um susto com os primeiros gritos mas, agora, estou receoso e com medo do que pode vir a acontecer após o marido ter pronunciado aquela drástica frase. Então, pego o pacote de bolinhas de queijo e olho atentamente por todos os cantos da cozinha, concluindo que a área está limpa. Subo, em passos lentos, a extensa escadaria que me leva até ao quarto e volto para o meu espaço, retraindo-me, mas sempre com os ouvidos atentos para acompanhar o desfecho da fria cena que ocorre lá embaixo.

Ao me distrair levemente com o que conseguia enxergar de lá de fora pela janela, dou um salto para trás assim que ouço um ruído forte e perturbador. Eu poderia ter pensado em inúmeros objetos que pudessem causar um som parecido com o que acabei de ouvir mas, no momento, só consegui pensar que algo de muito ruim aconteceu no ambiente que antes, para mim, era um paraíso. O barulho que eu ouvi era, sem dúvida, de um tiro. Em questão de segundos, entrei em desespero com o que eu, na confusão de meus pensamentos, pensava ter acontecido. Inúmeras eram as possibilidades, mas a única certeza que eu tinha era de que uma tragédia havia acontecido. Minhas pernas tremem, estou ficando cada vez mais pálido, sem saber que reação tomar. Por um instante, começo a pensar nas hipóteses que montam um possível crime: a mulher cometeu suicídio por causa da última pergunta feita pelo marido, o homem cometeu suicídio porque não aguentava mais a mulher, a mulher matou o marido por ter se irritado com a frase ou o homem matou a mulher porque julgava ser uma solução mais eficaz do que uma possível demora na justiça do processo de divórcio.

Contrariando os sentimentos que me deixavam em uma situação desconfortável, decidi descer até a cozinha ou pelo menos até um cômodo antes para ver o que havia acontecido, antes de ir para a próxima casa. Ao final da escada, vejo uma cena assustadora. A mulher está morta, estirada ao chão, com sangue esparramado por todos os cantos e a arma do crime em sua mão, para uma suposta simulação de suicídio, ou não.

Mais uma vez, desperto de onde estava assustado com um barulho similar ao da máquina que conta as horas da casa. Desesperado, corri até a porta para conseguir passar em uma brecha deixada pela polícia, que entrava porta adentro, coletando o que poderia servir como prova e analisando a cena do crime. Já do lado de fora, respiro fundo e suspiro, aliviado, por conseguir ficar fora da cena do assassinato.

Não que um rato fosse fazer alguma diferença em um suicídio ou algum assassinato, mas não é bom arriscar que eu me torne uma vítima de algo tão cruel, afinal, apenas os gatos possuem sete vidas. Sustos, experiências cruéis de um curioso narrador, que tem como parte da rotina observar e analisar, atentamente, o comportamento humano. Tendo cautela, é claro, para não perder ao longo do caminho, nenhuma história.

Após me preparar para ir para outra casa, percebo que não estou com o pacote de bolinhas de queijo que queria muito comer. Não me preocupei tanto, assim que todo o tumulto passar, voltarei até a casa, para ver se consigo escutar algo sobre o desfecho.

A Casa da Colina

Sergio Dias de Oliveira

Drake Tarrantine Russel era um garoto misterioso. Possuía estranhos modos e sempre foi tímido e solitário. Convivia apenas com sua avó, Emily, e seu gato preto, Poe. Sua mãe, Anne, havia morrido durante seu parto, seu pai não sabia sequer o nome. Sua avó dizia que Anne fugira com índios locais e o gerou em um ritual xamânico no verão de 77. Drake trazia ao pescoço um talismã Abenaki, uma esmeralda oval. Os abenakis habitaram toda a Nova Inglaterra antes da colonização. O colar era a única recordação de sua mãe.

Saía pra ir à escola ou pra se aventurar na floresta. Vez em quando se divertia pescando no grande lago, na parte de trás da casa e também frequentava uma livraria, anexa ao prédio da prefeitura do Condado. Residia no velho casarão da colina. A casa fora erguida em 1812, por seu bisavô, Gaston Russel. Um homem rude. Temido em todo estado do Maine, devido ao seu temperamento e ao Colt 45, que sempre trazia na cintura. Drake herdou a arma, e a guardava em meio a seus livros na estante. Drake só não herdara a aspereza de seu bisavô. Era leve e gentil, tinha traços indígenas, amava seu gato, música e história em quadrinhos. Sempre quis saber por que seu nome tinha Tarrantine e não Clark. A avó não gostava de falar sobre a família.

A casa da colina era afastada do centro do Condado, e o povo local dizia haver uma maldição sobre ela. Tinha as paredes externas cinzas com detalhes brancos nos beirais, seu interior, era revestido por um papel de parede verde-água. Tinha uma varanda em todo seu entorno. Uma grande sala e uma cozinha ampla em sua parte inferior. Uma escada de nogueira negra levava aos quartos na parte superior. Havia 7 aposentos no total. Suas portas tinham verde na cor, mas um verde escuro, militar. Todos menos o último deles.

Esse tinha a porta negra. Permaneciam todos abertos. Todos menos um, o de porta negra, que ficava ao final do corredor. Suas janelas davam para o grande lago atrás da casa. Lustres e abajures franceses decoravam a casa, e havia arandelas em todas as portas. Todas, menos a porta negra. Nessa, sequer havia sombras à noite. Ou somente sombras.

O ano letivo recomeçava, e Drake, com seu jeito diferente, chamou a atenção de dois novos alunos, recém-chegados ao Condado. Eram Megan e Chester Mitchell. Um casal de irmãos, vindos da Luisiana, mais precisamente da cidade de Nova Orleans. Seus pais haviam se mudado a trabalho. Drake estava à época com 16, quase 17 anos. Mesma idade de Chester, e quase 2 anos a mais que Megan.

Certa manhã, Drake comia seu sanduíche nas arquibancadas da pista de atletismo da escola. Megan e Chester sentaram ao lado dele, sob o céu azul do verão. Drake com fones no ouvido, sequer deu atenção. Megan

percebeu que ele ouvia Robert Johnson. Ela adorava blues, afinal, eram de Nova Orleans. Então, num impulso perguntou:

– Conhece a lenda? Drake apenas consentiu com a cabeça. Conhecia.

Nesse mesmo dia, quando acabaram as aulas, Megan correu até Drake no portão, e enquanto ele subia em sua bike para voltar pra casa, deu-lhe um pen-drive em formato de Lisa Simpson, com vários blues. Ele sorriu e agradeceu. Subiu em sua bicicleta, e seguiu. Pedalava 5 milhas até chegar ao lago. E o contornava observando as janelas dos quartos, todas abertas com suas brancas cortinas tremulando ao vento. Todas menos uma. A janela do quarto dos fundos, de porta negra, ao final do corredor.

Essa permanecia sempre fechada. Cortinas escuras ocultavam seu interior, apesar de Drake jurar já ter visto algo por entre as suas frestas.

Ao anoitecer, as 21:00, sua avó apagava as luzes da velha casa. Drake chaveava a porta, acendia um abajur, e ficava ouvindo som no fone de ouvidos. Escrevia poesias, ou lia algum de seus muitos livros e histórias em quadrinhos.

Nas madrugadas ouvia sons, barulhos vindos do corredor. Ouvia vozes e até mesmo discussões. Parecia ouvir alguém chorar, alguém pedindo ajuda. Colocava o som no volume máximo e tentava fingir que aquilo era irreal. Tinha a impressão de que alguém estava encostado na sua porta, e que algo caminhava no corredor pela madrugada. Drake Russel passou por momentos terríveis, desde a infância, ouvindo os sussurros que insistiam em ocorrer nas frias noites do Maine. Muitas vezes, só conseguia adormecer, abraçado a Bíblia Sagrada.

Até os 7 anos, dormiu ao lado da cama da avó. Nessa época, uma velha senhora indígena auxiliava a Sra. Russel. Seu nome era Genessee, e ela morreu ao cair da janela do quarto ao final do corredor, mergulhando pra nas águas turvas do lago. Aconteceu no outono de 86, em uma madrugada na casa da colina.

Drake tinha 6 anos, mas recordava as luzes dos carros de polícia. Buscaram o corpo por meses, nunca encontraram. O caso foi registrado como suicídio e como ninguém reclamou o cadáver, o xerife local arquivou o caso.

Naquela mesma noite, a Sra. Russel o fez jurar que nunca entraria naquele cômodo. Nem de dia e jamais à noite. Quando Drake ganhou seu próprio quarto, ao lado da avó, a mesma o fez prometer que a noite o trancaria com todas as voltas da chave. Sem jamais abri-lo, até que raiasse o dia.

Durante o decorrer do ano letivo, Drake aproximou-se dos irmãos Mitchell. Encantou-se com Megan Mitchell. Ela era simples e bela. Chester era engraçado e inteligente. Gostavam os 3 de leitura, blues e rock and roll. Um dia Chester não foi à escola devido a um resfriado. Durante o intervalo, enquanto pensava em como lhe dizer o que sentia, Megan o puxou pelas

golas do casaco e o beijou. Passaram a namorar e com o passar dos dias, Megan passou a insistir em conhecer a famosa casa da colina. Queria também conhecer a avó de Drake.

Queria muito levá-la, queria ir além dos beijos com ela, mas temia pela segurança de Megan e tinha receio da reação de sua avó, após tantos anos sem visitas. Mas ainda assim, prometeu que a levaria naquela noite. Marcaram de se encontrar as 19:00 em frente à escola. Drake não avisou sua avó sobre Megan.

Quando chegou pra buscá-la, Megan estava estonteante. Tranças nos cabelos e vestidos brancos com franjas. Drake a colocou na garupa da bicicleta e seguiram. Conforme se aproximavam, ao longe viam o grande lago refletindo a lua, já imponente no céu coberto de estrelas. Refletia também as luzes da casa e as luzes das janelas dos quartos. Menos a 7^a, que permanecia apagada e sombria, com suas escuras cortinas.

Chegaram quando sua avó servia o jantar. Fez Ragout de Patte de Porc- Carne de porco e vitela, temperados com canela, cravo, e em seguida farinha. De sobremesa, Crawberry Pecan Pie- Uma torta colorida e deliciosa. Pratos típicos do Maine.

Ao ver a garota, assustou-se, e questionou Drake sobre a garota. Ele explicou quem era e então sua avó pediu que ela sentasse a mesa. Chamou Drake na varanda e disse que ele não deveria tê-la trazido. Era perigoso, e assim que acabassem de jantar, ela deveria ir embora. Drake consentiu com a cabeça.

A comida estava ótima. O maior prazer de Emily Russel era cozinhar.

Após a sobremesa, Drake e Megan foram até a varanda enquanto a Sra. Russel tirava a mesa. Mas Drake desobedeceu a avó e subiu silencioso a escada, entrou com Megan em seu quarto e chaveou a porta. Poe dormia em sua poltrona e assim permaneceu.

Deitaram a cama e começaram a se beijar. A Sra. Russel lavava a louça. Drake e Megan transaram e exaustos adormeceram. O trinco da porta girou por fora, as luzes começaram falhar e piscar. Um copo escorregou das mãos da Sra. Russel e espatifou-se ao chão. Drake acordou com o barulho. As luzes se apagaram e a casa ficou em completa escuridão. Drake percebeu a porta entreaberta e notou que Megan não estava com ele. O talismã em seu peito começou a brilhar em um verde intenso. Sentiu sua espinha gelar com passos no corredor, que vinham em direção à sua porta.

Ele mal conseguia raciocinar. Precisava ter coragem, precisava salvar Megan e sua avó. Então, lembrou-se do Colt45 do seu bisavô e o apanhou atrás dos livros na estante. Os passos no corredor cessaram. Drake empunhou o Colt e caminhou em direção à porta. Mas antes que pudesse tocá-la, a porta abriu-se bruscamente. Drake engatilhou a arma, tremia até os ossos. Chegou até o corredor a tempo de ver um vulto adentrar o quarto proibido e a porta bater. A esmeralda brilhava e iluminava o caminho a sua frente.

Chegou até a porta negra. Não havia alternativa, precisava abri-la. Empurrou a porta com cuidado e deparou-se com Megan, sentada ao chão em prantos. Sua avó estava sentada em uma cadeira velha em transe com os olhos arregalados e entre as duas, em pé, no centro do quarto, uma entidade com mais de 2 metros de altura. Um feiticeiro abenaki. Os olhos do bruxo brilhavam como fogo e parecia ter um século de vida, devido a sua pele enrugada.

A entidade volitou e veio até Drake e o apontou a esmeralda que brilhava. Estendeu a mão, exigindo o talismã. Drake hesitou, mas sem muitas opções, retirou do pescoço e deu-o ao velho xamã.

O feiticeiro colocou o colar em seu pescoço, e volitando, recuou até o centro do quarto.

Megan correu para os braços de Drake, e ambos ajudaram a Sra. Russel a voltar a si e sair dali com eles.

O xamã começou a entoar cânticos. Uma luz intensa tomou o aposento. Andaram de costas até a porta negra e passaram ao lado de fora no corredor. A porta fechou-se a frente deles. As luzes voltaram. Desceram as escadas e saíram da casa pra varanda. Depois chegaram até a estrada, cheios de pavor e alívio.

Sua avó então lhe disse quem era o bruxo abenaki. Era Maheegan Tarrantine, seu pai. Seu espírito vivia preso naquele quarto. O talismã foi seu elixir.

Ao saber que sua mãe, Anne, estava grávida de um feiticeiro indígena, Gaston Russel seu bisavô o amarrou, torturou e matou naquele quarto, Genessee era sua avó paterna, e matou-se devido ao desgosto de saber que o filho jazia preso à maldição.

Agora Maheegan estava livre do que o aprisionava ao local de sua morte. Agora poderia descansar seu espírito com seus ancestrais, nas florestas, nos lagos, e nas pradarias da Nova Inglaterra.

Os 3 dormiram abraçados, sentados, juntos no banco da varanda com um cobertor velho. As janelas do último quarto amanheceram abertas.

O pai de Megan buzinou na entrada da casa. Da velha casa da colina.

Eu me perdi de mim

Silvano Messias dos Santos

PARTE I

Após apertar o gatilho, se aproximou da janela – de onde Elisa despencara – e viu o corpo nu dela lá embaixo, estendido no chão, completamente imóvel.

Fechou os olhos e respirou fundo, pacientemente, como se nada estivesse acontecido. “*Foi mais simples do que imaginei*”, pensou. Agora bastaria se livrar do corpo e sabia exatamente como proceder. Então desceu as escadas, caminhando em direção à varanda, e de repente parou, olhos esbugalhados pela perplexidade.

O corpo de Elisa não estava mais ali. Simplesmente desaparecera! Olhou para cima, em direção à janela do segundo andar, e viu apenas o lençol que a envolvia enroscado na vidraça. Voltou a observar o chão vazio, em pânico. Pôs-se então à escuta, mas o barulho dos trovões e da chuva que reiniciava impedia ouvir algum som que denunciasse onde estava Elisa. Sacou novamente a arma do bolso do casaco, mantendo-a a frente do corpo, e avançou silenciosamente para os fundos da casa de campo. Estava quase lá quando ouviu o motor do carro zunir na garagem. Correu até o portão principal, para impedir a passagem de Elisa. Entretanto, ficou completamente sem ação quando a caminhonete surgiu à sua frente.

Quem estava ao volante não era Elisa!

Numa fração de segundos, avistou a moça no banco de traz, sorrindo cinicamente. Apontou a arma e atirou, mas o veículo já atingia o portão, pneus chiando sobre a neve em direção à estrada escura. Então correu até a garagem, ajustou o capacete às pressas na cabeça e acelerou a motocicleta off-road BMW F650, que saiu em disparada debaixo do temporal.

PARTE II

Era 12 de junho, dia dos namorados. O frio quase abaixo de zero, que parecia intensificar-se a cada segundo pelo leve chuviscar repentino, me fazia apressar pelas ruas à procura de abrigo. Antes de chegar ao semáforo, parei sob a marquise de uma loja de eletrodomésticos com aparência desgastada para atender o celular que vibrava insistentemente no bolso do casaco de moletom.

– Oi! O que deseja? – falei, receosa, observando que se tratava de outra chamada restrita.

Não obtive resposta.

– Alô? – perguntei, olhar atento à rua deserta.

– Elisa, aqui é Paola! – anunciou a voz desconhecida, após uma longa pausa. – Como?! Você...

Desligou.

Estremeci, sentindo um mal-estar súbito. “*O que está acontecendo?*”, me pergunto, confusa, já arrependida pela caminhada de fim de tarde. Pela tela espelhada do celular, vejo meu rosto, lívido feito papel branco. “*Paola morreu há três anos!*”, murmuro internamente, entre lágrimas, sentindo o corpo enrijecer. Quando o semáforo libera passagem para pedestres, prossigo pelas fachas brancas pintadas no asfalto, quase camufladas pelos flocos de neve, perdida em meus pensamentos, completamente alheia a tudo à minha volta. E tudo o que aconteceu em seguida foi muito repentino, num estilhaço de segundo. Caminhava distraidamente sobre as marcas transversais quando ouvi o arrancar de um veículo acelerando em minha direção, na velocidade da luz. As pernas fraquejaram, paralisando-se em plena passarela. A imagem da morte imediatamente invadiu-me os olhos: podia prever a lataria do automóvel colidir contra meu corpo franzino e lançá-lo à distância, cabeça chocando-se contra o meio-fio e perdendo os sentidos.

No último instante tentei fugir, mas o impacto já era inevitável. Após voar pelos ares, me vi no chão, incapaz de executar qualquer movimento. O carro amorteceu a velocidade e estacionou a poucos metros à frente. Vi a porta abrir e um vulto caminhar em minha direção.

– Por favor, me ajude! – pedi num tom de voz arrastado e ofegante, enquanto a cabeça dava voltas e me contorcia no asfalto frio. – Não consigo respirar.

O vulto, vestido de capa preta e máscara facial, parou ao meu lado e cruzou os braços, sem tomar nenhuma providência.

– Me ajude, por fa-v-vor! – implorei pela última vez, com as forças já mortas. O vulto aproximou-se um pouco mais do meu corpo estendido no chão. Arregalei os olhos, atônita, e vi uma mão fechando o punho, para em seguida desferir socos violentos em meu estômago. Sentia gosto de sangue vindo à boca, afogando-me. A dor agora era terrível e me consumia violentamente, já ultrapassando os limites suportáveis. Então, tudo escureceu.

Não faço ideia de quanto tempo permaneci inconsciente. Após uma sequência perturbadora de sonhos desconexos e confusões mentais, despertei em pânico. Havia hematomas espalhados pelo corpo inteiro e minha cabeça latejava, como se o cérebro estivesse se deslocado e fosse explodir em fragmentos.

– O que aconteceu comigo? – indaguei, ao dar conta de que estava completamente nua sobre uma cama de casal, num quarto escuro e desconhecido.

Os reflexos dos raios dos trovões entravam pelas vidraçarias das janelas e resplandeciam o ambiente hostil no qual eu estava. Com dificuldades, levantei da cama e rastejei até a janela, com o coração batendo acelerado, quase pulando para fora do peito. Após afastar as cortinas, me deparei com

montanhas e matas virgens à minha frente: eu estava reclusa no segundo andar de uma moderna casa de campo!

Temerosa, cambaleei até a porta do dormitório, envolta no lençol térmico disposto ao lado da cama. Girei vagarosamente a maçaneta, que para minha surpresa destravou, me revelando um corredor estreito e turvo. Observei que as luzes dos cômodos térreos estavam acesas e me propus a descer a escada, um degrau de cada vez, alerta a qualquer sinal de perigo.

Sem fazer qualquer barulho, cheguei à cozinha e espiei pela fresta da porta semiaberta, através da qual avistei uma varanda espaçosa e uma piscina situada no miolo do jardim. Precisava fugir dali o mais depressa possível. Então resolvi atravessar o jardim, trêmula de frio e medo. De lá, observei que, à direita da varanda, uma sinuosa escada de pedras subia para a cobertura e terminava numa casinha com duas janelas de madeira acima do segundo andar, sustentada por quatro pilares.

– Uma ermida! – admirei, identificando uma cruz no topo do pequeno templo. Mas nem tive tempo suficiente para apreciar a bela construção. Quando fixei os olhos na direção da capela, vi uma vela surgir em uma das janelas e se apagar logo em seguida.

Alguém me observava lá de cima!

Fiquei pálida e o coração congelou quando distingui um vulto descer a escada de pedras apressadamente. Em pânico, corri imediatamente para o interior da residência, em direção ao quarto onde estava. Assim que bati a porta, que estava sem trancas, ouvi passos no corredor, o que potencializou meu desespero. Os passos foram ficando cada vez mais próximos. De repente, o corredor se iluminou e tudo silenciou.

Então olhei para o piso... e vi a sombra de uma pessoa parada detrás da porta! Corri até a janela e cruzei a perna direita sobre ela, deixando-a suspensa no ar: estava disposta a me jogar lá de cima, do alto do segundo andar, de encontro ao calçamento de pedras, caso fosse atacada. Sobreviveria?

A porta do quarto abriu lentamente e por ela passou uma sombra, camuflada de capa preta e capuz.

– Com medo de mim, Elisa?

– O que você quer comigo? Eu vou...

A voz morreu na garganta quando vi uma arma apontada na minha direção. Tentei raciocinar. Me considero uma mulher esperta, invicta. Conseguiria sobreviver àquela cilada. Mas o sujeito misterioso apertou o gatilho friamente, num ímpeto, e o meu joelho esquerdo explodiu, esguichando sangue no lençol. Berrei alto e, ao tentar segurar o joelho ferido, me desequilibrei, despencando janela abaixo.

Quando meu corpo se chocou violentamente contra a calçada de cimento e pedras, o mundo enegreceu. Escuridão total.

PARTE III

– A senhora já ouviu falar sobre distúrbio de personalidade múltipla? – perguntou Dr. Carvalho, apoiando as mãos entrelaçadas sobre a mesa.

Tereza franziu a testa, meneando a cabeça negativamente.

– Veja bem... – começou o psiquiatra, afrouxando o nó da gravata. – O distúrbio de personalidade múltipla, ou TDI, é uma perturbação, uma condição mental em que um mesmo indivíduo convive, em seu próprio corpo, com personalidades distintas, que se alternam em contextos diferentes. A pessoa que sofre com o distúrbio de personalidade múltipla muitas vezes nem sabe que existem “outras pessoas dentro dela” – ele fez o sinal de aspas com os dedos – e que estas diferentes personalidades ou identidades, também chamadas de alteres, podem assumir o controle do seu comportamento.

Tereza ficou calada, concentrada no que Dr. Carvalho estava dizendo.

– Em geral, o TDI está relacionado a algum trauma de infância. – continuou o psiquiatra. – A vítima cria novas identidades, até dezenas delas, como forma de obstruir o trauma sofrido. Enfim, é um assunto complexo, sobre o qual tenho lido muito ultimamente, sobretudo depois que conheci sua filha, a Elisa.

– Está tentando me dizer que Elisa sofre desse distúrbio? A pergunta delicada o deixou visivelmente desconcertado.

– Tenho submetido Elisa a sessões de hipnose e metaloterapia. Constatei que diferentes personalidades que habitam a imaginação de Elisa, assumindo rotineiramente o controle de seu comportamento, sem que ela própria se dê conta disso.

Tereza ouvia em pânico, incapaz de se manifestar.

– Como disse, geralmente a causa dessas perturbações mentais está relacionada a traumas. – Prosseguiu o psiquiatra, olhando fixamente nos olhos de Tereza. – A senhora se lembra de algum acontecimento trágico envolvendo sua filha?

– Bem... teve o assassinato de Gonçalo, quando ela tinha onze anos, mas a morte de Paola com certeza mexeu muito mais com ela. Até tentou o suicídio.

– A senhora poderia contextualizar melhor a relação de Elisa com o pai e com a irmã?

Tereza serviu-se de mais um café.

– O senhor sabe que Paola era minha enteada. Elisa e ela sempre foram muito próximas. Se tornaram verdadeiras irmãs e com o tempo mais que irmãs. Não sei como dizer... enfim, as duas se envolveram numa reação amorosa. Se tornaram amantes. Porém, quando Elisa descobriu que Paola estava grávida, brigou seriamente com ela, acusando-a de traição. – Tereza

deu uma pausa, deixando escapar uma lágrima. – Após uma discussão, Elisa tomou o volante das mãos de Paola e saiu em alta velocidade, perdendo o controle da caminhonete, que capotou numa curva e caiu nas ribanceiras do rio. Paola, muito ferida, morreu afogada. Elisa, que estava bêbada ao volante, nunca conseguiu se perdoar.

– E sobre o Coronel Gonçalo, como era a relação dele com a filha? Tereza ficou alguns segundos em silêncio. Sabia onde aquela conversa chegaria.

– Nunca percebeu sintomas de abuso no comportamento de Elisa quando criança? Nunca identificou nenhum sinal em sua filha que a fizesse desconfiar de que ela estivesse sofrendo algum tipo de violência? – Dr. Carvalho perguntou secamente, sem se preocupar em procurar as palavras certas.

Para Tereza, o que foi dito em seguida era como se palavras estivessem vindo de longe, espalhadas pelo vento. Com os olhos cheios de lágrimas, lembrou-se de uma menininha indefesa, escondida no sótão da casa-grande, com medo.

– Eu o matei! – gritou Tereza, levantando-se num impulso e apressando-se em direção à porta do consultório psiquiátrico.

– Matou quem? – perguntou Dr. Carvalho, confuso.

– Meu primeiro marido, o monstro que destruiu a vida da minha Elisa. – revelou ela, antes de bater a porta e sair cambaleando pelo corredor, dilacerada.

Horas mais tarde, quando se encontrou com a filha, Tereza lhe abraçou afetuosamente.

– Alguém me telefonou novamente, mamãe. Estou ameaçada de morte.

Tereza respirou fundo, sem saber como lidar com a situação.

– Elisa, minha filha, está tudo bem.

A moça arregalou os olhos, desorientada.

– Elisa? Não é esse o meu nome. Eu sou Paola, mamãe. Paola. – disse ela, antes de sair para sua caminhada.

Era 12 de junho, dia dos namorados.

A louca

Simone Possas

Ao descer do ônibus já deveriam ser quase oito horas da noite. Estava escuro. O coletivo seguiu para o seu destino pelo asfalto e eu ainda tinha que caminhar cerca de 2 km na estrada de chão até chegar à chácara de meu irmão Gabriel, sua esposa e filhos. Ainda bem que havia uma pequena lua para me ajudar a seguir pela estrada sinuosa.

Já conhecia bem o caminho. Antes do meu irmão e sua família morarem nessa casa, meus pais já haviam morado com meus dois irmãos menores e solteiros: Tadeu e Tiago. Quando Tadeu e Tiago foram estudar na cidade, meus pais resolveram mudar-se também e ofereceram a chácara para o Gabriel. Gostou da ideia e mudou-se com a família, pois adorava cuidar das galinhas, patos, horta... Enfim, da vida no campo.

Encaixei bem a alça da mochila no ombro, ergui a gola da jaqueta *jeans* por causa do ar frio, meti as mãos nos bolsos e comecei a andar. De repente vi um vulto bem do meu lado. Como não havia visto aquele rapaz? Ao perceber, ele já estava ao meu lado ameaçando-me com uma faca.

– Aí dona! Passa a carteira! – disse-me ele.

Virei meu rosto rapidamente para ele, escancarei minha boca mostrando bem todos os dentes, soltando uma sonora e estridente gargalhada, enquanto apontava o dedo indicador para sua cara.

O rapaz ficou me olhando meio desconfiado.

Esubalhei mais os olhos, mostrei mais meus dentes, aumentei a gargalhada e me babei de tanto rir.

Junto a essa *performance*, eu falava ao rapaz, mas ele nada entendia porque eu gargalhava junto com a fala: - Olha sua cara, moço! O que aconteceu? Credo! Você não tem vergonha de sair para a rua com essa cara toda pintada? É branco? Vermelho? Verde? Branco, vermelho e verde? Tudo misturado? Não estou conseguindo entender! Pode me explicar?

Rapidamente emendei a fala com um tom bem alto, não lhe dando chance de responder: - Não estou acreditando no que estou vendo! E ainda tem a cara de pau de vir conversar comigo com essa cara toda manchada ou pintada? Você não viu que estava assim? Ninguém avisou? Escuta aqui, cara, você não tem amigos, não?

Nessa altura já não estava mais gargalhando, mas meus olhos continuavam esbugalhados e com meus dentes à mostra: - Infelizmente não tenho espelho aqui. Vem comigo! Segue-me! Vou conseguir emprestado um espelho e você mesmo poderá ver que não estou exagerando!

Fui caminhando e levando o rapaz comigo, mas sempre sem parar de falar: - Ah, todos falam que sou louca, mas não é loucura! Não estou inventando isso! Você mesmo verá com o espelho. Dizem que não estou louca, que já estou curada, mas como posso estar curada, se nunca fui louca? Curada do quê? Quando estou muito alterada como agora, eles vêm com

aquelas agulhas enormes e picam maus braços. Olha só meus braços como estão cheios de picadas.

Nesse momento tentei puxar a manga da jaqueta *jeans* para cima, mas não consegui. A *performance* continuou e a caminhada pela estradinha de chão também. Já havíamos percorrido quase a metade do caminho:

– Até que você não é de se jogar fora. Está meio “passado”, desarrumado, desajeitado, mas acho que, para começar, um banho resolve em parte. E esse cabelo? Quanto tempo faz que não passa por um corte e uma lavada? Não! Não vem me dizer que não tem dinheiro! Existem muitos salões de beleza que dão cursos e precisam de modelos para ensinar aos alunos e nada cobram! E esses dentes? Deixa-me ver esses dentes! Abre a boca! MAIS! ARREGANHA ESSA BOCA! NOSSA! CRUZES! Já passou da hora de visitar um dentista, não acha? Não precisa responder. Já sei o que vai dizer: “Não tenho dinheiro, dona”. Pois eu digo a você: vai a um posto de saúde. É isso aí: banho, cabelo e dentes. Do contrário, você não arruma namorada! Quem vai querer você assim? Por falar nisso, tem namorada? Claro que não! Quem vai chegar perto de você? E não se esqueça de tirar essa tinta horrorosa de sua cara!

Tudo isso falei numa velocidade impressionante, num tom de voz bem alto e sempre com os olhos bem esbugalhados. As ideias iam surgindo e eu ia esparramando palavras em cima do rapaz. Não dei qualquer chance de diálogo ou de resposta. Foi tudo muito rápido!

Nesse ponto, já estávamos em frente da porteira que dá entrada para a casa do sogro do meu irmão, que fica no lado esquerdo da estradinha de chão. A casa do Gabriel fica cerca de 500 metros dali, no lado direito da estradinha.

Paramos em frente, fui abrindo a porteira e falando: – Espera aqui. Vou correndo lá na casa buscar o espelho para você ver essa máscara horrível que você está! Cá, cá, cá, cá! Não sai daí! Vou super-rápido! Apenas um minuto!

Entrei na chácara, fechei a porteira e fui caminhando rapidamente em direção à casa dos sogros do meu irmão. Bati palmas e Dona Beatriz apareceu à porta.

– Boa noite, Dona Beatriz! Tudo bem? Desculpa chegar a essa hora na sua casa, mas estou indo à casa do Gabriel, porém antes preciso de um espelho emprestado. A senhora pode me emprestar?

Olhando-me assustada, Dona Beatriz achou meio estranho o fato de eu pedir um espelho àquela hora da noite, mas me emprestou e eu fui em direção à porteira, no entanto o rapaz não estava mais lá. Retornei então à casa da Dona Beatriz e contei o que havia ocorrido. Ela me disse que eu deveria me acalmar, pois deveria ter sido minha imaginação ao caminhar pela estradinha de chão, numa noite enluarada. Então telefonou para o

Gabriel para que ele viesse me buscar. Escutei quando ela informou ao meu irmão que eu estava muito agitada.

Logo que o Gabriel chegou, contei tudo a ele novamente, da mesma maneira como havia narrado para Dona Beatriz. Percebi que trocaram um olhar. Ambos falaram que eu deveria me acalmar, que eu estava muito agitada, que deveria ser fruto da minha imaginação por causa da noite enluarada, etc.

Seria imaginação? Estou louca? Já fui louca? Tenho que tomar calmantes? Será que tomei meus remédios hoje? Será que não havia ninguém me acompanhando na estrada? Não havia faca? Nem tentativa de assalto?

Por via das dúvidas, na saída, na saída, ao passarmos pela porteira da chácara da Dona Beatriz, sem que meu irmão percebesse, larguei o espelho em cima do tronco de madeira. Quem sabe apareceria alguém com a cara pintada precisando de um espelho?

Continuamos nossa caminhada pela estrada de chão em direção à casa do Gabriel quando ele me olhou, olhei para ele e sorrimos um para o outro em cumplicidade: - Puxa mana, você está se tornando uma excelente atriz! Conseguiu enganar até minha sogra! – disse-me ele dando risada.

Essa estória não é baseada em fatos reais. Qualquer semelhança com a realidade trata-se de mera coincidência. Ela e seus personagens foram por mim inventados; são frutos da minha imaginação (ou será que não? Cá cá cá cá cá).

Quem matou Amélia?

Stefany Pinto Rogério

– Quem matou Amélia?

Era a pergunta que pairava no ar. Mas se era a pergunta certa, ninguém sabia.

Quando Amélia de Vila das Cruzes morreu, de uma queda tão curta que chegava a parecer piada, teve gente que pensou que o fatídico evento tinha um culpado.

– Mas era velha! – Alguns argumentaram.

E era. Mas nem tanto assim. Tinha sessenta e poucos, e uma língua afiada que de tempos em tempos causava alguma confusão. Naquela manhã mesmo estivera prestes a causar um caos na vizinhança, denunciando a suposta traição de uma moça grávida a seu patético marido.

– Eu acho que foi aquela tal de Lygia. – Uma das vizinhas chegou a comentar.

– Eu bem a vi saindo daqui de manhã. – Um outro concordou. – Deve ter desestabilizado a velha.

O que nenhum deles sabia, era que Lygia não tinha ido à casa de Amélia para questionar as fofocas que a senhora vinha fazendo. A bem da verdade, ela não ligava muito para as fofocas; achou, no entanto, que seu aparecimento repentino pudesse intimidar Amélia o bastante para que a velha deixasse seu nome em paz.

– Foi uma gentileza sua me emprestar seu medidor de farinha, dona Amélia. – A moça lhe sorriu. – Quando o bolo estiver pronto, vou te trazer um pedaço quentinho.

– Ah, é muito educado da sua parte, mas não ligo muito para doces, se quer saber. Quando fizer uma torta de frango, vou aceitar sem questionamentos. – E a velha deu a Lygia seu sorriso mais pilantra.

A moça deixou a casa de Amélia abismada com aquela mulher que não demonstrava um mínimo de preocupação em ser pega de morro abaixo por sua língua grande. Era mesmo muito cinismo. Olhando para trás uma última vez, foi-se embora para não voltar, e bem nesse momento foi que foi vista pelos vizinhos, que agora fofocavam à porta da mulher que batera as botas.

Faltou que eles vissem, no entanto, a segunda visita que bateu à porta de dona Amélia naquela manhã. Pois quando a velha já estava quase a fechando de novo para voltar ao seu programa de receitas matinal, uma mão na soleira a impediu que o fizesse. Amélia olhou para cima, surpresa ao encontrar o patético marido de Lygia, que lhe olhava com uma também patética urgência.

– Pois não? – A velha deu seu sorriso cínico.

– Dona Amélia, nós precisamos falar. – E entrou afobado. Usava uma camisa de botões e havia um copo em sua mão esquerda, cheio do que

parecia ser o suco de maracujá com laranja do vendedor de salgadinhos do fim da rua. Ele colocou o copo sobre a bancada ao lado da porta.

Amélia puxou uma cadeira para si própria. Ela pensava então, em como podia haver no mundo tanta gente palerma disposta a atrapalhá-la a fazer um lanche. Fazia horas que não comia e sua barriga já estava roncando.

– E sobre o que quer falar?

– Sobre as fofocas que a senhora vem espalhando por aí sobre a Lygia. – Ele declarou.

– Do que está falando, meu filho? – A velha se fez de desentendida.

Edilson, como se chamava o patético marido, puxou uma cadeira para si próprio, ficando de frente para ela.

– Sei bem que a senhora anda espalhando por aí que o filho que a Lygia está esperando não é meu. Vim deixar bem claro que isso não é verdade e exigir que a senhora pare com isso!

A senhora lhe deu um sorriso condescendente.

– Se tivesse tanta certeza de que estou errada, estaria com sua esposa agora, e não aqui tentando me convencer a limpar o nome dela.

E Edilson se colocou de pé num rompante.

– Isso é um absurdo, não faz sentido nenhum!

– Me parece que faz sim.

O marido de Lygia quis sacudir aquela mulher abusada. Se imaginou empurrando aquela fofqueira para que caísse assustada, e o susto a fizesse sumir da vida deles. Mas não era homem de confusão, e, na realidade, nem sabia brigar muito bem verbalmente. Ficou com medo de se embolar nas palavras e piorar a situação. E assim, decidiu ir embora.

– A senhora está avisada! – Alertou enquanto descia a escada da varanda. – Se continuar com isso...

– Ah vá... – Amélia fez um gesto de desdém enquanto ele seguia pela rua.

Ainda parada à porta, assistindo o homem se afastar, seus dedos esbarraram em algo gelado. Olhando para o lado, ela encontrou o copo de suco que Edilson havia deixado ali. Deu um sorriso triunfante e apanhou o copo plástico com tanta força que quase o amassou.

– De certo que não gosto de doce, mas vou beber só para o caso de você voltar para buscar essa porcaria. – Falou sozinha em tom de pirraça. E deu um longo gole.

Mas a vida, meu caro leitor, é cheia de pequenas ironias. De estômago vazio há tempo demais, Amélia bebeu o suco depressa e com gosto, mas a superdose de açúcar lhe provocou uma tonteira repentina.

– Mas que diabo é isso? – A velha perguntou, caminhando da porta aberta para a varanda, o copo ficando para trás na bancada.

E a verdade é que Amélia teria se recuperado daquele mal-estar. Ela teria sobrevivido e continuado a fazer suas fofocas por muitos anos mais. Mas bem quando ela se reestabilizava, uma mancha escura caiu do teto da

varanda em sua direção. Era uma enorme barata, que assim como a própria idosa, parecia ter perdido o equilíbrio e tombado de tonta. Tentando escapar do inseto asqueroso, Amélia deu um passo para trás e, pisando em falso, caiu da escada de três degraus de sua varanda. Foi o fim. Bateu as botas.

E os vizinhos, tão fofoqueiros quanto a própria velha, continuaram seus cochichos diários, sem saber que não havia sido a moça difamada, nem seu marido patético, nem a idade. O que matara Amélia de Vila das Cruzes tinha sido algo muito menor, tão inofensivo quanto as fofocas que ela tanto gostava de contar.

Durma bem!

Tauã Lima Verdan Rangel

No começo de 2018, acabei me mudando para uma nova cidade. Foi aprovado em um mestrado e achei que seria uma excelente oportunidade de aproveitar aquele momento para me conhecer um pouco mais, conhecer novas pessoas e aproveitar a experiência de morar sozinho. A cidade em que fui aprovado fica na região serrana. Sempre com um clima muito agradável. Raramente, temos aquele calor tipicamente brasileiro.

O apartamento ficava localizado em um antigo prédio, em uma rua sem saída. Apesar da arquitetura sóbria, durante o dia, o prédio era interessante, com algumas árvores grandes na entrada e um pequeno jardim, com algumas plantas floridas. À noite, porém, em razão das árvores e do fato de ter pouca luminosidade, a aparência ficava sepulcral e estranha. Às vezes, quando chegava das aulas noturnas do mestrado e precisava cruzar toda a rua em direção ao prédio, sentia uns arrepios estranhos, um suor frio que escorria pela minha face e um medo irracional que me tomava.

Algumas semanas atrás, comecei a ter uma insônia persistente. Sempre acordava no mesmo horário. Três horas da madrugada. Tenho acordado sobressaltado, sempre despertando de um pesadelo arrepiante e uma sensação de ter alguém me estrangulando. A garganta seca. O corpo banhado de suor. O coração apertado. Há uma sensação sufocante que preenche o espaço. Não consigo explicar o que tem acontecido. Acredito que é o estresse da mudança de cidade, da entrada no mestrado e das exigências pessoais que tenho feito a mim mesmo. Isso tudo tem ajudado para que meu organismo responda de alguma forma.

Mais uma vez, perco o sono. Escuto um trovão. O quarto se ilumina com o clarão. Abro os meus olhos. Parece que, nesta madrugada, o céu está prestes a desabar lá fora. Tenho uma sensação ruim a invadir todo o espaço. Em razão do tempo abafado, pela minha testa escorre um suor contínuo. Contudo, não é um suor quente. É um suor frio. À medida que os trovões vão se tornando mais fortes e intensos, levanto-me e olho para o relógio que está no criado-mudo. O relógio marca três horas da madrugada. Sento na minha casa e, no quarto escuro, os meus olhos estão procurando alguma coisa, mas nem eu mesmo consigo identificar o que eles tanto buscam no negrume do cômodo.

Os relâmpagos vão criando formas. Silhuetas e tracejados na parede vão se formando a cada relâmpago. Olho em direção ao céu e vejo raios cortando as nuvens carregadas. Apesar disso tudo, não cai uma gota sequer. A tempestade vai ganhando força e abro a janela. Sopra um vento estranho. Sinto as lufadas tocarem o meu rosto. Olho perdidamente em direção à rua. Não há sequer nem uma alma caminhando. A madrugada está abafada, o céu está em caos e o vento que sopra não alivia o calor.

As folhas se movem vagarosamente. A rua mal iluminada não permite que seja possível distinguir se há ou não um caminhante. Acredito que, devido ao horário, não há ninguém na rua. Apesar disso, olho em direção as árvores que ficam na calçada em frente ao meu apartamento. É intuitivo! Não é possível que haja alguém lá. A rua sempre tem pouco movimento, já que é um bairro essencialmente residencial. Ainda assim, tenho certeza que há alguém ou alguma coisa lá fora. Posso sentir que os olhos me vigiam, os olhos me seguem, os olhos me perseguem...

Um arrepio irracional percorre minha coluna. Sinto os pelos dos meus braços se ouriçarem. É aquela estranha sensação de novo. Não consigo controlar os instintos. A respiração fica mais ofegante e o coração palpita acelerado. Penso em dar alguns passos e fechar a janela, mas minhas pernas não respondem. No instinto do perigo, o meu corpo simula movimentos de fuga que eu tento controlar. Ouço um barulho estranho no corredor. Sim! No corredor. Meus olhos ficam vidrados na porta do quarto. Pressinto que, a qualquer momento, alguém entrará pela porta. Parecem passos. Não parecem! São passos mesmo. Alguém está se movendo no corredor.

Um sussurro percorre o ar quente. Alguém está chamando meu nome. Ora, isso não é possível. Não há ninguém no meu apartamento. Estou sozinho e a porta de entrada foi trancada quando entrei. Eu sempre confiro isso. É impossível que haja alguém aqui dentro. Novamente, escuto o sussurro chamando pelo meu nome. Chego a fechar os olhos por alguns segundos para que a sensação acabe. Pronto. Acho que se passou! Não! Mais uma vez, o sussurro me chamando.

Mesmo o corpo não querendo reagir, tento me mover em direção à porta do meu quarto. Um suor frio escorreu por minha testa e deixou toda minha roupa molhada. O meu cérebro tentava me convencer que estava tudo bem. O instinto, porém, era mais forte e me avisava que havia algo de muito estranho, sobrenatural, demoníaco do outro lado da porta. A mão tocou levemente a maçaneta e a girou. Um estranho gemido denunciador a porta fazia ao se abrir. O coração disparou em desespero e por um medo irracional que se manifestava em mim. Olhei para o corredor diante da porta e não havia nada. Apenas um negrume sem fim pela falta de luz.

Por um segundo, consegui me acalmar. Não havia nada ali fora. Foi tudo fruto da imaginação. Eu respirei aliviado. Ainda assim, a sensação ruim não havia desaparecido. Ao contrário, senti os pelos da minha nuca se ouriçarem e um ar frio invadiu o quarto em que eu estava. Subitamente, o clima abafado do quarto se converteu numa brisa gélida. Senti meus braços se arrepiarem.

“Não vai fechar a janela?”, disse uma vez jocosa, acompanhada de uma gargalhada demoníaca, que estava nas minhas costas.

Virando-me lentamente, olhei para a figura que estava de pé atrás de mim. Era uma pequena menina de vestido rosa, desbotado e com o rosto

mortalmente branco. Havia alguns arranhões em sua bochecha esquerda e os olhos, que pareciam azuis, me fitavam com malícia. Sobre o cabelo castanho, havia um pequeno laço feito. Senti um cheiro nauseabundo emanado da pequena criança. O cheiro chegou a embrulhar meu estômago.

A menina, porém, não estava só. Ao seu lado, havia um grande cachorro de pelos pretos e olhos vermelhos. O animal, firmemente postado ao lado daquela menininha, respirava de maneira ofegante. Senti um suor frio escorrer pela minha testa e pelas minhas costas. Cheguei a esboçar uma reação, uma tentativa de fuga, mas o animal previu os meus passos e se moveu rapidamente em minha direção. Com o susto, acabei tombando ao chão e pude sentir o hálito quente do cão negro próximo do meu rosto. Devido a um uivo medonho, perdi os sentidos.

Alguns minutos depois, recobrei a consciência. Levantei-me do corredor em que estava caído e fiquei pensando se tudo não fora um sonho. Contudo, o medo que eu tive, por mais uma vez, se manifestou e um suor frio escorria por todo o meu corpo. Algo incontrolável, incontido. Fiquei perplexo ao encarar em direção à janela. No vidro, estava escrito: “Estava muito frio. Eu fechei a janela para você. Durma bem!”.

A cura

Thais Nascimento Oliveira

Correu pelo beco escuro. A respiração pesada. O suor que escorria pelo rosto. Os músculos tensos. O tremor nas mãos. O barulho dos passos dos que vinham logo atrás. Cada vez mais perto. O pavor crescente em seu corpo. A rua sem saída. Não havia escapatória.

Arrastado, debateu-se contra o chão. Pés amarrados. Mãos presas. Mordança na boca. Grito abafado. Ninguém escutaria. Estava sozinho, na noite sombria.

Jogado sob a mesa, não adiantava implorar. Era tarde demais, para se salvar.

Ritmo no peito acelerado. Pulmões já sem ar. A luz vermelha foi a acesa. Rostos macabros. Sorrisos felizes. Felizes e nefastos.

“Não se preocupe.” Disse-lhe o homem. “Agora você será curado.”

A agulha atravessou sua pele. Sentiu o líquido caminhar pelo seu corpo. Agonizou, não pela dor, mas pelo o que estava perdendo. Se agarrou as últimas lembranças. Nunca mais seria o mesmo.

Os olhos fecharam-se. A broca perfurou-lhe o crânio. Estava condenado.

Acordou horas depois com um sorriso no rosto. Estava feliz, portanto, estava curado.

Vermelho Maya

Vinicius Suris

Nas cálidas mãos de Rey, um exemplar da última edição de seu jornal preferido o distraía do marasmo de mais um fim de noite pacato. Degustava um bom copo de whisky simultaneamente enquanto lia sentado na confortável poltrona de couro. No entanto ao ler a manchete da matéria principal intitulada como O Assassino de Winchester Continua Seu Rastro de Sangue o tirou do eixo. Não se conteve e gritou pela atenção da esposa para compartilhar a reportagem com a mesma.

– Olha isso Myrtle! - elevando o jornal na frente do rosto da mulher.

– O que foi Rey? - disse a senhora tentando se desvencilhar do jornal.

Rey então iniciou a narração dos acontecimentos descritos no texto.

– Ontem à tarde, dia 25 de Julho, a jovem de 16 anos Valerie foi encontrada sem vida no parque estadual Saint Davis. A causa da morte ainda está sendo discutida mas já se sabe que a vítima recebeu um corte no formato de um W no braço. As autoridades locais irão averiguar as câmeras de segurança do parque e...

– Não precisa nem continuar, já até sei quem fez isso.

“Esse homem é completamente insano!” disse Rey enérgico colocando os óculos de leitura abruptamente sobre a mesa de centro próxima.

– Isso é fato. Mas, de um jeito ou de outro, ele está na primeira página.

– Não consigo entender, de verdade.

Ao toque da campainha, o casal de pouco mais de 60 anos cessou a conversa a respeito da morte da jovem Valerie. Myrtle se dispôs a atender a porta enquanto Rey iria escorrer a massa que ela havia deixado na cozinha. Quando a dona de casa estava preparada para ouvir algum discurso qualquer a respeito de desemprego e falta de dinheiro por parte de qualquer um que estivesse apertando a campainha. Nos últimos tempos a economia não estava boa para ninguém e infelizmente o que ela mais via eram pessoas pedindo dinheiro de porta em porta. Não que isso a incomodasse, iria ajudar de bom grado, mas assim que abriu a porta de modo automático, percebeu que toda sua suposição estava errada, ecoando um voraz grito de espanto. Seu rosto encontrava-se a um palmo de distância da visão mais perturbadora que já havia testemunhado. Os olhos da criatura, pequenos mas contendo todo o breu do universo, o rosto disforme, sem dúvida uma imagem perturbadora.

Rey deixou o macarrão de lado e com agilidade dirigiu-se a porta de entrada. Chegou a tempo de apoiar a esposa antes que a mesma caísse no chão tamanho o susto. Enquanto Myrtle era segurada pelos braços, o rosto incômodo da criatura se desfez rapidamente e deu lugar a fisionomia de um adolescente comum. O jovem em questão era Billy, sobrinho de Myrtle, havia tirado a repulsiva máscara de borracha, deixando seu enorme sorriso e cabelos pretos a mostra. Na perspectiva do sobrinho, ver a tia aterrorizada

foi de um alto nível cômico, mas para a senhora, foi uma experiência próxima a se encontrar com o Assassino de Winchester em pessoa.

– Que droga é essa, Billy? - questionou Rey irritado.

– Isso? - erguendo a máscara que usara a pouco, tendo dificuldades para conter suas risadas.

– É, isso. - disse Rey impaciente.

– É de um programa de TV. É sobre um doutor viajante do tempo.

– A máscara é dele?

– Não, a máscara é do silêncio...

– Chega. Não entendi nada. Só queria saber porque você tinha que bater na porta usando essa porcaria.

– Achei que ia ser divertido.

Myrtle recuperou-se, ainda que lentamente, ao ver o rosto do sobrinho ao invés da criatura cadavérica e buscou amenizar a situação.

– Deixa ele, querido. Ele sempre foi brincalhão assim. Entra Billy. - convidou a tia em seguida.

Como bons anfitriões, os parentes de Billy o acomodaram na mesa de jantar e ofereceram a massa com molho branco que estava sendo terminada quando ele bateu a porta. Os três se deliciaram com a comida calórica enquanto conversavam amenidades.

– E a sua mãe, Billy? - perguntou Rey.

—Da última vez que conversamos ela parecia muito feliz.

– Ah é, por que? - perguntou Myrtle interessada.

– Disse pra ela que eu apareci no jornal.

– Você? Em que parte? Esportes, entretenimento? Lemos o jornal mais cedo e não vi nada sobre você. - falava desenfadadamente Rey animado.

– Ah, não foi nada demais. Não era uma matéria tão grande assim.

– Quando terminar o jantar eu insisto que mostre pra gente. - encerrou Myrtle antes de perguntar se o jovem queria mais massa.

Logo após o fim do jantar, Rey se prontificou em pegar seu jornal e sentar-se na poltrona da sala. Folheava as páginas a procura do nome de Billy enquanto o rapaz e Myrtle se aproximavam. Aos poucos todos ficaram em volta do jornal, como se estivessem diante de um objeto sagrado. Rey tornou a olhar cada vez mais de perto as folhas cinzas do jornal, o trazendo próximo ao rosto. Por fim Myrtle também se inclinou e ambos perguntaram onde estava o nome do rapaz, Billy não respondeu. Em um gesto rápido, pegou a luminária mais próxima e golpeou o casal. Com os corpos inanimados, e algumas gotas de sangue em seu rosto assim como na luminária, Billy respondeu a pergunta que havia gerado tanta curiosidade. “Na primeira página é óbvio!”.

Billy perambulou pela casa em busca de certos objetos. Sua preocupação principal era encontrar uma coletânea de discos de vinil que sua mãe havia dado para Myrtle. Logo que a encontrou, não hesitou em selecionar o disco de músicas natalinas para tocar. Enquanto aproveitava de

um ambiente sonoro agradável, começou a amarrar seus parentes. Billy sentou o casal desacordado no chão e os escorou no sofá um ao lado do outro. Agachou-se em frente à tia e fitou seu rosto. Ao perceber que aos poucos ela estava recobrando a consciência, o rapaz mostrou seu verdadeiro sorriso, sadista.

Os olhos levemente arroxeados de Myrtle começavam a reconhecer as imagens, a permitindo enxergar o sobrinho mexendo em seu corpo e no de seu marido. Quando recuperou a lucidez por completo, seu primeiro impulso foi gritar tanto ou mais quanto havia feito na porta anteriormente. Infelizmente logo foi amordaçada pelo sobrinho. Havia tantas perguntas e frases desagradáveis que queria despejar em cima do jovem, mas o medo estavam visível em seu rosto. Principalmente quando Billy começou a desenhar algo em sua testa. O jovem encontrava-se sentado no chão, quase como um pintor renomado fazendo os últimos ajustes de sua obra prima.

– Tia, você me lembra muito a vadia gorda da minha mãe. Acho que é o cabelo ruivo de vocês. Agradeço muito não ter herdado isso. - iniciou seu discurso enquanto passava a ponta do pincel na testa de Myrtle.

Quanto mais ouvia as palavras do sobrinho e revirava os olhos para tentar identificar o que o garoto estava desenhando em sua cabeça, sua inquietação aflorava.

– Tia, calma. Eu ficaria honrado no seu lugar. Você e o tio Rey foram escolhidos pro grand finale! Não podia dar pra desgraçada da minha mãe um holofote como o que vocês vão ter. Ela não merecia. Talvez ganhe meio parágrafo falando sobre como eu a matei no jornal de amanhã, mas só. Nós três é que vamos aparecer na primeira página. Bem... eu duas vezes. Quantos podem dizer isso, não é titia?

Ao término da pintura, Billy focou-se em repetir o trabalho em Rey, ainda desacordado. Cantarolava a letra da música natalina enquanto terminava sua tarefa e quando a encerrou, foi em busca do serrote de seu tio. “Para um grand finale precisamos de um bom clímax, não acha tia?” foi o que o rapaz disse diante da tia com a ferramenta em mãos.

Atendendo a um chamado anônimo que envolvia reféns, dois policiais foram até a casa dos Bensons. Estacionaram os carros alinhados a porta da residência e utilizaram um megafone para fazer contato com o sequestrador, chamando a atenção de toda a vizinhança. Aguardaram qualquer sinal de resposta, e tiveram um, só que não do jeito que esperavam. A porta da frente aos poucos foi se abrindo e quanto mais ela ficava escancarada, mais o delineado de um corpo masculino começava a sair das sombras em direção aos policiais. No momento em que a figura misteriosa tornou-se identificável, todos os presentes, policiais e vizinhos, chocaram-se ao ver Billy carregando as cabeças ensanguentadas dos tios.

Os policiais por um breve momento não souberam como agir. Somente após alguns segundos, um deles pediu para que o rapaz largasse as cabeças,

por mais incrível que possa ter soado essa frase para ele, e se ajoelhasse com as mãos na cabeça. Billy acatou a ordem, derrubou as cabeças no chão, uma ao lado da outra, mostrando o símbolo que tanto se esforçara para pintar, a letra W estilizada. Mas em seguida descumpriu a ordem, não ficando de joelhos. Permanecia de pé, parado, olhando levemente para baixo. Quando mais uma vez um dos policiais pediu hesitante para o garoto se entregar, Billy ergueu a cabeça olhando para todos a sua volta. Todos os vizinhos, os dois policiais, todas aquelas pessoas que o testemunhavam. Sorriu cinicamente e mexeu em seu bolso traseiro da calça, causando apreensão nos policiais. O objeto que retirara de sua roupa foi logo apontado em direção aos oficiais que não hesitaram desta vez em disparar numerosamente contra o peito do adolescente. Quanto mais balas perfuravam seu corpo, mais fixo seu sorriso se tornava. Cada bala era um símbolo de sua imortalidade. Cada bala era símbolo de seu sucesso. E mesmo derrubando o jornal que tirou do bolso, não se importou, aquilo não era nada comparado ao que estava prestes a marcá-lo para sempre.

Drive-in

Vitor Miranda

quatro malucos no carro e a blitz lá na frente.

- ô Rafa, tem uma blitz lá na frente.
- aonde?
- lá na frente. vira à direita aqui.
- cê tá viajando.
- tem uma sirene atrás do muro, porra.

passou a rua.

- caralho, tem uma blitz.
- eu avisei, porra!
- caralho, o Bruno te avisou.
- que merda cê tá fazendo?
- porra, os maluco vão ganhar nós.
- não vou passar nessa porra.
- cê parou o carro no meio da rua. cê é idiota?

luzes. a porta se abriu. o Rafa embicou o carro.

- caralho, tu entrou no drive-in!

gritaria. palavrões. o cara da portaria do drive-in ficou calado olhando pra nossa cara. o Rafa tentou explicar.

- olha, não é isso que você tá pensando.
- eu não tô pensando nada.

João abaixou o vidro.

- a gente quer uma cabine.
- que porra de cabine, vai se foder!
- tá com vergonha de falar o que a gente veio fazer aqui.

os três caíram na risada. o cara da portaria continuou calado.

- olha moço, tô desempregado e não quero levar multa.
- entendi. pararam aqui por causa da blitz.
- é isso.
- pode parar o carro aí. mas vou ter que cobrar.
- quanto fica?
- vinte e cinco.

- é mais barato que a multa. tomei uma não faz nem três meses.
- quanto foi?
- dois mil e trezentos à vista. eles dão desconto à vista.

entramos.

- e agora?
- trouxeram camisinha?
- que?
- ué, já tamo aqui. vamo aproveitar.
- ixi que papo é esse?
- vá cê foder, arrombado!
- será que vende cerveja aqui?
- putz acabou minha bateria. tenho que avisar minha mina.
- bom, falei que tava indo pra casa e que avisaria quando chegasse. vou fazer um vídeo se não ela não vai acreditar se eu contar.
- sai fora, não vai me filmar aqui dentro com vocês.
- por quê, meu amor?
- tira sua mão de mim, porra.
- vou pedir cerveja.
- pede duas.
- três.
- quatro.

alguém voltou com quatro cervejas. não sei bem qual dos quatro. não sei vocês, mas eu me perdi nos diálogos. continuou chovendo forte. eles bebiam e relembavam altas histórias até que a luz acabou.

- puta que pariu!
- que merda, hein.
- a sirene atrás do muro continua lá.
- tomá no cu esses fardado de merda.
- esse maluco do drive-in é sinistro.
- por quê?
- não sei, não gostei dele.
- o Rafa deveria ter virado à direita.
- eu avisei.
- vai ficar falando a noite inteira isso.
- claro.
- vai tomar no cu!
- a gente tá num drive-in. esse é um bom lugar pra tomar no cu.
- cu largo.
- vou sair na caminhada. falou pra vocês.

um deles saiu andando. me perdi nos diálogos de novo, mas pela voz não foi o mesmo que buscou a cerveja. voltou.

- caralho, fecharam o portão.
- que portão?
- o portão do drive-in.
- como assim?
- sei lá.
- a sirene não tá mais lá.
- vambora então.
- como? tá fechado o portão.

do outro lado do drive-in a porta de uma cabine se abriu. farol alto na cara dos rapazes.

– AÊ FILA DA PUTA! APAGA ESSA MERDA!

o farol continuou aceso.

- TÁ TIRANDO EIN, MALUCÃO! QUALÉ A TUA?
- tá meio sinistro isso.

partida. o carro começa a vir em direção à cabine dos rapazes bem devagarinho só pra aumentar o suspense e a tensão desse conto. tô atrasado pro futebol e tô correndo com a escrita. mas se não terminar o conto agora não vou terminar depois. o carro todo insufilmado. os rapazes tremendo. já não gritavam mais. o carro deu uma manobrada. parou meio de lado. começou a descer. alguém mijou nas calças. sinto o fedor de mijo. aquela noite foi longa. a luz só voltou no raiar do dia.

a namorada de um deles ao abrir a conversa de whatsapp no outro dia leu "mensagem apagada". ficou furiosa.

na noite seguinte choveu de novo. nova blitz. o drive-in continuava brilhando.

A escolha

Wagner Azevedo Pereira

Nem parecia ser um avesso da vida, mas com certeza não deveria ser nada extraordinariamente comum...

Ela estava na flor da idade, estudava, mas não era sua praia. As aulas estavam presentes, mais por pressão dos pais. Cabulava. Por conta disso sempre raposava. Sua predileção era andar de festa em dança como dona Constança, farrear nos regalórios com as amigas nos finais de semana.

Mais um e ela combina com sua melhor amiga de infância Leila para outra noitada. Balada era a mais badalada dos encontros: ti-ti-tis, lero-leros, conversas pra boi dormir, azarações, flertes...

Os pais de Maria sempre conversaram com ela a respeito de namoro que porventura viesse ter. Era uma espécie de liberdade vigiada. Maria, portanto, era uma jovem bem informada...

Outro fim de semana as duas novamente juntas. Curtem muito, dançam, bebem. Maria beija muito o namoradinho e após horas de agitação todos ficam exaustos. Param para descansar. Blá-blá-blás e no oclouque vão ficando para trás as cinzas das horas. Decidem ir embora. Maria despede-se da amiga e lança uma xeta. Nesse dia elas nem ouviram o amiudar dos galos.

Na escola, de praxe, o ramerrame: trocaram figurinhas, sobre assuntos diversos... esse é o ritmo por um bom tempo.

Aconteceu que um dia antes do início de uma aula de matemática, no pátio, Maria começa a sofrer um mal-estar, um leve tonteamento. Abaixa a cabeça. Sua aparência muda. Uma amiga lhe toca — tap! tap! — e pergunta:

— O que está acontecendo, Maria? Tudo bem?

— Oi, amiga! Estou indisposta... um pouco tonta, sei lá... — parecia que o destino lhe sombreava um fadário. Rapidamente a amiga chama a diretora:

— Diretora, a Maria está passando mal! — ela se aproxima:

— Maria, o que você tem?

— De repente fiquei zonha...

— Venha até a secretaria! Vou te dar um remédio!

— Sim! — a diretora a mata-cavalo:

— Deite aqui, Maria! Vou preparar uma mezinha pra você! — Maria se acomoda. A diretora escabreada, com uma pulga atrás da orelha pela experiência da vida, desconfia do que seja o mal-estar e diz:

— Maria, vá ao médico fazer um exame para ver o que você tem!

— Não precisa, não, diretora! Já estou melhorando! — Sem intenção de meter os olhos a dentro, insiste:

— Menina, vai, sim! Todos nós, precisamos de nos cuidar!

— Tudo bem, amanhã irei!

— Vá logo hoje! — mesmo não sendo carunchenta, mas por ter idade de ser sua avó, Maria obedece:

– Eu vou!

Ao chegar em casa Maria relata à mãe sobre o ocorrido. Ela também de orelha em pé, desconfia do amunhecar da filha, mas fica na dela... Já recuperada Maria deixa mesmo para ir ao médico no outro dia.

– *Cocorocóóóó...* – Um galo canta.

– *Cocorocóóóó...* – outro galo.

– *Cocorocóóóó...* – e mais outro e vários galos vão unindo seus cantos até tecerem a manhã... e raia o dia.

Uaaaaah! – Maria acorda! – *ahhhh!* – espreguiça, levanta da cama, toma o banho e se prepara para sair. Com muito vigor, vivacidade de uma sereia ao espelho, maquia-se com ruge e batom. Despede-se da mãe e vai ao consultório. Tudo segue normalmente. O resultado do exame só daqui a três dias.

Chega o dia. Maria retorna ao consultório. O médico lhe entrega o envelope e fica na expectativa... Ela o abre, lê e:

– Positivo?! – continua lendo e: – O que é isso, doutor? Estou grávida?! – pergunta assustada.

– Sim! Meus parabéns! Conte para o maridão! Ele vai gostar!

– Mmmmas... – titubeia – E agora? Nem sei qual será a reação dele... – fica preocupada.

– Ah, deixe disso, futura mamãe!!! Uma criança sempre é alegria no lar! É esperança de renovação para esse mundo!

– Eu sei, doutor... – não entra em detalhes. – Preciso contar para minha mãe. Até mais e muito obrigada! – no meio do caminho aparece uma amiga:

– Oi, amiga! Tudo bem?

– Sim, tudo! E você? Qual foi o resultado do exame? O que você tem?

– Bem... eu não tenho nada...

– Graças a Deus, né?

– Sim, graças a Deus... mas... o resultado revelou que estou grávida!

– Nossa! Que legal, amiga! Parabéns!

– Poxa, amiga, você me parabeniza?! Eu sei que um filho é bacana etc. e tal... só que... ter um filho agora? Não planejei nada!

– Maria! Essa criança não pediu pra vir ao mundo! O que aconteceu foi por descuido... e descuido de vocês... agora é esperar pela criança com todo o amor do mundo! Pense em cuidar dele!

– Eu sei! Não precisa ralhar, né?

– Não estou ralhando... tua família e teu namorado já sabem da novidade? Eles vão gostar!

– Ninguém sabe de nada ainda! Contarei pra minha mãe agora, depois para o pai do bebê... não sei qual será a reação deles... tô pensando e me preparando para falar!

– Ah, com certeza eles serão avós e pai coruja!

– Sei não... bem... vou indo e depois nos vemos na aula! — agora ela encontra com o namorado:

– Oi, amor! — *Smac!* — deu um beijo nele e foi logo falando: — tenho uma surpresa pra te contar!

– Oba! — A unhas de cavalo: — Conte logo, vai!

– Calma! Pra quê tanta pressa? Sossega o pito! — Ele amolava o queixo como se espera o início de um rega-bofe:

– Estou *calmando...*

– Vou fazer uma viagem!

– Legal! Para onde?

– Ainda não decidi... — Ela preferiu não contar sobre a gravidez nem para ele e nem para a família, por enquanto.

O tempo foi passando, a barriga foi crescendo e Maria foi escondendo-a. Todavia, chegou um momento em que ela não podia mais apertar a barriga: já estava ficando incomodada e também poderia machucar o bebê! Foi aí que ela decidiu falar primeiro para o seu namorado. Foi num encontro da balada:

– Querido, preciso de te contar um assunto muito importante!

– Diga, meu amor!

– Está preparado?

– Claro! Tudo que vem de você é bom!

– Pois bem... estou grávida! Você será papai! — como não poderia ser diferente, ele toma um susto:

– Oxe! Como assim “serei papai”?

– Isso mesmo que você ouviu! Você será papai!

– Poxa, amor! Nem planejamos ter filhos...

– Eu sei disso! Só que aconteceu... eu estava para te contar há algum tempo, mas preferi adiar! — ela o olha e ele... só pensamentos.

– Não é isso, meu amor! Gostei sim! Você sabe que eu te amo muito! Apenas preferiria que tivéssemos o bebê mais adiante! Nem moramos juntos ainda...

– Isso é o de menos! Vamos morar juntos, então?!

– Só me dê um tempo para ajeitar minha situação, tá bom? — ele estava desempregado. Por conta disso amarrou um bode. Despedem-se.

Maria conta a gravidez aos pais e que seu namorado assumirá a paternidade. Seus pais não metem o nariz na vida deles, o que deixou Maria surpresa.

O casal passa a morar junto e esperam a chegada da cegonha.

Já bem bacu e próxima de dar à luz, Maria sente fortes contrações. Paulo está em casa. Ela o avisa:

– Amor, estou com dores! Acho que o neném irá nascer! Leva-me para o hospital!

– Claro! Como eu já havia combinado com o Tito sobre o carro falarei com ele agora! Ele pega o carro emprestado e saem. Chegam ao hospital. Ela sente as dores do parto. As dores se intensificam. Inicia-se o parto. A criança nasce: é um menino e chamaram-lhe Benjamin.

Mão por baixo, mão por cima, Maria trata do filho e continua a estudar. A criança é benquerida por todos. É o xodó da família de ambos. A vida segue...

Eles levam a vida de uma maneira simples. Apenas Paulo trabalha fora, pois já conseguira um trampo. Biscates já são águas passadas.

Já transcorre algum tempo e Benjamin já está grandinho, perto de completar um ano. Anda e tem alguns dentinhos e suplantou os *gu-gu-dá-dás* e a língua de trapos e botava corpo mirim.

Novamente Maria começa a ter enjoos e os sintomas semelhantes que tivera na primeira gravidez. Encabulada retorna ao médico:

– Doutor, sinto os mesmos sintomas que tive antes da gestação! O senhor precisa me ajudar! Parece que estou grávida novamente! Pelo fato de meu bebê ainda não ter um ano de idade não quero outro filho em um espaço de tempo tão curto! Além do mais minhas condições financeiras... Cuidei-me, mas... — deu à língua numa taralhada que neste dia colocou qualquer desses animais considerados tagarelas: cega-rega, gralha, matraca, papagaio, patativa, no chinelo. O doutor ouvindo a papeada e achando até graça, de chofre deu-lhe uma freada:

– Muito bem... O que você quer que eu faça? — Maria meio que inebriada responde:

– Vejo que a única solução será interromper esta gravidez e conto com a sua ajuda do senhor! — Ele então pensou um pouco e disse para a Maria:

– Acho que tenho um método melhor para solucionar o problema!!! — Maria fica contente e se afoba:

– Sério, doutor?

– Sim, senhora!

– Então diga, diga doutor! Como o senhor me ajudará? — ele continua:

– E é menos perigoso para você! — Maria sorriu, acreditando que o médico atenderia a seu pedido... Ele completou a sangue-frio:

– Veja bem, Maria... para não ter de ficar com dois bebês de uma vez, em tão curto espaço de tempo, vamos matar este que está em seus braços! Assim, você poderá descansar para ter o outro! Se vamos matar, não há diferença entre um e outro, não é mesmo?... Até porque sacrificar este que você tem nos braços é mais fácil e ainda nem correrá risco de morte... podemos fazer isso sem tir-te nem guar-te! Que tal? Topas?

– Maria se apavora, toma um susto, quase cai e na mesma hora retruca:

– Que isso, doutor! Pelamordedeus! O senhor está maluco? O senhor é médico! Tem a obrigação e a missão de salvar vidas e não de propor a morte!

– E você é mãe, geradora de vida! Mãe pode pedir ajuda para assassinar uma vida? E agora?

– O senhor está maluco!?

– Eu maluco?! Mas você não quer fazer aborto?

– Sim, quero! Mas não matar um filho!!!

– Mas aborto é matar um filho!!!

– Que isso!? Não posso fazer uma barbaridade dessas! Matar o Benjamin! Que horror! Matar uma criança é um crime! Gostamos muito do Benjamin! – Foi aí que o doutor queria chegar:

– Por isso que te sugeri... pensei igual a você, Maria! Entretanto, me pareceu tão convencida disso, que por um momento pensei em “ajudá-la!” Não entendo o espanto! – o médico estava testando o juízo de valor de Maria...

– Não! Nada disso! Eu amo meu filho! Só quero o bem dele!

– Estou apenas oferecendo uma proposta ... Além do mais... pense bem... se você fizer o aborto... você terá uma grande possibilidade de morrer, sabia? Que tal? Faça a escolha!

– Nem morta! Não quero fazer escolha nenhuma! Quero viver e quero ter meus filhos com muita saúde!... – o doutor sorriu e, depois de algumas considerações, viu que a sua lição surtira efeito. É claro que ele queria matar o Benjamin, apenas fez isso como provocação, um teste para ver a reação de Maria. Ele sabia que Maria não quereria fazer essa escolha absurda; objetivava convencê-la perceber que não há menor diferença entre matar a criança que nasceu ou matar uma ainda por vir, mas já viva no seio materno, ao dizer que o crime é exatamente o mesmo.

Maria aprendeu a lição! Agradeceu ao doutor a lição de vida que foi na realidade um puxão de orelha. A partir desse momento ela amou tanto Benjamin quanto o futuro filho que viria.

Happy Hours

Ygor Siqueira Fortunato

Depois de três meses saindo de casa apenas para ir ao trabalho e ao mercado, e tendo contato com amigos e família apenas por telefone, ele decidiu que sairia para se divertir e ver o mundo naquela sexta-feira.

Nunca foi habituado a boates e bares lotados, por isso escolheu ir ao cinema. Sabia que teria que aguentar os casais namorado a sua volta, porém era isso que ele queria, seria um teste para ver se poderia aguentar.

Saiu do trabalho direto para o shopping foi até a bilheteria do cinema e comprou um ingresso para um filme de suspense que estava querendo ver desde que entrou em cartaz. Decidiu pela sessão das 21h o que daria tempo suficiente para comer alguma coisa e dar uma volta antes do filme começar.

Foi até a praça de alimentação e escolheu comer em um restaurante que servia basicamente camarão, já tinha um bom tempo que não comia camarão. Quando sentou para comer percebeu uma mulher sentada na mesa ao lado. Ela tinha os olhos vermelhos, parecia que estava chorando. A mulher olhou para ele e quando cruzaram o olhar alguma coisa se modificou na expressão dela.

Ele fez um pequeno aceno com a cabeça e começou a comer tentando esquecer a mulher. Quando terminou o jantar, que estava particularmente gostoso, reparou que a mulher já tinha levantado e não estava mais por perto, o que no fundo lhe deu um pouco de alívio. Ainda tinha tempo antes da sessão e decidiu ir até a livraria procurar o novo livro do Rubem Fonseca. Enquanto estava olhando na prateleira dos escritores brasileiros sentiu um perfume adocicado e quando olhou para o lado lá estava ela, a mesma mulher da praça de alimentação.

Ela olhou para ele e percebendo o espanto dele perguntou para quebra o gelo:

– Você também gosta do Rubem Fonseca?

Uma parte dele queria sair dali sem responder aquela pergunta inocente, porém uma outra parte dele que estava se fortalecendo respondeu:

– Sim. É o meu autor brasileiro preferido.

Começaram uma conversa descontraída e acabaram descobrindo que tinham ingressos para o mesmo o filme e por mais absurdo que pareça os lugares eram um ao lado do outro. Foi quando ele percebeu que isso ele não poderia deixar passar, era o destino agindo para que acontecesse.

Foram assistir ao filme e acabaram não prestando muita atenção, pois passaram a maior parte conversando, um falando próximo ao ouvido do outro. Ela tinha acabado de descobrir que seu marido a estava traindo, e estava ali para decidir o que faria da vida.

Na saída do cinema ela tomou atitude outra vez e disse:

– Eu não quero ir pra casa. Me leva para algum lugar.

Eles saíram do shopping no carro dele, sem dizer uma palavra e com uma expressão diferente ele guio até sua casa que ficava em um bairro um pouco afastado da cidade. Ela estava radiante imaginando no troco que daria no marido.

Chegando na casa ele pediu para que ela esperasse na sala enquanto pegaria um vinho para os dois na cozinha. A sala era espaçosa e muito bem decorada, ele era um homem de muito bom gosto. Ela esperou, porém ele estava demorando muito. Sem se conter foi em direção da cozinha, e quando passou pelo corredor sentiu uma presença atrás dela. Virando-se rapidamente só teve tempo de ver o brilho da faca em direção ao seu coração, desabou no chão sem vida.

Ele olhou o corpo que estava ali jogado no carpete do corredor falou como se ela pudesse ouvir:

– Você não devia ter feito aquela pergunta. – e começou a arrastar o corpo para a garagem.

Contato dos autores

Adrielle Sena Branco: annamonikysena@gmail.com
Alberto Arecchi: alberto.arecchi@libero.it
Alice Castro: nodoceu@gmail.com
Álvaro Palha Pinto Júnior: alvaropalha@hotmail.com
Ana Letícia Brunelli de Moraes: analeticiabmoraes@gmail.com
Ana Maria Carneiro: anamariapsouza@yahoo.com.br
André Foltran: andre.f.s.foltran@gmail.com
Angelina Diniz Pereira: angelpereira2014@gmail.com
Antonio Deodato Marques Leão: tonnylion@hotmail.com
Bárbara Leal Pippa: babi_pippa@hotmail.com
Bella M. Moon: bellsmoons13@gmail.com
Bianca Fernandes de Aguiar: biankaaguiar@hotmail.com
Carlos Anacleto Viana: viana20buscar@gmail.com
Carolina Schubert: carolina.schubert@gmail.com
Carolini Assmann: caroliniassmann@yahoo.com.br
Cesar Luis Theis: cesartheis@yahoo.com.br
Cícero Vasconcellos Crosario: cicerovasc@hotmail.com
Cláudio D'Amorim: evansunset@gmail.com
Cleidirene Rosa Machado: c.l.e.i.d.i@hotmail.com
Cleuza Silva De Almeida: cleuzaalmeidaaa245@gmail.com
Cris Dakinis: crisdakinis@gmail.com
Cristiano José Pinto: cpeucrazy@bol.com.br
Cristina Pezel: cristinapezel@gmail.com
Darlan Veit: guarani.veit@hotmail.com
Darlex Machado de Souza: darlex@hotmail.com
David Leite: david.leite.allnet@gmail.com
Denivaldo Piaia: dmdj2017@gmail.com
Diemerson Ribeiro: diemersonsilva288@gmail.com
Diogo Rossi Ambiel Facini: diogo.facini@hotmail.com
Edih Longo: edillongo@yahoo.com.br
Edson Amaro de Souza: plantearvores2@gmail.com
Edweine Loureiro da Silva: edweine.loureiro@gmail.com
Emily Abreu dos Santos: emiabreus8@gmail.com
Evalderiany Honorata: evalderianyh@gmail.com
Evandro Valentim de Melo: ordnave.melo@gmail.com
Fabiane Rodrigues da Silva: fabyaners@hotmail.com
Fernanda A. Rodrigues Laranjeira: fefa.tatui@gmail.com
Francielle Consoni: francielleconsoni@gmail.com
Francisco Hélio de Sousa: fhelios@gmail.com
Géssica Maria Menino: gessicamimus@gmail.com

Giordano Benites Tronco: giordanotronco@gmail.com
Gisele Martins Ferreira: gmfscavasini@gmail.com
Glaucia Brum Carlos: glausbrum@gmail.com
Guilherme de Macêdo Feitosa: guilhermemfeitosa4@gmail.com
Gustavo de Lima Masoni: gustavomasoni@gmail.com
Ítalo Rodrigues: rodrigues.italo@outlook.com
Jéssica Borges: jesycarbv@gmail.com
Jhonatan Mata: jhonatanmata@yahoo.com.br
João Eduardo C. W. Cruz: jewcruz@hotmail.com
João Pedro Marques Morgado Ferreira de Oliveira: john.olivetree@gmail.com
Joaquim Bispo: episcopum@hotmail.com
Jon O'Brien: jon-obrien@outlook.com
Juliana Karol de Oliveira Falcão: julianakarol-16@hotmail.com
Larissa Priscila Motta: bonnychan101@gmail.com
Leandro Serpa: serpaleandro36@gmail.com
Leo Ottesen: ottesen.leo@gmail.com
Lua Fernandes: talluabrandao@gmail.com
Luan Claro de Lima Mendonça: luan.claro89@gmail.com
Luís Amorim: luisamorimeditations@gmail.com
Luís Fernando Amâncio: luis.amancio@gmail.com
Luiz Augusto Ribeiro Andrade: luiz.andradellp@gmail.com
Luiz Felipe Amorim Macedo: luiiz_amorimm@hotmail.com
Marcelo Oliveira: moliveira68@gmail.com
Marcelo Stoenescu: marcelo.stoenescu@gmail.com
Nanci Otoni Oliveira de Faria: nanciotoni@hotmail.com
Natália Ribeiro de Oliveira: nribeirodeoliveira@gmail.com
Nome de Campos: kaicartista@gmail.com
Pablo Merlo Medeiros: pablomerlomedeiros@gmail.com
Paulo Luís Ferreira: pluis.177@globomail.com
Paulo Soares da Silva: paulosoaresdasilva@msn.com
Pedro Galuchi: plugal01@gmail.com
Rangel Paiva: rangelneto@live.com
Rapha Weyne: rweyne@gmail.com
Rennan Teixeira de Araújo: rennant28@gmail.com
Rita de Cássia Zuim Lavoyer: ritalavoyer@hotmail.com
Roberto Fiori: spbras2000@gmail.com
Roberto Minadeo: rminadeo@gmail.com
Rodrigo Duhau: rodrigoduhau@gmail.com
Rosana Arruda de Souza: rosanaarrudasouza@hotmail.com
Rúbi Renck Pires: rubirenckpires@gmail.com
Sergio Dias de Oliveira: sergioled74@gmail.com
Silvano Messias dos Santos: silvannomessias@yahoo.com.br

Simone Possas: simonepossasfontana1@gmail.com
Stefany Pinto Rogério: prstefany@gmail.com
Tauã Lima Verdan Rangel: taua_verdan2@hotmail.com
Thais Nascimento Oliveira: thainascimento@outlook.com.br
Vinicius Suris: vini.suris@gmail.com
Vitor Miranda: vitor_coto@hotmail.com
Wagner Azevedo Pereira: musicaevida90@gmail.com
Ygor Siqueira Fortunato: ygorsfortu@gmail.com

**Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em julho de 2019.**